

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

JOÃO PAULO MARTINS FARIA

**FBI, Movimento Negro e Guerra Fria: as Investigações sobre Malcolm  
X e Martin Luther King Jr. (1953-1968)**

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2021

JOÃO PAULO MARTINS FARIA

**FBI, Movimento Negro e Guerra Fria: as Investigações sobre Malcolm X e Martin Luther King Jr. (1953-1968)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mary Anne Junqueira

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F224f Faria, João Paulo Martins  
FBI, Movimento Negro e Guerra Fria: as  
Investigações sobre Malcolm X e Martin Luther King  
Jr. (1953-1968) / João Paulo Martins Faria;  
orientadora Mary Anne Junqueira - São Paulo, 2021.  
192 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de História. Área de  
concentração: História Social.

1. História dos Estados Unidos. 2. Representação  
(Filosofia). 3. Racismo. 4. Movimentos Sociais. 5.  
Anticomunismo. I. Junqueira, Mary Anne, orient. II.  
Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa de mestrado concedida entre fevereiro de 2020 e janeiro de 2021, por meio do processo nº 2018/20225-0, que viabilizou minha dedicação integral a esta pesquisa.

À minha orientadora, Mary Anne Junqueira, por me apresentar o campo de pesquisa em História dos Estados Unidos em 2014, e por toda a minha trajetória como historiador desde então. Sem sua paciência, cuidado e dedicação, certamente essa pesquisa não seria possível. Sua orientação, sempre certa e comprometida, tornaram todo o processo do mestrado um pouco mais fácil para mim. Obrigado por tudo.

Aos professores Marcos Eugênio Napolitano, Robert Sean Purdy, Tatiana Silva Poggi de Figueiredo e Flávio Thales Ribeiro Francisco pela leitura cuidadosa e pelas contribuições fundamentais ao meu trabalho. Suas reflexões e apontamentos enriqueceram de forma decisiva minha pesquisa, e espero aprender ainda mais com vocês ao longo dos anos.

Aos companheiros do grupo de estudos dos Estados Unidos: Lucas Bacas, Gabriela Xabay, Emílio Colmán e Rodolpho Hockmuller, Robson Bello, Vinícius Dalbelo, Michel Gomes da Rocha, Paula Broda e Gustavo Mor Malossi. Sem nossas discussões e debates o tema seria muito menos interessante. Um agradecimento em especial a Henrique Rodrigues de Paula Goulart, sem o qual boa parte dessa pesquisa não existiria, nem quaisquer relatórios que escrevi nesses anos.

Aos colegas da disciplina Seminário de Pesquisa em História I, realizada em 2019: Adriana Salay Leme, Mariana Osés, Jônatas Pantoja, Branca Zilberleib, Anita Fattori, Veronica Fernandes, Bruno Galeano, Leila Rangel da Silva, Isabela Amatucci, Franco Della Valle, Maria Carolina G. Rodrigues, Marcus Vinícius Assis da Costa e Livia Orsati. Suas leituras e apontamentos acerca de minha pesquisa, ainda embrionária à época, foram decisivas nos rumos que levaram a essa dissertação. Agradeço também ao professor responsável pela disciplina, Miguel Soares Palmeira, pelas indicações e pela cuidadosa orientação durante o curso.

Aos colegas da disciplina Seminário de Pesquisa em História II: Hélio Elias Jaber Filho, Victória L. Ribeiro, Kalil Kaba e à professora Marina de Mello e Souza. As manhãs de discussões sobre História da África e relações raciais sem dúvida tornaram um pouco mais aceitáveis os dias na fria e cruel São Paulo.

Aos amigos da graduação, Luís Henrique Couzenn Magalhães, Denis Fagundes e Victor Artuza, pelas risadas, discussões e viagens durante as intermináveis aulas no departamento. À galera do bolinho, Eliseu José, Vinícius Ramalho, Gabriel Brandão, Caíque Vianna Barsaglini, Daniel Moreira, Emerson Leão Júnior e Júlia Camila Ribeiro, pelo companheirismo, amizade e rolês por São José dos Campos. Sem vocês a sanidade desse historiador taubateano certamente teria ficado pelo caminho.

À Maria Fátima de Melo Toledo e Cecília Amaral da Costa, pela trajetória ao final desse mestrado na UNITAU e por aguentarem minhas reclamações e argumentos questionáveis sobre tudo nessa vida. A quarentena e a pandemia mundial seriam ainda mais torturantes sem nossas conversas e risadas. A Douglas Mattos, pela paciência e pelo trabalho de revisão extremamente cuidadoso e técnico realizado. À Lara Oliveira e Silva, pelo carinho, amor, apoio e companheirismo.

A toda minha família, pelas memórias e experiências desde 1995. Agradeço especialmente a minha tia, Sirley Martins Silva, minha avó, Hilda Santos, e meu tio, Aguinaldo Faria, por todo amor e carinho durante toda minha vida. Sei que não sou a pessoa mais próxima ou sociável, mas vocês me marcaram mais do que podem imaginar. A todos os que não são parentes, mas são como se fossem: Fátima, Paulo, Rafael, Ana, Joãozinho e Aninha. À Beninha, a gata mais fofa e companheira que uma pessoa pode ter.

Por último, e mais importante, agradeço a minha mãe, Simone Martins. Sem ela não existiria João Paulo. Obrigado por todo amor, carinho e atenção. Eu te amo mais do que tudo nessa vida.

*“Recebe o mérito a farda que pratica o mal  
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural  
História, registros e escritos  
Não é conto nem fábula, lenda ou mito”*

Edi Rock  
*Negro Drama, 2002*

*“Os tecnocratas reivindicam o privilégio da irresponsabilidade:  
— Somos neutros — dizem.”*

Eduardo Galeano  
*O Livro dos Abraços, 2019*

*“— Resta uma [cidade] que você jamais menciona.  
Marco Polo abaixou a cabeça.  
— Veneza — disse o Khan.  
Marco sorriu.*

*— E de que outra cidade imagina que eu estava falando?  
O imperador não se afetou.  
— No entanto, você nunca citou o seu nome.*

*E Polo:  
— Todas as vezes que descrevo uma cidade digo algo a respeito de Veneza.  
(...)*

*— As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se — disse Polo. — Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco.”*

Italo Calvino  
*As cidades invisíveis, 2017*

## RESUMO

Esse trabalho analisa as investigações de Martin Luther King Jr. e Malcolm X feitas pelo *Federal Bureau of Investigation* (FBI) entre os anos de 1953 e 1968. King e Malcolm foram dois dos mais importantes líderes negros norte-americanos do movimento dos *Civil Rights*, e foram intensamente vigiados pelo *Bureau* durante suas trajetórias políticas. Com um histórico de repressão aos mais diversos grupos — de supremacistas brancos a comunistas, passando por ativistas negros, *gays* e pacifistas — o FBI foi uma das forças conservadoras mais importantes no cenário político estadunidense no século XX. O objetivo é realizar uma leitura crítica da documentação da agência de inteligência, focando na análise das representações de King e Malcolm X feitas pelos funcionários do *Bureau*. Nesse sentido, trata-se de entender como esses agentes federais interpretaram as mudanças intensas que ocorriam ao seu redor, particularmente no campo das relações raciais nos Estados Unidos. Esse esforço passava não só por descrever e entender os dois líderes e a população negra no geral, mas também por mobilizar categorias e classificações, disseminar informações e compor representações complexas, variadas e sobrepostas.

## ABSTRACT

This work analyzes the FBI investigations on Martin Luther King Jr. and Malcolm X between 1953 and 1968. King and Malcolm were two of the most important black leaders of the Civil Rights movement, and were intensely surveilled during the 1950s and 1960s. The Bureau, on the other hand, is a federal agency and one of the greatest conservative forces in America during the 20<sup>th</sup> century, with a long history of repression towards a number of different groups: white supremacists, communists, African American activists, gays, and pacifists. Our goal is to engage in a critical reading of the FBI's documents, focusing on how King and Malcolm — and the African American population in general — were portrayed and interpreted by the Bureau's agents. In other words, the aim is to understand how these federal employees comprehended the intense changes that occurred in the United States during that time, particularly in the racial field. This effort was not only made of descriptions and knowledge about the two leaders, but it was also produced by classifications, categories, dissemination of information and complex, diverse and intertwined portrayals of the two men investigated.

## LISTA DE ABREVIATURAS

APL – *American Protective League*

BOI – *Bureau of Investigation*

CIA – *Central Intelligence Agency*

CIRM – *Communist Influence in Racial Matters*

COINTELPRO – *Counterintelligence Program*

COMINFIL – *Communist Infiltration*

COMSAB – *Communist Saboteur*

CPUSA – *Communist Party USA*

CORE – *Congress of Racial Equality*

DCI – *Director of Central Intelligence*

DOJ – *Department of Justice*

DOS – *Department of State*

FBI – *Federal Bureau of Investigation*

FOIA – *Freedom of Information Act*

GID – *General Investigative Division*

HUAC – *House Un-American Activities Committee*

Legat – *Legal attaché*

NAACP – *National Association for the Advancement of Colored People*

NSA – *National Security Agency*

SAC – *Special Agent in Charge*

SCLC – *Southern Christian Leadership Conference*

SWP – *Socialist Workers Party*

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – <i>John Edgar Hoover na década de 1920</i> .....	22
IMAGEM 2 – <i>J. Edgar Hoover depondo em audiência em Washington D. C.</i> .....	39
IMAGEM 3 – <i>William C. Sullivan na década de 1960</i> .....	45
IMAGEM 4 – <i>Cartha DeLoach</i> .....	46
IMAGEM 5 – <i>Summary report de Boston, 4 de maio de 1953</i> .....	56
IMAGEM 6 – <i>Memorando de Detroit para Hoover, 8 de junho de 1953</i> .....	57
IMAGEM 7 – <i>Malcolm X em comício no Harlem</i> .....	63
IMAGEM 8 – <i>Índice do summary report de Nova York, 23 de maio de 1955</i> .....	70
IMAGEM 9 – <i>Memorando letterhead, 19 de maio de 1959</i> .....	77
IMAGEM 10 – <i>Airtel de Hoover, 17 de julho de 1959</i> .....	79
IMAGEM 11 – <i>Malcolm X em 1963</i> .....	82
IMAGEM 12 – <i>Malcolm X no aeroporto Heathrow, em Londres, 9 de julho de 1964</i> .....	87
IMAGEM 13 – <i>Teletype de Nova York para Hoover, 14 de abril de 1964</i> .....	92
IMAGEM 14 – <i>Martin Luther King Jr. na Marcha sobre Washington</i> .....	103
IMAGEM 15 – <i>Summary report de 3 de maio de 1962</i> .....	107
IMAGEM 16 – <i>Martin Luther King Jr. e Stanley Levison</i> .....	111
IMAGEM 17 – <i>Hunter Pitts O’Dell em audiência do Comitê Interno do Senado</i> .....	113
IMAGEM 18 – <i>Jornal Augusta Courier, 8 de julho de 1963</i> .....	116
IMAGEM 19 – <i>Martin Luther King Jr. e Clarence Jones</i> .....	119
IMAGEM 20 – <i>Memorando de William Sullivan para Alan Belmont, 30 de agosto de 1963</i> .....	121
IMAGEM 21 – <i>Memorando de Atlanta para Hoover, 10 de outubro de 1963</i> .....	127
IMAGEM 22 – <i>Bernard S. Lee v. Clarence M. Kelley et al. (U.S.D.C., D.C.)</i> .....	129
IMAGEM 23 – <i>Painel na rota entre Selma e Montgomery, Alabama, 1965</i> .....	132
IMAGEM 24 – <i>Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 8 de janeiro de 1964</i> .....	139
IMAGEM 25 – <i>Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 31 de agosto de 1964</i> .....	143
IMAGEM 26 – <i>Capa da segunda versão da monografia</i> .....	150
IMAGEM 27 – <i>Capa da terceira a versão da monografia</i> .....	151
IMAGEM 28 – <i>Capa da quarta versão da monografia</i> .....	152
IMAGEM 29 – <i>Charge de Herbert Lawrence Block</i> .....	156

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DO FBI (1908-1975)</b> .....	17
1.1 Fundação e primeiros anos (1908-1924).....	17
1.2 Ascensão de Hoover, New Deal e Segunda Guerra Mundial (1924-1945).....	21
1.3 FBI e Guerra Fria: a ameaça comunista e a constituição do “Colosso de Segurança Nacional” (1945-1975).....	27
1.4 Organização e hierarquia do FBI (1950-1968).....	42
<b>CAPÍTULO 2 – MALCOLM, MALCOLMS: REPRESENTAÇÕES DO ATIVISTA POR PARTE DO FBI</b> .....	51
2.1 Malcolm X e o comunismo.....	54
2.1.1 <i>Malcolm X: “influenciado por comunistas” ou “comunista” de fato?</i> .....	55
2.1.2 <i>Os comunistas e Malcolm X</i> .....	60
2.2 Malcolm X: o “fanático” da Nação do Islã.....	66
2.3 Malcolm X: o “exibicionista”.....	74
2.3.1 <i>Malcolm X e o risco de sua projeção nacional</i> .....	75
2.3.2 <i>Malcolm X: “viciado em publicidade”</i> .....	80
2.4 Malcolm X: uma “ameaça” à segurança nacional.....	85
2.4.1 <i>A ruptura com a NOI e o risco da “contaminação” radical dos Civil Rights</i> .....	88
2.4.2 <i>“Por qualquer meio necessário”: Malcolm X e a possível denúncia dos Estados Unidos na Organização das Nações Unidas</i> .....	94
2.4.3 <i>Malcolm X: “herói e mártir dos revolucionários negros”</i> .....	97
<b>CAPÍTULO 3 – MARTIN LUTHER KING JR. SEGUNDO O FBI: “DEMAGOGO E IMORAL”</b> .....	102
3.1 Martin Luther King Jr. e o comunismo.....	105
3.1.1 <i>King: “influenciado” por comunistas</i> .....	106
3.1.2 <i>King “demagogo”: “o mais perigoso negro para o futuro dessa nação”</i> .....	119
3.1.3 <i>King contra a Guerra do Vietnã: a “influência comunista manifesta”</i> .....	131
3.2 Martin Luther King Jr. inimigo do FBI: “devemos neutralizá-lo”.....	136
3.3 Martin Luther King Jr. “imoral”: a vida íntima do pastor na investigação do FBI.....	144
3.4 O assassinato de Martin Luther King Jr.: a crise do FBI.....	152

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>171</b>

## INTRODUÇÃO

Em 8 de janeiro de 1962, o então diretor do Federal Bureau of Investigation (FBI) John Edgar Hoover comunicou ao *U.S. – Department of Justice* que sua agência havia descoberto conexão entre Martin Luther King Jr. e um advogado possivelmente comunista<sup>1</sup>. Sob a justificativa de combater o comunismo, o Bureau iniciou ali uma investigação que durou até a morte do pastor em 1968. O caso de King não foi o único. Nove anos antes, em 1953, Malcolm X também começou a ser investigado por suspeita de envolvimento com o comunismo. Aliando anticomunismo ferrenho e racismo, o FBI consolidou-se no pós-Segunda Guerra Mundial como a linha de frente no combate à “subversão” nos Estados Unidos. Nesse contexto inicial da Guerra Fria, os agentes da instituição construíram e disseminaram diversas visões acerca das tensões políticas e raciais vividas no país.

Esta dissertação de Mestrado analisa as investigações feitas pelo FBI sobre os ativistas Malcolm X e Martin Luther King Jr. entre os anos 1950 e 1960, focando especificamente em como ambos foram vistos e interpretados pelos agentes do FBI. Nesse período, os dois se tornaram figuras públicas muito conhecidas e importantes no cenário político norte-americano, firmando-se como lideranças fundamentais do movimento negro estadunidense, embora com posicionamentos que diferiam bastante um do outro. Desse modo, os dois foram vistos negativamente, em geral por conservadores – dentre eles os próprios agentes da instituição –, que os consideravam subversivos, comunistas, imorais e violentos.

O Bureau é uma agência federal norte-americana fundada em 1908, ligada ao Departamento de Justiça. Como polícia federal e parte da comunidade de inteligência dos Estados Unidos, o FBI exerce atividades investigativas criminais e de inteligência sob a jurisdição federal. Assim, sua função primordial, e para qual foi criada, é a investigação de crimes e suspeitos, cujos desdobramentos requerem o aparato de inteligência. Criada no início do século XX – período marcado por tensões sociais e discussões sobre o papel do governo federal na sociedade norte-americana –, a instituição foi e é central no combate ao crime organizado no país. Além disso, desde o início da década de 1910 ela

---

<sup>1</sup> GARROW, David J. GARROW, David J. *The FBI and Martin Luther King, Jr.* New York: Penguin Books, 1988, p. 26. John Edgar Hoover (1895-1972) foi um advogado norte-americano e o primeiro e mais longo diretor do FBI (1935-1972). Considerando o *Bureau of Investigation*, foi o 6º diretor (1924-1935). O quartel-general da instituição, localizado na capital Washington D.C., leva seu nome. Sobre Hoover, ver POWERS, Richard Gid. *Secrecy and Power: The Life of J. Edgar Hoover.* New York: Free Press, 1987.

demonstrou caráter conservador bastante claro, sendo utilizada para repressão e perseguição a diversas minorias e movimentos de esquerda, mas também organizações supremacistas brancas de extrema-direita.

A partir da ascensão de Hoover à diretoria do então Bureau of Investigation (BI) em 1924, a instituição sofreu reformas profundas. Já nos anos 1930, sob autorização presidencial, o FBI foi encarregado de investigar subversivos, comunistas e simpatizantes do nazifascismo, inserindo-se no campo das atividades de inteligência. Por outro lado, a agência também investiu pesadamente em relações públicas, procurando construir uma imagem institucional de isenção política, eficiência e defesa dos interesses nacionais. Inteligência e propaganda foram os dois pilares que sustentaram a atuação do Bureau nas décadas seguintes.

No contexto da Guerra Fria e da ascensão do movimento dos Civil Rights, o FBI esteve no epicentro das tensões políticas dos Estados Unidos, como encarregado tanto de combater a subversão dentro das fronteiras do país, quanto de resguardar os direitos civis dos cidadãos estadunidenses. Definimos “Civil Rights” como os diversos movimentos negros que se massificaram e ascenderam na cena política norte-americana a partir dos anos 1950 e 1960 – principalmente os mais moderados –, com pautas como o fim da segregação racial e a garantia do direito ao voto para a população afro-americana. Nesse sentido, as visões sobre os investigados e práticas adotadas pelos agentes do FBI são privilegiadas para entendermos como uma instituição conservadora interpretou e agiu em relação às mudanças intensas ocorridas nos Estados Unidos nos anos 1950 e 1960. Tais esforços – longe de expressarem a alegada isenção e eficiência propagandeadas pela máquina de relações públicas da organização – indicam múltiplas maneiras de retratar os investigados, influenciadas por considerações racistas e anticomunistas.

Em geral, o Bureau interpretou negativamente o movimento dos Civil Rights. Considerados vulneráveis à possível influência comunista, grupos afro-americanos foram intensamente vigiados pelo FBI quando protestavam contra as condições degradantes resultantes do racismo e segregação racial que sofriam. Nesse sentido, os agentes do Bureau atuavam “na formulação de regras e imposição de padrões sociais” que “atribuíam privilégios a um determinado grupo social, no caso, os brancos”<sup>2</sup>, que consideravam que qualquer luta de minorias racializadas em favor da extensão de direitos e contra a segregação racial era algo subversivo, não compatível com a ordem política vigente. Ao

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019, p. 30.

mesmo tempo, os mecanismos institucionais de produção e reprodução de racismo expressos pelo FBI eram produto e produtor da normalização dessas relações desiguais entre brancos e não-brancos. Longe de apenas expressarem apenas formas individuais, coletivas e institucionais de racismo, os agentes do FBI ajudavam também a reproduzi-las e moldá-las sob novas formas, constituindo o que se entende hoje como “racismo estrutural”<sup>3</sup>.

Articulando os medos de subversão comunista e de revoltas raciais, a agência foi bem-sucedida em produzir e circular imagens do movimento negro e dos seus ativistas como contrários aos “valores norte-americanos” de pretensa democracia e liberdade. Nesse sentido, as investigações de líderes negros como Malcolm X e Martin Luther King Jr. são fundamentais para entendermos as ideias e interpretações da realidade norte-americana construídas pelos agentes dessa instituição em meados do século XX.

Malcolm X (1925-1965), nascido Malcolm Little, foi um ativista negro radical e figura central do movimento negro nos Estados Unidos na década de 1960<sup>4</sup>. Nasceu em 1925 em Omaha, Nebraska, em família bastante pobre. Malcolm foi exposto à militância negra graças a seus pais, que eram garveystas<sup>5</sup>. Devido a severas dificuldades financeiras, a infância e juventude do ativista foram bastante difíceis. Mudanças da família para diferentes partes do país eram constantes, e eventualmente se fixaram em Lansing, Michigan. Seu pai, Earl Little, morreu em 1931 de forma violenta, com rumores de que supremacistas brancos o assassinaram. Dessa maneira, o sustento de Malcolm e de seus seis irmãos ficou nas mãos da mãe, Louise Little (1897-1989).

Assim, a situação financeira da família piorou ainda mais. Posteriormente, Louise sofreu episódios psiquiátricos graves que a levaram a ser internada em 1938. Os filhos foram separados e levados a lares adotivos. Embora fosse bom aluno, Malcolm sofreu profundamente com o racismo incessante em sua realidade, largando a escola no ensino

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Op. Cit.*, 2019, p. 33.

<sup>4</sup> Para relato mais detalhado da vida de Malcolm X, ver X, Malcolm e HALEY, Alex. *The Autobiography of Malcolm X as Told to Alex Haley*. New York: Ballantine Books, 2015.

<sup>5</sup> Garveystas eram os seguidores de Marcus Garvey (1887-1940), um militante nacionalista negro jamaicano com forte influência nas comunidades negras das grandes cidades dos Estados Unidos no início do século XX. Sua atuação se dava sob os termos do nacionalismo negro da época, com retórica anti-imperialista e reforçando a redenção da África através dos afro-americanos, projeto que ultrapassava as fronteiras nacionais. Defendia que os negros voltassem para o continente africano, única região em que poderiam viver com dignidade. Foi o fundador da Universal Negro Improvement Association (UNIA). Sua atuação nos Estados Unidos foi interrompida por investigação do Bureau em 1922, por suspeita de fraude em vendas de ações da bolsa. Em processo provavelmente manipulado politicamente por brancos críticos das visões de Garvey, ele foi preso e deportado. Morreu em 1940 em sua residência em Londres. Sobre Garvey, ver STEIN, Judith. *The World of Marcus Garvey: Race and Class in Modern Society*. Baton Rouge: University of Louisiana Press, 1986, pp. 1-6 e 38-60.

médio. Depois disso, foi viver em Boston com sua meia-irmã por parte de pai, Ella Collins, no bairro negro de Roxbury. Nos anos seguintes, Malcolm trabalhou em vários empregos diferentes e se envolveu em pequenos crimes até ser preso em 1946 por furto e invasão de domicílio.

Durante a prisão criou gosto pela leitura, sendo presença frequente nas bibliotecas e nos grupos de debate das diversas instituições penais que frequentou. Nesse contexto, desenvolveu a oratória pela qual ficaria tão famoso anos depois. Nos anos de cárcere, Malcolm se tornou ávido leitor de história, particularmente de conteúdos sobre escravidão e cultura negra, o que reviveu seu interesse sobre temas com os quais não tinha contato desde a infância<sup>6</sup>. Dessa forma, passou a professar posições críticas em relação ao racismo e a estrutura política dos Estados Unidos, iniciando seu ativismo.

Ao mesmo tempo, ainda na prisão, foi influenciado a aderir à Nação do Islã (NOI), movimento de muçulmanos negros norte-americanos então liderado por Elijah Muhammad<sup>7</sup>. A partir dessa filiação, o ativista passou a reproduzir o conteúdo dos ensinamentos de Muhammad para criticar o racismo e a sociedade estadunidense, sob o ponto de vista radical do separatismo e da impossibilidade de inserção plena dos afro-americanos no país. A NOI defendia que os negros criassem um mundo negro e para os negros. Quando saiu da prisão, em 1952, Malcolm visitou Elijah Muhammad em Chicago e iniciou seu ativismo no movimento, tendo ascensão meteórica. Como símbolo de sua negação ao mundo cristão branco, o ativista aderiu ao costume da NOI e abandonou seu sobrenome, se tornando Malcolm X até que escolhesse nome e sobrenome do universo “muçulmano”.

Conhecido pela sua retórica enérgica, grande capacidade de organização e mobilização, Malcolm ajudou a construir e reerguer vários templos da Nação do Islã pelo país, fixando-se no de Nova York em 1954. Lá conheceu a enfermeira Betty Dean Sanders, que se juntou à Nação do Islã em 1956. Dois anos depois, ambos se casaram e tiveram seis filhas. Consolidando-se como liderança influente no Harlem, o ativista passou a se destacar pelo rápido crescimento do templo que liderava, e a partir de 1959 ele e a NOI conseguiram significativo espaço no cenário político norte-americano. Assim,

---

<sup>6</sup> Malcolm e HALEY, Alex. *Op. Cit.*, 2015, pp. 154-194.

<sup>7</sup> Elijah Muhammad (1897-1975) foi um muçulmano negro e o segundo e mais importante líder do movimento radical Nação do Islã, que propunha o nacionalismo negro desde a década de 1930. Foi investigado pelo FBI pelo menos desde os anos 1940, quando ele e a NOI desafiaram as políticas de alistamento militar do governo norte-americano. Sobre Elijah, ver BERG, Herbert. *Elijah Muhammad and Islam*. New York: New York University Press, 2009, pp. 31-52.

Malcolm era constantemente convidado a discursar em universidades e liderava comícios, embora estivesse restrito pelos direcionamentos da Nação do Islã, que tinha posição muito crítica ao movimento dos Civil Rights, *grosso modo*, em razão do seu projeto integracionista.

Malcolm X, em geral, se fazia presente nos assuntos relacionados ao movimento negro moderado, seja em forma de endosso silencioso, seja em tom crítico. Ao mesmo tempo, o papel público de Elijah Muhammad na Nação do Islã diminuiu com o tempo, graças a sua saúde frágil. Com a posição de porta-voz do movimento, Malcolm gerava muitas tensões na família de Muhammad, e eventualmente passou a desagradar seu próprio líder. Concomitantemente, o ativista descobriu os casos extraconjugais de seu mentor, o que levou a progressivo distanciamento entre os dois. Temeroso de que seu pupilo pudesse adquirir maior estima e poder que ele mesmo, Elijah afastou Malcolm da Nação do Islã no final de 1963. Avaliando que não mais recuperaria seu espaço no movimento, o ativista deixou definitivamente a NOI em março de 1964 com alguns seguidores que permaneceram fiéis a ele.

Sua breve trajetória fora da Nação do Islã foi intensa. Malcolm passou boa parte do ano de 1964 viajando pelo exterior, enquanto sofria recorrentemente assédio e ameaças de membros da NOI, graças as suas críticas a Elijah Muhammad. Nessas viagens, o ativista conheceu políticos africanos e árabes e realizou o *haji*, a peregrinação dos muçulmanos a Meca. Essa experiência moldou fundamentalmente as visões políticas de Malcolm, que se afastou da retórica supremacista da NOI. Embora permanecesse avidamente crítico aos Estados Unidos e ao racismo no país, o ativista passou a dialogar mais com o movimento negro moderado e até com brancos, enquanto desenvolvia suas novas visões políticas. Entretanto, mesmo fora da NOI, jamais deixou de arrastar multidões por onde passasse, o que exasperava o FBI.

Em 21 de fevereiro de 1965 Malcolm foi assassinado, provavelmente por membros da Nação do Islã, antes que pudesse consolidar seus posicionamentos políticos e seu ativismo. Seu legado para o movimento negro no país foi fundamental, sendo grande inspiração para os grupos mais radicais da segunda metade da década de 1960.

Já Martin Luther King Jr. (1929-1968) era pastor batista, ativista negro norte-americano e uma das maiores lideranças do movimento dos Civil Rights nos Estados Unidos<sup>8</sup>. Nasceu em 1929 em Atlanta, Georgia, filho de um pastor local. Embora tenha

---

<sup>8</sup> Para relato mais detalhado da vida de Martin Luther King Jr., ver CARSON, Clayborne (Org.). *A Autobiografia de Martin Luther King Jr.* São Paulo: Zahar, 2014.

brevemente questionado alguns pontos da religião cristã batista na adolescência — principalmente enquanto sofria a segregação racial característica do sul do país —, o ativista seguiu os passos do pai em termos de formação religiosa e estudou no *Morehouse College* e no *Crozer Theological Seminary*. Após se graduar em 1951, frequentou a *Boston University*, obtendo seu doutorado em teologia em 1955. Durante sua formação, entrou em contato com o pacifismo de Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948), tornando-se adepto da não violência e da desobediência civil como ferramentas na luta contra a segregação racial.

Entre 1953 King se casou com a musicista Coretta Scott, com quem teve quatro filhos, e no ano seguinte foi convidado a ser pastor na *Dexter Avenue Baptist Church* na cidade de Montgomery, Alabama. Foi lá que o ativista se consolidou na comunidade local e se tornou importante liderança negra da região, principalmente após comandar o Boicote aos Ônibus de Montgomery (1955-1956), em resposta ao caso Rosa Parks<sup>9</sup>.

Com a vitória do movimento, King alcançou espaço público considerável, e em 1957 ajudou a fundar a Southern Christian Leadership Conference (SCLC), importante instituição na luta pelos Direitos Civis<sup>10</sup>. Ainda em 1957, Martin Luther King Jr. foi eleito o Homem do Ano pela revista *Time*. Consolidando uma rede de apoio a manifestações anti-segregação racial no sul do país através da SCLC, King e outros pastores batistas foram presença constante em vários eventos fundamentais do movimento dos Civil Rights. Ao mesmo tempo, o pastor e seus aliados entravam em rota de colisão com muitos movimentos negros locais, que os acusavam de se aproveitar de questões regionais para autopromoção. King estava longe de ser unanimidade, mesmo no próprio movimento negro.

Embora já figura nacional de relevo, foi na Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade (1963) que King se assentou como uma das principais figuras políticas do país, ao proferir o famoso discurso *I Have a Dream* para centenas de milhares de pessoas<sup>11</sup>. A partir da Marcha, ele se consolidou como a face do movimento negro

---

<sup>9</sup> O boicote se originou a partir da prisão de Rosa Parks – ativista negra estadunidense vinculada à *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) –, causada pela recusa dela em ceder seu lugar no ônibus para um branco, em dezembro de 1955, desafiando a segregação racial no transporte público. Sobre Rosa Parks, ver HASKINS, James e PARKS, Rosa. *Rosa Parks: My Story*. Londres: Puffin Books, 1999. Sobre o boicote, ver BURNS, Stewart. *Daybreak of Freedom: The Montgomery Bus Boycott*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1997.

<sup>10</sup> A SCLC foi fundada por Martin Luther King Jr. e outras lideranças religiosas negras sulistas após a vitória do boicote aos ônibus de Montgomery em 1955-1956, tendo papel fundamental nos Civil Rights nos anos 1950 e 1960. Sobre ela, ver GARROW, David. *Bearing the Cross: Martin Luther King Jr. and the Southern Christian Leadership Conference*. New York: William Morrow Paperbacks, 2004.

<sup>11</sup> A Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade foi um protesto em massa do movimento negro

“moderado” estadunidense. Em 1964 foi novamente eleito o Homem do Ano pela revista *Time* e também ganhou o prêmio Nobel da Paz.

Após as Marchas de Selma a Montgomery (1965) e a violência que ele e seus aliados sofreram, a SCLC passou a fomentar campanhas antirracistas no norte do país<sup>12</sup>. Concomitantemente, King reconfigurou as pautas de seu ativismo. Mesmo com as vitórias jurídicas do movimento — simbolizadas pelo *Civil Rights Act* (1964) e *Voting Rights Act* (1965) que, teoricamente, acabavam com a segregação *de jure* no país —, as desigualdades e o racismo ainda persistiam firmemente nos Estados Unidos<sup>13</sup>. Dessa forma, o pastor passou a intensificar as críticas ao governo estadunidense. Destacou-se, nessa época, o ativismo de King contra a Guerra do Vietnã, afirmando que as mazelas do país estavam todas interligadas, formando um ciclo vicioso de militarismo, racismo e desigualdade econômica<sup>14</sup>.

Assim, seus últimos anos de vida foram marcados por campanhas que enfatizavam a desigualdade econômica entre brancos e não-brancos. Tais esforços foram marcados por ampla aliança com sindicatos, imigrantes e outras minorias, e buscavam ampliar a luta do movimento dos Civil Rights. Destacam-se, nessa fase, a Campanha de Chicago (1966) e o *Washington Spring Project* (1968), este último uma tentativa de repetir a Marcha de 1963. No entanto, King foi assassinado pouco tempo antes de levá-lo a cabo.

---

para pressionar o governo federal norte-americano, com pautas como direito ao voto para a população afro-americana e mais empregos. Ocorreu em 28 de agosto de 1963. Sobre a Marcha, ver BROWN, David e WEBB, Clive. *Race in the American South: From Slavery to Civil Rights*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007, pp. 291-310.

<sup>12</sup> As três marchas de Selma a Montgomery ocorreram em 1965, organizadas pela SCLC e ativistas pacifistas que protestavam contra a negação do direito de voto aos negros e contra a morte do ativista Jimmy Lee Jackson, assassinado por policiais. A primeira das marchas, em 7 de março, resultou em violência policial e passou a ser conhecida como Domingo Sangrento. A segunda, em 9 de março, foi abortada por King, pelo receio de que as agressões se repetissem. Só a terceira, em 16 de março, foi levada a cabo, graças à escolta de membros do Exército e da Guarda Nacional. A pressão política gerada pelas marchas contribuiu para a aprovação do *Voting Rights Act* no mesmo ano, que garantia o direito de voto à população negra. Sobre Selma, ver LAFAYETTE JR., Bernard e JOHNSON, Kathryn Lee. *In Peace and Freedom: My Journey in Selma*. Lexington: Kentucky University Press, 2013.

<sup>13</sup> O *Civil Rights Act* de 1964 tornou ilegal a segregação racial e a discriminação baseada em raça, religião, gênero ou nacionalidade em registros de votantes e em espaços públicos e privados, ainda que o racismo, hoje considerado estrutural, tenha permanecido. O *Voting Rights Act* de 1965 garantiu o direito de voto à população negra norte-americana. Embora tecnicamente a Constituição dos Estados Unidos garantisse o voto a todos os cidadãos, várias leis segregacionistas impediam, na prática, que pessoas negras votassem. Criavam-se empecilhos para o registro de votantes — como deslocamento excessivo para os procedimentos burocráticos ou testes impossíveis de serem feitos — ou até impedia-se que pessoas negras tivessem acesso às urnas, por meio de violência física. O *Voting Rights Act* atingiu juridicamente tais práticas, embora a execução do processo de integração dos negros por meio do voto seja lenta. Sobre essas leis, ver KOTZ, Nick. *Judgment Days: Lyndon Baines Johnson, Martin Luther King, Jr., and the Laws that Changed America*. Boston and New York: Mariner Books, 2005.

<sup>14</sup> CARSON, Clayborne (Org.). *Op. Cit.*, 2014, pp. 392-407.

Em 4 de abril de 1968, ao apoiar uma greve de trabalhadores sanitários na cidade de Memphis, Tennessee, o pastor foi alvejado pelo supremacista branco James Earl Jones.

Sua figura foi amplamente exaltada após o assassinato. Pouco tempo depois, já havia projeto no Congresso norte-americano para transformar o dia de seu nascimento em feriado nacional, ainda que os conservadores fossem avessos à ideia. Após mais de década de luta, o então presidente conservador Ronald Reagan (1981-1989) aprovou o feriado em 1983, e três anos depois ele foi comemorado pela primeira vez nacionalmente, embora alguns estados só tenham aderido tardiamente.

### **A bibliografia sobre o FBI**

Segundo o historiador Rhodry Jeffreys-Jones não há propriamente uma historiografia sobre o FBI. De acordo com o autor, diferentemente de outras instituições como a Suprema Corte ou o Congresso, o Bureau foi objeto de estudo de apenas alguns poucos autores, com trabalhos muitas vezes desconexos entre si. Dessa forma, não haveria discussão historiográfica de fato<sup>15</sup>. As considerações de outros historiadores, como Athan Theoharis, oferecem indícios que justificam tal limitação. Segundo ele, a possibilidade de haver pesquisas sobre a agência só surgiu no final dos anos 1970, quando as primeiras documentações da instituição foram depositadas no *National Archives*<sup>16</sup>.

Desse modo, antes de 1974 e das emendas ao *Freedom of Information Act* (FOIA), as fontes do FBI não haviam sido disponibilizadas ao público<sup>17</sup>. A produção sobre a agência antes do final dos anos 1970 foi de jornalistas ou ex-funcionários da instituição. Esses trabalhos apresentavam sérias limitações, como falta de conhecimento sobre as atividades do Bureau e interesse em reproduzir sua propaganda institucional. Os primeiros livros sobre a organização, de autoria de Max Lowenthal e Don Whitehead, ilustram bem tais deficiências.

Lowenthal era advogado e amigo próximo do presidente Harry Truman (1945-1953). Devido a sua formação liberal e aos problemas que o FBI teve com Truman, a narrativa

---

<sup>15</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. Historiography of the FBI. In: JOHNSON, Loch K. (Org.). *Handbook of Intelligence Studies*. London and New York: Routledge, 2007, p. 39.

<sup>16</sup> THEOHARIS, Athan (Org.). *The FBI: A Comprehensive Reference Guide*. New York: Oryx Press, 2000, p. ix.

<sup>17</sup> FOIA é a lei que configura o acesso às informações dos documentos federais estadunidenses. Foi aprovado em 1965 e emendado em 1974 para que as fontes fossem acessadas com maior facilidade. Apenas após essa modificação os documentos do FBI passaram a ser passíveis de requisição, possibilitando os trabalhos acadêmicos sobre a agência.

do autor – em seu livro *The Federal Bureau of Investigation*, de 1950 – oferecia perspectiva bastante crítica aos caminhos que o Bureau trilhara até aquele momento, mesmo sem ter acesso aos documentos da agência<sup>18</sup>. Segundo Lowenthal, o FBI era expressão do autoritarismo do governo federal estadunidense, já que até mesmo a fundação dele em 1908 se deu durante recesso do Congresso.

Já o livro *The FBI Story*, escrito por Don Whitehead e publicado em 1956, foi o primeiro trabalho sobre o Bureau voltado para o grande público<sup>19</sup>. Don Whitehead era jornalista conhecido e foi correspondente durante a Segunda Guerra Mundial. O autor foi escolhido a dedo pela máquina de relações públicas do FBI, e a ele foi garantida entrada nos arquivos da organização. Ou seja, a autorização indica que o autor era “confiável” e garantiria perspectiva favorável ao Bureau. Apesar de encontrarmos nesse tipo de trabalho algumas informações importantes, esse viés – quase uma propaganda institucional - compromete o trabalho, indicando os cuidados que o historiador deve ter frente a tais obras.

Outro livro de repercussão sobre a instituição só veio a público nos anos 1960. Publicado em 1964, *The FBI Nobody Knows* é de autoria de Fred J. Cook, jornalista liberal norte-americano. Escrito em contexto de intensa agitação social, a obra apresenta alguns temas que foram recorrentes na bibliografia acadêmica sobre a agência apenas a partir dos anos 1980. Influenciado pelo movimento dos Civil Rights, Cook apontou pela primeira vez o histórico polêmico do FBI em relação à questão racial no país, ressaltando a repressão federal a qual o movimento negro foi submetido desde a década de 1910<sup>20</sup>. No entanto, algumas das limitações do livro são latentes. A personalização excessiva na figura de Hoover, a falta de menção a outros funcionários e limitações com relação às fontes são problemáticas por toda a obra, já que Cook teve de trabalhar muitas vezes com fontes orais, sem qualquer consideração sobre os problemas que elas apresentam<sup>21</sup>.

Apenas após os escândalos que acometeram o governo federal estadunidense em meados dos anos 1970 foi que surgiu uma nova leva de estudos sobre a agência. O caso Watergate e as denúncias públicas ao FBI, à CIA (*Central Intelligence Agency*) e à NSA

---

<sup>18</sup> LOWENTHAL, Max. *The Federal Bureau of Investigation*. New York: William Sloane, 1950.

<sup>19</sup> WHITEHEAD, Don. *The FBI Story*. New York: Pocket Books, 1964.

<sup>20</sup> COOK, Fred J. *O FBI por Dentro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, pp. 22-23.

<sup>21</sup> COOK, Fred J. *Op. Cit.*, 1966, pp. 1-11.

(*National Security Agency*) fizeram com que o interesse nessas instituições aumentasse, o que gerou clima político favorável à liberação de documentação dessas instituições<sup>22</sup>.

A primeira geração de historiadores do FBI se consolidou nos anos 1980, tendo como principais nomes Kenneth O'Reilly, David Garrow e Athan Theoharis. O'Reilly é um historiador norte-americano envolvido com a história do Bureau desde seu doutorado. Sua produção foi bastante diversificada, estudando as conexões entre a agência e o *New Deal*, o macartismo e o governo Kennedy. Com perspectiva bastante crítica em relação à corporação, O'Reilly recuperou as considerações de Lowenthal e Cook, só que dessa vez com o embasamento documental suficiente para criticar substancialmente a instituição de Hoover. O destaque de sua obra vai para o livro de 1991, *Racial Matters: The FBI's Secret File on Black America*, um dos únicos a analisar a questão racial no trabalho do FBI<sup>23</sup>. Embora por vezes também seu trabalho apresente personalização excessiva na figura de Hoover, sua análise é de extremo valor para o campo.

Já David Garrow é um historiador estadunidense e também escritor prolífico sobre a questão racial e o FBI. Garrow teve produção relevante com considerações metodológicas sobre as fontes do Bureau, como o guia sobre as fontes da investigação de King e artigo sobre a importância do estudo dos informantes da agência e do uso da história oral<sup>24</sup>. Sua obra mais significativa nesse campo é *The FBI and Martin Luther King Jr.*, sobre a investigação que a agência fez do pastor. Embora o trabalho de Garrow seja fundamental e pioneiro, as limitações de sua análise são também significativas. O personalismo dele nas figuras de Hoover e William Sullivan, chefe da Divisão de Inteligência Doméstica do Bureau, são bastante claros<sup>25</sup>. O autor ainda considera que boa parte da investigação sobre o pastor não teve caráter político<sup>26</sup>.

O terceiro historiador, Athan Theoharis, tem produção significativa no âmbito da História do FBI, particularmente em questões metodológicas. Entre suas contribuições

---

<sup>22</sup> O episódio Watergate foi um escândalo de espionagem ao partido democrata por parte da presidência de Richard Nixon no início dos anos 1970. A CIA e a NSA são duas outras agências da comunidade de inteligência norte-americana. Conjuntamente com o FBI, constituem as instituições civis de inteligência, diferentemente de várias outras ligadas às forças armadas, que compõem a parte militar da comunidade. A CIA age fora das fronteiras do país e a NSA é parte do *United States Department of Defense* (DOD) e sua atuação se dá no âmbito da segurança interna relacionada às comunicações do país.

<sup>23</sup> O'REILLY, Kenneth. *Racial Matters: The FBI's Secret File on Black America, 1960-1972*. New York: Free Press, 1991.

<sup>24</sup> GARROW, David J. "FBI Political Harrassment and FBI Historiography". In: *The Public Historian*, Vol. 10, No. 4. (Autumn, 1988), pp. 5-18. O guia sobre as fontes do caso Martin Luther King Jr. pode ser acessado em [http://www.lexisnexis.com/documents/academic/upa\\_cis/10733\\_MLKJrFBIFilePt1.pdf](http://www.lexisnexis.com/documents/academic/upa_cis/10733_MLKJrFBIFilePt1.pdf). Acessado em: 13 jul. 2021.

<sup>25</sup> GARROW, David J. GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, p. 160.

<sup>26</sup> *Idem*, pp. 204-219.

estão artigos sobre a importância do FOIA e a influência do trabalho de inteligência na confecção dos documentos da instituição<sup>27</sup>. Theoharis também organizou o *The FBI: A Comprehensive Reference Guide*, coletânea de textos sobre aspectos fundamentais do funcionamento do Bureau, como as relações com outras instâncias governamentais, a cultura institucional do FBI, a estrutura e hierarquia da organização e a importância dela na cultura popular norte-americana<sup>28</sup>.

Em comum, tais autores escreveram em período de mudanças profundas na agência. Em meados da década de 1970, após vários escândalos, estabeleceram-se dois comitês governamentais para investigar os abusos da comunidade de inteligência. Tais investigações resultaram em reformas profundas no Bureau, e a visão do público em geral sobre a instituição se tornou bastante crítica.

Com o atentado de 11 de setembro de 2001, os autores que escreveram sobre o FBI no século XXI passaram a questionar as reformas pelas quais a instituição passou nos anos 1970 e 1980. Dentre eles se destacam Rhodry Jeffreys-Jones e Richard Gid Powers. Embora já lidassem com o Bureau e com a inteligência norte-americana desde antes do ataque terrorista, os dois autores produziram suas principais obras já nos anos 2000. Powers, historiador norte-americano, escreveu seu livro *Broken: The Troubled Past and Uncertain Future of the FBI* em 2004. Além dessa obra de referência, Powers produziu trabalhos com temáticas mais particulares nos anos 1980 e 1990, como a imagem dos agentes na cultura popular, o anticomunismo nos Estados Unidos e uma biografia sobre Hoover<sup>29</sup>.

Já Rhodry Jeffreys-Jones é um historiador galês com trabalho mais ligado ao estudo das instituições de inteligência em diferentes países. Assim como Powers, ele também trouxe à tona novas variáveis sobre o FBI a serem analisadas. Sua principal obra, *The FBI: A History*, é livro de referência no assunto, com considerações bastante diferentes de boa parte dos autores do tema. Para Jeffreys-Jones, o estudo do FBI constitui campo privilegiado para entendermos as dinâmicas raciais e políticas da História dos Estados Unidos no geral, já que a agência esteve no epicentro das tensões nacionais

---

<sup>27</sup> THEOHARIS, Athan. "Researching the Intelligence Agencies: The Problem of Covert Activities". In: *The Public Historian*, vol. 6, nº 2 (Spring), 1984; *Idem*. "Secrecy and Power: Unanticipated Problems in Researching FBI Files". In: *Political Science Quarterly*, vol. 119, nº 2 (Summer), 2004; *Idem*. "The FBI and the FOIA: Problems of Access and Destruction". In: *The Midwestern Archivist*, vol. 5, nº. 2, 1981.

<sup>28</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2000, p. iii.

<sup>29</sup> POWERS, Richard Gid. *G-men: Hoover's FBI in American Popular Culture*. Chicago: Southern Illinois University Press, 1983; *Idem*. *Secrecy and Power: The Life of J. Edgar Hoover*. New York: Free Press, 1987. *Idem*. *Not Without Honor: The History of American Anticommunism*. New Haven and London: Yale University Press, 1998.

relacionadas ao debate entre centralização e descentralização política<sup>30</sup>. Algumas das limitações de seu trabalho são compartilhadas com as de Richard Gid Powers: a visão idealizada da fundação da instituição como tempo áureo de combate ao crime organizado; a falta de análise específica dos documentos produzidos; e a interpretação do FBI como reflexo puro e simples da sociedade norte-americana. Ainda assim, ambos contribuíram decisivamente para a escrita da história do Bureau.

Percebe-se que, além de limitada do ponto de vista quantitativo, a bibliografia sobre a instituição ainda é bastante restrita a determinados autores e carece muitas vezes de reflexões teóricas e documentais. Em geral, o foco dessas obras é uma história geral do Bureau sem recorrer à farta documentação produzida pela agência. Além de *The FBI and Martin Luther King Jr.*, a única obra que menciona a documentação das investigações aqui analisadas é *Malcolm X: The FBI File*, do historiador Clayborne Carson<sup>31</sup>. No entanto, o livro é uma coletânea de documentos. Nossa proposta nessa Dissertação é analisar essas investigações, mobilizando determinadas concepções teóricas sobre a documentação das instituições de inteligência e as representações raciais nos Estados Unidos de meados do século XX.

### **Aporte teórico-metodológico**

Nossa pesquisa se insere no âmbito da Nova História Política, com principal referência ao trabalho do historiador francês Pierre Rosanvallon. Diferentemente de parte dos estudiosos do FBI, consideramos que o trabalho do Bureau é inerentemente político<sup>32</sup>. Sobre o conceito de “político”, o intelectual francês o define como “o processo que permite a constituição de uma ordem a que todos se associam”<sup>33</sup>. A partir disso, podemos considerar que o trabalho exercido pela agência é político na medida em que reproduz e afirma uma “ordem” social “a que todos se associam” (a partir das leis que reforça), baseada na jurisdição federal norte-americana.

Como o foco dessa pesquisa é entender como Malcolm X e Martin Luther King Jr. foram interpretados pelos agentes do FBI, é importante atentarmos para o conceito de

---

<sup>30</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *The FBI: A History*. London and New Haven: Yale University Press, 2007., pp. 1-4.

<sup>31</sup> CARSON, Clayborne. *Malcolm X: The FBI File*. New York: Skyhorse Publishing, 2012.

<sup>32</sup> Dentre esses autores se destacam Jeffreys-Jones e Loch K. Johnson. Para ambos as atividades do FBI não são necessariamente políticas. Ver JOHNSON, Loch K. *Op. Cit.*, 2007, pp. 10 e 40-1.

<sup>33</sup> ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do Político*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 42.

“representação”. Para o historiador francês François Hartog, a representação é uma tradução do Outro através de retórica de alteridade. Ou seja, ela envolve tanto a observação e a descrição acerca do representado, quanto a própria maneira de pensar de quem representa. O foco do historiador ao analisar representações de um Outro deve ser, sob a perspectiva de Hartog, não a confrontação delas com a “realidade”, mas entender a lógica de sua produção, seus erros e condições de existência<sup>34</sup>.

Complementarmente, Roger Chartier afirma que as representações não são fruto da imaginação, mas sim elementos que mobilizam ações, interesses de grupo e relações de poder, tendo assim impacto na realidade. Além disso, são historicamente definidas e móveis, variando no tempo e no espaço<sup>35</sup>. A partir dessa perspectiva, as imagens dos negros construídas pelos funcionários da instituição podem ser interpretadas como tentativas de ordenar uma nova realidade em que o movimento negro se massificou e se tornou grupo influente na “ordem” política dos EUA. Essas representações funcionariam, portanto, como formas de reação ao novo contexto, direcionando ações do FBI a partir dos estereótipos comuns reproduzidos durante a Guerra Fria (subversivos, imorais etc.).

Essas interpretações raciais que inferiorizavam a população afro-americana não foram inventadas nas décadas de 1950 e 1960. Antes, fazem parte de longo histórico de opressão que remete aos séculos de escravidão no país. Segundo David R. Roedinger, em seu estudo sobre a formação da classe trabalhadora branca nos Estados Unidos do século XIX, a partir da criação de uma identidade branca, trabalhadores brancos passaram a inferiorizar a população negra norte-americana. Esse processo era reação a um contexto desfavorável, em que eles próprios (os brancos pobres) passaram a sofrer com diminuição de salários e cargas de trabalho maiores. A parcela negra da população, por sua vez, era identificada com uma *blackness* (negritude), que diferentemente da *whiteness* (branquitude), era baseada em elementos negativos e biologizantes, como a bestialidade e a inaptidão à liberdade e à vida republicana<sup>36</sup>.

Levamos em conta que a *whiteness*, longe de desaparecer ao longo do tempo, foi mobilizada e adaptada em meados do século XX para responder à ruptura que o movimento negro levou a cabo nos anos 1950 e 1960 nos Estados Unidos<sup>37</sup>. Dessa forma,

---

<sup>34</sup> HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, pp. 38, 39, 50 e 228.

<sup>35</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988, pp. 16-28.

<sup>36</sup> ROEDINGER, David R. *The Wages of Whiteness*. London & New York: Verso, 2007, pp. 13, 14 e 56.

<sup>37</sup> O trabalho de Roedinger e o conceito de *whiteness* causaram polêmica desde a publicação de *The Wages of Whiteness* em 1991. Dentre as críticas recebidas, autores enfatizam como o autor deixou de considerar que parcelas da classe trabalhadora branca, por vezes, também buscaram alianças com trabalhadores negros

consideramos que os funcionários do FBI expressaram uma determinada *whiteness* que ecoava na própria organização hierárquica do Bureau, já que a instituição não tinha nenhuma mulher em seus quadros de agentes e os funcionários negros e hispânicos ocupavam posições subalternas<sup>38</sup>.

A atividade de inteligência exercida pelo Bureau contribuiu para potencializar tal processo nos anos 1950 e 1960. Isso porque investigações de inteligência são campo fértil para a produção e reprodução de representações sobre os investigados, já que a diferença delas para investigações criminais são seu caráter preventivo. Em investigações criminais, parte-se de indícios e relatos de testemunhas para se criar um perfil do suspeito. A investigação de inteligência já se inicia sabendo quem é investigado, procurando-se inculpar a culpa através das informações colhidas e do monitoramento estabelecido<sup>39</sup>.

Por não ter o elemento norteador de investigações comuns – a infração ou o crime – a atividade de inteligência é assentada em bases flexíveis, permitindo que os inquiridos durem vários anos. De acordo com as considerações de Carlos Fico — em seu estudo sobre o aparato de informações da ditadura militar brasileira — os membros das “comunidades de segurança” produzem e circulam mensagens de forma significativamente livre, sustentando a importância de suas próprias atividades. Essas informações disseminadas eram, muitas vezes, interpretações dos investigados, carregadas de imagens (subversivos, inocentes úteis, heróis, traidores, etc.)<sup>40</sup>.

---

e fizeram parte da luta contra a segregação racial e a discriminação. No entanto, suas publicações são úteis para entendermos as dinâmicas raciais estadunidenses, e o conceito de *whiteness* ainda é bastante debatido. Sobre as polêmicas em torno do conceito de *whiteness* ver ARNESEN, Eric. Whiteness and the Historians' Imagination. In: *International Labor and Working-Class History*, No. 60, Fall 2001, pp. 3-32; FONER, Eric. Response to Eric Arnesen. In: *Idem*, pp. 57-60; BARRET, James R. e ROEDINGER, David R. Inbetween peoples: race, nationality, and the “new immigrant” working class. In: *Journal of American Ethnic History*, Spring 1997, Vol. 16, Issue 3; e FIELDS, Barbara J. Whiteness, Racism and Identity. In: *International Labor and Working Class History*, No. 60 (Fall, 2001) pp. 48-56. Sobre alianças inter-raciais na classe trabalhadora norte-americana, ver HALL, Jacquelyn Dowd. “The Long Civil Rights Movement and the Political Uses of the Past”. In: *The Journal of American History*, Vol. 91, No. 4 (Mar. 2005), pp. 1233-1263.

<sup>38</sup> Com relação à presença feminina nos quadros de agentes, o *Bureau* não teve nenhuma até 1972, após a morte de Hoover e a passagem do *Equal Employment Opportunity Act*, que estabelecia diretrizes de proibição com relação a discriminação por credo, raça ou gênero no âmbito do trabalho. Ver <<https://www.fbi.gov/video-repository/newss-first-women-agents-susan-roleymalone-interview/view>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

<sup>39</sup> PACCI, Mehmet. *Political Misuse of Domestic Intelligence: A Case Study on the FBI*. University of North Texas: Dissertação de Mestrado, 2002, p. 15.

<sup>40</sup> FICO, Carlos. *Como Eles Agiam*. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 21 e 218. Embora boa parte da bibliografia sobre inteligência que mobilizamos nessa pesquisa seja voltada para regimes autoritários latino-americanos, particularmente o regime militar brasileiro, muitas de suas considerações são úteis também para pensarmos o aparato de inteligência norte-americano. De fato, muitas das comunidades de segurança de várias ditaduras na América Latina foram treinadas por (e inspiradas em) forças estadunidenses. Sobre isso, ver HUGGINS, Martha K. *Polícia e Política: Relações Estados Unidos/América Latina*. São Paulo: Cortez, 1998.

Esses retratos não eram simplesmente inventados pelos funcionários dessas instituições. Antes, eram devedores da própria lógica de funcionamento do aparato de inteligência das quais são fruto. De acordo com Marionilde Dias Brepohl Magalhães, a “repressão preventiva” dos aparatos de inteligência é governada por uma “lógica de suspeição”, um pressuposto retroalimentado de que se alguém é investigado, então é automaticamente culpado. Nesse sentido, parte fundamental do sistema de inteligência é produzir efeito de crença que sobreponha as dificuldades e limitações de uma investigação que não se assenta necessariamente em evidências concretas<sup>41</sup>.

Transpondo essas considerações para a sociedade norte-americana dos anos 1950 e 1960, podemos apontar para o papel decisivo do anticomunismo e do racismo na tarefa de produzir a culpa. Segundo Elaine Tyler May, a sociedade norte-americana pós-Segunda Guerra Mundial foi inundada por medos de insurreições urbanas e de revoluções comunistas. Isso moldou não só a construção das instituições governamentais de segurança do governo estadunidense, mas também o imaginário das pessoas<sup>42</sup>. Dessa forma, as representações de ativistas negros como comunistas e subversivos – mesmo que inexatas – deveram sua existência não só à atividade de inteligência de instituições como o FBI; também foram produzidas por pessoas comuns, que construíam suas próprias interpretações da realidade ao seu redor, graças a intensos estímulos anticomunistas do governo, da grande mídia e da indústria do entretenimento<sup>43</sup>.

Para entendermos tais interpretações, faz-se necessário não só o exame das investigações desses dois líderes, mas também uma breve análise da História do FBI – tema do capítulo 1 –, focando na conformação da repressão dos anos 1950 e 1960. Nesse sentido, exploramos como a instituição utilizou de atividade de inteligência e propaganda intensas para construir a imagem pública de agência eficiente e apolítica, principalmente a partir do papel de Hoover e da alta hierarquia do Bureau.

O capítulo 2 é reservado à análise da investigação de Malcolm X, que durou entre 1953 e 1965. Observamos como o interesse da instituição no ativista durante os anos 1950 foi crescendo, enquanto o escritório do Bureau em Nova York construía perfis múltiplos de Malcolm: comunista, fanático religioso, influenciado por comunistas. Quando o ativista passou a ser mais conhecido na esfera pública estadunidense, no anos 1960,

---

<sup>41</sup> MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 17, n. 34, São Paulo, 1997, pp. 2-6.

<sup>42</sup> MAY, Elaine Tyler. *Fortress America: How We Embraced Fear and Abandoned Democracy*. Nova York: Basic Books, 2017, Edição Kindle, pp. 1-4.

<sup>43</sup> MAY, Elaine Tyler. *Op. Cit.*, 2017, p. 8.

veremos como a agência construiu simultaneamente outra representação, a de Malcolm como viciado nos holofotes. Mostramos também como os agentes do FBI também passaram a entendê-lo como revolucionário, cujo objetivo era inflamar o moderado movimento dos Civil Rights.

Já o capítulo 3 se debruça sobre o inquérito de Martin Luther King Jr., que durou entre 1962 e 1968. Mostramos como o pastor foi intensamente perseguido e reprimido desde o momento inicial da investigação, enquanto o Bureau se esforçava arduamente para sabotar sua figura pública. Analisamos como os agentes da instituição mobilizaram de diferentes formas o tema da subversão para definir King: um idiota útil nas mãos de influenciadores comunistas profissionais; o líder demagógico mais perigoso do país; e o crítico (e inimigo) ferrenho do governo dos Estados Unidos em solo nacional. Também exploramos como informações da vida privada do pastor foram intensamente disseminadas pelos funcionários da agência na tentativa de minar sua popularidade e influenciar o movimento negro estadunidense.

## Capítulo 1 – História e organização do FBI (1908-1975)

O Federal Bureau of Investigation (FBI) é uma instituição federal estadunidense ligada ao United States Department of Justice (DOJ), responsável pelo trabalho policial federal e pelo serviço de inteligência interno. A agência responde diretamente ao chefe do DOJ, o *attorney general* (no Brasil corresponderia ao ministro da Justiça e ao Procurador-Geral da República), e ao Director of National Intelligence, vinculados diretamente à Casa Branca<sup>44</sup>. O FBI compõe, juntamente com outras agências, o serviço de inteligência nacional.

O objetivo principal deste capítulo é apresentar a criação e trajetória do Bureau, bem como suas conexões com outras instâncias governamentais e com a sociedade civil. Trata-se também de entender o histórico repressivo da instituição, baseado em ferrenho anticomunismo. Por fim, buscaremos apresentar a organização hierárquica do FBI entre as décadas de 1950 e 1960.

### 1.1 – Fundação e primeiros anos (1908-1924)

Em 1908, o governo e o *attorney general* dos Estados Unidos, Charles Bonaparte, criaram o Bureau of Investigation (BI), uma força investigativa ligada ao DOJ<sup>45</sup>. A principal motivação para a criação da instituição foi a necessidade antiga do Departamento de ter equipe investigativa própria, já que anteriormente tomava de empréstimo agentes do U.S. Secret Service para suas investigações<sup>46</sup>.

O Bureau foi fundado durante a Era Progressista (1890-1920), momento em que novos movimentos com pautas reformistas surgiram nos Estados Unidos. Tratava-se de setores médios da população contra a concentração de renda, os trustes e a corrupção, em

---

<sup>44</sup> Entre 1945 e 2005, esse cargo de supervisor de inteligência era denominado Director of Central Intelligence.

<sup>45</sup> Charles Bonaparte (1851-1921) foi um advogado norte-americano e o último *attorney general* da administração do presidente Theodore Roosevelt (1901-1909).

<sup>46</sup> O Secret Service é uma agência do governo federal encarregada de proteger os principais líderes políticos dos Estados Unidos, salvaguardar as infraestruturas fundamentais do país e investigar crimes financeiros. Foi fundado em 1865, ligado ao Department of Treasury, e na época tinha a função de investigar crimes como fraude de moeda e de terras públicas. Apenas no começo do século XX o Secret Service passou a ter a função que tem hoje. Em 2003, foi integrado ao Department of Homeland Security. Sobre a história do Secret Service, ver MELANSON, Philip H. e STEVENS, Peter F. *The Secret Service: The Hidden History of an Enigmatic Agency*. New York: Basic Books, 2002, pp. 3-25. Sobre a prática de empréstimos de detetives do Secret Service para outras instâncias governamentais, ver POWERS, Richard Gid. *Broken: The Troubled Past and Uncertain Future of the FBI*. New York: Free Press, 2004, p. 31.

favor do lugar do “homem comum” no país. O movimento era complexo e reunia pessoas e grupos com posições políticas heterogêneas, com grande parte deles chancelando a segregação racial, por exemplo. Eles tinham como alvo as esferas governamentais, que eram vistas como profundamente marcadas pela corrupção e pela influência de grandes empresários<sup>47</sup>.

A ascensão do republicano Theodore Roosevelt (1901-1909) à presidência em 1901 marcou de forma definitiva o período progressista no início do século XX<sup>48</sup>. Com seu histórico como comissário de polícia da cidade de Nova York, Roosevelt era bastante favorável à incorporação de funções policiais pelo governo federal. O BI foi fundado como força policial federal baseada, alegadamente, em princípios bastante reiterados durante a Era Progressista: eficiência, profissionalismo e combate à corrupção. Seus alvos seriam grandes crimes da jurisdição federal, perpetrados por redes de criminosos, grandes empresários e figuras políticas de relevo<sup>49</sup>.

Os primeiros anos da instituição foram marcados por seguidas tensões com alas mais conservadoras do Partido Republicano, profundamente críticas de qualquer crescimento da esfera federal em detrimento dos estados. Esses embates renderam progresso lento da nova instituição, que teve dificuldades ao longo dos anos em aumentar sua jurisdição e conquistar seu espaço no âmbito policial norte-americano.

Desde o início, o BI demonstrou dedicação na repressão a movimentos sociais e minorias, particularmente a população negra estadunidense. Símbolo dessa atuação foi a investigação da agência ao lutador negro Jack Johnson, campeão mundial de boxe dos pesos pesados à época. Johnson era figura pública emblemática para a população negra do país – já que se destacava no ringue –, num momento em que as relações raciais nos Estados Unidos eram marcadas pela segregação racial e pelos linchamentos. Além disso, parte significativa da população branca via o lutador como perigoso ao *status quo* racial, já que as seguidas vitórias dele contra lutadores brancos poderiam simbolizar a possibilidade de ascensão da população afro-americana no país<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> Sobre a Era Progressista, ver MCGERR, Michael. *A Fierce Discontent: The Rise and Fall of the Progressive Movement in America*. New York: Oxford University Press, 2003, pp. 77-220.

<sup>48</sup> Theodore Roosevelt (1858-1919) foi o 26º presidente dos Estados Unidos pelo Partido Republicano. Sobre o governo Roosevelt e o progressivismo, ver GERSTLE, Gary. *American Crucible: Race and Nation in the Twentieth Century*. New Jersey: Princeton University Press, 2001, pp. 14-43.

<sup>49</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, p. 40; POWERS, Richard. *Op. Cit.* 2004, p. 61.

<sup>50</sup> Sobre Jack Johnson, ver RUNSTEDTLER, Theresa. *Jack Johnson, Rebel Sojourner: Boxing in the Shadow of the Global Color Line*. Berkeley: University of California Press, 2012.

Com isso, o BI – munido do recém-aprovado Mann Act – foi uma das instituições que tentou frear o sucesso de Jack Johnson. O Mann Act tornou crime federal o transporte interestadual de mulheres para fins de prostituição ou qualquer outro “propósito imoral”<sup>51</sup>. Preconizada originalmente para deter redes de prostituição, a nova lei foi utilizada de forma bastante elástica pelo Bureau, que tentou por duas vezes acusar Johnson de fomentar a prostituição. A imprecisão do texto da lei, aliada a um júri extremamente parcial e preconceituoso, contribuiu para que Johnson fosse condenado por transporte interestadual para fins sexuais em maio de 1913<sup>52</sup>.

O primeiro momento de maior importância do BI foi durante a Primeira Guerra Mundial, quando o Bureau foi responsável pela vigilância de estrangeiros residentes ou recém-chegados aos EUA. Isso significou a entrada da agência no campo das investigações de inteligência, mudança que não se deu sem tensões. Em razão do foco no âmbito criminal, muito do trabalho do BI era voltado para a prisão de suspeitos, não para a coleta e disseminação de informações<sup>53</sup>. Com isso, parte da atuação do Bureau nesse período foi reservada para a adaptação às novas realidades investigativas. Para isso, contou com novas leis que expandiram sua jurisdição. Em 1917, no contexto de entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, o Congresso aprovou o Selective Service Act, lei que estabeleceu o alistamento obrigatório para todos os homens entre 21 e 30 anos. Como não dispunha de pessoal suficiente para aplicar tal lei, o BI recorreu à American Protective League (APL), organização civil não governamental da época que buscava identificar simpatizantes da Alemanha, anarquistas, comunistas, outros esquerdistas, os contrários à guerra, etc.<sup>54</sup> O resultado dessa aliança foi negativo para a imagem pública do Bureau, já que as ações conjuntas com a APL foram truculentas, desorganizadas e ineficientes, resultando em pouquíssimas prisões<sup>55</sup>.

O caráter conservador da APL e suas perseguições influenciaram profundamente o Bureau. Instalou-se, na agência, uma suspeita permanente de quaisquer minorias e movimentos sociais. A Revolução Russa de 1917 agravou ainda mais esse quadro conservador nos Estados Unidos, com o medo do comunismo se alastrando e servindo

---

<sup>51</sup> Do original: “immoral purpose”. O texto da lei pode ser lido em <https://uslaw.link/citation/us-law/public/61/277>. Acesso em: 26 abr. 2020.

<sup>52</sup> THEOHARIS, Athan. *The FBI and American Democracy: A Brief Critical History*. Kansas City: Kansas University Press, 2004, p. 9.

<sup>53</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, pp. 65-66.

<sup>54</sup> Sediada em Chicago, a APL afirmava ter 250.000 membros em centenas de cidades do país. Foi organizada por empresários conservadores norte-americanos para auxiliar as forças policiais nacionais no combate a estrangeiros no país. Sobre isso, ver POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, pp. 88 e 93.

<sup>55</sup> JEFFREYS-JONES, Athan. *Op. Cit.* 2007, p. 70.

para legitimar a repressão em escalas cada vez maiores. Minorias em geral, mas principalmente os negros, eram vistas como grupos perigosos e alvos fáceis de propaganda comunista. Nos anos seguintes, líderes e grupos afro-americanos foram fortemente vigiados e reprimidos pelo BI. A população negra, longe de se deixar abalar pela violência policial e de supremacistas brancos, organizou vários protestos e revoltas no ano seguinte<sup>56</sup>.

O ano de 1919 foi particularmente tenso nos Estados Unidos. Apenas nesse ano foram organizadas 36 greves sindicais, com participação de milhões de trabalhadores. Uma série de atentados a bomba foi organizada por grupos anarquistas, tendo como alvos importantes figuras públicas, como o Postmaster General (Chefe Executivo do Serviço Postal) Albert S. Burleson, o magnata John D. Rockefeller e o então *attorney general* Alexander Mitchell Palmer. Todos esses acontecimentos contribuíram para que o período ficasse conhecido posteriormente como o primeiro Red Scare (Perigo Vermelho)<sup>57</sup>.

Após esses acontecimentos, Palmer organizou uma campanha antirradical com o apoio do BI. Foi criada, em agosto de 1919, uma força-tarefa no DOJ, renomeada como General Investigative Division (GID) no ano seguinte e colocada definitivamente como divisão do Bureau. O encarregado dela foi John Edgar Hoover, que trabalhava no DOJ havia dois anos. A função da GID foi coletar toda informação possível sobre grupos radicais estadunidenses, bem como reunir documentos produzidos por outras instituições governamentais sobre as greves. Também foram investigados importantes expoentes do movimento negro no país, como Marcus Garvey e a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), em resposta às revoltas raciais que aconteceram naquele ano<sup>58</sup>. Na visão da alta hierarquia da agência, a população negra estava sendo incentivada por bolcheviques. Para obter mais informações internas sobre o movimento de Garvey, o Bureau contratou seu primeiro agente negro, James Wormley Jones<sup>59</sup>.

---

<sup>56</sup> KRUGLER, David F. *1919, the Year of Racial Violence: How African Americans Fought Back*. New York: Cambridge University Press, 2015, pp. 35-195 e 296-310.

<sup>57</sup> Sobre o primeiro Red Scare, ver HAGEDORN, Ann. *Savage Peace: Hope and Fear in America, 1919*. New York: Simon & Schuster, 2007.

<sup>58</sup> A NAACP é uma das instituições mais importantes na luta por direitos civis nos Estados Unidos e esteve envolvida em vários dos eventos mais marcantes do movimento dos Civil Rights. Foi fundada em 1909 por intelectuais estadunidenses, como William E. B. DuBois e Ida B. Wells. Sobre a NAACP, ver BERG, Manfred. *"The Ticket to Freedom": The NAACP, and the Struggle for Black Political Integration*. Miami: University Press of Florida, 2005.

<sup>59</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, p. 106. James Wormley Jones foi um capitão do exército e veterano da Primeira Guerra Mundial recrutado como agente especial pelo FBI. A instituição o considera como seu primeiro agente negro. Não há muitas informações sobre ele, mas sabe-se que ele atuou na GID

Com grande quantidade de informações, a agência iniciou nova leva de repressões a sindicatos, sedes de movimentos sociais e ao Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA). Esse conjunto de ações repressivas ficou conhecido como Palmer Raids (Batidas Policiais de Palmer) em alusão ao *attorney general*<sup>60</sup>. Embora as Palmer Raids tivessem obtido sucesso midiático inicial, elas também abalaram a confiança pública no BI, devido ao caráter autoritário e ineficiente de muitas das operações efetuadas. Aliados a isso, vários escândalos políticos nos anos subsequentes, envolvendo diferentes *attorneys general* e diretores do Bureau, resultaram na entrega da diretoria da instituição a John Edgar Hoover em 1924, que manteve o cargo pelos 48 anos seguintes<sup>61</sup>. Hoover tornou-se preponderante a ponto de se confundir com a instituição.

## 1.2 – Ascensão de Hoover, New Deal e Segunda Guerra Mundial (1924-1945)

O período entre 1924 e 1945 foi quando o BI se transformou no Federal Bureau of Investigation, ou FBI, ganhando corpo pelas mãos de John Edgar Hoover, que imprimiu sua marca na agência. Nos anos 1920 o moralismo de vários grupos políticos se intensificou. Um bom exemplo foi a Lei Seca, que proibiu a produção, a comercialização e o consumo de álcool em 1920<sup>62</sup>. Ainda que a proibição tenha sido aprovada em razão de fatores diversos, os componentes moral e religioso estavam presentes. Nesse momento, a alegada solução para os problemas de corrupção e abuso de poder por parte do governo federal era a “limpeza” no funcionalismo público e o aumento no grau de profissionalização nas instituições governamentais. Segundo essa lógica, a corrupção era fruto de atitudes individuais fora do protocolo institucional ideal, praticadas por indivíduos de má índole<sup>63</sup>.

O governo do presidente republicano Calvin Coolidge (1923-1929) se pretendeu representante pleno de valores morais. Juntamente com seu antecessor, Warren G. Harding (1921-1923), e seu sucessor, Herbert Hoover (1929-1933), Coolidge ajudou a

---

chefiada por Hoover. Ver <<https://www.fbi.gov/news/stories/early-african-american-agents>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

<sup>60</sup> Sobre as Palmer Raids, ver FINAN, Christopher M. *From the Palmer Raids to the Patriot Act: A History of the Fight for Free Speech in America*. Boston: Beacon Press, 2007, pp. 1-37.

<sup>61</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, p. 128.

<sup>62</sup> Sobre a Lei Seca, ver MCGIRR, Lisa. *The War on Alcohol: Prohibition and the Rise of the American State*. New York: W. W. Norton & Company, 2016; e OKRENT, Daniel. *Last Call: The Rise and Fall of Prohibition*. New York: Simon & Schuster, 2010.

<sup>63</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 32-33.

consolidar um período de mais de dez anos de presidentes republicanos no poder, com o avanço da descentralização política. Desse modo, uma instituição federal como o BI, com histórico de abuso de autoridade, era vista de forma crítica pela presidência. Buscou-se, portanto, reformá-la de maneira a coibir a atividade de inteligência do Bureau e restringir suas ações investigativas à jurisdição federal.

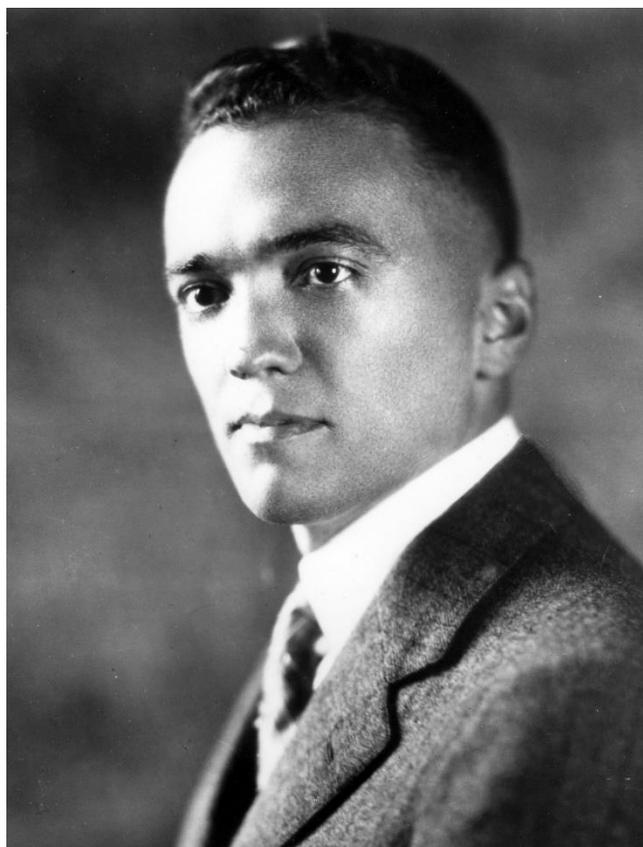


Imagem 1 – John Edgar Hoover na década de 1920. Fonte: <<https://www.fbi.gov/image-repository/young-hoover.jpeg/view>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

A figura de Hoover, nesse sentido, foi importante para a implantação dessas reformas. Embora marcado pela sua atuação nas repressões dos anos anteriores, sua postura pública enérgica, profissional e, acima de tudo, anticomunista, continuou sendo bem-vista na alta hierarquia federal estadunidense. As reformas instauradas entre 1924 e 1925 foram bastante amplas. Rapidamente a GID foi dissolvida, o uso de escutas proibido e o compartilhamento de informações do BI com empresários e políticos banido. O então *attorney general* Harlan Stone idealizava o Bureau como força investigativa isenta, apolítica e mantida longe das paixões dos homens. Seus principais funcionários, os agentes, deveriam ser cavalheiros bem-educados, respeitadores da lei e bem treinados<sup>64</sup>.

---

<sup>64</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 1987, pp. 150-161.

A restrição de atuação ao campo das investigações criminais reforçou uma cultura de casos menores no Bureau de Hoover. Amparados em leis como o Dyer Act – que federalizou o crime de roubo interestadual de carros –, a agência passou a focar em inquéritos de baixa complexidade e rápida resolução. A eficiência se tornou o parâmetro de qualidade do desempenho da instituição, ponto repetidamente sublinhado pelo diretor nas audiências de orçamento anuais, as quais se davam no Congresso<sup>65</sup>.

Essa atividade restrita do BI se manteve até o início da década de 1930, já que os seguidos presidentes republicanos se mostraram todos a favor da descentralização política e da maior força dos estados em detrimento do governo federal. Com a crise de 1929, a Grande Depressão e a eleição do democrata Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) para a presidência do país, esse quadro mudou drasticamente<sup>66</sup>. A plataforma de centralização política do presidente contribuiu tanto para sua vitória eleitoral como para o fortalecimento de várias instituições federais. Durante os quatro mandatos de Roosevelt, o BI adquiriu papel muito maior do que teve nos anos 1920.

Nessa época, o Bureau foi lentamente readquirindo funções de inteligência e recuperando parte do orçamento perdido na década anterior. Novas reformas entre 1934 e 1935 aumentaram ainda mais o grau de profissionalismo da instituição: criou-se um laboratório forense; estabeleceu-se o direito dos agentes de portarem armas e efetuarem prisões; fundou-se a academia para treinamento de novos agentes, em Quantico, Virgínia; e em 1935 mudou-se definitivamente o nome da instituição para Federal Bureau of Investigation<sup>67</sup>. As novas exigências com relação à contratação de funcionários criaram uma equipe de agentes com clivagens raciais e de classe bem definidas: homens jovens, brancos, de classe média e com diplomas universitários. Os poucos agentes negros e hispânicos ocupavam posições subalternas, e não houve nenhuma mulher agente até os anos 1970<sup>68</sup>.

---

<sup>65</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, p. 20.

<sup>66</sup> Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) foi o 32º presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Democrata. Foi o responsável pelo New Deal, conjunto de experimentações econômicas aplicadas a partir de 1933 para tentar recuperar a economia norte-americana depois da crise de 1929. Sobre a administração Roosevelt e o crescimento do FBI, ver O'REILLY, Kenneth. "The Roosevelt Administration and Black America: Federal Surveillance Policy and Civil Rights during the New Deal and World War II Years". In: *Phylon*, vol. 48, nº 1, 1987, p. 13.

<sup>67</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, pp. 86-87. Embora a mudança de nome tenha ocorrido em 1935, o FBI considera 1908 como o ano de sua fundação. Ver <<https://www.fbi.gov/history/brief-history>>. Acesso em 23 jun. 2020.

<sup>68</sup> THEOHARIS, Athan (Org.). *The FBI: A Comprehensive Reference Guide*. New York: Oryx Press, 2000, pp. 265-266.

No âmbito das relações públicas, o Bureau alcançou patamar muito alto nos anos 1930. No contexto da ascensão dos famosos gângsteres da época da Lei Seca e da Grande Depressão, o FBI era visto como a única instituição capaz de frear esses criminosos. Esse combate se deu em várias frentes. A primeira, obviamente, foi aquela dedicada à investigação e prisão de vários deles. O combate a figuras como Bonnie e Clyde, “Machine Gun” Kelly, “Pretty Boy” Floyd e John Dillinger foi decisiva para o aumento da confiança pública no Bureau<sup>69</sup>.

A segunda frente foi a ampla cobertura e divulgação desse combate por parte da Publications Section (renomeada como Crime Records Division em 1938) do Bureau, responsável pelas relações públicas da instituição. A divulgação da prisão de “Machine Gun” Kelly foi particularmente bem-sucedida. Segundo a narrativa da agência, ao ser emboscado pelos investigadores do FBI, Kelly teria dito “*Don’t shoot, G-men!*”. Pelo resto dos anos 1930, a figura dos “*G-men*” (abreviação de *government men*) foi amplamente explorada pelo Bureau. O visual dos agentes do FBI – terno e gravata, cabelos cortados, impiedosos guardiões da lei e da ordem – se tornou marca da instituição<sup>70</sup>.

Nessa década, a explosão de produtos que divulgavam o Bureau foi grande: programas de rádio, figurinhas em embalagens de chiclete, quadrinhos, brinquedos, histórias impressas em caixas de leite e inúmeros filmes, tudo isso ajudou a disseminar uma imagem cuidadosamente forjada pela própria instituição<sup>71</sup>. Essa imagem de agência pretensamente apolítica, isenta, profissional e eficiente foi fundamental para o funcionamento da instituição nas décadas seguintes, e particularmente importante para a reinserção do FBI no campo de inteligência dos Estados Unidos.

---

<sup>69</sup> Bonnie Elizabeth Parker (1910-1934) e Clyde Chestnut Barrow (1909-1934) foram um famoso casal criminoso estadunidense, notórios por assaltar bancos, postos de gasolina e pequenas lojas durante o período da crise econômica conhecido como Grande Depressão. O casal ganhou bastante força na cultura popular norte-americana, tendo sua história transformada em filme em 1967. Foram ambos mortos por policiais no estado de Louisiana em 1934. “Machine Gun” Kelly (1895-1954) foi um gângster famoso por realizar sequestros e traficar bebidas alcoólicas durante o período da Lei Seca. Sua imagem também foi muito explorada no cinema norte-americano: o criminoso portando submetralhadora Thompson. Foi preso pelo Bureau em 1933 no Tennessee e foi mandado para a prisão de Alcatraz. Morreu de ataque cardíaco no cárcere em 1954. “Pretty Boy” Floyd (1904-1934) foi um famoso ladrão de bancos da época da Grande Depressão. Suas façanhas se tornaram notórias na imprensa do período. Foi perseguido e morto por agentes do Bureau em 1934. John Dillinger (1903-1934) foi também um famoso ladrão de bancos e alvo da campanha “Inimigo Público Número Um” do Bureau nos anos 1930. Foi morto em emboscada da agência em 1934, em Chicago. Sobre a luta do FBI contra esses criminosos, ver BURROUGH, Bryan. *Public Enemies: America’s Greatest Crime Wave and the Birth of the FBI, 1933-34*. New York: Penguin Press, 2004.

<sup>70</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 40 e 41.

<sup>71</sup> THEOHARIS, Athan (Org.). *Op. Cit.*, 2000, pp. 261-307.

Com a crise econômica, a consolidação da URSS e a emergência de regimes nazifascistas na Europa dos anos 1930, várias preocupações com a segurança nacional nos Estados Unidos vieram à tona. O clima político favorável ao crescimento do governo federal e a popularidade inédita do Bureau foram fatores fundamentais para que o presidente Roosevelt instrísse Hoover a investigar comunistas e fascistas em solo norte-americano. No entanto, a vigilância do governo à população civil era ainda vista com maus olhos no país, além do uso de escutas (ferramenta de inteligência fundamental) como prova em tribunal ter sido formalmente proibido em 1934. Dessa forma, o então presidente emitiu diretivas secretas a Hoover em 1934, 1936 e 1939, autorizando essas investigações de inteligência<sup>72</sup>.

Na prática, essas diretivas secretas constituíram quebra de hierarquia entre o FBI e o *attorney general*, que não precisava mais autorizar determinadas atividades investigativas do Bureau. A autonomia foi aproveitada pela instituição, que passou a vigiar e compilar informações em massa sobre movimentos sociais e organizações de esquerda, claramente excedendo a jurisdição das diretivas de Roosevelt. Por outro lado, desde 1939 – com a criação da Civil Rights Commission (Comissão de Direitos Civis) no DOJ –, o FBI ficou encarregado de investigar casos de violação de direitos civis, particularmente em relação à população afro-americana<sup>73</sup>.

Isso significava muitas vezes averiguar casos locais de brutalidade policial, o que consequentemente criava tensões entre o Bureau e as forças investigativas regionais. Com isso, tornou-se comum o FBI evitar alguns casos, tomando posição legalista no âmbito dos direitos civis, sob o argumento de que tais ocorrências eram de jurisdição estadual, e não federal<sup>74</sup>. Por outro lado, as investigações de inteligência a membros e instituições do movimento negro foram retomadas de forma bastante acentuada. Foi recuperada a prática de associar o ativismo negro ao comunismo, mesmo quando essa correlação não procedia. Nesse sentido, figuras como Elijah Muhammad, Billie Holiday, Adam Clayton Powell Jr. e A. Philip Randolph passaram a ser vigiados por suas posições críticas à situação dos negros no país, bem como instituições como o Congress of Racial Equality (CORE) e a NAACP<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2000, pp. 15 e 17

<sup>73</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, p. 94.

<sup>74</sup> O'REILLY, Kenneth. *Racial Matters: The FBI's Secret File on Black America, 1960-1972*. New York: Free Press, 1991, p. 4.

<sup>75</sup> Billie Holiday (1915-1959), conhecida cantora negra norte-americana, famosa por canções bastante populares nos anos 1930 e também por músicas de protesto, como “Strange Fruit”, sobre os linchamentos sulistas. Essa atuação política foi o suficiente para fazer o FBI vigiá-la. Morreu em 1959 em decorrência

Essa reinserção do FBI no campo da inteligência norte-americana se consolidou com o início da Segunda Guerra Mundial. O papel do Bureau durante o conflito foi em muitos sentidos parecido com o da Primeira Guerra Mundial. Inicialmente a agência ficou encarregada de investigar violações da neutralidade do país no conflito, além da responsabilidade por casos de sabotagem e espionagem internas que não fossem de jurisdição militar. Durante o período em que o país permaneceu neutro, o papel da instituição foi só aumentando, com o presidente autorizando o uso de escutas em casos de inteligência e estabelecendo o Bureau como o coordenador de informações entre outras instituições<sup>76</sup>.

Com a entrada oficial dos Estados Unidos na guerra, o papel do Bureau foi diminuindo, já que as forças estadunidenses lutaram primordialmente na Europa e no Oceano Pacífico, áreas supervisionadas por órgãos militares de inteligência. Embora com atuação reduzida a partir de 1941, as novas funções de inteligência da instituição se desenvolveram e se solidificaram nessa época.

O FBI emergiu da Segunda Guerra Mundial mais forte, com muito apelo popular e operando de maneira muitas vezes ilegal, sem a devida supervisão institucional do *attorney general*, do Congresso ou do presidente. Dessa forma, duas atividades se consolidaram na agência: inteligência e propaganda. Articuladas por anticomunismo obsessivo, uma não funcionava sem a outra<sup>77</sup>.

---

de cirrose, com seu quarto ocupado por agentes do Federal Bureau of Narcotics, já que ela estava sendo acusada de possuir drogas. Sobre a cantora, ver MARGOLICK, David. *Strange Fruit: Billie Holiday e a Biografia de uma Canção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Adam Clayton Powell Jr. (1908-1972) foi um pastor batista negro norte-americano, famoso por ser o primeiro deputado afro-americano a ser eleito para o Congresso. Foi também importante líder do Movimento dos Civil Rights nos anos 1950 e 1960. Teve sua imagem bastante prejudicada por conta de acusações de corrupção em 1967, mas recuperou seu posto político em 1969. Morreu em 1972 de prostatite. Sobre o ativista, ver HAMILTON, Charles V. *Adam Clayton Powell, Jr.: The Political Biography of an American Dilemma*. New York: Cooper Square Press, 2002. Asa Philip Randolph (1889-1979) foi um líder sindicalista e ativista negro estadunidense. Desde os anos 1920, sua atuação política foi intensa, tendo criado em 1925 o primeiro sindicato predominantemente negro, o Brotherhood of Sleeping Car Porters. Foi fundamental em várias pressões políticas a presidentes para terminar a segregação em campos como a contratação de funcionários e nas forças militares norte-americanas. Foi figura importante da Marcha sobre Washington em 1963, em que Martin Luther King Jr. proferiu seu famoso discurso “I Have a Dream”. Morreu em 1979 por decorrência de problemas no coração. Sobre Randolph, ver BYNUM, Cornelius L. A. *Philip Randolph and the Struggle for Civil Rights*. Chicago: Illinois University Press, 2010. Já o CORE é uma instituição do movimento negro estadunidense fundada em 1942, tendo atuação fundamental entre os anos 1940 e 1960 nas principais pautas em favor da população negra norte-americana. Sobre o CORE, ver PURNELL, Brian. *Fighting Jim Crow in the County of Kings: The Congress of Racial Equality in Brooklyn*. Lexington: Kentucky University Press, 2013. Sobre a investigação do CORE pelo FBI, ver TYSON, Pearline M. *FBI Paranoia: The FBI's War Against CORE & SNCC, 1956-1971*. Dissertação de Mestrado, Morgan State University, 2010, pp. 43-66.

<sup>76</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, pp. 114-117.

<sup>77</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, p. 190.

### 1.3 – FBI e Guerra Fria: a ameaça comunista e a constituição do “Colosso de Segurança Nacional” (1945-1975)

Parte significativa da posição contra minorias e movimentos sociais do FBI foi fruto do anticomunismo exacerbado da instituição nos anos pós-guerra. Nesse sentido, o comunismo e a URSS não eram vistos simplesmente como ameaças militares aos Estados Unidos, mas também como ameaça subversiva a orquestrar uma revolução mundial<sup>78</sup>. O FBI e grupos conservadores da época viam no comunismo não só a antítese do capitalismo, como também do “americanismo”, o conjunto de crenças e narrativas nacionais que, segundo esses grupos, definiam o país<sup>79</sup>.

Sob essa perspectiva, o comunismo era também um perigo moral, e as minorias eram vistas como grupos frágeis perante a influência vermelha. Boa parte desse discurso anticomunista era marcado por grande ênfase na religião cristã, representando o comunista como inimigo da nação, o antagonista em busca da supressão da liberdade norte-americana. Em um dos livros publicados pelo FBI e alegadamente escritos por Hoover – num capítulo denominado “Comunismo: uma falsa religião” –, lê-se que

Esta mentalidade [comunismo], importada para nossa terra com a finalidade de procurar levar a uma **destruição do modo de vida americano**, propõe um problema cruciante a cada um de nós. Pode ela destruir nossa república constitucional, se permitirmos que corrompa nossa mente e controle nossos atos.<sup>80</sup> (grifo nosso)

Percebe-se que a preocupação do diretor não era a derrota dos Estados Unidos em possível conflito armado contra a União Soviética. O que estava em questão era a alegada corrupção da “mente” e dos “atos” dos norte-americanos. O comunismo era representado como doença que, se não tratada, infectava lentamente o corpo social estadunidense. Em outro livro alegadamente escrito por Hoover, o capítulo final compara “Comunismo” e “Liberdade”, com esquema opondo como essas “alternativas” levavam em conta temas como educação, economia, eleições, empregos, direitos humanos, etc.<sup>81</sup> Não se

---

<sup>78</sup> MUNHOZ, Sidnei J. George Frost Kennan e a arquitetura da política externa dos EUA na gênese da Guerra Fria. In: *Diálogos*, v. 22, n. 1 (2018), pp. 26-43.

<sup>79</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2000, p. 24. Sobre narrativa da nação, ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado Nacional e Narrativa da Nação (1776-1900)*. São Paulo: Edusp, 2018, pp. 35-53.

<sup>80</sup> HOOVER, John Edgar. *Mestres do Embuste*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1963, p. 289.

<sup>81</sup> HOOVER, John Edgar. *Estudo sobre o Comunismo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1963, pp. 199-208.

enunciavam, portanto, conflitos entre comunismo e capitalismo. Sob essa perspectiva, o que a União Soviética ameaçava eram os Estados Unidos, a hegemonia desse país e tudo o que ela representava aos olhos de Hoover e de outros conservadores.

Esse tipo de visão teve duas consequências principais. A primeira foi uma paranoia que interpretava como comunista qualquer coisa que não se encaixasse nos “valores americanos”. A segunda foi a construção de frente de batalha ampla contra o comunismo. Dado esse perigo vermelho grande e irrestrito (e na maioria das vezes fictício), os instrumentos pelos quais o comunismo seria combatido também deveriam ser diversificados: investimento militar pesado, esforços educativos anticomunistas, repressão a movimentos considerados comunistas etc.<sup>82</sup>

As duas especialidades que o FBI desenvolveu durante o New Deal e a Segunda Guerra – inteligência e propaganda –, foram de grande valia nesse esforço anticomunista. Se nos anos 1930 o que garantiu a popularidade do Bureau foi o combate aos gângsteres famosos, nas décadas seguintes a luta contra os possíveis comunistas foi o grande tema da propaganda da instituição. Na cultura popular, o *G-man* inescrupuloso com o crime deu lugar ao agente moralista, um cristão e respeitador da lei que lutava contra inimigos ocultos<sup>83</sup>.

O crescimento do Bureau nesse período se deu justamente por um encontro de interesses: de um lado, a opinião pública cada vez mais bombardeada pelo anticomunismo através da imprensa, televisão e cinema e, do outro, a instituição que se vendia como o bastião norte-americano contra essa ameaça vermelha. Dessa forma, o FBI refinou e especializou suas técnicas clandestinas de investigação contra pessoas ditas subversivas. O foco se tornou a contenção do comunismo em âmbito doméstico, e não o trabalho investigativo criminal<sup>84</sup>.

A própria natureza da atividade de inteligência auxiliou no trilhar desse caminho. Como a alegada influência comunista na sociedade era obsessiva e irreal, não havia como produzir evidências substanciais contra os investigados. Quaisquer provas obtidas pelo FBI relacionadas a subversão eram quase sempre fruto de atividades clandestinas, como escutas, arrombamentos e interceptação de correspondências, ou seja, evidências que não poderiam ser usadas em tribunal. Dessa forma, a atividade do Bureau se tornou muitas vezes um acúmulo grande de informações problemáticas, que só foram utilizadas de

---

<sup>82</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, p. 65.

<sup>83</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, p. 203, 213 e 227.

<sup>84</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 65-66.

maneira secreta, disseminadas para a imprensa ou para políticos simpatizantes do conservadorismo do FBI e de Hoover. Organizou-se, dessa maneira, a perseguição contra grupos progressistas. Com isso, o Bureau conseguiu ampliar seus poderes e manter sua popularidade, procurando não se indispor com a opinião pública ou com políticos conservadores<sup>85</sup>.

Em 1946 o presidente Truman aprovou o uso de escutas em casos de segurança nacional, dando continuidade às práticas do FBI do período da guerra. No mesmo ano, o Bureau tentou obter aprovação do *attorney general* para organizar uma lista de comunistas do CPUSA para serem presos em casos de emergência nacional, algo parecido com o Security Index, lista do FBI de indivíduos considerados perigosos para a segurança nacional dos Estados Unidos<sup>86</sup>.

A atuação do Bureau no pós-guerra se deu ao lado da projeção das principais figuras anticomunistas do período: o deputado Richard Nixon (1969-1974) e o senador Joseph McCarthy (1908-1957)<sup>87</sup>. O envolvimento com Nixon foi em conjunto com o comitê do qual ele fazia parte, o House Un-American Activities Committee (HUAC)<sup>88</sup>. Importante instituição do anticomunismo nacional, o HUAC sempre buscou o apoio do FBI para alimentá-lo com informações sobre suspeitas de atividades subversivas. No entanto, o Bureau nunca auxiliou publicamente o comitê, sempre vazando informações

---

<sup>85</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, p. 149.

<sup>86</sup> Havia dois Index do FBI nessa época. O Security Index era uma listagem dos indivíduos mais perigosos a serem detidos em casos de emergência nacional. Já o Reserve Index reunia os nomes de pessoas consideradas menos perigosas, mas influentes. Sobre isso, ver THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 66-68.

<sup>87</sup> Richard Nixon (1913-1994) foi um advogado e político norte-americano, sendo o 37º presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Republicano. Foi o único a renunciar seu cargo, devido à sua conexão com o escândalo de Watergate, relacionado à espionagem ao partido Democrata. Entre o fim da década de 1940 e início da de 1950, foi membro do Congresso e senador pelo estado da Califórnia. Sobre ele, ver MERGEL, Sarah Katherine. *Conservative Intellectuals and Richard Nixon*. New York: Palgrave MacMillan, 2010, pp. 11-32; e PERLSTEIN, Rick (Ed.). *Richard Nixon: Speeches, Writings and Documents*. Princeton: Princeton University Press, 2008. Joseph McCarthy (1908-1957) foi um político norte-americano e senador republicano pelo estado de Wisconsin entre 1947 e 1957. Profundamente anticomunista, McCarthy se envolveu em escândalos políticos vários devido a denúncias suas de infiltração comunista nos mais altos escalões políticos norte-americanos. Após ser duramente criticado e ter suas denúncias desmoralizadas, perdeu apoio. Morreu de hepatite em 1957. Sobre o senador, ver GRIFFITH, Robert. *The Politics of Fear: Joseph R. McCarthy and the Senate*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1987, pp. 1-151.

<sup>88</sup> O HUAC foi um comitê do Congresso criado em 1938 para investigação de atividade subversiva e deslealdade dentro dos Estados Unidos. Teve papel significativo na perseguição de comunistas durante sua existência e durou até 1969, sendo renomeado para House Committee on Internal Security nesse ano. Foi extinto em 1975. Sobre o HUAC, ver DOHERTY, Thomas. *Show Trial: Hollywood, HUAC, and the Birth of the Blacklist*. New York: Columbia University Press, 2018, pp. 73-96. Sobre a relação entre HUAC e FBI, ver O'REILLY, Kenneth. *Hoover and the Un-Americans: The FBI, HUAC, and the Red Menace*. New York: Temple University Press, 1983.

sigilosamente<sup>89</sup>. Junto com o HUAC, o FBI organizou a conhecida perseguição aos imputados como comunistas em Hollywood, tendo processado inicialmente pelo menos dez produtores e roteiristas. Essa atuação também teve apoio do então presidente da Screen Actors Guild e futuro presidente do país, Ronald Reagan (1981-1989)<sup>90</sup>.

Em 1947, Hoover também usou o HUAC para repercutir suas rusgas com o presidente Truman. Ao aparecer em audiência do comitê, o diretor do FBI criticou a administração por não ser firme o suficiente na luta contra o comunismo. Essa atitude explícita de Hoover marcou sua trajetória como figura pública e do FBI como bastião anticomunista. Nesse sentido, o diretor acreditou que criticar publicamente o presidente não colocaria seu cargo em risco, utilizando-se do anticomunismo como ferramenta tanto de relações públicas como de promoção de sua própria imagem. Se desde 1924 Hoover teve de se curvar aos presidentes eleitos, em 1947 ele acreditava ter legitimidade e apoio suficientes para criticar abertamente o presidente<sup>91</sup>.

O episódio mais marcante da relação entre HUAC, Nixon e FBI foi o caso Alger Hiss, em 1948. Hiss fora funcionário público federal durante o New Deal e depois trabalhou no Department of State. Acusado de ter entregado documentos secretos do departamento para os soviéticos em 1938, foi processado por espionagem e perjúrio, sendo condenado em 1950. O caso teve bastante repercussão pública, resultando na popularidade grande que Nixon teve nas audiências do caso. Com isso, ele alcançou novo patamar no Partido Republicano, se tornando o vice-presidente do país em 1953, na eleição que colocou Dwight Eisenhower (1953-1960) no poder<sup>92</sup>.

A relação do FBI com Joseph McCarthy se deu em termos parecidos. Em seus pronunciamentos inflamados, o senador gostava de citar o FBI como fonte de suas informações sobre aqueles que considerava comunistas no governo federal estadunidense.

---

<sup>89</sup> O'REILLY, Kenneth. *The Bureau and the Committee: A Study of J. Edgar Hoover's FBI, the House Committee on Un-American Activities, and the Communist Issue*. Tese de Doutorado, University of Wisconsin, 1981, pp. 272-373.

<sup>90</sup> Ronald Reagan (1911-2004) foi o 40º presidente dos Estados Unidos, pelo Partido Republicano. Antes disso foi governador da Califórnia entre 1967 e 1975. Alçou-se como político depois de carreira em Hollywood como ator. Conhecido pelo seu conservadorismo e anticomunismo, foi uma das principais figuras da direita mundial nos anos 1980, junto com a britânica Margaret Thatcher. Sobre o neoconservadorismo de Reagan, ver MOLL, Roberto. *Reaganation: a Nação e o Nacionalismo (Neo)Conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2010, pp. 96-128.

<sup>91</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, p. 210.

<sup>92</sup> Dwight Eisenhower (1890-1969) foi um general do exército norte-americano e principal figura do país durante a Segunda Guerra Mundial. Com a estima conquistada durante o conflito mundial, conseguiu se tornar, anos depois, o 34º presidente do país, pelo Partido Republicano. JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, pp. 154-155.

Relutante em estabelecer laços públicos com figura tão controversa, o Bureau vazava secretamente informações para o senador através da Crime Records Division, tomando cuidado para nunca demonstrar apoio público a McCarthy. Construiu-se dessa forma um relacionamento que existiu durante o período conhecido como macartismo, de intensa paranoia anticomunista no governo federal estadunidense<sup>93</sup>. Os laços foram cortados apenas quando McCarthy tentou contratar um funcionário do FBI para sua equipe, algo que, se fosse levado a cabo, tornaria pública a conexão do Bureau com o já impopular senador<sup>94</sup>.

Ainda no fim dos anos 1940, o Bureau participou de outros dois casos importantes na configuração do clima anticomunista no país: a repressão ao CPUSA e o caso Rosenberg. O primeiro foi uma campanha do FBI contra a liderança do partido, focando na força do Smith Act<sup>95</sup>. Sob essa lei, Hoover coordenou a prisão de dezenas de indivíduos da organização. Ao todo, 93 líderes foram processados em 1948 nesse caso<sup>96</sup>.

Já o caso Rosenberg foi a descoberta de uma rede de espionagem soviética relacionada ao Projeto Manhattan, responsável pelo desenvolvimento da bomba atômica. Segundo o DOJ e o FBI, Julius Rosenberg – cidadão estadunidense membro do CPUSA – e sua esposa, Ethel Rosenberg, coordenaram esforço de recrutamento de militares norte-americanos de baixa patente para roubar informações sobre a bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial<sup>97</sup>. Ambos foram presos pelo Bureau em 17 de julho de 1950 e executados três anos depois por traição. Hoover definiu esse caso como o “crime do século”<sup>98</sup>.

A importância do FBI durante esse período era ressaltada pela sua presença constante nos grandes casos da época. Segundo Jeffreys-Jones,

A contribuição do FBI para o macartismo ajudou a colocar milhões de americanos no modo paranoico. Contribuiu para um clima de opinião que

---

<sup>93</sup> Sobre macartismo e FBI, ver SCHRECKER, Ellen. *Many Are the Crimes: McCarthyism in America*. New York: Little, Brown & Company, 1998, pp. 203-265. O papel de Hoover na repressão anticomunista é bastante discutido e sublinhado por Schrecker, que chegou a argumentar que o período deveria ser denominado de *Hooverism*, em vez de *McCarthyism*.

<sup>94</sup> O'REILLY, Kenneth. The FBI and the Origins of McCarthyism. In: *The Historian*, Vol. 45, No. 3 (MAY 1983), p. 374.

<sup>95</sup> O Smith Act, aprovado em 1940, tornou obrigatório o registro de digitais por parte de estrangeiros e proibia qualquer pessoa de advogar pela supressão violenta do governo ou pertencer a quaisquer instituições que manifestassem esse intuito.

<sup>96</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, pp. 160 e 162.

<sup>97</sup> Sobre o caso Rosenberg, ver LORI, Clune. *Executing the Rosenbergs: Death and Diplomacy in a Cold War World*. New York: Oxford University Press, 2016, pp. 10-41.

<sup>98</sup> POVEDA, Tony G. Controversies and Issues. In: THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2000, pp. 64-65.

ajudou o Bureau a escapar da censura pública. Seu ataque às liberdades civis, sua relutância em lutar contra o crime organizado, e sua obstrução à coordenação da segurança nacional – tudo isso permaneceu escondido no auge da era McCarthy.<sup>99</sup>

Sob esse clima político, Hoover e a alta hierarquia da instituição foram bem-sucedidos em blindar o Bureau de quaisquer críticas que sofria. Tendo aprendido com sua atuação pré-diretoria do FBI, Hoover conseguiu manter a instituição relevante no âmbito da segurança doméstica e ampliou a popularidade do Bureau em vários níveis. Mesmo se aliando a figura polêmicas, o diretor conseguiu sobreviver às críticas de seus opositores. Seu pragmatismo e as legitimidades concedidas ao FBI por parte do governo, além da atuação da agência por baixo dos panos com relação a McCarthy e ao HUAC, certamente foram fundamentais para a manutenção das atividades clandestinas do FBI, mesmo quando a paranoia anticomunista arrefeceu alguns anos depois<sup>100</sup>.

Embora as críticas ao crescimento da instituição se fizessem presentes, a máquina de relações públicas do Bureau conseguiu abafar e reverter os ataques. Em 1950 Max Lowenthal, advogado próximo ao presidente Truman, publicou o primeiro livro sobre a história do FBI, com viés bastante crítico da instituição<sup>101</sup>. Em resposta, o FBI organizou uma campanha para difamar o autor, reacendendo as críticas à administração Truman e influenciando o HUAC a chamar Lowenthal para depor, acusado de traição<sup>102</sup>.

Os presidentes de Truman até Kennedy contribuíram direta e indiretamente para o aumento da força do Bureau no país, autorizando-o a investigar casos de espionagem, sabotagem e subversão quase livremente e definindo de forma muito vaga a “segurança nacional”<sup>103</sup>. O poder legislativo também contribuiu para essa escalada da instituição. Em 1950 foi promulgado o McCarran Act, que expandia alguns pontos do Smith Act. A nova lei ampliou o registro obrigatório de indivíduos e instituições tidas como comunistas e estabeleceu novas medidas para a deportação de estrangeiros e prisão de cidadãos subversivos.

Sob esse novo guarda-chuva legal, o FBI ampliou sua atividade de vigilância, tendo checado 6 milhões de pessoas e listado 26 mil para possível prisão em casos de

---

<sup>99</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, p. 154.

<sup>100</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, p. 159.

<sup>101</sup> LOWENTHAL, Max. *The Federal Bureau of Investigation*. New York: William Sloane, 1950.

<sup>102</sup> O'REILLY, Kenneth. *Op. Cit.* 1981, pp. 212-241.

<sup>103</sup> Sobre a inocuidade do uso de termos como “subversão” e “segurança nacional”, ver O'REILLY, Kenneth. *Op. Cit.* 1991, pp. 199-200.

emergência nacional em 1953. Com essas novas informações, o Bureau disseminou-as estrategicamente para os setores público e privado, com o intuito de impedir que “subversivos” conseguissem emprego. Com relação às minorias e aos movimentos sociais, o Bureau também expandiu sua rede de vigilância e repressão. Segundo Jeffreys-Jones, nos anos 1950 se estabeleceu perseguição inédita a homossexuais, mulheres ativistas, movimentos negros e esquerdistas em geral<sup>104</sup>.

Em 1954, a promulgação do Communist Control Act aumentou a pressão sobre os ditos comunistas, negando a eles o direito ao voto e a se candidatarem a postos em sindicatos. Também por essa lei foi recomendado o banimento do CPUSA da cena política, complementando a repressão ao partido retomada desde o fim da Segunda Guerra Mundial<sup>105</sup>. Apesar disso, o FBI e Hoover foram contra a aprovação do Communist Control Act, sob o argumento de que o banimento não acabaria com a organização, apenas a colocaria na clandestinidade, o que se confirmou posteriormente<sup>106</sup>. Toda essa repressão aos comunistas no pós-guerra contribuiu para que o período fosse conhecido como o segundo Red Scare<sup>107</sup>.

O único freio institucional parcialmente eficaz contra a escalada do FBI nos anos 1950 e 1960 foi a Suprema Corte. Em meados da década de 1950, ela foi bem-sucedida em controlar o Smith Act e o Communist Control Act, estabelecendo o precedente jurídico de que não era constitucional prender pessoas por intenção de derrubar o governo, e sim por planejar de fato a queda. Dessa forma, a Suprema Corte suprimiu alguns dos dispositivos legais usados pelo FBI para repressão<sup>108</sup>. A solução encontrada pela agência foi trilhar mais insistentemente o caminho da contrainteligência, fazendo uso de manobras clandestinas, criando imagens falsas sobre aqueles que considerava simpatizantes do comunismo e sabotando os que alegava serem comunistas, em vez de processá-los<sup>109</sup>.

Em 1956, o Bureau criou o Counterintelligence Program (COINTELPRO), programa que tinha o intuito de “expor, romper, desviar, desacreditar ou então neutralizar”

---

<sup>104</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.*, 2007, pp. 155-156 e 160.

<sup>105</sup> O texto da lei pode ser consultado em <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-68/pdf/STATUTE-68-Pg775.pdf#page=3>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

<sup>106</sup> Sobre o posicionamento do FBI e de Hoover sobre a lei, ver MCAULIFFE, Mary S. Liberals and the Communist Control Act of 1954. In: *The Journal of American History*, vol. 63, No. 2 (Sept., 1976), p. 357.

<sup>107</sup> Sobre o segundo Red Scare, ver STORRS, Landon R. Y. *The Second Red Scare and the Unmaking of the New Deal Left*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2013, pp. 1-16.

<sup>108</sup> Sobre a atuação da Suprema Corte, ver KLARMAN, Michael J. *From Jim Crow to Civil Rights: The Supreme Court and the Struggle for Racial Equality*. New York: Oxford University Press, 2004, pp. 290-442.

<sup>109</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.*, 2004, p. 120.

as atividades dos investigados<sup>110</sup>. O primeiro alvo do COINTELPRO foi justamente o que restou do CPUSA, numa época em que o partido já tinha influência limitada, muito por causa da repressão do FBI em décadas anteriores e da clandestinidade do partido a partir de 1954. Ao longo dos anos, outros programas foram instituídos: COINTELPRO Socialist Workers Party (SWP), para combater o partido de esquerda de mesmo nome em 1961; COINTELPRO White Hate Organizations (1964), para reprimir grupos supremacistas brancos; COINTELPRO Black Extremist (1967), contra grupos nacionalistas negros; e COINTELPRO New Left (1968), contra grupos da dita “nova esquerda”, principalmente organizações de estudantes universitários contra a Guerra do Vietnã.

Mesmo nesse esforço violento que foram os COINTELPRO, as clivagens racial e ideológica se mostravam claramente. Segundo o historiador Kenneth O’Reilly, o esforço contra grupos supremacistas brancos se materializava em 40 operações por ano contra pelo menos 100 operações anticomunistas. Além disso, as perseguições a líderes supremacistas não foram nem de longe tão intensas quanto a Martin Luther King Jr., por exemplo. No final da década, mesmo a luta contra a “nova esquerda” resultava em repressões maiores aos estudantes negros<sup>111</sup>.

Segundo o historiador Rhodri Jeffreys-Jones, à exceção de Eisenhower, outros presidentes não souberam da existência do COINTELPRO<sup>112</sup>. No entanto, as pressões presidenciais posteriores para utilizar o FBI como ferramenta de vigilância da oposição certamente foram importantes para o acirramento das medidas investigativas utilizadas pela agência. O COINTELPRO, nesse sentido, representou o refinamento, a justificativa e a expansão das técnicas utilizadas nas investigações de grupos considerados subversivos, mas não se limitou aos indicados aqui, sendo também direcionada eventualmente a indivíduos considerados particularmente perigosos.

A excessiva e obsessiva preocupação com a inteligência fez com que investigações criminais fossem deixadas de lado. Como o combate ao comunismo tinha

---

<sup>110</sup> Do original: “(...) *expose, disrupt, misdirect, discredit or otherwise neutralize* (...)”. Airtel de Hoover para SAC Albany, 25 de agosto de 1967. COINTELPRO Black Extremist, Section 1, 100-4488006. A criação do COINTELPRO é alvo de divergências na bibliografia sobre o FBI. Jeffreys-Jones afirma que o programa teve origem numa reunião do National Security Council e foi autorizado por Eisenhower. Sobre isso, ver JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, pp. 169-170. Já segundo Theoharis, a iniciativa foi criada “unilateralmente” pelo FBI. THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, p. 120. Powers parece concordar com Theoharis, adicionando que o COINTELPRO foi desenvolvido em reunião de Hoover com agentes de inteligência doméstica do próprio Bureau. POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.*, 2004, p. 235.

<sup>111</sup> O’REILLY, Kenneth. *Op. Cit.*, 1991, pp. 201, 203 e 285.

<sup>112</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.*, 2007, pp. 169-170.

mais apelo público, a luta contra o crime organizado passou a ser secundária nas prioridades do FBI. No ano de 1959, por exemplo, o escritório de Nova York do Bureau tinha apenas quatro agentes encarregados de casos criminais e 400 encarregados de investigações de comunistas<sup>113</sup>.

A reputação do FBI e de seu diretor era muito positiva em meados dos anos 1950. Nessa época a publicidade do Bureau ganhou novo fôlego. Sob coordenação da Crime Records Division, a instituição passou a organizar mais palestras com as principais figuras do FBI para falar sobre anticomunismo. Entre 1954 e 1956, o jornalista Don Whitehead passou a escrever artigos sobre o Bureau e a luta anticomunista, e obteve apoio inédito da instituição nesse esforço. Após a Crime Records Division checar o passado do autor, a agência encarregou o jornalista de escrever a história da instituição, garantindo acesso aos arquivos do FBI.

Isso resultou no lançamento do livro *The FBI Story* em 1956, narrativa que reproduzia os valores que o Bureau tinha de si mesmo: instituição alegadamente apolítica, infalível, líder das forças policiais nacionais<sup>114</sup>. O “Foreword” do livro foi escrito pelo próprio Hoover e, com a ajuda de campanha publicitária da Crimes Records Division, a obra se tornou *best-seller*, tendo a própria divisão comprado várias cópias e as disponibilizado na biblioteca da instituição. Três anos depois foi lançado um filme inspirado nessa obra, que também foi bem-sucedido<sup>115</sup>. Aproveitando o sucesso editorial, a própria Crime Records Division organizou a publicação de livro em nome de Hoover, *Masters of Deceit*, no ano de 1958<sup>116</sup>. O conteúdo do livro, vendido como obra escrita pelo próprio Hoover, consistiu em comentários sobre o comunismo e como combatê-lo<sup>117</sup>.

A ascensão de John Fitzgerald Kennedy (1961-1963) ao poder após a eleição de 1960 mudou a realidade do FBI. Primeiramente havia a aparente aversão de Hoover por todos os Kennedy, inclusive Robert Kennedy, apontado como novo *attorney general* da administração<sup>118</sup>. Embora tivesse problemas sérios com Truman, o diretor do Bureau nunca teve ameaçado seu cargo desde que assumira, muito por causa do poder e da estima

---

<sup>113</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.*, 2004, p. 130.

<sup>114</sup> WHITEHEAD, Don. *The FBI Story*. New York: Pocket Books, 1964.

<sup>115</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.*, 2004, p. 118.

<sup>116</sup> HOOVER, J. Edgar. *Op. Cit.*, 1963.

<sup>117</sup> Segundo William Sullivan, importante *assistant director* do Bureau à época, o diretor não escreveu o livro, e sim agentes da Crime Records Division. SULLIVAN, William C. e BROWN, Bill. *The Bureau: My Thirty Years in Hoover's FBI*. New York: W. W. Norton & Company, 1979, pp. 88-89.

<sup>118</sup> Robert F. Kennedy (1925-1968) foi um advogado e político norte-americano, sendo *attorney general* dos Estados Unidos entre 1961 e 1964, durante as presidências de seu irmão, John F. Kennedy (1961-1963), e de Lyndon B. Johnson (1963-1969).

que adquiriu ao longo dos anos. Com o novo presidente, no entanto, a situação foi diferente, já que o contato entre a Casa Branca e o DOJ passou a ser mais direto entre os dois irmãos. Para completar, os grupos mais liberais do partido democrata fizeram muita pressão para que o presidente demitisse Hoover<sup>119</sup>. Desse modo, a conexão direta entre o diretor e o presidente, tão comuns nos governos Roosevelt e Eisenhower, passou a ser mais escassa<sup>120</sup>.

Complementarmente a isso, duas plataformas políticas da nova administração desafiavam o funcionamento do Bureau. A primeira era a aproximação das pautas dos Civil Rights, movimento que os Kennedy relutantemente se viram obrigados a contemplar. Embora o presidente não fosse particularmente a favor da integração racial e tivesse que enfrentar a velha guarda sulista do partido, a força que os movimentos negros ganharam no fim dos anos 1950 e começo dos anos 1960 tornou impossível para a presidência não agir na questão racial. Como o governo também não podia ameaçar seu apoio sulista com medidas muito enfáticas, o apoio às pautas contra a segregação racial se tornou ponto sensível da administração presidencial<sup>121</sup>.

A segunda plataforma política foi o combate ao crime organizado, pauta da campanha de Kennedy e crítica severa ao governo Eisenhower, que tinha deixado esse trabalho de lado. Assim, com a vitória democrata na eleição de 1960, a questão da subversão deixou de ser o foco central da relação entre a Casa Branca, o FBI e o DOJ. No entanto, diferentemente do período de 1924 a 1933, quando também houve essa demanda política maior por combate ao crime em vez de trabalho de inteligência, o Bureau não passava por crise institucional ou corte de verbas em 1960. Dessa forma, o novo governo encontrou dificuldades para controlar a atividade de inteligência do Bureau<sup>122</sup>.

Com a atuação do movimento estudantil e de movimentos negros cada vez mais intensa, a partir dos anos 1960 a inteligência do FBI passou a investigar com fôlego renovado as mobilizações sociais que explodiam por todo o país<sup>123</sup>. Novas iniciativas tomaram forma sob os auspícios da Crime Records Division e da Domestic Intelligence Division, encarregadas de propaganda e inteligência, respectivamente<sup>124</sup>.

---

<sup>119</sup> Diferentemente do Brasil, onde o termo “liberal” geralmente tem conotações direitistas e indica algum grau de defesa do liberalismo econômico, nos Estados Unidos a categoria “liberal” se refere a grupos progressistas.

<sup>120</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.*, 2007, p. 149.

<sup>121</sup> O'REILLY, Kenneth. “The FBI and the Civil Rights Movement during the Kennedy Years: from the Freedom Rides to Albany”. In: *The Journal of Southern History*, vol. 54, No. 2 (May, 1988), p. 202-205.

<sup>122</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.*, 2007, p. 163.

<sup>123</sup> O'REILLY, Kenneth. *Op. Cit.*, 1991, p. 38.

<sup>124</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.*, 2004, p. 258.

Essa tensão criada pelas diferenças entre DOJ e FBI deu origem a novos esforços investigativos tanto no campo criminal como no de inteligência. Criou-se, por exemplo, o Witness Protection Program, importante para proteger testemunhas fundamentais no julgamento de mafiosos perigosos. Ao mesmo tempo, o Bureau desenvolveu o Communist Influence in Racial Matters (CIRM) e o Communist Infiltration (COMINFIL), novos programas de investigação para avaliar o grau de infiltração comunista em instituições e movimentos sociais, particularmente no movimento negro<sup>125</sup>.

Dois casos específicos no ano de 1963 foram importantes e causaram danos à imagem do Bureau. O primeiro foi o assassinato de Medgar Evers – ativista negro ligado à NAACP – por um supremacista branco<sup>126</sup>. Encarregado de investigar o caso a pedido do governo, o FBI alegou alguns dos problemas usuais ao tentar conduzir o caso: falta de legislação e falta de cooperação da polícia local. Embora do ponto de vista estritamente jurídico o Bureau tivesse razão, é notável pela atuação da agência no período que, se houvesse interesse nesse tipo de investigação, esses fatores não seriam tão impeditivos. O histórico do FBI de flexibilizar as diretivas presidenciais secretas, por exemplo, mostra que Hoover e a alta hierarquia da instituição tinham poder suficiente para fazer valer suas vontades. No entanto, os direitos civis dos negros norte-americanos não estavam na agenda desses homens.

O segundo caso foi o assassinato do presidente Kennedy, em 1963, por Lee Harvey Oswald. Embora o Bureau não fosse encarregado da proteção ao presidente, tarefa reservada ao Secret Service, é notável a falta de conhecimento da instituição sobre o processo que levou à execução do presidente. Mesmo que Oswald tenha desertado para a URSS, tivesse contatos comunistas no México e tivesse recentemente voltado de visita a Cuba, ainda, segundo consta, o FBI não tinha muitas informações recolhidas sobre ele<sup>127</sup>.

A vigilância exercida pelo Bureau aos movimentos sociais se intensificou ainda mais com a ascensão de Lyndon Baines Johnson (1963-1969) à presidência. Ainda que o contato direto entre a Casa Branca e o FBI tenha sido restaurado devido à boa relação

---

<sup>125</sup> BUITRAGO, Ann Mari; IMMERMANN, Leon Andrew. *Are You Now or Have You Ever Been in the FBI Files? How to Secure and Interpret Your FBI Files*. New York: Grove Press, Inc., 1981, p. xiii.

<sup>126</sup> Evers se envolveu em alguns episódios marcantes do movimento em seu estado, o Mississippi. Participou, por exemplo, da luta contra a segregação racial em escolas e universidades e no boicote a comerciantes brancos locais. No dia 12 de junho de 1963, ele foi executado na cidade de Jackson, Mississippi, pelo supremacista branco Byron De La Beckwith, com um tiro nas costas. Beckwith foi julgado, mas por júri composto inteiramente de brancos, que acabou absolvendo o réu. Ele só foi condenado pelo crime nos anos 1990. Sobre Medgar Evers e o assassinato, ver WILLIAMS, Michael Vinson. *Medgar Evers: Mississippi Martyr*. University of Arkansas Press, 2011.

<sup>127</sup> JEFFREYS-JONES, Rhodri. *Op. Cit.* 2007, p. 168.

entre o presidente e o diretor, a partir de 1965 Hoover só pôde ser mantido no cargo por decreto presidencial. Isso porque havia completado 70 anos, idade de aposentadoria compulsória para servidores federais. Dessa forma, estabeleceu-se relação mais dependente do diretor em relação ao presidente, já que Johnson escolheu manter Hoover no cargo.

Com isso, o FBI passou a ser diretamente utilizado para investigar os críticos de Johnson. A animosidade em comum do presidente – um democrata sulista – e da alta hierarquia do Bureau pelos democratas mais liberais da administração Kennedy foi combustível para que a agência vigiasse de perto esse grupo. Com o passar do mandato de Johnson, esses funcionários foram sendo substituídos, incluindo Robert Kennedy, que saiu do governo para se lançar na carreira política. Ainda no fim de seu primeiro mandato, Johnson usou o FBI para vigiar a Convenção do Partido Democrata de 1964, com a agência mantendo-o informado sobre as atividades de diversos movimentos sociais no evento<sup>128</sup>.

O presidente instrumentalizou o FBI também contra os opositores da Guerra do Vietnã. Ponto sensível da administração democrata, o confronto bélico gerou tensões por todo o país entre meados dos anos 1960 e o começo dos anos 1970<sup>129</sup>. De começo, estabeleceu-se monitoramento aos congressistas e senadores que falavam, ainda timidamente, contra a intervenção norte-americana no país asiático. À medida que a pauta antiguerra foi tomando conta de outros setores da sociedade – como o movimento estudantil – as investigações também se expandiram para incorporar esses novos opositores<sup>130</sup>. O Bureau passou a produzir relatórios constantes para a presidência, ressaltando como as pautas dos opositores tinham pontos em comum com as posições emitidas pela URSS<sup>131</sup>.

A partir de meados da década de 1960, Hoover passou a restringir as ações investigativas clandestinas do FBI. As reformas do diretor entre 1965 e 1966 diminuíram

---

<sup>128</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 125. A Convenção de 1964 ficou famosa pela atuação do Mississippi Freedom Democratic Party (MFDP), formado em protesto ao Partido Democrata nesse estado, que não permitia participação de negros. Sobre o MFDP, ver TODD, Lisa Anderson. *For a Voice and the Vote: My Journey with the Mississippi Freedom Democratic Party*. Lexington: University Press of Kentucky, 2014.

<sup>129</sup> Sobre as políticas de Johnson relacionadas à guerra do Vietnã, ver BUZZANCO, Robert. *The Politics of Escalation in Vietnam During the Johnson Years*. In: *Idem & YOUNG, Marilyn B. (Ed.). A Companion to the Vietnam War*. Malden: Blackwell Publishing Company, 2002, pp. 174-197.

<sup>130</sup> Sobre o movimento anti-guerra, ver TISCHLER, Barbara. *The Antiwar Movement*. In: BUZZANCO, Robert & YOUNG, Marilyn B. (Ed.). *A Companion to the Vietnam War*. Malden: Blackwell Publishing Company, 2002, pp. 384-402.

<sup>131</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, pp. 278-9.

o uso de escutas, as interceptações de correspondências e os arrombamentos<sup>132</sup>. Segundo Richard Gid Powers, isso se deu por conta de esforços do Congresso e do Senado em estabelecer alguma supervisão às atividades do Bureau nesses anos. De acordo com Athan Theoharis, o diretor passou a considerar essas técnicas investigativas muito arriscadas no clima político estadunidense daquele momento, marcado pela ascensão dos movimentos sociais e pelas revoltas raciais urbanas constantes<sup>133</sup>. De qualquer modo, a diminuição das atividades investigativas clandestinas já era sintoma da progressiva perda de poder da agência.



**Imagem 2 – J. Edgar Hoover depondo em audiência em Washington D. C., 18 de setembro de 1968. Ao final da década de 1960 o poder do FBI já declinava no contexto da exposição dos abusos cometidos pela agência. Fonte: <<https://theconversation.com/j-edgar-hoovers-revenge-information-the-fbi-once-hoped-could-destroy-rev-martin-luther-king-jr-has-been-declassified-118026>>. Acesso em: 15 mai. 2021.**

A ascensão de Nixon no ano de 1969 representou o declínio acentuado do poder do FBI. A obsessão do novo presidente em conter seus opositores e críticos levou a vários abusos que expuseram seu governo e, posteriormente, o próprio Bureau. O político

---

<sup>132</sup> Essas limitações se restringiram às investigações comuns do FBI, já que o COINTELPRO, por exemplo, continuou na ativa por vários anos.

<sup>133</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, pp. 271-2; THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, p. 130.

republicano demandou que a agência mantivesse fluxo constante de informações sobre seus adversários políticos, os movimentos estudantis e o movimento negro. A vigilância sobre funcionários da Casa Branca e do National Security Council (NSC) tornou-se comum em seu mandato, principalmente após vazamentos de informações da Casa Branca para o jornal *The New York Times* no início do governo<sup>134</sup>. Estabeleceu-se também vigilância a Edmund Muskie e Herbert Humphrey, adversários democratas de Nixon na eleição de 1968<sup>135</sup>.

Mesmo com toda essa rede de informações e vigilância, o presidente ainda se mostrou insatisfeito com o trabalho do Bureau. Com isso, a Casa Branca montou uma força-tarefa com os principais nomes das agências de inteligência dos Estados Unidos, chefiada por um assessor de Nixon, Tom Charles Huston. O objetivo desse esforço era revisar e avaliar toda a atividade investigativa de inteligência do país e recomendar mudanças para atender aos interesses da nova administração. O relatório final da força-tarefa, chamado de *Huston Plan*, previa escalada sem precedentes de técnicas clandestinas de investigação, como arrombamentos, escutas sem autorização do Poder Judiciário e interceptação de correspondências<sup>136</sup>. Hoover – que impusera limites a essas atividades clandestinas no FBI anos antes – e o então *attorney general* John N. Mitchell se mostraram contra o plano. O argumento dos dois era que não havia como manter essas práticas em segredo em país já marcado por tensões sociais exacerbadas. Sob pressão, Nixon voltou atrás após sua inicial aceitação do plano<sup>137</sup>.

No início dos anos 1970, outros escândalos e eventos abalaram o FBI. Em 1971, um grupo de radicais invadiu um prédio do Bureau na Pensilvânia e obteve vários arquivos sensíveis da instituição, entre eles documentos do COINTELPRO New Left. Com isso, a alta hierarquia do Bureau decidiu que o programa deveria ser interrompido. A posterior disseminação desses documentos vazados para o público contribuiu para que o COINTELPRO fosse descoberto pela mídia. Posteriormente, Carl Stern – jornalista da NBC – pediu acesso aos arquivos do programa de acordo com as diretrizes do Freedom

---

<sup>134</sup> O NSC é um conselho formado pelo presidente, funcionários do governo e conselheiros de segurança, com o objetivo de aconselhar e auxiliar o presidente no campo da segurança nacional e da política exterior dos Estados Unidos. Foi criado pelo presidente Harry Truman em 1947. Sobre o NSC, ver GANS, John. *White House Warriors: How the National Security Council Transformed the American Way of War*. New York: Liveright, 2019.

<sup>135</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 127-8.

<sup>136</sup> Sobre o Huston Plan, ver *Hearings Before the Select Senate Committee to Study Governmental Operations With Respect to Intelligence Activities*, Volume 2, Huston Plan.

<sup>137</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, pp. 283-287.

of Information Act (FOIA). Tendo sua requisição negada, Stern processou o Bureau e conseguiu acesso às fontes em 1973, expondo os abusos da agência<sup>138</sup>.

Já bastante debilitado no começo da década, Hoover faleceu em maio de 1972, vítima de ataque cardíaco. Sem sua principal figura, o FBI construído pelo velho diretor durou pouco. Um mês após a morte dele, cinco homens foram presos ao tentar invadir o quartel-general do Partido Democrata no complexo Watergate, na capital do país. Encarregado de investigar esse episódio no ano seguinte, o Ervin Committee descobriu que os criminosos haviam sido contratados por ex-agentes da Central Intelligence Agency (CIA) e do FBI ligados à campanha de reeleição de Nixon<sup>139</sup>. O inquérito do comitê revelou vários escândalos do governo do republicano, como a vigilância aos seus próprios funcionários na Casa Branca e o abortado *Huston Plan*. Em audiência do Senado em 1973, o sucessor de Hoover na diretoria do FBI – Louis Patrick Gray III – admitiu que havia destruído arquivos sensíveis relacionados a vários desses acontecimentos, o que contribuiu para que a imagem do Bureau fosse seriamente afetada<sup>140</sup>.

À contínua crise política do segundo mandato de Nixon somaram-se também a crise econômica crescente desde os anos 1960, a crise do petróleo de 1973 e a retirada das tropas norte-americanas do Vietnã. Já frágil politicamente, o presidente renunciou em agosto de 1974. Nesse clima político, as três principais agências de inteligência civis – FBI, CIA e NSA –, bastante desgastadas àquela altura, passaram a ser alvo de escrutínio por parte do governo norte-americano. Formaram-se, em janeiro de 1975, dois comitês para investigar os abusos dessas instituições: o Pike Committee, do Congresso; e o Church Committee, do Senado<sup>141</sup>. Este último foi responsável pela recomendação de reforma estrutural no Bureau, encerrando a Era Hoover na instituição. Em seu relatório

---

<sup>138</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.* 2004, pp. 287-291.

<sup>139</sup> Sobre o escândalo de Watergate, ver KUTLER, Stanley I. *Watergate: A Brief History with Documents*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010. O Ervin Committee foi um comitê senatorial encarregado da investigação do escândalo de Watergate. Ganhou esse nome graças ao senador democrata que o presidiu, Sam Ervin. O relatório final do comitê e as transcrições das audiências podem ser lidos em <<https://catalog.hathitrust.org/Record/003212943>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

<sup>140</sup> THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.* 2004, pp. 136-7.

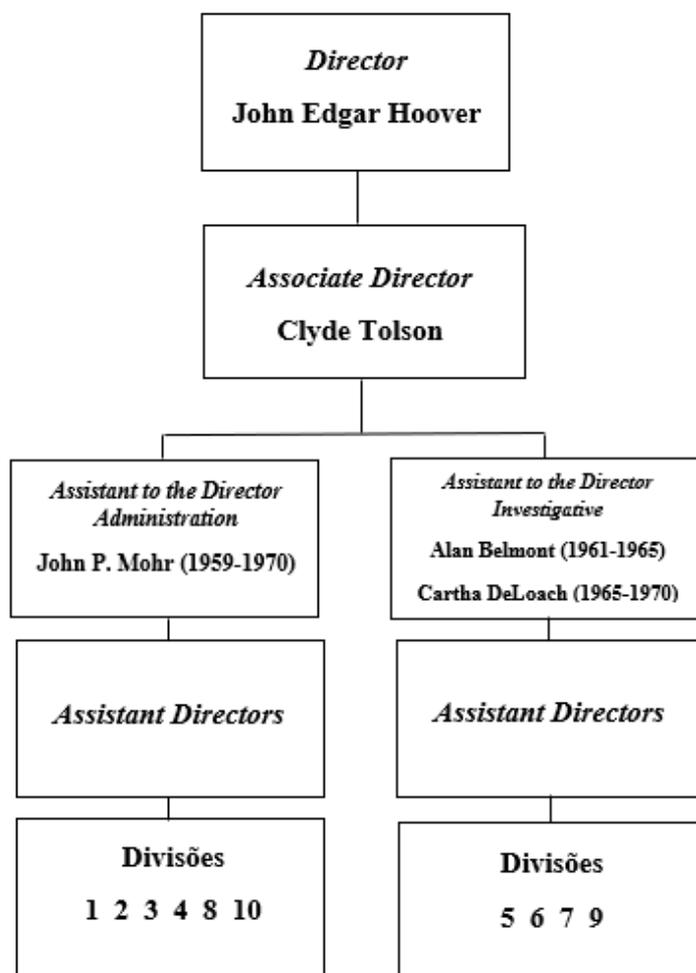
<sup>141</sup> Os nomes Pike Committee e Church Committee se devem aos democratas que presidiram os dois comitês, Otis Pike e Frank Church, respectivamente. O relatório final do Pike Committee e as transcrições de suas audiências podem ser lidos em <<https://archive.org/details/PikeCommitteeReportFull/mode/2up>> e <<https://archive.org/details/PikeCommitteeIntelligenceHearings/page/n1/mode/2up>>. Acesso em: 16 jun. 2020. Sobre o Church Committee, ver SCHWARZ JR, Frederick A. O. The Church Committee and a new era of intelligence oversight. In: *Intelligence and National Security*, Vol. 22, 2007, pp. 270-272.

final, o comitê caracterizou a atividade de inteligência doméstica do período 1939-1975 como um “Colosso de Segurança Nacional”<sup>142</sup>.

#### 1.4 – Organização e hierarquia do FBI (1950-1968)

Para esta pesquisa, além da trajetória do FBI, é importante conhecer a sua estrutura e hierarquia para entendermos seu funcionamento. Nesse sentido, precisamos saber quais cargos existiam e com quais atribuições. A hierarquia do Bureau mudou significativamente ao longo dos anos desde sua fundação. Com isso, optamos por expor sua estrutura a partir da Segunda Guerra Mundial, já que a agência dessa época foi a que produziu as investigações de Malcolm X e Martin Luther King Jr.

Organograma 1 – Cargos do Quartel-General



<sup>142</sup> *Supplementary Reports on Intelligence Activities*, Book VI, p. 132. O relatório pode ser consultado em [https://www.aarclibrary.org/publib/contents/church/contents\\_church\\_reports\\_book6.htm](https://www.aarclibrary.org/publib/contents/church/contents_church_reports_book6.htm). Acesso em: 26 abr. 2020.

Começamos pelo quartel-general do FBI em Washington D.C. No topo da hierarquia tinha-se o diretor, que durante o período estudado sempre foi John Edgar Hoover. A função do diretor era supervisionar o funcionamento da instituição, coordenar a comunicação entre as diferentes divisões do quartel-general e realizar o contato formal entre o FBI, o DOJ e a Casa Branca. Abaixo dele se encontrava o *associate director*, Clyde Tolson, braço direito do diretor desde os anos 1930. Sua responsabilidade era supervisionar a parte administrativa do quartel-general. Abaixo do *associate director* havia os *assistants to the director* (encarregados da parte administrativa e investigativa) e os *assistant directors*, sendo que esse últimos chefiavam as divisões do Bureau. Esse esquema está no Organograma 1.

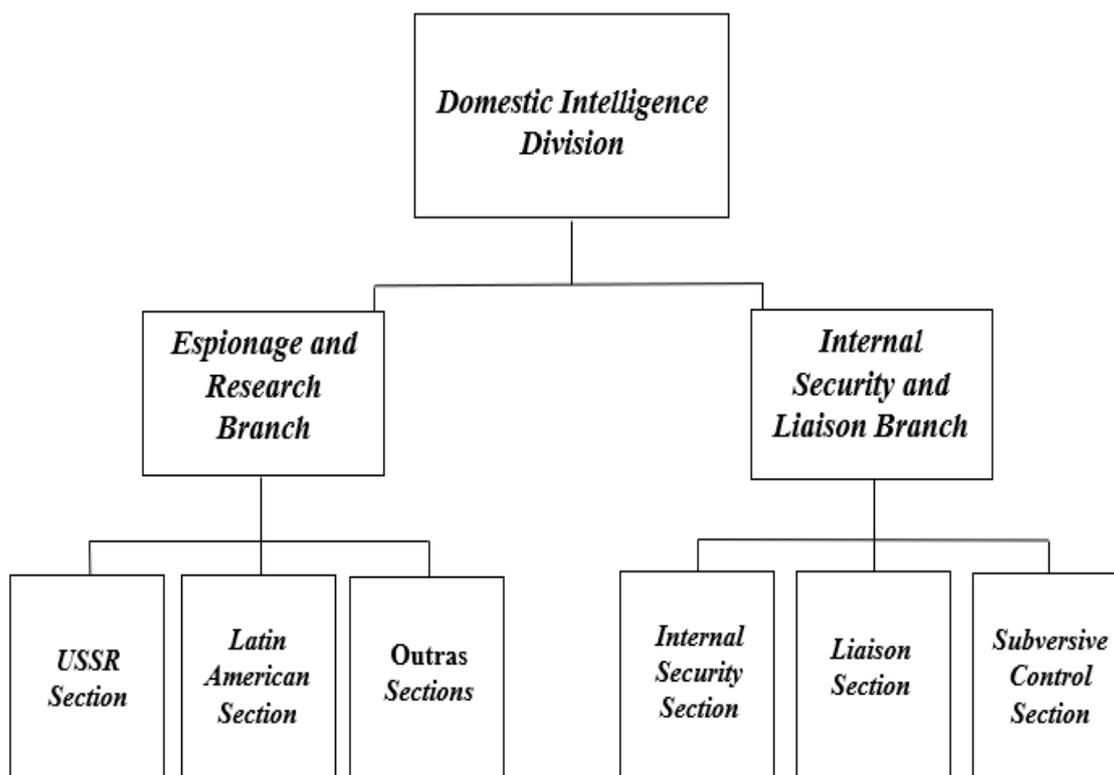
No começo dos anos 1960, havia as seguintes divisões no quartel-general:

- Identification Division (Divisão 1): responsável pelo arquivo de impressões digitais e pela identificação de suspeitos.
- Training Division (Divisão 2): responsável pelo treinamento de novos agentes e pela manutenção da Academia do FBI em Quantico, Virgínia.
- Administrative Division (Divisão 3): responsável por orçamento, contabilidade, recrutamento, alocação e outras questões administrativas.
- Files and Communications Division (Divisão 4): responsável pela manutenção dos arquivos das investigações.
- Domestic Intelligence Division (Divisão 5): responsável por investigações de inteligência.
- General Investigative Division (Divisão 6): responsável por investigações que não eram jurisdição da Divisão 5 ou da Divisão 9.
- Laboratory Division (Divisão 7): responsável pela administração e manutenção do laboratório forense do Bureau.
- Crime Records Division (Divisão 8): responsável pelas relações públicas do FBI.
- Special Investigative Division (Divisão 9): responsável pelos casos de crime organizado e por investigações de antecedentes de funcionários públicos.
- Inspection Division (Divisão 10): responsável pela supervisão das atividades investigativas tanto no quartel-general quanto nos escritórios regionais.

Nas investigações aqui estudadas, apenas algumas dessas divisões aparecem. As divisões 5 e 8 são as mais importantes, enquanto as divisões 3, 6 e 10 estão presentes apenas pontualmente. A Divisão 5 era encarregada de todas as investigações de inteligência doméstica, como seu próprio nome já diz. Nesse sentido, foi a responsável direta pelos casos Martin Luther King Jr. e Malcolm X.

As divisões se subdividiam em *branches*, *units* e *sections*. A seguir, as unidades que formavam a Divisão 5 (Organograma 2).

**Organograma 2 – Organização da Divisão 5**



Durante o período aqui estudado, ela teve dois *assistant directors* chefiando-a: Alan Belmont, entre 1950 e 1961, e William Sullivan, entre 1961 e 1970. Como se pode notar no Organograma 1, eram funcionários que trabalhavam por longo tempo na mesma divisão. Belmont foi promovido a *assistant to the director* (o 3ª na hierarquia do Bureau) em 1961 e deixou suas funções na divisão. Sua presença na documentação é pequena apesar de sua posição na hierarquia. No caso Malcolm X, ele aparece como destinatário

de apenas dois documentos durante os 12 anos de inquérito; no caso King, aparece como destinatário de 65 escritos e remetente de apenas um<sup>143</sup>.

Já William Sullivan foi peça-chave principalmente da investigação de King, ao lado de Hoover<sup>144</sup>. A importância dele é atestada na documentação: na investigação de Malcolm X, Sullivan produziu apenas um documento e foi destinatário de 27. No inquérito de King, o *assistant director* produziu 24 escritos e foi destinatário de outros 245. Essas informações podem ser consultadas nas Tabelas 1 e 2. Como se percebe, parte significativa do fluxo de informações do inquérito passou por ele, embora sejam números pequenos se comparados aos de Hoover.



**Imagem 3 – William C. Sullivan na década de 1960, quando era chefe da Divisão de Inteligência Doméstica. Teve papel fundamental em várias investigações controversas do FBI, como a de Martin Luther King Jr. Fonte: <<https://standpointmag.co.uk/the-troubling-legacy-of-martin-luther-king/>>. Acesso em: 15 mai. 2021.**

---

<sup>143</sup> É importante ressaltarmos que esses números são relativos às documentações consultadas na pesquisa – o *corpus* documental do quartel-general –, não ao total das duas investigações. Muitas fontes ainda estão indisponíveis para consulta, como documentos muito sensíveis e os arquivos dos escritórios regionais do Bureau. Além disso, é provável que parte significativa dos documentos tenha sido destruída pelos próprios funcionários. THEOHARIS, Athan. *Op. Cit.*, 2004, p. 109.

<sup>144</sup> O'REILLY, Kenneth. *Op. Cit.* 1991, p. 130.

A Divisão 8, Crime Records Division, foi chefiada por Louis Nichols (1953-1959) e Cartha DeLoach (1959-1965) no período aqui estudado. A divisão tinha várias responsabilidades, todas de alguma forma ligadas às relações públicas da instituição: processar e responder cartas de civis; fazer resenhas de livros publicados que citassem o Bureau ou o diretor; conduzir *tours* pelos edifícios do FBI; fazer a manutenção da biblioteca da agência; realizar pesquisas para os livros publicados pela instituição; coordenar a comunicação do Bureau com produtores de televisão e cinema; escrever artigos para publicação em revistas; escrever discursos para palestras de funcionários de alto escalão do FBI; e organizar o programa Most Wanted, a lista dos 10 fugitivos mais procurados do país<sup>145</sup>.



**Imagem 4 – Cartha DeLoach, no centro, acompanhando Hoover e o Special Agent in Charge Roy Moore na inauguração do escritório de Jackson, Mississippi, em 10 de julho de 1964. DeLoach foi um dos conselheiros mais próximos do diretor do FBI. Fonte: <<https://www.fbi.gov/news/stories/deke-deloch-adviser-to-j-edgar-hoover-dies-at-92>>. Acesso em: 15 mai. 2021.**

A presença dessa divisão nas investigações que analisamos se deu pela grande circulação de documentos dos dois inquéritos fora do FBI. Como veremos nos capítulos

---

<sup>145</sup> ROSENFELD, Susan. *Op. Cit.* 2000, p. 229.

posteriores, o interesse nas figuras de King e Malcolm X fez com que o Bureau disseminasse informações para o DOJ, a CIA e outras instituições de inteligência norte-americanas. Como a Crime Records Division era encarregada das relações públicas da agência, esses escritos provavelmente passavam pelas mãos de funcionários vinculados a ela.

**Tabela 1 – Funcionários presentes na documentação do caso Malcolm X**

<b>Funcionários do FBI</b>	<b>Total de Documentos</b>	
	<b>Remetente</b>	<b>Destinatário</b>
John Edgar Hoover	88	448
Frederick J. Baumgardner	10	1
William C. Sullivan	1	27
John P. Mohr	0	3
Cartha DeLoach	2	2
Alan Belmont	0	2
Alex Rosen	1	1
J. F. Bland	9	1
M. A. Jones	1	0
Joseph Sizoo	1	0
Charles D. Brennan	2	1
John F. Malone	0	1

**Tabela 2 – Funcionários presentes na documentação do caso Martin Luther King Jr.**

<b>Funcionários do FBI</b>	<b>Total de Documentos</b>	
	<b>Remetente</b>	<b>Destinatário</b>
John Edgar Hoover	451	2079
Frederick J. Baumgardner	101	0
William C. Sullivan	21	245
Clyde Tolson	2	14
John P. Mohr	1	24
Cartha DeLoach	39	54
Alan Belmont	1	65
N. P. Callahan	33	0
Alex Rosen	39	8
J. F. Bland	13	0
M. A. Jones	45	0
Courtney Evans	17	0
Joseph Sizoo	18	0
Charles D. Brennan	50	3
D. C. Morrell	15	0
D. J. Brennan Jr.	3	0
D. E. Moore	62	0
John F. Malone	0	2

Para além do quartel-general, havia os escritórios regionais (*field offices*), os *legal attachés* e as *resident agencies*. Os escritórios regionais eram os responsáveis pela condução das investigações de acordo com suas jurisdições territoriais, sob a supervisão da divisão apropriada no quartel-general. Uma investigação de inteligência conduzida em Los Angeles, por exemplo, era feita pelo escritório regional de Los Angeles e supervisionada pela Divisão 5 em Washington D.C. Cada escritório regional era chefiado por um *special agent in charge* (SAC), que era auxiliado por um ou mais *assistant special agents in charge* (ASAC). As funções do SAC eram: supervisionar toda a atividade investigativa do escritório; promover e dirigir as relações públicas do *field office*; e redigir documentos que iam do escritório para o quartel-general.

As *resident agencies* eram escritórios menores que lidavam com os casos em locais que não tinham *field office* por perto. Podiam ser minúsculas, compostas por um agente apenas, ou ter mais funcionários<sup>146</sup>. Por fim, os *legal attachés* (*legats*) eram representantes do FBI em embaixadas norte-americanas no exterior. Suas responsabilidades eram a comunicação do Bureau ou de outro órgão governamental com as embaixadas, bem como a investigação de crimes ocorridos nelas, já que seus territórios são considerados jurisdição dos Estados Unidos<sup>147</sup>.

Os dois casos aqui estudados tiveram participação de vários escritórios regionais e *legats*, devido à circulação ampla dos dois ativistas negros. Nesse sentido, como viajavam frequentemente, Malcolm X e King eram também vigiados e investigados pelos escritórios que tinham a jurisdição correspondente ao itinerário dos dois. Na investigação de Malcolm X, pelo menos 24 escritórios foram responsáveis pela vigilância do ativista, sendo pequena a participação da maioria deles. O escritório mais presente foi de longe o de Nova York (já que, durante boa parte do período aqui estudado, Malcolm X morou na cidade), que produziu 246 documentos e foi destinatário de mais 65. Como o ativista também teve atuação importante no exterior, os *legats* correspondentes também tiveram pequeno papel na investigação: Ottawa, Londres, Paris e Tóquio. A participação de cada escritório pode ser consultada na Tabela 3.

No caso King, pelo menos 55 escritórios regionais se envolveram. Cinco *legats* também aparecem na documentação: Ottawa, Londres, Roma, Paris e Manila. Também nessa investigação o escritório de Nova York se destacou: produziu 581 documentos e foi destinatário de 132. Mesmo que o escritório de Atlanta fosse o responsável pelo caso, já

---

<sup>146</sup> ROSENFELD, Susan. *Op. Cit.* 2000, p. 235-236.

<sup>147</sup> ROSENFELD, Susan. *Op. Cit.* 2000, pp. 218-219.

que o pastor morava na cidade, a presença maior de Nova York se deu porque a instituição de King, a Southern Christian Leadership Conference (SCLC), tinha nessa cidade uma de suas importantes sedes, fazendo com que o pastor se demorasse por lá. A participação de cada escritório na investigação de King pode ser consultada na Tabela 4.

**Tabela 3 – Escritórios envolvidos na investigação de Malcolm X (1953-1965)**

<b>Escritórios regionais</b>	<b>Total de Documentos</b>	
	<b>Remetente</b>	<b>Destinatário</b>
Nova York	246	65
Atlanta	2	0
Chicago	7	50
Washington D.C.	24	0
Filadélfia	33	8
Nova Orleans	3	1
Los Angeles	5	2
Mobile	2	0
San Francisco	6	1
Cleveland	3	2
Detroit	10	2
Newark	14	5
New Haven	2	0
Indianapolis	1	0
San Diego	1	0
Charlotte	1	0
Cincinnati	1	0
Jacksonville	2	0
Phoenix	4	0
Boston	14	5
Miami	7	1
Omaha	1	0
Buffalo	10	3
Albuquerque	1	0
Ottawa	3	1
Londres	7	3
Paris	7	1
Tóquio	1	0

**Tabela 4 – Escritórios envolvidos na investigação de Martin Luther King Jr. (1962-1968)**

<b>Escritórios regionais</b>	<b>Total de Documentos</b>	
	<b>Remetente</b>	<b>Destinatário</b>
Nova York	581	132
Atlanta	161	363
Chicago	281	43
Washington D.C.	61	32
Filadélfia	64	12
Nova Orleans	36	12
Los Angeles	106	28
Albany	5	3
Mobile	37	38
Savannah	17	9
San Francisco	28	9
Cleveland	41	12
Detroit	46	14
Newark	36	6
New Haven	20	4
Birmingham	34	21
Tampa	16	3
Richmond	13	5
Charlotte	38	12
Honolulu	8	1
Houston	4	3
San Juan	2	1
Louisville	19	3
Cincinnati	29	6
Las Vegas	1	1
Jacksonville	11	11
Phoenix	2	4
Boston	21	9
Portland	2	0
Memphis	18	9

<b>Escritórios regionais</b>	<b>Total de Documentos</b>	
	<b>Remetente</b>	<b>Destinatário</b>
Jackson	21	16
San Antonio	5	0
Omaha	9	4
Kansas City	3	2
Selma	0	2
Knoxville	3	2
Buffalo	6	2
Salt Lake City	0	1
Springfield	10	3
Oklahoma	2	0
Little Rock	1	2
Dallas	10	3
Columbia	17	4
Norfolk	5	1
Minneapolis	1	1
Sacramento	2	1
St. Louis	16	4
Denver	10	3
Milwaukee	28	16
Pittsburgh	14	3
Indianapolis	8	5
San Diego	3	1
Baltimore	16	10
Miami	40	10
Ottawa	3	0
Londres	2	2
Roma	2	0
Paris	10	0
Manila	1	0

## CAPÍTULO 2 – Malcolm, Malcolms: representações do ativista por parte do FBI

A investigação de Malcolm X pelo FBI se iniciou em 1953, logo após sua saída da prisão e entrada na Nação do Islã (NOI). Inicialmente, o inquérito foi bastante descontínuo, e a produção de documentos era esparsa. Para se ter ideia, de fevereiro de 1953 até junho de 1955 – período que constitui a primeira seção da investigação –, 23 documentos foram produzidos<sup>148</sup>. O contraste com o final da investigação é claro: só em fevereiro de 1965, mês em que Malcolm foi assassinado, 76 documentos foram escritos.

Essa descontinuidade pode ser explicada por dois fatores: inicialmente, a ainda reduzida capilaridade que a NOI e Malcolm tinham no cenário norte-americano no início dos anos 1950; e a grande mobilidade do ativista em meados dessa década, o que fazia com que a investigação mudasse de mãos constantemente entre alguns escritórios do FBI. Em fevereiro de 1953, do escritório de Boston para o de Detroit; em março/abril de 1954, de Detroit para Filadélfia; e em setembro de 1954, de Filadélfia para Nova York.

Na medida em que os agentes do FBI se familiarizaram com Malcolm, a investigação deixou de ser rarefeita. A partir de 1955, o ativista já se consolidara na Nação do Islã, o que fez o Bureau se interessar mais pelas doutrinas do movimento e como Malcolm as expressava. Com isso, o próprio Hoover passou a produzir documentos e a interferir na investigação, além de os escritórios regionais se preocuparem com os discursos do investigado, reproduzindo-os incessantemente nos documentos da instituição.

A partir de 1959, Malcolm e a Nação do Islã passaram a ter uma exposição pública maior, o que, por sua vez, levou a investigação do FBI a se intensificar. Nesse ano, o jornalista Louis Lomax produziu um documentário sobre o movimento, intitulado *The Hate that Hate Produced*, indicando como a segregação racial foi responsável pela criação e crescimento do movimento, com imagens de eventos da NOI autorizadas pela organização<sup>149</sup>. Além disso, Malcolm e Elijah Muhammad, líder da Nação do Islã,

---

<sup>148</sup> A documentação das investigações de Malcolm X e Martin Luther King Jr. se encontra dividida em *sections* (seções). O critério das divisões por seção não é claro, já que elas variam muito em relação à quantidade de páginas e têm, muitas vezes, datas conflitantes (documentos de uma mesma data presentes em seções diferentes). A investigação de Malcolm tem um total de 24 seções. Os arquivos da investigação podem ser lidos em <<https://archive.org/details/MalcolmXFBI/malcolmX1>>. Acesso em: 6 ago. 2021.

<sup>149</sup> O documentário pode ser visto em <<https://www.youtube.com/watch?v=30Xq-MI9oeg>>. Acesso em: 21 mai. 2021.

passaram a escrever colunas semanais regulares nos jornais *New York Amsterdam News* e *Los Angeles Herald Dispatch*<sup>150</sup>. Por fim, Malcolm teve sua primeira experiência internacional, viajando em nome de Elijah e da Nação do Islã para vários países, como Arábia Saudita, Sudão, Nigéria, Gana e Egito<sup>151</sup>. No entanto, as tensões entre Malcolm e Elijah cresceram entre 1959 e 1963, devido à atenção que o ativista recebeu nessa época e à decepção que ele havia tido com seu líder<sup>152</sup>. Isso levou ao afastamento de Malcolm da NOI no fim de 1963. Durante esses últimos anos de Malcolm na Nação do Islã, os agentes do FBI passaram a pontuar essa exposição pública, definindo o investigado como manipulador, interesseiro e viciado nos holofotes.

Com a saída definitiva do ativista da Nação do Islã em março de 1964, depois do seu rompimento com Elijah, a investigação adquiriu uma intensidade ainda maior. Malcolm X fora da NOI significou, para o FBI, a possibilidade de que ele se tornasse um dos líderes dos Civil Rights e divulgasse ideias radicais para um público muito mais amplo que o da NOI. Além disso, a circulação dele no exterior a partir de abril de 1964 – em contato com embaixadores, diplomatas e figuras políticas importantes de países africanos e árabes – era vista com muito receio por parte da alta hierarquia do Bureau, que considerava isso um perigo para os Estados Unidos. Com isso, novas ações foram tomadas, como a instalação e utilização de escutas.

Tal foi o impacto de Malcolm na opinião pública que, mesmo depois de assassinado, documentos continuaram a ser produzidos pelo FBI. Ou seja, o ativista foi “investigado” mesmo depois de morto. Seu legado preocupava o Bureau, fazendo com que agentes da instituição vigiassem comemorações póstumas do seu aniversário e as possíveis produções cinematográficas e livros sobre o ativista.

Os 12 anos de investigação (1953-1965) deram oportunidade para que os agentes do FBI produzissem e circulassem diversas representações sobre Malcolm X. Em uma

---

<sup>150</sup> O *New York Amsterdam News* é um periódico semanal negro fundado em 1909 no bairro do Harlem, em Nova York. Foi um dos primeiros veículos de imprensa a produzir matérias sobre a NOI e Malcolm X, com histórico importante de publicação de colunas de grandes figuras do movimento negro norte-americano, como W. E. B. Du Bois, Roy Wilkins e Adam Clayton Powell Jr. Já o *Los Angeles Herald Dispatch* foi um jornal publicado entre 1952 e 1977 em Los Angeles, por Alexander Sanford e Pat Alexander. Mike Davis e Jon Wiener definiram-lo como “ainda mais extremo que a NOI em seu antissemitismo”. DAVIS, Mike e WIENER, Jon. *Set the Night on Fire: L.A. in the Sixties*. New York: Verso, 2020, p. 73.

<sup>151</sup> X, Malcolm e HALEY, Alex. *The Autobiography of Malcolm X as Told to Alex Haley*. New York: Ballantine Books, 2015, pp. 241-2.

<sup>152</sup> No começo da década de 1960, Malcolm descobriu que Elijah tinha recorrentes relacionamentos extraconjugais e filhos fora do casamento, fatos que feriam o rígido código moral da Nação do Islã. Esse conhecimento e a fama adquirida por Malcolm no começo do decênio despertaram preocupação e animosidade por parte de Elijah e de sua família.

sociedade profundamente racista e falando sobre um indivíduo com posicionamentos políticos tão dissidentes, os agentes do FBI “traduziram” o ativista em estereótipos comumente usados para descrever negros norte-americanos: criminoso, drogado, comunista, fanático. Essa imputação adquiria um “efeito de verdade” por causa da imagem já construída pelo Bureau sobre os negros em geral. A mencionada imagem do FBI como infalível e apolítico, por sua vez, colocava os agentes que produziram essas representações numa posição de “defensores da verdade”, dissipando o papel dos agentes e do Bureau na construção do sentido da investigação<sup>153</sup>.

Pelas características próprias da atividade de inteligência, esses julgamentos são habituais nos documentos desse tipo de inquérito. De acordo com a historiadora Ana Maria Camargo,

Nos arquivos da polícia política **predominam (...) informações nominativas, isto é, apreciações ou julgamentos de valor sobre pessoas explicitamente designadas.** E as informações de caráter pessoal encontradas nos serviços de segurança são muitas vezes imprecisas, inexatas e enganadoras (...) <sup>154</sup>  
(grifo nosso)

Esses julgamentos de valor produziram conclusões falsas, distorcidas e racistas, e ações extremamente problemáticas, como sabotagem, receptação de correspondências e vazamento de informações para a imprensa. Segundo Loch K. Johnson, as falhas na análise de dados obtidos em investigações de inteligência são fruto de “peças perdidas do quebra-cabeça” e/ou “fruto da inabilidade de indivíduos em analisar precisamente o significado das peças disponíveis (...)”<sup>155</sup>. Pela incompletude das informações coletadas, pela dificuldade da atividade de inteligência e, principalmente, pelos preconceitos expressados pela instituição, o conjunto desses documentos é problemático do ponto de

---

<sup>153</sup> Esse tipo de procedimento é comum em agências de inteligência. Ver MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 17, n. 34, São Paulo, 1997, p. 5. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200011). Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>154</sup> CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os Arquivos da Polícia Política como Fonte*. São Paulo: 1996, pp. 2 e 3 Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1987404/mod\\_resource/content/1/ACamargo\\_Os\\_arquivos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1987404/mod_resource/content/1/ACamargo_Os_arquivos.pdf). Acesso em: 28 nov. 2020. Embora a autora fale especificamente sobre as polícias políticas de regimes autoritários latino-americanos, suas reflexões também são úteis no estudo e análise de fontes de inteligência estadunidenses.

<sup>155</sup> JOHNSON, Loch K. (Org.). *Handbook of Intelligence Studies*. London and New York: Routledge, 2007, p. 3.

vista da sua veracidade. Apesar disso, eles produziram interpretações sobre os investigados que foram funcionais e mobilizadoras independentemente de sua fidelidade ou não à realidade. Embora, a seguir, apresentemos essas representações de forma separada, elas se articulavam e se sobrepunham, compondo imagens que legitimavam a investigação e as ações do FBI durante o inquérito. Essas diversas interpretações são o tema deste capítulo.

## **2.1 – Malcolm X e o comunismo**

A justificativa inicial para o estabelecimento da investigação de Malcolm, em 1953, foi a suspeita de adesão ao comunismo por parte do ativista. Embora o indício dessa conexão fosse frágil – uma afirmação vinda de uma carta escrita pelo investigado –, foi o suficiente para despertar a atenção do Bureau, juntamente com sua filiação à Nação do Islã e ascensão rápida dentro desse movimento. Mesmo que mobilizada conjuntamente com vários outros elementos para descrever Malcolm, a temática do comunismo se destacou por aparecer significativamente no início da investigação e também a partir do começo dos anos 1960, ainda que não haja quaisquer indícios de que Malcolm tenha aderido ou mesmo flertado com essa concepção política. Apenas ao final da vida o ativista começou a se interessar pelo socialismo, mas foi assassinado antes de consolidar esse posicionamento. Outras características iniciais utilizadas para descrever Malcolm, como o histórico criminal e uso de drogas, desapareceram da documentação rapidamente entre 1953 e 1954, não sendo mais mobilizadas depois disso.

Muitas vezes a questão aparecia de outra forma, sobressaindo não um comunista, mas um influenciado por comunistas que poderia “infectar” a comunidade negra norte-americana. Os relatórios e investigações da instituição continuamente afirmavam que uma possível “infiltração” comunista no movimento negro tinha sido malsucedida, mas que era necessário vigiar constantemente suas instituições e lideranças para que se impedisse que essa influência acontecesse no futuro. Isso se traduziu na investigação de Malcolm, já nos anos 1960, em nova concepção do comunismo. Para o FBI, o ativista se tornara um alvo de interesse central dos comunistas, uma voz na sociedade norte-americana capaz de canalizar potencialmente demandas de esquerda. Ao mesmo tempo, as constantes discussões dentro de movimentos socialistas sobre o extremismo de Malcolm ajudavam o próprio Bureau a defini-lo como um radical; mais que isso, como o

mais radical entre os radicais. Isso quer dizer que os vínculos que o FBI quis estabelecer entre Malcolm X e o comunismo sofreram mudanças: em alguns momentos ele era um comunista de fato, em outros era um ativista que poderia ser influenciado por comunistas. De uma forma ou de outra, Malcolm X foi se tornando um perigoso radical aos olhos do Bureau.

### 2.1.1 – Malcolm X: “influenciado” por comunistas ou “comunista” de fato?

Em um documento elaborado pelo escritório do FBI em Boston em maio de 1953, lê-se na capa que “O investigado afirmou, em junho de 1950, que ele era um comunista e, durante o mês de setembro de 1952, indicou que era membro do Culto Muçulmano do Islã”<sup>156</sup>. Segundo o historiador Manning Marable, a frase de Malcolm era de carta que o ativista escreveu na prisão para o então presidente Harry Truman (1945-1953)<sup>157</sup>. Embora essa afirmação de Malcolm não fosse verdadeira – dada a relação problemática dele com autoridades –, isso foi o bastante para que o Bureau iniciasse o inquérito sobre ele<sup>158</sup>.

A imputação como comunista está na capa de um *summary report* (SUMREP) de 1953. Os SUMREPs eram relatórios regulares feitos pelos escritórios regionais do Bureau. Tratava-se de resumo periódico do inquérito, sendo bastante longos e produzidos com um intervalo de alguns meses. Circulando apenas internamente ao FBI, os SUMREPs eram relevantes na medida em que eram trabalho de recorte e colagem de documentação do Bureau produzida anteriormente pelos agentes. Isso quer dizer que eles decidiam o que deveria ser reportado novamente e o que deveria ser deixado de lado entre as informações já coletadas durante as investigações.

Uma série de elementos paratextuais importantes podem ser observados na imagem da capa do SUMREP na imagem 5. O que se destaca primeiramente é a tarja

---

<sup>156</sup> Do original: “Subject claimed in June, 1950, that he was a Communist and during September, 1952, he indicated membership in the Muslim Cult of Islam.” *Summary report* de Boston, 4 de maio de 1953. Malcolm X FBI File, Section 1, p. 1.

<sup>157</sup> MARABLE, Manning. *Malcolm X: Uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, Edição Kindle, posições 2144 e 2154. O influente trabalho de Marable apresenta uma série de limitações metodológicas e de interpretação das fontes. No entanto, sua obra foi um esforço de mais de 20 anos, com consulta às mais variadas documentações. Dessa forma, a biografia publicada pelo historiador, embora pequena em termos de algumas interpretações da figura de Malcolm, é minimamente confiável em termos de consultas factuais sobre a vida do ativista. Para uma crítica detalhada dessa biografia, ver BALL, Jared A. e BURROUGHS, Todd Steven. *A Lie of Reinvention: Correcting Manning Marable’s Malcolm X*. Baltimore: Black Classic Press, 2012.

<sup>158</sup> Quando lidava com autoridades, Malcolm comumente passava informações errôneas sobre si mesmo, o que tornava difícil qualquer retrato do ativista. Ver por exemplo o caso de sua entrevista psiquiátrica na época de seu encarceramento em 1946. MARABLE, Manning. *Op. Cit.*, 2012, posição 1582.

preta do lado superior direito, junto com a inscrição “b7c”. Trata-se de uma parte censurada de acordo com as diretrizes do Freedom of Information Act (FOIA). Feita provavelmente décadas após a produção do documento, a censura era categorizada, sendo “b7c” a classificação relacionada a informações pessoais, como nomes<sup>159</sup>. Em outras palavras, o nome de quem fez o relatório foi suprimido, provavelmente para evitar expor o autor do documento.

FD-78 (1-10-50)

~~CONFIDENTIAL~~

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION

FORM NO. 1  
THIS CASE ORIGINATED AT **DETROIT** FILE NO.

REPORT MADE AT <b>BOSTON</b>	DATE WHEN MADE <b>MAY 4 1953</b>	PERIOD FOR WHICH MADE <b>3/20:4/1,3,6/53</b>	REPORT MADE BY [REDACTED]
TITLE <b>MALCOLM X. LITTLE, was. Malachi Shabazz; "Rytman Red"; "Detroit Red"</b>		CHARACTER OF CASE <b>b7c</b> <b>SECURITY MATTER-C</b> <b>SECURITY MATTER-MCI</b>	
SYNOPSIS OF FACTS: <b>Little Little 66-1 201-1 102-1</b> Subject resides at 4336 Williams Street, Inkster, Michigan. Subject claimed in June, 1950, that he was a Communist and during September, 1952, he indicated membership in the Muslim Cult of Islam.			

Imagem 5 – Summary report de Boston, 4 de maio de 1953, Section 1, Malcolm X FBI File.

Do lado direito do formulário, abaixo da marca de censura, vê-se a seção “Character of Case”, uma espécie de subtítulo de classificação do caso, que por vezes também era referido como *caption* ou *subject* nas fontes. Malcolm foi categorizado como “Security Matter – Communist” (SM-C) e “Security Matter – Muslim Cult of Islam” (SM-MCI). Essas classificações e descrições ocupavam um lugar privilegiado nos documentos do FBI, aparecendo logo na capa ou na primeira página de todos os escritos do Bureau.

Um dos tópicos desse *summary report*, “Atividades do Partido Comunista”, cita mais detalhadamente a afirmação de Malcolm sobre o comunismo em sua carta: “Sempre fui um comunista. Tentei me alistar no exército japonês na última guerra, e agora eles nunca me aceitarão no exército dos Estados Unidos”<sup>160</sup>. A expressão mostra a estratégia

<sup>159</sup> Nomes de agentes e de informantes eram censurados de acordo com essa categoria b7c. Para uma lista completa das categorias, ver <https://vault.fbi.gov/explanation-of-exemptions>. Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>160</sup> Do original: “I have always been a Communist. I have tried to enlist in the Japanese Army, last war, now they will never draft or accept me in the U.S. Army.” *Summary report* de Boston, 4 de maio de 1953, p. 3, Section 1, Malcolm X FBI File.

de Malcolm de confundir as autoridades: aqui ele aproxima o comunista com a tentativa inverossímil de se alistar no exército japonês. Ou seja, em poucas frases ele se coloca como partidário dos “inimigos” dos Estados Unidos: os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial e depois os comunistas.

Em junho de 1953, o escritório de Detroit encomendou a preparação de um cartão do *Security Index* para Malcolm X (imagem 6). Na ficha com os dados a serem preenchidos, marcou-se o ativista nos campos *Detention of Communist* (DETCOM) e *Communist Saboteur* (COMSAB) – dois programas do FBI de investigação de comunistas –, apesar de não o marcarem como comunista propriamente dito, como pode ser visto na parte inferior do documento<sup>161</sup>. O serial que classificava o caso, o número “100” logo ao lado do remetente, também compunha essa atribuição inicial ao investigado, sendo o equivalente a “Segurança Doméstica”, o mesmo usado para categorizar comunistas<sup>162</sup>.

FD-122  
(1-2-51)

**Office Memorandum • UNITED STATES GOVERNMENT**

TO : Director, FBI (

FROM : SAC, Detroit (100-21719)

SUBJECT: MALCOLM K. LITTLE, was.  
SECURITY MATTER - MCI

DATE: June 8, 1953.

*Prepare card  
for file  
6-26-53 ap*

*gr 6-1  
gr 9-1  
gr 2-1*

It is recommended that a Security Index Card be prepared on the above-captioned individual.

The Security Index Card on the captioned individual should be changed as follows: (Specify change only)

NAME MALCOLM K. LITTLE

ALIASES Malachi Shabazz; "Rhythm Red"; "Detroit Red"; Jack Carlton; Malcolm X Little

NATIVE BORN  NATURALIZED  ALIEN

COMMUNIST  SOCIALIST WORKERS PARTY  INDEPENDENT SOCIALIST LEAGUE

MISCELLANEOUS (Specify) Muslim Cult of Islam

TAB FOR DETCOM  TAB FOR COMSAB  RACE Negro SEX Male

DATE OF BIRTH May 19, 1925 PLACE OF BIRTH Omaha, Nebraska

ALL INFORMATION CONTAINED  
HEREIN IS UNCLASSIFIED  
DATE 11-20-13 BY [signature]

*Show Organization  
Affiliation as  
"Muslims"  
P.L.C.*

Imagem 6 - Memorando de Detroit para Hoover, 8 de junho de 1953, Section 1, Malcolm X FBI File.

<sup>161</sup> Os programas DETCOM e COMSAB foram criados no fim dos anos 1940 especificamente para listar nomes de comunistas com potencial para sabotar o país, que deveriam ser presos em casos de emergência nacional, de forma semelhante ao *Security Index*. THEOHARIS, Athan. *Spying on Americans: Political Surveillance from Hoover to the Huston Plan*. Philadelphia: Temple University Press, 1978, p. 48.

<sup>162</sup> O serial era composto por dois números: o primeiro uma classificação e o segundo a identificação do caso. O número de identificação da investigação de Malcolm X variava entre o quartel-general (100-399321) e cada um dos escritórios regionais (100-21719 para Detroit, por exemplo). Sobre os serials, ver LANGBART, David A. *Unlocking the Files of the FBI: A Guide to Its Records and Classification System*. Wilmington: Scholarly Resources Inc., 1993, pp. 99-102.

À medida que a investigação mudava de mãos em meados dos anos 1950 – em resposta às mencionadas constantes viagens de Malcolm pelo país para estabelecer novos templos da NOI –, a questão do comunismo era novamente mobilizada para descrevê-lo. Em outro *summary report* de Detroit, novamente a carta do ativista para Harry Truman foi reproduzida, dessa vez no tópico “Conexões com o Partido Comunista e Grupos Relacionados” e subtópico “Conexões com o Partido Comunista”<sup>163</sup>. Detroit era ainda cidade industrial, portanto a preocupação do FBI devia ser com a possível atividade de Malcolm X na cidade, onde os comunistas podiam atuar junto aos trabalhadores. Quando o escritório de Detroit passou a investigação para o da Filadélfia, em abril de 1954, a ficha de Malcolm já não marcava os programas DETCOM e COMSAB, mas indicava que Malcolm tinha um Communist Index Card, uma ficha específica do Bureau contendo informações sobre atividades e contatos comunistas<sup>164</sup>.

A falta de evidências de que Malcolm aderira ao comunismo fazia com que o tema se apresentasse de forma descontínua na documentação. Em ficha do escritório da Filadélfia sobre o investigado, os campos DETCOM e COMSAB foram novamente preenchidos, enquanto no *summary report* produzido por esse mesmo escritório (Filadélfia) já não havia mais nenhum tópico sobre o comunismo<sup>165</sup>. Percebe-se que o tema ia e vinha de acordo com as considerações de cada escritório. Entre fevereiro de 1953 e maio de 1954, sete documentos categorizaram Malcolm como *Security Matter – Communist*, contra apenas um após essa data. Quando passou a conhecer melhor o investigado, o FBI concentrou-se no ativismo de Malcolm dentro da NOI.

Essa inconsistência dos temas “comunismo” e “influência comunista” relativos a Malcolm não foi exclusividade dessa investigação. Em monografia produzida pelo Bureau em 1953 sobre a população negra e o comunismo, o FBI, como indicado, concluiu que o Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) tinha sido malsucedido em infiltrar-se no movimento negro. Mais que isso, dizia-se que havia um “desejo profundo dos negros por total igualdade *dentro* da sociedade americana” (itálico original)<sup>166</sup>. Mais tarde, em 1956, outra monografia foi produzida sobre o assunto, com a mesma

---

<sup>163</sup> *Summary report* de Detroit, 16 de março de 1954, Section 1, Malcolm X FBI File, pp. 5 e 6.

<sup>164</sup> Memorando de Detroit para Hoover, 12 de abril de 1954, Section 1, Malcolm X FBI File.

<sup>165</sup> Memorando de Filadélfia para Hoover, 22 de setembro de 1954, Malcolm X FBI File. Quando Malcolm se mudou para Nova York, o escritório da cidade novamente desmarcou os campos DETCOM e COMSAB. Ver Memorando de Nova York para Hoover, 19 de novembro de 1954, Malcolm X FBI File.

<sup>166</sup> Do original: “(...) Negro’s deep-rooted desire for total equality *within* the American society (...)”. *The Communist Party and the Negro*, February 1953, pp. iii-iv. A monografia pode ser consultada em <[https://archive.org/details/foia\\_FBI\\_monograph-Communist\\_Party-Negro-1953/mode/2up](https://archive.org/details/foia_FBI_monograph-Communist_Party-Negro-1953/mode/2up)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

conclusão<sup>167</sup>. A preocupação do FBI era a de uma possível influência externa comunista sobre a população afro-americana, o que implicava em uma perspectiva dupla: a de que esse grupo era frágil e passivo perante influências externas; e a de que o perigo se concentrava em pessoas que poderiam influenciar essa população, como comunistas e/ou líderes radicais negros<sup>168</sup>.

Como o FBI ainda se familiarizava com o investigado nessa época e a acusação de comunismo não havia se consolidado, vários outros elementos descritivos também eram usados para definir Malcolm. Acontecimentos e eventos de sua vida antes da prisão – que feriam o rígido código moral da NOI e certamente não descreviam a vida do ativista após o cárcere – eram mobilizados. Desse modo, o histórico criminal dele era comum nesses documentos iniciais, assim como avaliações psiquiátricas da época do cárcere e descrições gerais da Nação do Islã. Em um memorando do escritório de Detroit datado de junho de 1953, por exemplo, lê-se que o investigado era “um usuário confirmado de maconha” e que foi “condenado por porte de arma em numerosas ocasiões”<sup>169</sup>.

Embora já bastante rarefeita no fim de 1954, a questão do comunismo ainda era presente para legitimar determinadas ações investigativas. Em 30 de novembro de 1954, o escritório de Nova York requisitou permissão do diretor do FBI para entrevistar Malcolm X. Entre as justificativas para o pedido, lê-se que

**O indivíduo tem um longo histórico criminal e foi reportado, e confirmado, como usuário de drogas. (...) Quando estava na prisão, o indivíduo indicou que era um comunista e tentou se juntar ao exército japonês durante a Segunda Guerra Mundial.**<sup>170</sup> (grifo nosso)

Note-se como informações de diferentes documentos foram juntadas aqui para categorizar Malcolm: histórico criminal, uso de drogas, comunismo e desejo de se alistar

---

<sup>167</sup> *The Communist Party and the Negro 1953-1956*, October 1956. O documento pode ser consultado em <<https://archive.org/details/TheCommunistPartyAndTheNegro19531956October1956/mode/2up>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

<sup>168</sup> *The Communist Party and the Negro*, February 1953, pp. 51-75.

<sup>169</sup> Do original: “The Subject is a confirmed user of marijuana and has been convicted of carrying firearms on numerous occasions”. Memorando do SAC Detroit para Hoover, 8 de junho de 1953. Malcolm X FBI File, Section 1. Provavelmente o special agent in charge de Detroit se referia a acusações de porte de arma em estados em que apenas a posse era permitida, mas não o porte, como Nova York.

<sup>170</sup> Do original: “(...) The subject has a long criminal record and was reported and confirmed user of drugs. (...) While in prison, the subject indicated that he was a Communist and had attempted to join the Japanese Army during World War II. (...) Bureau permission is hereby requested to interview the subject concerning his activities within the MCI in the US. This interview will be conducted in accordance with existing instructions relating to interviews of security subjects.” Memorando do SAC Nova York para Hoover, 30 de novembro de 1954. Malcolm X FBI File, Section 1.

no exército japonês. O que os agentes estavam fazendo? Construindo um perfil de Malcolm X num processo de duvidoso resultado. Um agente ia lendo o que outros escreveram no passado, juntando informações pinçadas aqui e ali para construir o perfil do investigado.

Mesmo que ao fim de 1954 o inquérito já fosse dominado por considerações de Malcolm como um fanático religioso da NOI, a questão do comunismo, o histórico criminal e o uso de drogas foram todos trazidos à tona para legitimar o pedido de entrevista do escritório e para caracterizar o passado duvidoso do ativista. Quando Malcolm ganhou projeção nacional, a partir de 1959, a questão do comunismo foi revisitada pelo Bureau, dessa vez em diferentes termos.

### **2.1.2 – Os comunistas e Malcolm X**

No início dos anos 1960, Malcolm já era uma figura pública bastante conhecida no cenário político norte-americano. Embora a Nação do Islã sempre tenha tido uma posição bastante isolacionista e crítica em relação ao movimento dos Civil Rights, o ativista eventualmente se engajava em causas fora do âmbito religioso. Era comum sua presença em debates de universidades e em comícios, principalmente no bairro do Harlem, em Nova York, onde se tornou ministro do templo 7 da NOI em junho de 1954. Isso não só fez o Bureau intensificar a investigação do ativista, mas também despertou, agora de fato, o interesse de militantes comunistas sobre Malcolm X. Assim, os agentes do FBI passaram a se interessar por essa possível relação, que de alguma forma confirmava os olhares suspeitos dos agentes do Bureau sobre o ativista.

Em 1962, uma seção inteira de um *summary report* da investigação de Malcolm foi definida como “Relação com Organizações Comunistas, Marxistas e Socialistas” e mostrava menções ao ativista por parte de indivíduos de diversos grupos comunistas<sup>171</sup>. De acordo com o documento, lideranças do CPUSA, como Claude Lightfoot, viam um crescimento do nacionalismo negro entre a juventude afro-americana, e Malcolm representava essa tendência<sup>172</sup>. De fato, muitos jovens negros tiveram no CPUSA uma referência política, inclusive o partido dos Panteras Negras, mas esse não era o caso de

---

<sup>171</sup> *Summary report* de 17 de maio de 1962, pp. 24-28, Section 7, Malcolm X FBI File.

<sup>172</sup> Claude Lightfoot (1910-1991) foi um ativista e político negro norte-americano, e desde os anos 1950 um militante comunista pelo CPUSA, sendo várias vezes candidato a cargos eletivos pelo partido. Sobre ele, ver LIGHTFOOT, Claude. *Chicago Slums to World Politics: Autobiography of Claude Lightfoot*. New York: New Outlook, 1985.

Malcolm<sup>173</sup>. O documento ainda dizia que membros do partido marxista-leninista Workers World Party (WWP) estiveram presentes em debate do ativista na cidade de Buffalo, Nova York<sup>174</sup>. Em um dos relatos, uma militante do WWP teria dito que

(...) Malcolm X se envolveu em uma discussão com vários ministros e os fez de “bobos”. Ela afirmou que ficou impressionada com o jeito com que Malcolm lidou com a discussão e que, de acordo com ele, muçulmanos acreditam em segregação e que eles deveriam administrar negócios independentemente dos brancos. Ela adicionou que não concordava com as políticas dos muçulmanos relacionadas à segregação.<sup>175</sup>

Essa passagem ilustra bem a maneira como o Bureau selecionava os trechos de comentários que comunistas faziam sobre Malcolm. Esses fragmentos de discurso geralmente sublinhavam o carisma e a habilidade retórica do investigado, bem como os posicionamentos polêmicos da NOI reproduzidos pelo ativista. Essa seleção de falas sugere que, provavelmente, até mesmo os comunistas consideravam Malcolm muito radical.

No mesmo documento, outro relato de membro do WWP afirmava que “muçulmanos poderiam se tornar fascistas em vez de socialistas, e aconselhava aos presentes a serem cautelosos ao lidar com os muçulmanos”<sup>176</sup>. A menção ao fascismo e ao comunismo tinha a vantagem de reafirmar a radicalidade dos membros da NOI, novamente juntando dois “inimigos” dos Estados Unidos: os comunistas, principais antagonistas dos norte-americanos na Guerra Fria, e o fascismo combatido pelos estadunidenses na Segunda Guerra Mundial. Por fim, esse mesmo *summary report* ainda

---

<sup>173</sup> O Partido dos Panteras Negras, de orientação marxista-leninista e nacionalista negro, foi fundado em 1966 na cidade de Oakland, no estado da Califórnia, por dois ativistas negros, Huey P. Newton e Bobby Seale. O movimento organizou uma série de medidas como patrulhamento ostensivo armado para coibir os casos de abuso policial, campanhas de saúde e de arrecadação de alimentos e tinha discurso mais autoafirmativo e rígido acerca de seus objetivos políticos. Foi considerado radical pelas autoridades norte-americanas e severamente perseguido pelo FBI. Ver SEALE, Bobby. *Seize the Time: The Story of The Black Panther Party and Huey P. Newton*. New York: Black Classic Press, 1991.

<sup>174</sup> O Workers World Party é um partido marxista-leninista norte-americano fundado em 1959 a partir de uma cisão do Socialist Workers Party (SWP), devido ao apoio do grupo fundador do WWP à intervenção soviética na Hungria em 1956 e à Revolução Chinesa.

<sup>175</sup> Do original: “(...) Malcolm X engaged in a panel discussion with several ministers and made ‘fools’ out of them. She stated that she was impressed by the way MALCOLM handled the discussion and that according to him, Muslims believe in segregation and they should operate businesses independent of the whites. She added that she did not agree with the Muslims’ policies regarding segregation.” *Summary report* de 17 de maio de 1962, Section 7, p. 26, Malcolm X FBI File.

<sup>176</sup> Do original: “(...) Muslims could become fascists rather than socialists, and he advised those present to be cautious in their dealings with the Muslims.” *Ibidem*.

afirmava que o nome de Malcolm estava na lista de destinatários de materiais do Fair Play for Cuba Committee (FPCC), três anos após a Revolução Cubana de 1959 e após Fidel Castro voltar-se à União Soviética em finais de 1961<sup>177</sup>. O comunismo, portanto, passou a ser uma lente através da qual os agentes do Bureau enxergavam Malcolm e outros ativistas, confirmando determinados predicados projetados sobre ele.

Sob essa ótica, alguém tão radical deveria ser submetido a uma vigilância constante para determinar o grau da possível influência comunista sobre o ativista. Isso ajudava a definir o comunismo como algo sempre à espreita, o que explica a continuidade, por exemplo, do uso da categoria 100 (Segurança Doméstica) para definir a investigação de Malcolm, assim como a de comunistas de fato. O anticomunismo da sociedade norte-americana, por sua vez, mobilizava conjuntamente preconceitos raciais, interpretando a luta dos afro-americanos a partir da ótica da subversão e deslegitimando seus esforços por direitos civis, sob justificativa de uma alegada influência bolchevique<sup>178</sup>.

No *summary report* de 16 de novembro de 1962, no tópico “Afiliação e Associação com o Movimento Comunista”, esse esforço de mapeamento da figura de Malcolm X nos círculos comunistas continuou. Destacou-se uma discussão da alta cúpula do CPUSA sobre um convite feito a Malcolm para participar de um protesto em New Jersey por integração racial nas escolas locais. Segundo o documento do Bureau,

(...) foi mencionado que o investigado tinha sido convidado para participar de um protesto em Englewood, New Jersey, mesmo que ele odeie brancos e acredite em completa separação [entre negros e brancos]. [nome censurado] concordou que o investigado tem visões extremistas, mas afirmou que o Partido Comunista deveria trabalhar com o investigado pelo bem maior.<sup>179</sup>

Os agentes em nenhum momento puderam conceber o radicalismo de Malcolm X – vindo de família desestruturada em razão dos modos pelos quais a sociedade marginalizou os negros – como uma reação à sociedade que mantinha a segregação racial. Em vez disso, a figura de Malcolm era interpretada a partir do interesse dos comunistas

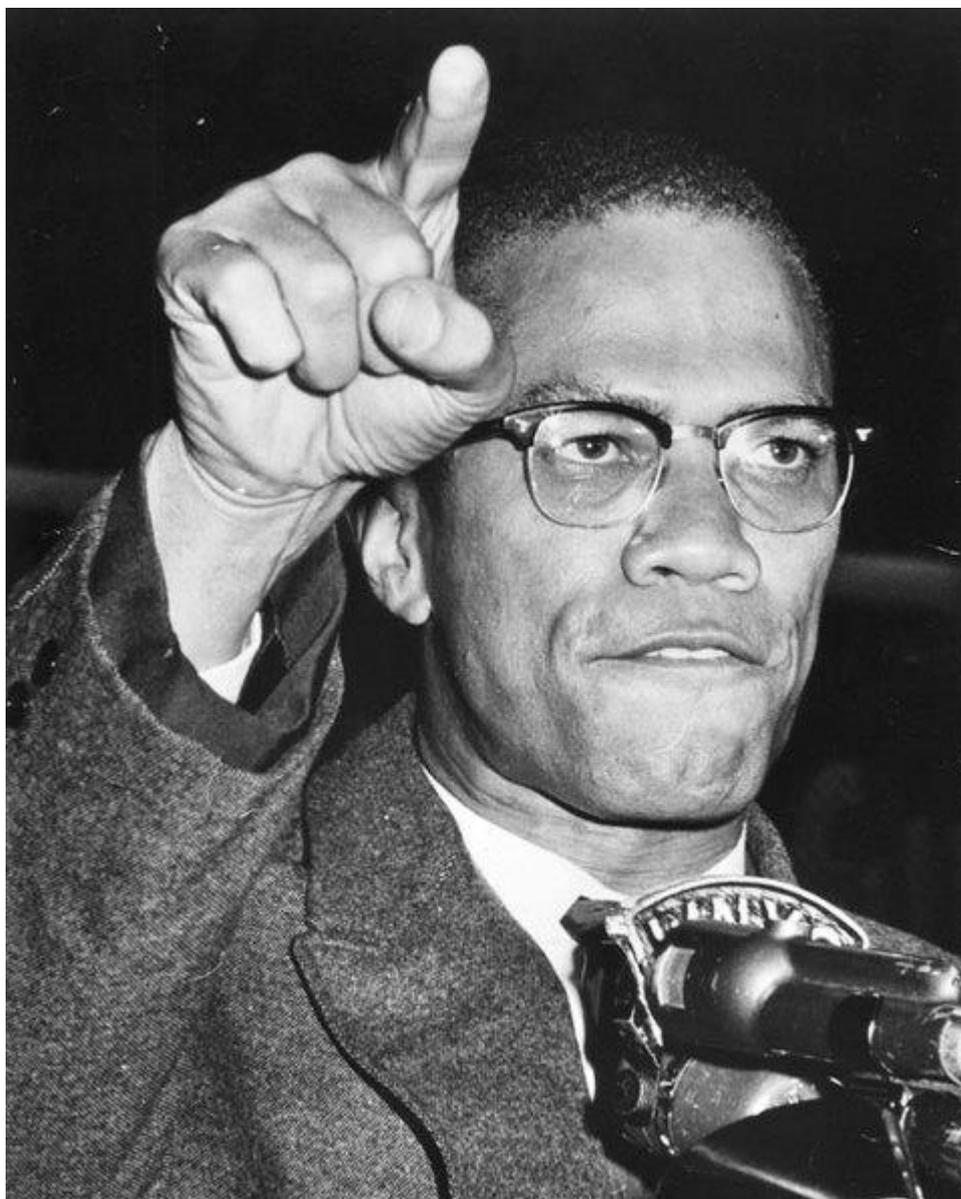
---

<sup>177</sup> O FPCC foi um grupo de ativistas fundado em 1960 para promover o apoio à Revolução Cubana em solo norte-americano, sendo críticos ao embargo a Cuba por parte do governo estadunidense.

<sup>178</sup> MAY, Elaine Tyler. *Fortress America: How We Embraced Fear and Abandoned Democracy*. Nova York: Basic Books, 2017, Edição Kindle, p. 26.

<sup>179</sup> Do original: “(...) it was brought out that the subject had been invited to participate in a rally at Englewood, New Jersey, even though he hates whites and believes in complete separation. [censurado] agreed that the subject had extreme views but he stated that the CP should work with the subject for a common good.” *Summary report* de 16 de novembro de 1962, p. 26, Section 8, Malcolm X FBI File.

sobre ele, o que legitimava a própria investigação e reforçava a visão dos agentes de que o ativista era uma figura perigosa. Além disso, embora o documento separasse os interesses de Malcolm e os dos comunistas, a possibilidade de que eles se aliassem “pelo bem maior” fortalecia a suspeita do Bureau sobre o ativista.



**Imagem 7 – Malcolm X em comício no Harlem, Nova York, a favor da dessegregação em Birmingham, Alabama, 14 de maio de 1963. Getty Images. Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/nation-of-islam-national-minister-malcom-x-addresses-foto-jornal%C3%ADstica/517387832?adppopup=true>. Acesso em: 15 mai. 2021.**

No SUMREP de 16 de maio de 1963, afirmou-se que alguns comunistas do Harlem estavam organizando um fórum de discussão para dar voz não apenas aos próprios comunistas, mas também aos não comunistas do bairro. De acordo com a fonte,

(...) foi sugerido que o investigado fosse convidado para ser o primeiro a discursar. Alguns dos patrocinadores do fórum foram contra a sugestão porque o programa muçulmano discorda em muitos pontos do programa comunista, porque eles não poderiam alugar um lugar amplo o suficiente para reunir todos os seguidores do investigado e porque o investigado iria querer dominar sem limites a reunião, tirando o propósito do fórum.<sup>180</sup>

Mostravam-se, portanto, as tensões existentes entre o projeto político dos membros da NOI e o dos comunistas negros do Harlem, bem como o crescimento do ativista na esfera pública. Confirmava-se ainda Malcolm X como alguém cujo radicalismo era maior que o dos próprios comunistas. Aos olhos do FBI, no entanto, as posições radicais dos membros da NOI e do ativista, em particular referente ao nacionalismo negro, impediam a realização dessa empreitada. Além disso, esse excerto encontra-se num subtópico denominado “Interesses do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) no Investigado”, indicando o caráter exterior da relação entre Malcolm e o comunismo. A mudança é clara, já que os tópicos das passagens anteriormente reproduzidas – “Afiliação e Associação com o Movimento Comunista” e “Relação com Organizações Comunistas, Marxistas e Socialistas” – passavam a ideia de que Malcolm tinha, por iniciativa própria, alguma conexão com comunistas.

Se os comunistas eram “influenciadores profissionais”, em muitos momentos Malcolm representava um posicionamento tão “fanático”, na perspectiva do FBI, que impedia até mesmo essa influência. Em certo sentido, Malcolm X era entendido como “independente” demais para ser instrumentalizado; não por ter capacidade crítica ou ser um anticomunista, mas por ser muito “antibranco”, crítico da narrativa da nação e por querer sempre o protagonismo.

A investigação que procurou acompanhar como comunistas entendiam Malcolm X não ficou confinada nas fronteiras do país. O *legal attaché (legat)* do Bureau em Paris chegou a enviar para o FBI, em 1964, uma edição da revista *Revolution* para Hoover, que continha uma entrevista de Malcolm X feita pelo poeta negro Alfred B. Spellman<sup>181</sup>. O

---

<sup>180</sup> Do original: “(...) it has been suggested that subject be invited to be the first speaker. This suggestion is opposed by some of the sponsors of the forum who are against the subject because the Muslim program disagrees in many ways with the Communist program, they would not be able to rent a hall large enough to contain all of subject’s followers, and because subject would want to dominate the meeting without strings thus defeating the purpose of the forum.” *Summary report* de 16 de maio de 1963, p. 34, Section 8, Malcolm X FBI File.

<sup>181</sup> Alfred Bennett Spellman (1935-) é um poeta e crítico musical negro, sendo um importante artista na promoção do *jazz* nos Estados Unidos a partir da década de 1960. Entre 1975 e 2002 foi um dos

agente definiu a *Revolution* como “completamente comunista” e “apoiada pela China comunista”<sup>182</sup>. Um ano mais tarde, o *legat* de Tóquio fez o mesmo, enviando para o diretor do FBI uma edição de um jornal chinês que continha afirmações sobre Malcolm X<sup>183</sup>. Observa-se que a fama do ativista ultrapassava as fronteiras nacionais, o que gerava interesse e preocupação por parte do Bureau.

Nota-se que nenhuma dessas menções conectava de fato o ativista a movimentos comunistas. Todas indicavam o impacto das falas de Malcolm nesses grupos, com muitos deles aventando a possibilidade de se reunirem com o ativista ou de o convidarem para discursar em eventos próprios dessas organizações. Tratava-se, aos olhos do FBI, de mapear o interesse por Malcolm nos círculos comunistas e entender o *modus operandi* dessa esquerda na tentativa de conquistar e/ou entender o ativista negro.

Se o FBI já não via Malcolm como comunista na década de 1960, então por que essas informações eram colocadas em sua documentação? Para responder essa pergunta, devemos entender o anticomunismo como o ponto de referência dos agentes do Bureau no que tange à interpretação do mundo ao seu redor. Segundo Elaine Tyler May, “a Guerra Fria definiu o quadro da segurança” nos Estados Unidos<sup>184</sup>. Dessa forma, uma agência de inteligência como o Bureau via na luta contra a URSS sua razão de ser e o princípio que organizava não só sua estrutura, mas também toda a sociedade norte-americana. A paranoia anticomunista, assim, não era algo fora do domínio da “racionalidade”, mas inserida na própria concepção de mundo desses homens. Com isso, tudo poderia ser passível de influência por comunistas, o que demandava uma igual e contraposta “lógica de suspeição”<sup>185</sup>.

O que podemos inferir até aqui é que os agentes tiveram dificuldade de compor um perfil de Malcolm X, pois não encontramos consensos na documentação a propósito das posições do ativista. Afinal, quem era o ativista: um comunista declarado? Alguém passível de ser influenciado pelos comunistas? Ou alguém radical demais para que os

---

administradores da *National Endowment for the Arts*, agência federal de promoção às artes nos Estados Unidos.

<sup>182</sup> Do original: “fully communist orientated and is believed to be backed by Communist China.” Memorando do *legat* de Paris para Hoover, 26 de agosto de 1964, Section 12, Malcolm X FBI File. O documento afirma que a *Revolution* se tratava de uma revista em francês publicada em Paris e que a entrevista se encontrava na edição de julho-agosto de 1964. No entanto, não dá mais detalhes sobre ela. A data não corresponde a dois periódicos chamados *Révolution* e *Revolution*, respectivamente do Partido Comunista Francês e do CPUSA, fundados apenas em 1979.

<sup>183</sup> Memorando do *legat* de Tóquio para Hoover, 19 de fevereiro de 1965, Section 15, Malcolm X FBI File.

<sup>184</sup> MAY, Elaine Tyler. *Fortress America: How We Embraced Fear and Abandoned Democracy*. Nova York: Basic Books, 2017, Edição Kindle, p. 5.

<sup>185</sup> MAGALHÃES, Marionilde D. B. *Op. Cit.*, 1997 p. 6.

próprios comunistas tolerassem? Todas essas imagens apareciam de forma sobreposta, de acordo com as informações colhidas e expressadas nos documentos. Reforçava-se, de qualquer forma, que Malcolm era um radical. Que tipo de radical, era difícil para o FBI aferir. Mesmo assim, sob a ótica do Bureau, o radicalismo do investigado estava vinculado ao fanatismo religioso, cujos contornos específicos também compuseram as visões do FBI acerca do ativista.

## 2.2 – Malcolm X: o “fanático” da Nação do Islã

Enquanto as considerações sobre os vínculos ou não do ativista com o comunismo se apresentavam de forma irregular entre 1953 e 1955, a questão do fanatismo de Malcolm foi tomando forma. Em 1954, Hoover surgiu como remetente de alguns documentos, indicando que o investigado despertava mais atenção do Bureau, como dito anteriormente<sup>186</sup>. A mudança definitiva de Malcolm para Nova York no final de 1954 contribuiu para que a investigação fosse mais intensa, já que esse escritório era um dos principais da instituição<sup>187</sup>. A conjuntura contribuiu para que Malcolm passasse a ser retratado como um fanático religioso. Essa imagem, fomentada principalmente pelo escritório de Nova York, surgiu ao mesmo tempo que a ameaça comunista ia e vinha em relação ao ativista, confirmando o já dito: imagens diferentes de Malcolm se sobrepunham umas às outras, às vezes construídas pelo mesmo escritório do FBI.

No SUMREP de Nova York datado de 7 de setembro de 1954, lê-se que

[censurado] o investigado compareceu a reuniões do Culto Muçulmano do Islã, Templo 7, Nova York, durante janeiro de 1954. (...) [censurado] o investigado estava presente no Templo 7 e falou entusiasticamente sobre os ensinamentos do culto. [censurado] o investigado falou abertamente contra os “demônios brancos” e encorajou um ódio maior por parte do culto em relação à raça branca.<sup>188</sup>

---

<sup>186</sup> Memorando de Hoover para o SAC Detroit, 11 de maio de 1954. Section 1, Malcolm X FBI File.

<sup>187</sup> Por um breve período em 1954, Malcolm foi responsável pelos templos de Nova York e da Filadélfia ao mesmo tempo. No fim desse mesmo ano, ele se estabeleceu em definitivo no Harlem.

<sup>188</sup> Do original: “[censurado] the subject attended meetings of the MCI, Temple #7, NYC, during January 1954. (...) [censurado] subject was in attendance at Temple #7 and was enthusiastically going over the teachings of the cult. [censurado] the subject has openly spoke against the ‘white devils’ and had encouraged greater hatred on the part of the cult towards the white race.” SUMREP de Nova York, 7 de setembro de 1954. Malcolm X FBI File, Section 1, p. 1.

Nos anos 1950 o nacionalismo negro da NOI estava ganhando adeptos e despertando preocupação por parte do Bureau. Nota-se que o agente ressaltava a importância do Templo 7, liderado por Malcolm X em Nova York, e as falas proferidas pelo ativista. A cidade era lugar privilegiado para a expansão da organização religiosa, devido à forte comunidade negra do Harlem, e Malcolm logo conseguiu se destacar e aumentar o número de seguidores do templo que dirigia. Diferentemente dos *summary reports* de outros escritórios, os de Nova York reportavam mais esse tipo de conteúdo das reuniões da Nação do Islã<sup>189</sup>.

Com isso, o foco do Bureau a partir do final de 1954 passou a ser a inserção de Malcolm na NOI, e os seus discursos passaram a ser peça-chave do novo esforço de descrevê-lo. Ao mesmo tempo, os trechos censurados com categorias relacionadas a nomes de informantes também aumentaram, indicando que o FBI usava cada vez mais essa iniciativa na investigação do ativista.

Em 11 de outubro de 1954, um SUMREP de Nova York afirmava que o ativista estava num “*policy-making level*” no movimento, ou seja, uma posição de tomada de decisões<sup>190</sup>. Estabeleceu-se, assim, Malcolm X como liderança negra aos olhos do FBI. Os tópicos que organizavam os *summary reports* passaram a ser quase todos relacionados à Nação do Islã: “Conexões com o Culto Muçulmano do Islã (MCI)”; “Funções Exercidas no Culto Muçulmano do Islã”; “Discursos feitos indicando o entendimento dos objetivos e propósitos do MCI”<sup>191</sup>. Buscava-se entender o ativismo e as ideias de Malcolm X, representando-o como um vetor da retórica racial radical da organização.

Como vimos anteriormente, no final de 1954 o Bureau cogitou entrevistar Malcolm, utilizando-se do temor de que o comunismo “contaminasse” lideranças negras, do histórico criminal e do anterior uso de drogas para legitimar o pedido a Hoover. Um memorando de Nova York, com data ilegível, indica que a entrevista aconteceu no início de 1955. Segundo o *special agent in charge* de Nova York,

---

<sup>189</sup> Havia particularidades em relação a Nova York: em primeiro lugar, o bairro do Harlem era efervescente em termos políticos; em segundo, o escritório da cidade era o mais controlado pelo quartel general do FBI; em terceiro, era a sede da agência que mais privilegiava as atividades de inteligência. Nem todos esses elementos eram encontrados em outros escritórios do FBI no país. THEOHARIS, Athan. *The FBI and American Democracy: A Brief Critical History*. Kansas City: Kansas University Press, 2004, p. 130.

<sup>190</sup> SUMREP de Nova York, 11 de outubro de 1954. Malcolm X FBI File, Section 1, p. 1.

<sup>191</sup> Do original: “Connections with the Muslim Cult of Islam (MCI)”; “Positions Held in the Muslim Cult of Islam”; “Speeches made indicating understanding of the aims and purposes of the MCI” SUMREP da Filadélfia, 18 de novembro de 1954. Malcolm X FBI File, Section 1, pp. 2-4.

No dia 10 de janeiro de 1955 o investigado foi entrevistado pelo agente especial [nome censurado], e admitiu rapidamente ser membro do Templo 7, de Nova York, do Culto Muçulmano do Islã, mas não admitiu que era ministro ou professor do Templo 7, de Nova York. O investigado não cooperou nessa entrevista e se recusou a fornecer quaisquer informações sobre os funcionários e nomes dos membros, e se recusou a fornecer informações sobre doutrinas ou crenças do Culto Muçulmano do Islã ou sobre sua própria família.<sup>192</sup>

Percebe-se que, embora o documento se refira a esse evento como uma entrevista, o relato sobre o acontecido indica que foi, na verdade, um interrogatório. Buscava-se confirmar determinadas informações já obtidas pelo Bureau previamente e conseguir informações mais específicas, como nomes de funcionários e membros da NOI. O ativista foi retratado no documento como aquele que tinha as informações, mas as escondia, sendo referenciado como *uncooperative* ao longo do documento. Logo depois do trecho que reproduzimos anteriormente, no entanto, relatou-se uma série de informações expressas por Malcolm sobre a NOI. Registrou-se que o ativista afirmou que Elijah Muhammad era “superior a todos”, que a Nação do Islã “não ensina ódio, mas a verdade”, que o “homem negro tem sido escravizado pelo homem branco”, entre várias outras ocorrências, o que nos deixa dúvidas acerca da cooperação ou não de Malcolm.

O tópico “*Recommendation*”, ao fim desse mesmo documento, afirma que

Tendo em vista o fato de que o investigado é membro ativo antigo do Culto Muçulmano do Islã e de sua posição como ministro do Culto Muçulmano do Islã, assim como seus discursos e afirmações contra o governo dos Estados Unidos, acredita-se que ele poderia possivelmente cometer atos hostis à defesa nacional e à segurança pública em tempos de emergência e, portanto, recomenda-se que seu nome continue no *Security Index*.<sup>193</sup>

---

<sup>192</sup> Do original: “On 1/10/55, the subject was interviewed by SAS [redacted] at which time, the subject readily admitted membership in MCI Temple #7, NYC, but would not admit that he was a minister or teacher of Temple #7, NYC. The subject was very uncooperative in this interview and refused to furnish any information concerning the officers, names of members, to furnish doctrines or beliefs of the MCI of family background data on himself.” Memorando do SAC Nova York para Hoover, data ilegível. Malcolm X FBI File, Section 1, p. 5.

<sup>193</sup> Do original: “In view of the subject’s long active membership in the MCI and his position as minister of the MCI as well as his speeches and statements against the US Government it is believed that he could possibly commit acts inimical to the national defense and public safety in a time of emergency, therefore, it is recommended that his name be retained on the Security Index.” Memorando do SAC Nova York para Hoover, data ilegível. Malcolm X FBI File, Section 1, p. 6.

Percebe-se que, nessa conclusão sobre o investigado, os atributos de comunista, criminoso e usuário de drogas não aparecem, diferentemente das justificativas que legitimaram a entrevista. O que importava para que Malcolm fosse mantido no *Security Index* era ser membro da NOI, o fanatismo com relação aos preceitos da igreja, a defesa do nacionalismo negro e suas afirmações contra o governo dos Estados Unidos. A conclusão inédita do agente era que o investigado era um perigo à “defesa nacional” e à “segurança pública”, justificando assim sua manutenção no *Index*. Malcolm se consolidara, para o FBI, como um fanático perigoso. De maneira a ordenar uma sociedade em tensão racial, os agentes do Bureau mobilizaram politicamente determinados dispositivos e construíram sentidos que descreviam os papéis diferentes que brancos e negros desempenhavam no mundo<sup>194</sup>.

A visão de que o ativista representava um perigo à nação, aliada à questão do fanatismo, justificou uma escalada na investigação, como já vimos. A partir de 1955, as atividades de Malcolm foram acompanhadas pelo Bureau por todo o país. No índice do SUMREP de 23 de maio desse ano (imagem 8) há vários tópicos separados relatando reuniões e discursos de Malcolm em cidades como Nova York, Filadélfia, Detroit, Chicago, Baltimore, Springfield e Newark. Entre 1955 e 1956, as maneiras de se reportar os discursos de Malcolm mudaram sensivelmente, o que ilustra a crescente preocupação do FBI com o ativista. Enquanto no começo desse período era comum que os agentes reproduzissem com suas próprias palavras os discursos proferidos por Malcolm, no ano seguinte se tornaram mais comuns as citações diretas do ativista, dando a entender que os discursos eram gravados pelo FBI ou pelos informantes<sup>195</sup>.

Essa mudança aponta para dois aspectos. O primeiro é um interesse maior nas propostas e no conteúdo das falas, sermões e discursos de Malcolm X. Ocupando lugar privilegiado nos documentos – muitas vezes dezenas de páginas nos SUMREPs –, a retórica do ativista era vista como elemento definidor de quem Malcolm era. O segundo é o ilusório encolhimento da figura do funcionário do FBI como elemento ativo na construção de sentido da investigação. A citação direta passa a ideia de isenção, de afastamento do investigador em relação ao indivíduo observado. Combinado com a imagem institucional construída pelo Bureau ao longo dos anos, esse pretendo

---

<sup>194</sup> ROSANVALLON, Pierre. *Por uma História do Político*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 44.

<sup>195</sup> Essa hipótese é factível na medida em que os discursos de Malcolm passaram a ser registrados como citações diretas bastante longas, muitas vezes ocupando várias páginas inteiras. Com isso, é muito improvável que esses trechos fossem baseados apenas em relatos indiretos de informantes, mas possivelmente retirado de material gravado.

afastamento ao mesmo tempo criava um tom de veracidade – já que são as palavras do investigado que relatam o ocorrido – e reproduzia a visão apolítica que a agência tinha de si mesma.

NY 105-8999

TABLE OF CONTENTS

	<u>Page</u>
Background Data.....	3
Information Concerning the Muslim Cult of Islam.....	6
Positions Held in the Muslim Cult of Islam, New York City.....	6
Meetings and Speeches Made in New York City Temple.....	7
Meetings and Speeches Made in Philadelphia Temple.....	15
Activities, Meetings and Speeches Made in Detroit Temple.....	20
Activities, Meetings and Speeches Made in Chicago Temple and at the Muslim Convention Ending February 26, 1955....	22
Meetings and Speeches Made in Baltimore Temple.....	25
Organization of Temple at Springfield, Massachusetts.....	25
Activities of Subject with Muslim Cult of Islam in Newark, New Jersey.....	26

Imagem 8 – Índice do *summary report* de Nova York, 23 de maio de 1955. Malcolm X FBI File, Section 1, p. 3.

Assim, é preciso escapar da armadilha das fontes. Dada a impossibilidade de uma vigilância onisciente e onipresente da vida de qualquer investigado, um inquérito se tornava a representação de uma parcela da vida do alvo da investigação, com suas afirmações e silêncios. Essas afirmações e silêncios dependem não só do que é observado, mas também da subjetividade dos investigadores. Dessa forma, assim como Maria Luiza Tucci Carneiro, consideramos que os agentes constituem elemento ativo na construção

de sentido das investigações, “lendo e interpretando” os investigados de acordo com seus próprios critérios<sup>196</sup>.

Indícios desses critérios são encontrados em alguns dos *summary reports*. Na capa de um SUMREP datado de 19 de novembro de 1958, lê-se: “Atividades da Nação do Islã, incluindo-se reuniões as quais o investigado esteve presente e **partes pertinentes de discursos feitos pelo investigado** reproduzidas a seguir” (grifo nosso)<sup>197</sup>. Observa-se, nesse trecho, que o agente responsável pela investigação julga que há partes pertinentes e, conseqüentemente, partes não pertinentes dos discursos de Malcolm a serem reproduzidas nos escritos da instituição. Essas escolhas se davam de acordo com o julgamento dos funcionários, dependendo do momento da investigação e de como o investigado agia. Muitas vezes as escolhas eram feitas exatamente sobre as partes dos discursos e falas do ativista que confirmavam a visão negativa do Bureau.

A partir de 1956, mais informações sobre Malcolm X passaram a ser coletadas. Diversos relatos aparecem num SUMREP de 23 de abril de 1957, indicando o papel influente que Malcolm exercia no movimento. Elas nos revelam o crescimento de Malcolm na hierarquia da NOI, bem como o fato de ter se tornado figura bastante imponente na organização:

[nome de informante censurado] o investigado é, sem dúvidas, a segunda figura mais importante da organização e parece ser um homem muito inteligente, bem-educado e um orador competente.

[nome de informante censurado] MALCOLM LITTLE é o ministro do templo número 7 em Nova York e tem uma posição extremamente alta em toda a Nação do Islã.<sup>198</sup>

Percebe-se que o Bureau passou a usar esses relatos de informantes para ressaltar as habilidades do investigado e sua ascensão na Nação do Islã. Esses novos retratos acerca do investigado fizeram parte de mudanças importantes na investigação. Em 1957, o

---

<sup>196</sup> CARNEIRO, Maria L. T. e KOSSOY, Boris (Orgs.). *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS*. São Paulo: Editorial Ateliê, 2003, p. 41.

<sup>197</sup> Do original: “NOI activities, including meetings attended and pertinent portions of speeches made by subject, set forth.” SUMREP de Nova York, 19 de novembro de 1958. Malcolm X FBI File, Section 4, p. 1.

<sup>198</sup> Do original: “[censurado] the subject is undoubtedly the number two man in the organization and appears to be a very intelligent, well-educated man and is an accomplished orator.”; “[censurado] MALCOLM LITTLE is the Minister of New York City Temple Number 7 and holds an extremely high position in the entire Nation of Islam.” SUMREP de Nova York, 23 de abril de 1957. Malcolm X FBI File, Section 2, pp. 3 e 4.

Bureau instalou escutas na casa de Elijah Muhammad, sob a justificativa de que os membros do movimento eram contrários aos valores dos Estados Unidos<sup>199</sup>. Certamente a acusação devia-se ao fato de a organização defender o nacionalismo negro, intervindo para que criassem um mundo dos e para os negros, evitando esperar pela inclusão social que nunca vinha.

Outro elemento importante observado a partir de 1957 foi o alongamento do conteúdo dos *summary reports*, indicando maior preocupação investigativa e esforços maiores na coleta de informações<sup>200</sup>. Com isso, as informações expressas acerca da Nação do Islã se tornaram mais precisas. O nome de Elijah Muhammad passou a ser escrito corretamente, não mais “Mohamed”, e o movimento passou a ser corretamente mencionado como Nation of Islam e não mais Muslim Cult of Islam<sup>201</sup>. Por fim, o escritório de Nova York iniciou a produção de documentos para o Departamento de Justiça, indicando que o inquérito adquirira importância o suficiente para que o *attorney general* fosse informado dos acontecimentos. Em suma, a situação era mais tensa com relação à Nação do Islã e Malcolm X para esse escritório.

Entre o fim dos anos 1950 e início dos 1960, a visão de Malcolm como um fanático se consolidou. Na capa de um *summary report* de maio de 1960, lê-se que

Deve ser notado que, em relação a algumas das reuniões da Nação do Islã, do Fruit of Islam [grupo paramilitar da NOI] e do Muslim Girls Training [grupo feminino da NOI] frequentadas pelo investigado em Nova York, nenhuma informação foi expressa sobre alguns desses eventos **já que neles não houve comentários ou discursos relatados que poderiam ser considerados como sediciosos, revolucionários ou anárquicos.**<sup>202</sup> (grifo nosso)

---

<sup>199</sup> GARROW, David J. *The FBI and Martin Luther King, Jr.* New York: Penguin Books, 1988, p. 154. Sobre a investigação do FBI à NOI, ver *United States Senate, Hearings before the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities*, vol. 6, Federal Bureau of Investigation, testemunho de Frederick A.O. Schwarz, Jr., 18 de novembro de 1975, pp. 37-39.

<sup>200</sup> Para se ter ideia, o maior SUMREP até 1955 continha 28 páginas. Em abril de 1958, escreveu-se um com 135 páginas.

<sup>201</sup> Manning Marable considera que a designação de “Muslim Cult of Islam” era depreciativa. MARABLE, Manning, *Op. Cit.*, 2012, posição 2505. A insistente prática do FBI de nomear Malcolm como “Malcolm Little” e não como “Malcolm X” ou “El-Hajj Malik El-Shabazz” – nome árabe adotado por Malcolm – indica essa relação de autoridade perpetrada pelos agentes. Segundo Hartog, “Sabe-se (...) que a nomeação supõe domínio (...) Impor um nome ou conhecer os nomes implica, pois, um certo poder: o nome é mais que a simples proferição sonora”. HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999, p. 272.

<sup>202</sup> Do original: “It is to be noted that regarding some of the NOI, FOI and MGT meetings and affairs the subject attended in NYC no information has been set out concerning the events of these meetings and affairs as there were no comments or speeches reported as being made that could be constituted as seditious, revolutionary or anarchistic.” *Summary report* de 17 de maio de 1960, p. B (Cover Page), Section 5,

Esse excerto revela qual era o critério das seleções das falas de Malcolm X expressas nos *summary reports*. A partir de 1960, buscou-se reproduzir excertos que poderiam ser considerados “sediciosos, revolucionários ou anárquicos”. Definia-se Malcolm a partir de materiais que comprovassem seu fanatismo e o perigo que ele representava para a ordem e para a integridade da segurança dos Estados Unidos. Ao reafirmar esse critério, o FBI passou a silenciar os elementos retóricos mobilizados por Malcolm que não apresentassem essas características. Tudo o que importava, tudo o que era passível de ser reportado, reproduzido e disseminado deveria conter falas do ativista de cunho “sedicioso, revolucionário ou anárquico”.

Nota-se, no entanto, que o conteúdo reproduzido nos *summary reports* a partir de 1960 não difere sensivelmente daquilo que era transcrito anteriormente. Antes desse ano, e mesmo depois, continuou-se a destacar os discursos em que Malcolm se remetia aos “demônios brancos”, às opressões sofridas pelos negros e às críticas ferrenhas ao governo dos Estados Unidos. O que mudou foi a amplitude da influência de Malcolm e a apreciação dos agentes do FBI sobre os discursos do ativista. Se antes eram definidos como “doutrinas” da NOI, a partir desse momento também se transformaram em comentários e discursos “sediciosos, revolucionários ou anárquicos”.

Observamos a consolidação da imagem de Malcolm como fanático da Nação do Islã na preponderância desse tema em relação ao comunismo. Em um *letterhead* de 3 de janeiro de 1961, relatando um discurso do ativista em Nova York, lê-se que

De acordo com essa fonte [informante], durante dezembro de 1960, o ministro Malcolm X Little da Nação do Islã fez as seguintes informações no Templo #7 em Nova York:

O homem branco é inimigo do homem negro. O governo czarista suprimiu o povo e o mesmo tipo de revolução que ocorreu na Rússia ocorrerá aqui nos Estados Unidos. Essa revolução começará no Harlem e que “nós” somos os líderes da Revolução do Homem Negro. Malcolm X se expressou como um grande admirador de Nicolai Lenin e Joseph Stalin, e afirmou que eles, na verdade, eram não brancos. Ele explicou que Lenin era da raça amarela descendente dos Mongóis e Stalin era descendente de semítico-árabes e de uma mistura de muçulmanos com pele escura.<sup>203</sup>

---

Malcolm X FBI File. Todos os outros 12 *summary reports* posteriores a esse utilizaram essa mesma expressão em suas capas.

<sup>203</sup> Do original: “According to this source, during December, 1960, Minister Malcolm X Little of Nation of Islam (NOI) Temple #7 in New York City made the following statements: The white man is the enemy of the Black man. The Czarist Government suppressed the people and the same kind of revolution as occurred

Reitera-se aqui a importância do escritório de Nova York na constituição da imagem de Malcolm como adepto intransigente da Nação do Islã, rígido nacionalista negro, antibranco. Nesse trecho destaca-se que, mesmo que o ativista tenha dito o relatado, a questão do comunismo não foi o que marcou a percepção do agente do FBI no documento. Buscou-se, nesse excerto, sublinhar a violência do discurso na percepção racial do investigado. A descrição posterior de Malcolm X feita por um informante também chama atenção: “Essa fonte caracterizou Malcolm X como sagaz, astuto e por vezes esperto, mas que na verdade era um ‘cachorro louco’, temporariamente numa coleira”<sup>204</sup>. Em seguida, lê-se: “Ele é violentamente antibranco e insiste que os brancos devem ser destruídos”<sup>205</sup>.

Representou-se Malcolm, portanto, como um líder radical de retórica inflamada e sedutora. O foco na questão racial solapou, aos olhos do FBI, a “admiração” expressada pelo ativista a Lenin e Stalin. Para o Bureau o ativista era um líder fanático e nacionalista negro. Nem uma pretensa admiração explícita a líderes revolucionários foi suficiente para que o FBI o classificasse como comunista nos primeiros anos da década de 1960. Novamente, vê-se a dificuldade do FBI em constituir um perfil de Malcolm X.

### **2.3 – Malcolm X: o “exibicionista”**

A capilaridade adquirida por Malcolm e pela NOI, a partir de 1959, ajudou a colocar o ativista e a organização no radar de norte-americanos (negros e brancos) que não conheciam o movimento. Embora boa parte dessa publicidade tenha sido negativa, a retórica racial da Nação do Islã ajudou a trazer novos adeptos. Concomitantemente, Malcolm se viu na posição de porta-voz do movimento, já que Elijah Muhammad se afastara de muitas das responsabilidades da NOI a partir do final dos anos 1950, devido à saúde frágil. A constante exposição midiática e o protagonismo do ativista no movimento, por outro lado, despertaram a animosidade de Elijah e sua família, que temiam que Malcolm X se tornasse maior do que a própria organização. Tal fato, além de

---

in Russia will take place here in the United States. This revolution will start in Harlem and that ‘we’ are the leaders of this Black man Revolution. Malcolm X expressed himself as a great admirer of Nicolai Lenin and Joseph Stalin and stated that they were actually non-white man. He explained that Lenin was of the yellow race descending from the Mongols and Stalin descending from Semitic-Arabs and a Muslim mixture with dark skin.” *Letterhead* de 3 de janeiro de 1961, Section 6, Malcolm X FBI File.

<sup>204</sup> Do original: “This source characterized Malcolm X as a shrewd, canny and at times smart but that he was actually a ‘mad dog’ temporarily on a leash.” *Ibidem*.

<sup>205</sup> Do original: “He is violently anti-white and insists the whites must be destroyed.” *Ibidem*.

desapontamentos de Malcolm X com Elijah Muhammad, culminou na saída do ativista da NOI em 1964.

A inserção de Malcolm na esfera pública foi alvo de constante apreensão e vigilância por parte do FBI, sendo a tônica da investigação entre 1959 e 1963. Nesse sentido, o Bureau passou a compor as representações de Malcolm X a partir dessa exposição, ressaltando-o como um interesseiro em busca de publicidade para si e para a NOI. Esse esforço passava primeiro por mapear a circulação do ativista e depois sublinhá-lo como um viciado em publicidade.

### **2.3.1 – Malcolm X e o risco de sua projeção nacional**

A repercussão de Malcolm na esfera pública passou a fazer parte dos documentos do Bureau concomitantemente à maior exposição do ativista e da Nação do Islã nos meios de comunicação. Assim, os *summary reports* passaram a reproduzir trechos e reportagens inteiras de jornais locais acerca de Malcolm X. No SUMREP de 30 de abril de 1958, por exemplo, uma entrevista dada por Malcolm ao *Los Angeles Herald-Dispatch* – em que o ativista respondeu perguntas sobre o Islã e a NOI – foi reproduzida na íntegra pelo escritório de Nova York. No mesmo escrito há uma reportagem do *Pittsburgh Courier* sobre o discurso de Malcolm proferido em evento na cidade<sup>206</sup>.

Essa exposição contribuiu para que o próprio Hoover interviesse para reconsiderar a figura de Malcolm. Em resposta ao *summary report* de abril de 1958, o diretor do FBI escreveu um memorando para Nova York em 20 de maio: “Tendo em vista o aumento das atividades de Little nos negócios da Nação do Islã, em nível nacional, o Bureau deseja que você o considere na designação de figura-chave”<sup>207</sup>. A interferência direta do líder da agência na forma como um escritório designava um investigado é indicativo de que a figura de Malcolm X adquiria importância crescente para o Bureau.

A requisição de Hoover foi aceita pelo escritório no início de julho de 1958. Em memorando que expressou a justificativa para confirmar a designação, lê-se que

O escritório de Nova York, após devida consideração, acredita que LITTLE deveria ser designado como figura-chave, tendo em vista sua extensa atividade

---

<sup>206</sup> SUMREP de Nova York, 30 de abril de 1958. Malcolm X FBI File, Section 3, pp. 39-43.

<sup>207</sup> Do original: “In view of Little’s increasing activities in the affairs of the Nation of Islam, the Bureau desires that you consider him for designation as a key figure.” Memorando de Hoover para o SAC Nova York, 20 de maio de 1958. Malcolm X FBI File, Section 4.

como Ministro do Templo #7 (...) Além disso, LITTLE viaja por vários templos por todos os Estados Unidos e em reuniões desses templos ele proferiu numerosos discursos que são violentos por natureza, nos quais ele ataca os Estados Unidos e a raça branca.<sup>208</sup>

Observa-se uma ênfase na violência do discurso racial de Malcolm e a continuidade da consideração do ativista como um perigo à segurança pública. Reforçava-se que o país e a “raça branca” eram atacados em sua retórica. A principal novidade na descrição do ativista, no entanto, foi a menção à circulação de Malcolm pelos Estados Unidos, propagando tais discursos. Movimentar-se pelo país, era, portanto, disseminar esses discursos “violentos por natureza”, o que justificava um escrutínio maior em relação a suas atividades.

Como os deslocamentos do ativista chamavam a atenção do FBI, os escritos da agência passaram a ser disseminados fora do Bureau. O primeiro documento disponível da investigação de Malcolm direcionado para o Departamento de Justiça é datado de 19 de maio de 1959 (imagem 9)<sup>209</sup>. O tipo de documento usado para a comunicação com o DOJ era o memorando *letterhead*, nome dado devido ao cabeçalho (*letterhead*) que aparece na parte superior do escrito, indicando que o documento foi enviado ao Departamento de Justiça<sup>210</sup>. Nesse *letterhead*, temos alguns elementos comuns em relação às representações construídas sobre o ativista. Sublinhava-se Malcolm X a partir de sua liderança na NOI, do papel de ministro que desempenhava e de seus numerosos discursos inflamados.

A importância desse tipo de escrito é singular. Por se tratar de uma comunicação direcionada a funcionários que não estavam a par da investigação, as informações

---

<sup>208</sup> Do original: “(...) LITTLE travels to various Temples throughout the United States and at meetings of these Temples has made numerous speeches which are violent in nature wherein he attacks the United States and the white race.” Memorando do SAC Nova York para Hoover, 2 de julho de 1958.

<sup>209</sup> Devido às práticas de destruição dos documentos praticadas pelo Bureau e a dificuldade de acesso aos arquivos do FBI, não podemos afirmar categoricamente que esse foi o primeiro documento produzido para o DOJ. Além disso, não podemos reduzir a investigação apenas aos documentos escritos, já que a comunicação dentro do FBI e fora dele também se dava por outros meios. Sobre as práticas arquivísticas do Bureau e as práticas de destruição de documentos, ver BUITRAGO, Ann Mari; IMMERMANN, Leon Andrew. *Are You Now or Have You Ever Been in the FBI Files? How to Secure and Interpret Your FBI Files*. New York: Grove Press, Inc., 1981, pp. 33-78.

<sup>210</sup> Os *letterheads* eram geralmente curtos, com uma ou duas páginas, e o conteúdo era um resumo de algum acontecimento julgado importante o suficiente para ser reportado ao *attorney general* ou a outro alto funcionário do Departamento. Dos 712 documentos do inquérito, 116 são *letterheads*, o quarto tipo de documento mais produzido. Tal fato é indicativo de investigação que disseminava bastante informação, ainda mais considerando que eles só passaram a ser produzidos a partir de 1959, sete anos após o início da vigilância ao ativista.

expressas nos *letterheads* eram mais explicativas. Havia tópicos resumindo quem era o investigado, qual sua trajetória etc. Ao mesmo tempo, sua linguagem era mais amena, e o conteúdo apresentava menos julgamentos de valor.

[REDACTED]

UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE  
FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION

Copy to:

Report of : SA [REDACTED] **57C** Office: NEW YORK

Date: 19 MAY 1959

File Number: New York 105-8999 Bureau file 100-399321

Title: MALCOLM K. LITTLE

Character: ~~INTERNAL SECURITY~~ SECURITY MATTER-NOI

Synopsis:

ALL INFORMATION CONTAINED  
HEREIN IS UNCLASSIFIED  
DATE 12/14/83 BY 8299 JHE/WES/mg  
#235,295 as previously declassified  
190-10535-9

MALCOLM LITTLE is Minister of Temple number 7 of the NOI in New York City, and is considered one of the national leaders of the NOI. Information regarding his importance and position in the NOI set forth. LITTLE has traveled considerably throughout the United States on NOI business. Information regarding LITTLE's visits to various NOI temples set forth. LITTLE has made numerous speeches setting forth the teachings and doctrines of the NOI, pertinent portions of which are set out. LITTLE resides at 25-46 99th Street, East Elmhurst, Queens, New York.

-P\*-

APPROPRIATE AGENCIES AND FIELD OFFICES ADVISED BY ROUTING SLIP(S) OF THIS FILE

This document contains neither recommendations nor conclusions of any kind. It is the property of the FBI, and is a loan to your agency; it and/or its contents are not to be distributed outside your agency.

DECLASSIFIED BY 6855  
ON 5/11/97 BY JML/gsk

Imagem 9 – Memorando *letterhead*, 19 de maio de 1959, Section 4, Malcolm X FBI File.

Destaca-se na descrição do investigado nesse primeiro *letterhead*, novamente, a menção às viagens de Malcolm: “Little tem viajado constantemente a trabalho pela NOI. Informações relacionadas às viagens de Little para vários templos estão expressas a seguir”. A circulação de Malcolm era, portanto, algo que chamava bastante atenção do FBI, ainda mais internacionalmente. A viagem do ativista para países do Oriente Médio e da África ocorrida em 1959 foi informada diretamente ao Office of Security do Departamento de Estado norte-americano, a partir de um recorte do jornal *Amsterdam*

*News*, periódico em que Elijah Muhammad escrevia colunas. Nas indicações sobre as cópias feitas do documento, encontra-se uma para o diretor da CIA<sup>211</sup>.

Em um documento enviado para os escritórios de Nova York e Washington D.C., relacionado à viagem de 1959, o diretor do FBI fez algumas requisições:

Informe imediatamente se o investigado está presentemente viajando para o exterior. Submeta um memorando *letterhead* adequado para disseminação contendo detalhes pertinentes sobre a viagem, itinerário, histórico breve e dados descritivos. Requisito que o escritório de Washington imediatamente determine se foi concedido a Little um passaporte. Submeta informações pertinentes em forma de um memorando *letterhead*.<sup>212</sup>

Essa requisição foi enviada por documento denominado *airtel* (imagem 10). O *airtel* era utilizado para comunicações rápidas entre o quartel-general e os escritórios regionais. Percebe-se, no texto do diretor do FBI, o caráter incisivo e direto das ordens, indicando que as informações sobre Malcolm deveriam ser obtidas imediatamente. Chamam atenção também a amplitude e profundidade das informações pedidas por Hoover, como a questão do passaporte de Malcolm, e a preocupação do diretor em produzir memorandos *letterhead* para serem enviados para o Departamento de Justiça contendo todo esse conteúdo. Aos poucos, Malcolm X foi se tornando um “problema nacional”.

As aparições de Malcolm na mídia segmentada estadunidense também passaram a compor as páginas dos documentos do Bureau. A partir de uma notícia do *New York Amsterdam News*, por exemplo, o FBI produziu um *letterhead* informando o Departamento de Justiça que o ativista gravou um programa discutindo “racismo negro”, que foi ao ar em 3 de março de 1960. O programa foi transcrito inteiramente no referido jornal e reproduzido no documento enviado ao Departamento de Justiça<sup>213</sup>. Esse *letterhead* demonstra quão atentos estavam os agentes do FBI em relação ao jornal para o qual Elijah contribuía com sua coluna semanal.

---

<sup>211</sup> Memorando de Hoover para o Office of Security, 22 de julho de 1959, Section 5, Malcolm X FBI File.

<sup>212</sup> Do original: “Advise immediately if subject is presently engaged in foreign travel. Submit letterhead memorandum suitable for dissemination containing pertinent details concerning travel, itinerary, brief background and descriptive data. Washington Field is requested to promptly determine if Little has been issued a passport. Submit pertinent information in letterhead memorandum form.” *Airtel* de Hoover para Nova York e Washington Field Office, 17 de julho de 1959, Section 4, Malcolm X FBI File.

<sup>213</sup> Do original: “Negro Racism”. *Letterhead* de 18 de março de 1960, Section 5, Malcolm X FBI File.

~~CONFIDENTIAL~~

July 17, 1959

Classified by 8269/HE/WEB/ME  
Declassify on: OADR  
12/1/93 see release  
100-105354

**AIRTEL**

**To: SACs, New York (105-8999)  
Washington Field (100-22829)**

**From: Director, FBI (100-399321)**

**MALCOLM X. LITTLE  
INTERNAL SECURITY - NOI**

ALL INFORMATION CONTAINED  
HEREIN IS UNCLASSIFIED EXCEPT  
WHERE SHOWN OTHERWISE.

Re New York airtel 7-13-59 captioned "Nation of  
Islam, Internal Security - NOI."

Advise immediately if subject is presently engaged in  
foreign travel. Submit letterhead memorandum suitable for  
dissemination containing pertinent details concerning travel,  
itinerary, brief background and descriptive data.

Washington Field is requested to promptly determine  
if Little has been issued a passport. Submit pertinent  
information in letterhead memorandum form.

Imagem 10 – *Airtel* de Hoover para Nova York e Washington D.C., 17 de julho de 1959, Section 4, Malcolm X FBI File.

Passou-se também a compilar as menções a Malcolm e à NOI nos periódicos estadunidenses. Expressas nos *summary reports* a partir de 1961, essas menções continham trechos selecionados de reportagens de vários jornais. Nos anos seguintes, o número de periódicos consultados aumentou em quantidade e passou a incluir não só os de locais pelos quais Malcolm X passava para discursar, mas também grandes jornais do país, como *The New York Times* e *The Washington Post*. Em quatro *summary reports* de novembro de 1961 a novembro de 1963, foram citados entre 9 e 13 jornais em cada<sup>214</sup>.

Nessas reportagens selecionadas não havia apenas críticas aos muçulmanos negros. Eventos da NOI eram noticiados, aparições de Malcolm e Elijah em entrevistas eram detalhadas, doutrinas da Nação do Islã eram explicadas e o código moral da instituição era ressaltado. Esse farto material documental recolhido e organizado pelo FBI nos *summary reports* reforçava o que já reiteramos aqui: a preocupação relacionada à circulação relativamente bem-sucedida das figuras da NOI no espaço público estadunidense. A partir disso, Malcolm X foi também representado pelo FBI como um influenciador que sabia se utilizar da exposição que obtinha através de seu ativismo.

<sup>214</sup> *Summary report* de 17 de novembro de 1961, Section 7, Malcolm X FBI file; *Summary report* de 17 de maio de 1962, Section 7, Malcolm X FBI File; *Summary report* de 16 de maio de 1963, Section 8, Malcolm X FBI File; *Summary report* de 15 de novembro de 1963, Section 9, Malcolm X FBI File.

### 2.3.2 – Malcolm X: “viciado em publicidade”

Uma aparição de Malcolm X em programa televisivo em fevereiro de 1963 rendeu reação particularmente intensa por parte da alta hierarquia da agência. As perguntas feitas a Malcolm, de acordo com um memorando da instituição, giraram em torno de questões específicas do funcionamento da NOI e doutrinas do movimento. Em determinado momento da entrevista, o ativista mencionou o FBI, dizendo que o assédio da agência aos muçulmanos negros era recorrente. Como resposta, o documento diz o seguinte:

(...) as afirmações sobre assédio e ameaças são absolutamente mentirosas e são exemplos adicionais de **afirmações extremamente falsas feitas para influenciar os negros**. O programa não colocou Malcolm X ou os “muçulmanos negros” numa “saia justa”. As **“respostas” dadas por Malcolm X não foram perguntadas**. Foi permitido que ele expusesse o programa da NOI, mas o fez de forma tal que **acabou por criar interesse na NOI**. Esse foi outro exemplo do efeito da publicidade concernente à NOI. **Enquanto a intenção era promover um efeito adverso, isso criou um interesse na organização** que foi fora de proporção em relação à sua importância.<sup>215</sup> (grifos nossos)

Destaca-se nesse excerto a tentativa do agente de mostrar que a Nação do Islã não tinha a influência atribuída a ela. A sua visibilidade era exclusivamente resultado de publicidade, portanto, não era real. Além disso, os registros explícitos do agente afirmam categoricamente que Malcolm era um mentiroso. Retratou-se o ativista como uma liderança manipuladora, cujo objetivo era influenciar a população negra norte-americana. Esta, por sua vez, foi retratada como um grupo frágil e passivo em relação a essa influência. Mostrou-se um Malcolm X obcecado pela publicidade, um oportunista que sabia se utilizar da exposição nos meios de comunicação para criar interesse em seu movimento religioso. Tal era o poderio retórico do ativista aos olhos do FBI, que ele

---

<sup>215</sup> Do original: “(...) the statements concerning harassment and threats are absolutely false and are additional examples of wild untrue statements made to influence the Negro. The program did not put Malcolm X or the ‘Black Muslims’ in a ‘bad light’. The ‘answers’ given by Malcolm X were not questioned. He was allowed to expound the NOI program in such a way that he created interest in the NOI. This is another example of the effect of publicity concerning the NOI. While It was intended to have an adverse effect, it created interest in the organization which was out of proportion to its importance.” Memorando de [censurado] para William C. Sullivan, 4 de fevereiro de 1963, p. 2, Section 8, Malcolm X FBI File. Embora o remetente do documento esteja censurado, é uma hipótese plausível que ele seja um funcionário da Divisão de Segurança Doméstica (Divisão 5), já que o destinatário do documento é o *assistant director* dessa divisão, William C. Sullivan.

conseguiu reverter o objetivo inicial do programa, que era expor a Nação do Islã como uma organização fanática.

Uma semana depois, outro programa foi ao ar na mesma emissora. Dessa vez tratou-se de uma resposta à entrevista de Malcolm, feita por dois reverendos negros. Novamente um memorando foi produzido sobre esse acontecimento. Afirmou-se, no documento, que

Os dois, o reverendo Jackson e o bispo Williams, que são negros, queriam responder a alguns dos comentários feitos na semana anterior por Malcolm X. Os comentários dos dois, no geral, descreditavam a NOI; no entanto, não se sabe se tais comentários seriam aceitos pelos **negros mal-educados e descontentes** que são atraídos por esse grupo antibranco e anticristão.<sup>216</sup> (grifo nosso)

Representou-se, nesse escrito, parte da população negra norte-americana de forma negativa. “Mal-educados e descontentes”, esse grupo se tornava, de acordo com o Bureau, presa fácil para a retórica radical de líderes negros como Malcolm X. Vemos aqui que determinados pressupostos sobre a população negra começaram a mudar. Se em 1953, na monografia *The Communist Party and the Negro*, os negros queriam liberdade dentro do “sistema” norte-americano, em 1963 alguns deles estavam “descontentes”. Quase uma década de ativismo racial mais intenso, desde os anos 1950, contribuiu para que lentamente o entendimento dessa população por parte dos agentes se desse em termos diferentes. Para os funcionários do Bureau, a ascensão de lideranças negras como Malcolm X instrumentalizou o descontentamento dos negros norte-americanos, contribuindo para que eles se tornassem um grupo cada vez mais perigoso para a sociedade estadunidense.

Aparições de Malcolm na televisão e suas críticas ao Bureau tornaram Hoover ainda mais presente na investigação. Em um *airtel* de fevereiro de 1963, o diretor do FBI afirmou que, “tendo em vista suas viagens e discursos [de Malcolm]” e “suas crescentes atividades”, o escritório de Nova York deveria revisar o caso e detalhar que tipo de

---

<sup>216</sup> Do original: “Both Reverend Jackson and Bishop Williams, who are Negroes, endeavored to reply to some of the comments made the previous week by Malcolm X. Their comments in general discredited the NOI; however, it is not known if their comments would have been accepted by the uneducated disgruntled Negro who is attracted to this antiwhite, anti-Christian group.” Memorando de [censurado] para William C. Sullivan, 11 de fevereiro de 1963, Section 8, Malcolm X FBI File.

cobertura e técnicas investigativas estavam sendo usadas na investigação<sup>217</sup>. Em abril de 1963, quando leu que Malcolm apareceria novamente na TV, Hoover pediu que o mesmo escritório fornecesse imediatamente informações sobre o programa e que produzisse um *letterhead*<sup>218</sup>.



Imagem 11 – Malcolm X, em 1963, lendo notícias sobre a Nação do Islã em jornais da época. A exposição do ativista e da NOI na mídia norte-americana preocupou os agentes do FBI. Getty Images. Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/portrait-of-human-rights-activist-malcolm-x-reading-foto-jornal%C3%ADstica/551439851?adppopup=true>. Acesso em: 15 mai. 2021.

Em maio de 1963, o diretor do FBI pediu para que o escritório de Nova York ficasse atento a uma possível mudança de Malcolm para a capital do país. Essas informações, segundo ele mesmo, foram obtidas nos jornais *Chicago Defender* e *The*

<sup>217</sup> Do original: “In view of the recent travel and speeches by Malcolm Little concerning the Nation of Islam and his increasing activity in that connection, the Bureau desires that you review this case and advise what coverage you have in effect such as informants, sources and other investigative techniques with which to follow this matter closely.” Airtel de Hoover para o SAC Nova York, 18 de fevereiro de 1963, Section 8, Malcolm X FBI File.

<sup>218</sup> Airtel de Hoover para o SAC Nova York, 2 de abril de 1963, Section 8, Malcolm X FBI File.

*Washington Post*, indicando que estava atento para a presença de Malcolm X na mídia<sup>219</sup>. Por fim, em setembro de 1963, Hoover repassou um pedido do Departamento de Justiça para o escritório de Nova York, requisitando transcrições de duas apresentações de Malcolm X na televisão<sup>220</sup>.

Para o FBI, o crescimento da figura pública de Malcolm foi também o catalisador de seu afastamento da NOI. Desde pelo menos 1960, o Bureau obtinha informações que indicavam um possível interesse de Malcolm em assumir a NOI após a morte de seu líder<sup>221</sup>. De acordo com *summary report* desse ano, um informante disse aos agentes do FBI que Malcolm tentava formar um núcleo de seguidores dentro da Nação do Islã para tomar o poder quando Elijah falecesse<sup>222</sup>. Tornou-se comum, a partir desse momento, apresentar Malcolm como um aproveitador também dentro do próprio movimento. Ele era, de acordo com a agência, sedento por poder e publicidade não só nacionalmente, como também internamente em relação à NOI.

Dessa forma, todas as tensões entre Malcolm X e Elijah Muhammad das quais o FBI tinha conhecimento comprovavam o caráter interesseiro do ativista aos olhos da instituição. No SUMREP de novembro de 1962, a partir de relatos de informantes, lê-se:

(..) [Malcolm X é] a força controladora por trás da NOI desde que ELIJAH MUHAMMAD se afastou e passou a viver no Arizona. O investigado é esperto, um oportunista capaz e politicamente consciente, e não está mais interessado na formação de estados negros separados [dos brancos] (...) O investigado planeja, quando a organização crescer, estar em posição para obter qualquer cargo político que desejar.<sup>223</sup>

Retratou-se Malcolm, portanto, como alguém que alcançou o posto de porta-voz do movimento religioso, substituindo Elijah Muhammad. Através de seus predicados de esperteza e consciência política, o ativista “oportunista” estaria manejando as diretrizes da NOI de acordo com suas vontades. Note-se a afirmação de que Malcolm não se

---

<sup>219</sup> *Airtel* de Hoover para Nova York, 7 de maio de 1963, Section 8, Malcolm X FBI File.

<sup>220</sup> *Airtel* de Hoover para Nova York, 9 de setembro de 1963, Section 9, Malcolm X FBI File.

<sup>221</sup> *Letterhead* de 17 de novembro de 1960, Section 6, Malcolm X FBI File.

<sup>222</sup> *Summary report* de 17 de novembro de 1960, Section 6, pp. 17-8, Malcolm X FBI File.

<sup>223</sup> Do original: “Subject is the controlling force behind the NOI since ELIJAH MUHAMMAD has made his ‘pale’ and is now living in Arizona. Subject is a smart, capable opportunist who is politically conscious and is no more interested in separate Negro states (...) Subject plans, when the organization grows, to be in a position to obtain any political job he demands.” *Summary report* de 16 de novembro de 1962, Section 8, p. 3, Malcolm X FBI File.

interessava mais por discutir o nacionalismo negro ou a segregação racial, mas sim buscava cargos públicos.

Em maio de 1963, outro *summary report* indicou que Malcolm e a família de Elijah estavam brigando constantemente devido à maior atenção que o ativista recebia da mídia. O “ressentimento” e a “animosidade” dos parentes de Muhammad eram expressos quando, por exemplo, Malcolm tomava conta das convenções da NOI nas vezes em que Elijah se ausentava por motivo de doença<sup>224</sup>. Ainda naquele ano, outro *summary report* indicou que Elijah Muhammad acumulava mais hostilidades e ressentimentos, porque Malcolm estaria “tomando” a Nação do Islã. Novamente, a questão do oportunismo do ativista em busca do poder foi ressaltada a partir, novamente, de afirmações de um informante. Segundo ele, o ativista era “muito esperto”, um “viciado em publicidade” e “queria ser um político”<sup>225</sup>.

Vale ressaltar que protestos, exposição midiática e publicização de lutas sociais são estratégias fundamentais de qualquer militância. De fato, o movimento negro moderado se utilizava da exposição na mídia e a buscava sistematicamente, com o duplo objetivo de expor as mazelas que a comunidade negra norte-americana sofria e estimular a adesão de outras pessoas ao movimento<sup>226</sup>. No entanto, os agentes do FBI interpretavam essa exposição midiática como atentado à ordem pública, uma tentativa de inflamar e manipular a população norte-americana de acordo com interesses pessoais. No caso de ativistas mais radicais essa visão era ainda mais clara.

Tais considerações sobre um Malcolm ávido por holofotes continuaram mesmo depois que ele saiu da NOI, em março de 1964. Em uma nota da Divisão de Inteligência Doméstica, datada de julho de 1964, relatou-se uma ameaça feita pela Nação do Islã ao investigado, chegando-se à conclusão de que era “(...) meramente outro esforço por parte de Malcolm Little para obter publicidade no que tange a sua batalha contra Elijah Muhammad e a Nação do Islã. A disseminação [da nota] não é necessária”<sup>227</sup>.

---

<sup>224</sup> Do original: “On several dates during February, March and April 1963, [nome censurado] there was developing a feeling of resentment and animosity against the subject by members of ELIJAH MUHAMMAD’s family.” *Summary report* de 16 de maio de 1963, Section 8, p. 21, Malcolm X FBI File.

<sup>225</sup> Do original: “[censurado] described subject as ‘very clever’ and an ‘addict to publicity’ who wants to be a politician.” *Summary report* de 15 de novembro de 1963, Section 9, p. B, Malcolm X FBI File.

<sup>226</sup> CARSON, Clayborne (Org.). *A Autobiografia de Martin Luther King Jr.* São Paulo: Zahar, 2014, pp. 116-151.

<sup>227</sup> Do original: “This appears to be merely another effort on the part of Malcolm Little to obtain publicity in connection with his battle with Elijah Muhammad and the Nation of Islam. No Dissemination necessary.” Nota informativa da Divisão 5, 4 de julho de 1964, Section 11, Malcolm X FBI File.

Quando Malcolm teve sua casa incendiada em fevereiro de 1965, provavelmente por integrantes da NOI, a mesma Divisão afirmou que “há possibilidade de que o fogo tenha começado pelo grupo de Little para danificar propriedade da NOI. O escritório de Nova York deve explorar a possibilidade. Essa informação será disseminada para o Departamento [de Justiça], Serviço Secreto e agências interessadas”<sup>228</sup>. Nota-se a diferença no tratamento das informações. Quando se tratava de uma ameaça à vida do ativista, a disseminação “não era necessária”, pois se tratava de um golpe para chamar a atenção. Já na possibilidade de circular uma representação de Malcolm como um líder negro “oportunista e vetor de violência”, a informação era disseminada para as “agências interessadas”.

## 2.4 – Malcolm X: uma “ameaça” à segurança nacional

Em dezembro de 1963, Malcolm fez declarações polêmicas sobre o assassinato do então presidente John Fitzgerald Kennedy (1961-1963)<sup>229</sup>. Para Elijah Muhammad, este foi o pretexto para censurar o ativista e afastá-lo de seu cargo na Nação do Islã quando a relação entre os dois já estava abalada. Em março de 1964, vendo que não recuperaria espaço no movimento, Malcolm declarou publicamente que abandonaria a NOI e organizaria seu próprio grupo nacionalista negro de orientação islâmica, o Muslim Mosque Incorporated (MMI). Tanto o afastamento quanto a saída do ativista da NOI foram acompanhados de perto pelo FBI, que produziu documentos e os disseminou para diversas instituições federais norte-americanas.

Ao comunicar o afastamento de Malcolm, Hoover novamente descreveu a NOI para o chefe do Secret Service – agência que protege membros do governo e investiga crimes financeiros – como uma “organização negra, antibranca, semirreligiosa que demanda a completa separação das raças e ensina o ódio extremo em direção a todos os

---

<sup>228</sup> Do original: “Possibility exists fire started by Little’s group to damage property owned by NOI. NYO instructed to explore this possibility. Information being disseminated to Department, Secret Service and interested agencies.” Nota informativa da Divisão 5, 14 de fevereiro de 1965, Section 15, Malcolm X FBI File. A casa de Malcolm no bairro do Queens foi bombardeada em 14 de fevereiro de 1965. Embora nunca se tenha confirmado quem foram os autores do crime, provavelmente se tratava de membros da Nação do Islã, já que a moradia estava em disputa judicial entre Malcolm e Elijah.

<sup>229</sup> Malcolm usou a expressão “*chickens coming home to roost*” ao se referir à morte de Kennedy. Em português, seria o equivalente a dizer “você colhe o que planta”, ou seja, para Malcolm, Kennedy enfrentava as consequências dos seus atos. Ver MARABLE, Manning. *Op. Cit.*, 2021, posições 6114-6121.

homens brancos”<sup>230</sup>. Se Malcolm X conseguiu proferir falas que eram radicais e controversas até para uma instituição que exalava um “ódio extremo”, então esse investigado deveria ser ainda mais atentamente vigiado. Nota-se que o FBI foi, de 1953 a 1964, fechando o cerco em torno de Malcolm X. Através das declarações do ativista, o diretor do FBI e a alta hierarquia da instituição legitimaram a intensificação da investigação que se seguiu até seu assassinato em 1965. Com isso, as representações anteriormente mobilizadas foram remodeladas de acordo com os acontecimentos da vida de Malcolm, com a sua inegável projeção e com os novos projetos do investigado.

Após sair da Nação do Islã, Malcolm realizou duas grandes viagens para países africanos e do Oriente Médio em 1964. A primeira, entre abril e maio, foi marcada pela realização do *haji* – a peregrinação dos muçulmanos a Meca –, após o ativista estabelecer vínculos com movimentos islâmicos fora do país. Embora o universo muçulmano negro norte-americano não tivesse relações efetivas com o mundo árabe, considera-se que o impacto dessa experiência de Malcolm no Oriente Médio mudou profundamente o ativista, que constatou uma harmonia entre brancos e não brancos na cidade sagrada<sup>231</sup>. Consta que isso o levou a reconsiderar suas perspectivas raciais, se afastando das posições isolacionistas e segregacionistas da NOI. Após voltar dessa viagem, Malcolm fundou a Organization of Afro-American Unity (OAAU), uma organização pan-africanista que tinha como propósito estabelecer a autodeterminação dos negros norte-americanos e lutar pelos direitos humanos<sup>232</sup>.

A segunda grande viagem de Malcolm ao exterior, realizada entre julho e novembro de 1964, foi marcada por encontros com diversas figuras de Estado de países africanos e árabes. Com isso, o ativista tentou reorganizar suas perspectivas políticas e angariar aliados na luta contra o racismo e a segregação racial nos Estados Unidos e fora

---

<sup>230</sup> Do original: “The NOI is an all-Negro, anti-white, semireligious organization which advocates complete separation of the races and teaches extreme hatred of all white men.” Memorando de Hoover para o Chefe do Serviço Secreto, 6 de dezembro de 1963, Section 9, Malcolm X FBI File. Ao usar a palavra “semirreligiosa”, o diretor do FBI provavelmente estava se remetendo à antiga e depreciativa caracterização da NOI como um “culto”, e não como uma religião de fato.

<sup>231</sup> HALEY, Alex e X, Malcolm. *Op. Cit.* 2015, p. 347.

<sup>232</sup> Diferentemente do Muslim Mosque Inc., que tinha forte caráter religioso e era formado principalmente pelos antigos aliados de Malcolm na NOI, a OAAU concentrava os seguidores que se encontravam fora da alçada religiosa do ativista. Para fundar a OAAU, Malcolm se inspirou na Organization of African Unity (OAU), formada por países africanos. Ver SALES JR., William W. *From Civil Rights to Black Liberation: Malcolm X and the Organization of Afro-American Unity*. Boston: South End Press, 1994. O pan-africanismo é uma filosofia política que surgiu no final do século XIX. Ela teve forte impacto nas lideranças políticas africanas e na comunidade negra estadunidense a partir do início do século XX. A visão pan-africanista defende os direitos dos povos africanos e afrodescendentes, além da unificação do continente africano. Sobre pan-africanismo, ver ADI, Hakim. *Pan-Africanism: A History*. New York: Bloomsbury, 2018.

do país. Essas experiências contribuíram para que Malcolm redirecionasse sua radicalidade política para questões como a autodefesa da população negra, a luta pelo direito de voto e o pan-africanismo. Ambas as viagens foram tema de vários documentos produzidos pelo Bureau ao longo de 1964.



**Imagem 12 – Malcolm X no aeroporto Heathrow, em Londres, 9 de julho de 1964. As viagens do ativista após sair da Nação do Islã despertaram preocupação nos agentes do FBI, que temiam que Malcolm manchasse a reputação internacional dos Estados Unidos. Getty Images. Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/malcolm-x-black-american-muslim-leader-arriving-at-foto-jornal%C3%ADstica/2642104?adppopup=true>. Acesso em: 15 mai. 2021.**

Com esse realinhamento político-religioso de Malcolm, os agentes do FBI tiveram de reorganizar a investigação. Sublinhou-se, no último ano de vida do ativista, a violência das ações de Malcolm no campo racial norte-americano. De acordo com essa visão, o ativista “viciado em publicidade” via nos Civil Rights uma oportunidade para criar uma nova massa de seguidores, que reproduziriam seus postulados de autodefesa e nacionalismo negro. Ressalta-se que o Movimento dos Civil Rights, embora não fosse homogêneo, contava com a liderança de Martin Luther King Jr., que tinha como projeto

a integração dos negros à sociedade, perspectiva que os adeptos do nacionalismo negro rechaçavam. Dessa forma, a investigação de Malcolm adquiriu contornos ainda mais intensos entre 1964 e 1965.

#### **2.4.1 – A ruptura com a NOI e o risco da “contaminação” radical dos Civil Rights**

Com o afastamento de Malcolm da NOI em dezembro de 1963, a investigação do Bureau foi reestruturada, já que toda a rede de informantes consolidada pelo FBI, vinculada à NOI, não serviria mais para obter informações sobre o investigado. Num primeiro momento, Hoover requisitou que os escritórios de Nova York e Chicago tentassem entrevistar Malcolm para tentar obter informações sobre a Nação do Islã ou sobre seus planos para o futuro. Segundo o diretor do FBI, se o ativista demonstrasse “amargura” em relação à sua suspensão, ele poderia ser receptivo à ideia de uma entrevista<sup>233</sup>. Em fevereiro de 1964 foi emitido documento comprovando que o encontro, de fato, ocorreu. Diferentemente da entrevista de 1955, o relato sublinha a cordialidade de Malcolm com os agentes. Diz-se que “ele não teria objeção em ser contatado pelo FBI em relação a protestos ou outras atividades públicas da NOI”<sup>234</sup>. Em documento posterior do escritório de Nova York, o autor afirmou que “Little foi cordial e não exibiu animosidade aos agentes entrevistadores”<sup>235</sup>.

O fim das ações do ativista na Nação do Islã apontou para o FBI um Malcolm mais ativo e com mais recursos para promover ações e fomentar sua luta. Isso significou, aos olhos do Bureau, um Malcolm mais perigoso, especificamente em relação à Segurança Nacional do país. Reitera-se que, no início dos anos 1950, a tentativa do FBI de colar em Malcolm vínculos com o comunismo não foi o bastante para incluí-lo no rol daqueles que ameaçavam a Segurança Nacional norte-americana. Isso quer dizer que, para o Bureau, Malcolm era mais perigoso fora da Nação do Islã do que dentro dela.

Quando o ativista declarou sua saída da Nação do Islã numa coletiva de imprensa em 8 de março de 1964, o escritório de Nova York imediatamente produziu um

---

<sup>233</sup> Do original: “(...) in the event he is bitter over his suspension he may be receptive to an interview by Bureau Agents.” Airtel de Hoover para Chicago e Nova York, 7 de janeiro de 1964, Section 9, Malcolm X FBI File.

<sup>234</sup> Do original: “He stated that he would have no objection to being contacted by the Federal Bureau of Investigation regarding demonstrations or other public affairs contemplated by the NOI.” Formulário FD 302, 5 de fevereiro de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

<sup>235</sup> Do original: “(...) Little was cordial and exhibited no animosity toward the interviewing agents.” Airtel de Nova York para Hoover, 12 de fevereiro de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

*letterhead*, afirmando que o inquérito tinha sido colocado no status “ativo” e que “as atividades do investigado” seriam “acompanhadas de perto”<sup>236</sup>. Em um *airtel* desse mesmo escritório para Hoover, destacou-se que Malcolm “decidiu manter-se fora da NOI e organizar um ‘partido nacionalista negro’ politicamente orientado e que participaria ativamente do Movimento dos Civil Rights”<sup>237</sup>.

Com isso, passou-se a representar o ativista como um oportunista que via na ascensão dos Civil Rights uma forma de ganhar mais popularidade e de, possivelmente, retomar sua posição na Nação do Islã:

(...) sua “linha” não mudou em relação àquela usada como porta-voz de Elijah Muhammad antes de sua suspensão. Ele também tentou, aparentemente, deixar a porta aberta para permitir que Elijah o aceite de volta na NOI. De fato, Little pode achar que, ao falar publicamente, ele pode conquistar de volta seu antigo status popular e assim forçar Elijah a aceitá-lo de volta em sua antiga posição na NOI.<sup>238</sup>

A saída de Malcolm da Nação do Islã, a tentativa de manter a “porta aberta” para “forçar” sua volta à NOI e a possibilidade de criação de instituição nacionalista negra própria foram suficientes para o Bureau decidir por plantar escutas na casa do ativista. Em *airtel* do escritório de Nova York, datado de 11 de março de 1964, o *special agent in charge* pediu autorização de Hoover para estudar a possibilidade de instalação de escutas na casa de Malcolm, afirmando que “percebemos que uma escuta telefônica forneceria informações inestimáveis sobre suas atividades em seu novo papel, sobre seus apoiadores e se ele irá ou não criar uma nova organização”<sup>239</sup>. Cinco dias depois do pedido do

---

<sup>236</sup> Do original: “(...) subject’s activities will be closely followed (...)” *Letterhead* de 9 de março de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

<sup>237</sup> Do original: “(...) he decided to stay out of the NOI and organize a politically oriented ‘black nationalist party’, and that he would actively participate in the civil rights movement.” *Airtel* de Nova York para Hoover de 9 de março de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

<sup>238</sup> Do original: “(...) his ‘line’ has not changed from that used as the official spokesman of ELIJAH MUHAMMAD prior to his suspensions. He has, also, apparently tried to leave the door open to permit ELIJAH to welcome him back into the NOI. In fact, LITTLE may feel that by speaking out he can regain his former popular status and thus force ELIJAH to take him back into the NOI in his former position.” *Letterhead* de 11 de março de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

<sup>239</sup> Do original: “It is felt that a *tesur* [technical surveillance] on his telephone would provide invaluable information relative to his proposed activities in his new role, his supporters if any, and whether or not he will in fact establish his own organization.” *Airtel* de Nova York para Hoover, 11 de março de 1964, Section 24, Malcolm X FBI File. A expressão “*tesur*” significa “*telephone surveillance*”.

escritório, o diretor do FBI autorizou um exame na casa de Malcolm para verificar a possibilidade de instalação<sup>240</sup>.

Nesse meio tempo, Malcolm deu uma entrevista coletiva sobre a nova instituição que estava criando, o Muslim Mosque Incorporated. Em *letterhead* de 13 de março, o FBI sublinhou algumas das falas do ativista nesse evento. A que mais se destacou foi a seguinte: “**nós deveríamos formar clubes de rifle** que poderiam ser usados para defender nossas vidas e propriedades em tempos de emergência”<sup>241</sup> (grifo nosso). Essa afirmação do ativista sobre armamento e autodefesa foi recuperada e mobilizada muitas vezes em documentos posteriores.

Em um memorando de Hoover para o *attorney general* sobre as escutas autorizadas na investigação de Malcolm, ele disse que

Little completou sua cisão com a Nação do Islã e está formando um novo grupo que será conhecido como Muslim Mosque Incorporated em Nova York, o qual será muito mais agressivo do que a Nação do Islã e irá participar de protestos raciais e atividades dos Civil Rights. Ele recomendou a posse de armas de fogo aos membros para sua autoproteção.<sup>242</sup>

Agora, a menção à defesa e alegação do armamento pessoal dos negros foram agregadas à saída de Malcolm da NOI como justificativas para as escutas a serem plantadas. O ativista deveria ser vigiado porque se mostrara um líder negro radical e porque representava um perigo prático à segurança do país. Mesmo com a aparente abertura do ativista ao movimento negro mais moderado dos Civil Rights, o FBI ainda via sua figura como ameaça. O fato de que as escutas só foram explicitamente consideradas nesse ponto do inquérito indica, mais uma vez, outro fôlego investigativo renovado. Para a agência, a abertura do ativista ao movimento negro mais moderado, que de fato nunca se consumou, não significou, portanto, a contenção de um perigo, uma desradicalização, mas a certeza de uma ameaça ainda maior. O risco agora era de que Malcolm contagiasse os Civil Rights com suas propostas.

---

<sup>240</sup> *Airtel* de Hoover para Nova York, 16 de março de 1964, Section 24, Malcolm X FBI File.

<sup>241</sup> Do original: “(...) we should form rifle-clubs that can be used to defend our lives and our property in times of emergency (...)” *Letterhead* de 13 de março de 1964, p. 7, Section 10, Malcolm X FBI File.

<sup>242</sup> Do original: “Little has now completed his break with the Nation of Islam and is forming a new group to be known as Muslim Mosque, Incorporated, in New York which he states will be more aggressive than the Nation of Islam and will participate in racial demonstrations and civil rights activities. He has recommended the possession of firearms by members for their self-protection.” Memorando de J. F. Bland para William C. Sullivan, 31 de março de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

Um outro documento comprova que as escutas foram instaladas. De acordo com o memorando de 30 de março de 1964, as informações que os agentes procuravam na casa de Malcolm e a justificativa para tal ação eram as seguintes:

8. Informações específicas buscadas:

Informações sobre contatos e atividade de LITTLE, e atividade e crescimento do Muslim Mosque Inc. (...)

10. Importância do caso e do investigado:

A organização [Muslim Mosque Inc.] tem uma filosofia de nacionalismo negro, e entrou no campo racial em que sugere a formação de clubes de rifle por negros para que possam se defender.<sup>243</sup>

A fala de Malcolm sobre os “clubes de rifle” foi recuperada, assim como a afirmação de que o ativista montara uma organização nacionalista negra. Para o Bureau, a possibilidade de inserção de Malcolm nos Civil Rights era uma maneira de expandir sua liderança, e a defesa de porte de armas por parte dos negros era a certeza de que o ativista promoveria ações violentas. Como mencionado, para o FBI, Malcolm X foi se transformando em liderança cada vez mais perigosa. A essa altura, a temperatura aumentara ainda mais com a sua saída da Nação do Islã.

Outra novidade da investigação a partir da saída de Malcolm X da NOI foi a ampliação e a maior rapidez da circulação das informações do inquérito. Tornou-se mais comum a disseminação de documentos para o Departamento de Estado, o Secret Service e a CIA. Malcolm tornara-se ameaça para a nação. Dadas as frequentes viagens que o ativista fez entre 1964 e 1965, o Bureau produzia incessantemente memorandos com informações particulares de Malcolm para distribuição nessas outras instituições governamentais. Nesse momento da investigação ficou bastante comum a produção de *teletypes*, documentos mais rudimentares, confeccionados para distribuição rápida, com informações curtas a serem disseminadas no mesmo dia.

Os primeiros quatro *teletypes* da investigação apareceram em janeiro de 1964, e só cresceram em número a partir daí. Entre a morte de Malcolm em fevereiro de 1965 e

---

<sup>243</sup> Do original: “8. Specific information being sought: Information concerning contacts and activity of LITTLE, and activity and growth of the Muslim Mosque Inc. (...) 10. Importance of case and subject: Organization has philosophy of black nationalism, and has entered racial field where it suggests formation of rifle clubs by Negroes to defend themselves.” Memorando de Nova York para Hoover, 30 de março de 1964, Section 24, Malcolm X FBI File.

julho desse mesmo ano, por exemplo, 88 *teletypes* foram produzidos. Em contrapartida, documentos que demandavam mais tempo para serem produzidos, como os *summary reports*, diminuíram sensivelmente de quantidade após janeiro de 1964. Dos 27 SUMREPs da investigação, 22 foram feitos antes desse momento. Ou seja, a velocidade de produção dos documentos aumentou, reflexo de uma investigação mais intensa e que demandava circulação mais rápida de informações.

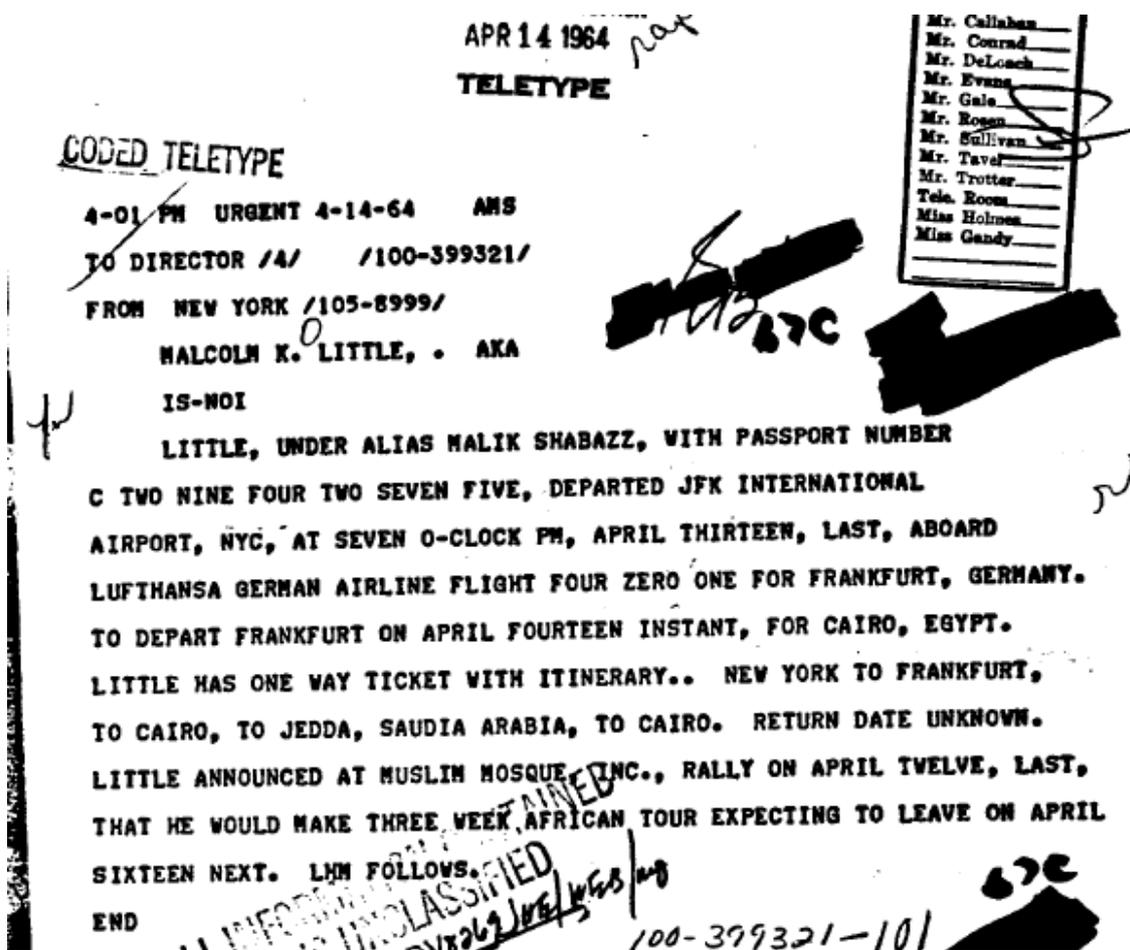


Imagem 13 – Teletype de Nova York para Hoover, 14 de abril de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

Em um *teletype* de abril de 1964 (imagem 13), Nova York informou Hoover que Malcolm havia iniciado sua primeira viagem internacional de 1964, que durou até maio daquele ano. O documento continha várias informações: empresa aérea do voo; número do passaporte de Malcolm; itinerário do ativista (Alemanha, Egito e Arábia Saudita); e perspectiva de retorno para os Estados Unidos<sup>244</sup>. Como indica a última frase desse

<sup>244</sup> Teletype de Nova York para Hoover, 14 de abril de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

*teletype* (“*LHM follows*”), essas mesmas informações foram enviadas ao DOJ em um *letterhead*, e para o Departamento de Estado e para a CIA em memorando de Hoover<sup>245</sup>.

Assim, as viagens de Malcolm X para o exterior em seu último ano de vida acabaram se tornando tema de muitos documentos que o FBI produziu para outras agências governamentais<sup>246</sup>. Esses escritos mostram um nível inédito de circulação de informações. Receberam cópias desses documentos: o diretor da CIA; os *assistant attorneys general* Walter Yeagley e Burke Marshall; o chefe do Secret Service; o *assistant chief of staff for intelligence* e o diretor de segurança do exército; o diretor de inteligência naval; o Escritório de Investigações Especiais e o chefe da Divisão de Contraineligência da Air Force; e o diretor do Bureau of Intelligence and Research do Departamento de Estado.

Como já reiterado, para o FBI, Malcolm X passara a ser um problema de segurança nacional, um ativista que estava entrando de cabeça nas tensões sociais do período. Se fosse bem-sucedido, poderia inflamar as massas que eram mobilizadas em grandes protestos da época com sua proposta de nacionalismo negro e pan-africanismo. As informações sobre o investigado, por sua vez, deviam ser disseminadas para as mais variadas autoridades federais norte-americanas, para alertá-las sobre a circulação ampla do ativista tanto em solo norte-americano quanto no exterior.

O receio de uma influência cada vez maior de Malcolm X nos Civil Rights era a tônica de vários documentos. O *special agent in charge* de Atlanta, ao falar sobre a conversão de Malcolm ao islamismo sunita a partir de relato de informante, afirmou que

[nome de informante censurado] vê que as atividades futuras de Malcolm podem seguir o caminho de uma organização religiosa legítima e, se manejada habilmente, poderia ser uma força efetiva e útil no atual Movimento pelos Civil Rights nos Estados Unidos. Se utilizada indiscriminadamente usando a legitimidade como cortina de fumaça, ela apresentaria um potencial perigoso.<sup>247</sup>

---

<sup>245</sup> *Letterhead* de 15 de abril de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File e memorando de Hoover para o diretor do Bureau of Intelligence and Research do Departamento de Estado, de 17 de abril de 1964, Section 10, Malcolm X FBI File.

<sup>246</sup> Ver, por exemplo, memorando de Hoover para o diretor da CIA, 25 de novembro de 1964, Section 13, Malcolm X FBI File; memorando de Hoover para o diretor do Bureau of Intelligence and Research, 30 de novembro de 1964, Section 13, Malcolm X FBI File; memorando de Hoover para o diretor do Bureau of Intelligence and Research, 4 de fevereiro de 1965, Section 14, Malcolm X FBI File.

<sup>247</sup> Do original: “[censurado] view that Malcolm X’s future activities may well follow the path of a legitimate religious organization and if capably managed could be an effective and useful force in the current Civil Rights Movement in the United States. If it is used indiscriminately behind the guise of

Aos olhos do FBI, o fato de Malcolm poder seguir “meios legítimos” indicava a possibilidade de ele e seus seguidores inflamarem o movimento dos Civil Rights, tornando-o mais radical. Em documento do *special agent in charge* de Nova York, afirmou-se que “É recomendável que essa fonte [a escuta] continue em vista da proeminência de Little como figura militante no campo dos Civil Rights, particularmente como líder do Muslim Mosque Inc. e da Organization of Afro-American Unity”<sup>248</sup>. O mesmo documento detalhou as informações importantes que foram obtidas através das escutas: os planos de viagem de Malcolm, os problemas entre a Nação do Islã e o Muslim Mosque Inc. e as cartas enviadas pelo ativista a outros líderes negros dos Civil Rights. Segundo o *special agent in charge*, todas essas informações foram fornecidas ao DOJ e às “agências interessadas”<sup>249</sup>.

#### **2.4.2 – “Por qualquer meio necessário”: Malcolm X e a possível denúncia dos Estados Unidos na Organização das Nações Unidas**

O temor do Bureau com relação a Malcolm crescia quando o ativista se envolvia com outras lideranças negras do país. Em junho de 1964, o escritório de Nova York produziu um *teletype* sobre um encontro entre o ativista, Clarence Jones, Whitney Young, representantes de A. Philip Randolph e do CORE, afirmando que

(...) a reunião consistiu de uma discussão geral sobre o futuro do Movimento dos Civil Rights nos Estados Unidos. Ao término da reunião, [Clarence] Jones indicou que considerava a ideia do investigado, a de internacionalizar o Movimento dos Civil Rights levando-o para as Nações Unidas, como a melhor ideia. Jones sentiu que pode ser possível apresentá-lo na assembleia geral no próximo mês de setembro (...)<sup>250</sup>.

---

legitimacy, it presents a dangerous potential.” *Airtel* de Atlanta para Hoover, 1 de junho de 1964, Section 11, Malcolm X FBI File.

<sup>248</sup> Do original: “It is recommended that this source be continued in view of the prominence of LITTLE as a militant figure in the civil rights field, particularly as the leader of the Muslim Mosque, Inc. and the Organization of Afro-American Unity.” Memorando de Nova York para Hoover, 2 de julho de 1964, Section 24, Malcolm X FBI File.

<sup>249</sup> Do original: “interested agencies”. *Ibidem*.

<sup>250</sup> Do original: “(...) meeting consisted of a discussion of general future of Civil Rights Movement in US. Following the meeting Jones indicated he considered the Best Idea presented was subject’s idea to internationalize the Civil Rights Movement by taking it to United Nations. Jones felt it may be possible to present it to the general assembly next *September* (...)” *Teletype* de Nova York para Hoover, 13 de junho de 1964, Section 11, Malcolm X FBI File.

Tratava-se da materialização dos temores do Bureau desde o rompimento de Malcolm X com a Nação do Islã: as ideias radicais do ativista em conjunto com o potencial de mobilização de líderes negros dos Civil Rights, expondo o país na Organização das Nações Unidas (ONU). Juntava-se ainda um elemento extra, a provável internacionalização do movimento negro. Em nota informativa da Divisão de Segurança Doméstica produzida posteriormente, reafirmaram-se esses planos e estabeleceu-se que tais informações seriam enviadas para o DOJ, o Departamento de Estado, a CIA e agências militares de inteligência<sup>251</sup>. Em suma, tratava-se de apresentar Malcolm como uma ameaça à integridade e à imagem internacional do governo dos Estados Unidos.

O FBI, portanto, não tinha apenas temor de que Malcolm X inflamasse o movimento dos Civil Rights, mas também que denunciasse na ONU o tratamento do governo norte-americano às questões raciais no país. Em memorando para o diretor da CIA, datado de julho de 1964, Hoover mencionou os motivos pelos quais Malcolm era considerado perigoso:

Em março de 1964, ele formou o Muslim Mosque Incorporated (MMI), um movimento negro nacionalista apenas para negros e, em junho de 1964, formou um novo grupo de ação de direitos civis chamado de Organization of Afro-American Unity (...) com o objetivo de levar o problema racial dos Estados Unidos para a ONU e de participar de protestos por direitos civis com o lema “por qualquer meio necessário”. Little pediu para que os negros abandonassem a doutrina de não violência e advogou para que os negros formassem clubes de rifle para proteger suas vidas e propriedades.<sup>252</sup>

---

Clarence Jones (1931-) é um advogado, ativista e intelectual negro norte-americano. Foi um dos principais conselheiros e amigos de Martin Luther King Jr. durante a vida do pastor, ajudando-o a escrever o famoso discurso “I Have a Dream”. Hoje em dia leciona no Martin Luther King, Jr. Institute na Stanford University. Já Whitney Young (1921-1971) foi um ativista negro estadunidense, famoso por liderar a National Urban League, uma organização do Movimento dos Civil Rights que combatia a desigualdade econômica e social dos negros, entre 1961 e 1971. Sobre ele, ver WEISS, Nancy J. *Whitney M. Young, Jr., and the Struggle for Civil Rights*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

<sup>251</sup> Nota informativa da Divisão de Inteligência Doméstica, 14 de junho de 1964, Section 11, Malcolm X FBI File.

<sup>252</sup> Do original: “In March, 1964, he formed Muslim Mosque Incorporated (MMI), a broadly based black nationalist movement for Negroes only and in late June, 1964, he formed a new nonwhite civil rights action group called the ‘Organization of Afro-American Unity’ (...) the aim of which would be to bring United States racial problem before United Nations and which would engage in civil rights demonstrations using the theme ‘by any means necessary’. Little has urged Negroes to abandon the doctrine of nonviolence and advocated that Negroes should form rifle clubs to protect their lives and property.” Memorando de Hoover para o diretor da CIA, 9 de julho de 1964, Section 12, Malcolm X FBI File.

Tem-se, nesse trecho, um retrato de todos os elementos tipicamente mobilizados pelo FBI em relação a Malcolm entre 1964 e 1965. Sua inserção no movimento mais amplo dos Civil Rights foi sublinhada, apontando para o perigo que isso significava através do uso da expressão “por qualquer meio necessário” e por ele advogar pelo caminho da violência, recuperando a afirmação do ativista sobre os “clubes de rifle”<sup>253</sup>.

Novamente o FBI enfatizava a possível denúncia arquitetada por Malcolm e pela OAAU que ocorreria na próxima assembleia geral da ONU, em 11 dezembro de 1964. Essa possível ação do ativista despertou não só a atenção do Bureau, mas também do DOJ. Em memorando do *assistant attorney general* J. Walter Yeagley para Hoover, datado de setembro de 1964, foi informado ao diretor do FBI que o Departamento de Estado iria conduzir entrevistas com embaixadas norte-americanas no Oriente Médio e na África para iniciar investigações das movimentações de Malcolm. O objetivo seria processá-lo por violação ao Logan Act, lei que proibia a negociação entre cidadãos norte-americanos não autorizados e governos estrangeiros. Suspeitava-se, portanto, que o ativista estivesse tentando obter apoio internacional para seus planos de denunciar os Estados Unidos na ONU. O autor do documento terminou pedindo a assistência do Bureau, requisitando quaisquer informações sobre as atividades de Malcolm no exterior<sup>254</sup>.

Nessa investigação, o Bureau não poderia usar sua ferramenta investigativa mais recente, as escutas. No início de outubro de 1964, Hoover enviou um *airtel* para o escritório de Nova York requisitando a retirada imediata das escutas da residência de Malcolm. Segundo o diretor do FBI, “Tendo em vista a possibilidade de que Little seja processado pelo Logan Act (...) é aconselhável remover as escutas de Little para eliminar as evidências contaminadas dessa fonte”<sup>255</sup>. Viam-se, portanto, as escutas como um empecilho à investigação do Departamento de Estado, já que à época era proibido usar em tribunal informações advindas desse tipo de fonte. A descoberta e o possível vazamento de que o Bureau utilizava esse tipo de vigilância contra seus investigados poderia causar sérios questionamentos à instituição, tanto no governo quanto na sociedade civil.

---

<sup>253</sup> A expressão “por qualquer meio necessário” se refere a um famoso discurso de Malcolm na coletiva de imprensa em que ele falou pela primeira vez sobre a OAAU, em junho de 1964. O discurso pode ser ouvido em <<https://www.youtube.com/watch?v=WBS416EZsKM>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

<sup>254</sup> Memorando de J. Walter Yeagley para Hoover, 2 de setembro de 1964, Section 12, Malcolm X FBI File.

<sup>255</sup> Do original: “In view of the possibility of prosecution of Little under the Logan Act (...) it is deemed advisable to remove technical coverage on Little so as to eliminate tainted evidence from this source.” *Airtel* de Hoover para Nova York, 2 de outubro de 1964, Section 24, Malcolm X FBI File.

Em 12 de novembro de 1964, menos de um mês antes da reunião da ONU, o escritório de Nova York enviou um *airtel* para Hoover, em que se lê que

Em anexo para o Bureau estão oito cópias de um memorando *letterhead* com planos da Organization of Afro-American Unity e seu líder, Malcolm X, para fazer a ONU condenar os Estados Unidos por suas políticas raciais, com a ajuda de africanos não identificados. [censurado] tendo um efeito adverso nos interesses de defesa nacional.<sup>256</sup>

A possibilidade de que a denúncia fosse levada a cabo, portanto, atemorizava o FBI, e o escritório de Nova York julgava essa questão como matéria de “defesa nacional”. Tendo em vista a possível ação do ativista, Hoover requisitou que Nova York providenciasse “vigilância adicional” a Malcolm X em dezembro e pensasse na possibilidade de entrevistar novamente o ativista enquanto “suas intenções pessoais relacionadas ao uso da força e da violência” continuassem<sup>257</sup>. Embora o ativista não tenha realizado a denúncia pretendida na ONU, a mera intenção alarmou significativamente o FBI<sup>258</sup>. Com isso, as movimentações de Malcolm passaram a ser mais vigiadas, bem como suas aparições na grande mídia estadunidense.

### **2.4.3 – Malcolm X: “herói e mártir dos revolucionários negros”**

Em 21 de fevereiro de 1965, Malcolm foi alvejado com 21 balas, provavelmente por membros da Nação do Islã, no teatro Audubon Ballroom, em Washington Heights, próximo ao Harlem. A morte do líder negro foi informada a Hoover e aos escritórios do Bureau pelo *special agent in charge* de Nova York<sup>259</sup>. Três dias após o ocorrido, o diretor

---

<sup>256</sup> Do original: “Enclosed herewith for the Bureau are eight copies of an LHM concerning plans of the OAAU and its leader, Malcolm X, to have the UN conn the USA for its racial policies with the aid of unidentified Africans. [censurado] having an adverse effect on the national defense interests.” *Airtel* de 12 de novembro de 1964, Section 13, Malcolm X FBI File.

<sup>257</sup> Do original: “Recommendations concerning such an interview should be submitted as soon as Little’s personal feelings regarding the use of force and violence are established.” *Airtel* de Hoover para Nova York, 2 de dezembro de 1964, Section 13, Malcolm X FBI File.

<sup>258</sup> De acordo com Manning Marable, as tentativas de Malcolm de engajar seus contatos africanos na denúncia que faria na ONU foram malsucedidas, por conta do desinteresse desses países em desagradar os Estados Unidos num contexto geopolítico tenso e em que suas independências eram tão recentes. MARABLE, Manning, *Op. Cit.*, 2012, posições 7558-7697.

<sup>259</sup> *Teletype* de Nova York para Hoover, Boston, Chicago, Cleveland, Detroit, Philadelphia, Los Angeles e San Francisco, 21 de fevereiro de 1965, Section 15, Malcolm X FBI File. Um documento sem marcação alguma também indica que o Serviço Secreto foi informado por telefone da morte de Malcolm. Ver documento de 23 de fevereiro de 1965, Section 15, Malcolm X FBI File.

do FBI requisitou a retirada do nome de Malcolm do *Security Index*, depois de mais de uma década<sup>260</sup>.

No entanto, novos documentos continuaram a ser produzidos e classificados como “*Malcolm X: Internal Security – Muslim Mosque Incorporated*”. As representações de Malcolm como um líder negro influente foram fundamentais para a “continuidade” do inquérito, mesmo com o ativista morto: foram produzidos relatórios sobre as movimentações estudantis em resposta ao assassinato do ativista; seu funeral foi filmado; e o julgamento dos suspeitos de sua morte foi acompanhado de perto pelo FBI<sup>261</sup>.

Segundo um *summary report* de setembro de 1965,

Apesar de o investigado estar morto, suas atividades até o momento de sua morte estão sendo reportadas por propósitos de inteligência tendo em vista o fato de que ele esteve em contato com governos estrangeiros com o objetivo de constranger o governo dos Estados Unidos por causa dos problemas raciais.<sup>262</sup>

Como líder negro influente que Malcolm X era, seu impacto ainda era sentido mesmo depois de sua morte. Não só sua pessoa era vista como um perigo para o Estados Unidos, mas suas ideias e, agora, o seu legado. O impacto de seu ativismo e de algumas ações específicas, como tentar “constranger o governo dos Estados Unidos”, ainda era uma preocupação. Várias movimentações e eventos relacionados ao ativista nos anos seguintes foram vigiados de perto pelo Bureau. A possível produção de dois filmes sobre o ativista foi tema de um memorando produzido em 1968, em que se lê na descrição do investigado que

Informantes raciais previamente avisaram da possível produção de um filme sobre a vida de Malcolm Little, um líder nacionalista negro, conhecido como Malcolm X. (...) Ele foi assassinado em 21 de fevereiro de 1965, e três

---

<sup>260</sup> Memorando de Hoover para Nova York, 25 de fevereiro de 1965, Section 15, Malcolm X FBI File.

<sup>261</sup> Sobre as movimentações estudantis em reação ao assassinato de Malcolm, ver *letterhead* de 8 de março de 1965, Section 16, Malcolm X FBI File. Sobre a filmagem do funeral, ver *airtel* de Nova York para Hoover e *mechanical section* do FBI de 1965, Section 17, Malcolm X FBI File. Sobre o julgamento dos suspeitos de assassinar Malcolm, ver memorando de Nova York para Hoover, 17 de dezembro de 1965, Section 18, Malcolm X FBI File e memorando de Hoover para Nova York, 21 de fevereiro de 1966, Section 18, Malcolm X FBI File.

<sup>262</sup> Do original: “Although the subject is dead, his activities up until the time of his death are being reported for intelligence purposes in view of the fact he had been in contact with foreign Governments for the purpose of embarrassing the United States Government on its racial problems.” *Summary report*, 8 de setembro de 1965, p. 2, Section 18, Malcolm X FBI File.

membros da NOI foram condenados pelo assassinato. **Desde então, Malcolm X se tornou um “santo” para o movimento nacionalista negro.**<sup>263</sup> (grifo nosso)

Se Malcolm era perigoso vivo, morto ele poderia tornar-se mártir. Se movimentos mais radicais, como os Panteras Negras, eram cada vez mais importantes no cenário político norte-americano pós-1965, entender o que deu sustentação a eles era fundamental aos olhos do FBI. Esses agentes viam em Malcolm essa origem, um “santo” que havia aberto o caminho para nacionalistas negros ocuparem espaços antes inexistentes. Também se observa como a temática racial ganhou corpo, com o agente fazendo menção a “informantes raciais”, recrutados especificamente em casos relacionados a essa questão.

Vejamos o interesse do Bureau em possível filme sobre Malcolm. No tópico “*Action*” do mesmo documento, lê-se:

Que a carta em anexo seja enviada instruindo o escritório de Los Angeles a contatar fontes nesses dois estúdios para confirmar as informações do artigo de jornal, para determinar se o Bureau é mencionado ou representado em cada filme, e para obter cópias dos roteiros quando estiverem disponíveis, **para proteger os interesses do Bureau.**<sup>264</sup> (grifo nosso)

Investigar o impacto de Malcolm era, portanto, fundamental para “proteger os interesses do Bureau”. O FBI estava preocupado com o legado de Malcolm, mas também em proteger as ações nem sempre lícitas da agência. Isso demandava um esforço de vários escritórios regionais e uma atenção bastante ampla em relação às diversas formas de se lembrar (e comemorar) o ativista, como, por exemplo, a manutenção de memoriais em homenagem a Malcolm em escolas da Filadélfia – que foi informada ao diretor do FBI em 1969 – e um livro sobre o ativista, que foi alvo de um *review* por parte do Bureau nesse mesmo ano<sup>265</sup>.

---

<sup>263</sup> Do original: “Racial informants have previously advised of the possible production of a movie on the life of Malcolm Little, a former leading black nationalist who was better known as Malcolm X. (...) He was assassinated on 2/21/1965 and three members of the NOI have been convicted of his murder. Since then, Malcolm X has become a ‘saint’ to the black nationalist movement.” Memorando de [censurado] para William C. Sullivan, 26 de março de 1968, Section 19, Malcolm X FBI File.

<sup>264</sup> Do original: “That the attached letter be sent instructing the Los Angeles Office to contact sources at these two studios in order to confirm the news article, to determine if the Bureau is to be mentioned or portrayed in either movie, and to obtain advanced copies of the scripts when available in order to protect the interests of the Bureau.” *Ibidem*.

<sup>265</sup> *Teletype* de Filadélfia para Hoover, 6 de fevereiro de 1969, Section 19, Malcolm X FBI File; e memorando de [censurado] para William C. Sullivan, 25 de abril de 1969, Section 19, Malcolm X FBI File.

A preocupação com possíveis atos violentos em eventos que comemoravam o aniversário de Malcolm era constante até nos anos 1970. Duas semanas antes da morte de Hoover em 1972, o diretor do FBI ainda chamava a atenção dos escritórios regionais para o impacto da figura de Malcolm X:

**Já que muitos revolucionários negros de hoje consideram Malcolm X como um herói e um mártir, a possibilidade existe de que o aniversário dele seja marcado por atos de violência:** (...) Comunique isso a todos os agentes que estão lidando com questões de extremismo negro para que eles estejam alerta para quaisquer informações sobre possível violência em conexão com o aniversário de Malcolm X.<sup>266</sup> (grifo nosso)

Em um país cujas tensões raciais explodiram ainda mais durante a década de 1960, o FBI apresentava os revolucionários negros como predispostos à violência. A emergência de grupos como os Panteras Negras consolidou e ampliou a representação de Malcolm como radical e fanático, agora como um legado inestimável para esses grupos. Em 1972, para o diretor do FBI, a influência do ativista tinha sido bem-sucedida, tendo Malcolm se tornado um “herói e um mártir”. O Bureau teve que admitir que ele fincara firmemente raízes no cenário político norte-americano. Como se sabe, o seu legado não apenas foi fonte para os Panteras Negras, mas também para o movimento Black Power, que ganhou corpo na segunda metade da década de 1960<sup>267</sup>. Muitos anos depois do assassinato do ativista, o Bureau ainda considerava Malcolm uma figura perigosa, cuja memória poderia despertar e amplificar a violência de “revolucionários negros”.

Percebe-se que o FBI produziu vários Malcolms ao longo da investigação. Drogado, presidiário, comunista, influenciável, viciado em publicidade, ameaça à segurança nacional e mártir. Esses elementos foram mobilizados de forma flexível e, por vezes, sobreposta. Tratava-se de miríade de predicados utilizados para definir a figura do

---

<sup>266</sup> Do original: “Because many of today’s black revolutionaries regard Malcolm X as a hero and a martyr, the possibility exists that the anniversary of his birthday may be marked by them with acts of violence. (...) Bring this to the attention of all Agents handling black extremist matters so that they may be alert for any information concerning possible violence in connection with Malcolm X’s birthday.” Memorando de Hoover para o SAC Albany, 19 de abril de 1972, Section 19, Malcolm X FBI File.

<sup>267</sup> O movimento Black Power propunha, segundo Henrique Rodrigues de Paula Goulart, “a autodeterminação política e o orgulho racial/identitário entre os afro-americanos como forma de luta radical contra o racismo sistêmico” nos Estados Unidos. Nesse sentido, apresentava pautas e expressões diversas, dando origem a novos modos de se produzir arte e de se agir e pensar politicamente a situação da população afro-americana e afrodescendente em geral. GOULART, Henrique Rodrigues de Paula. *Entre os Estados Unidos e o Atlântico Negro: o Black Power de Stokely Carmichael (1966-1971)*. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 2019, pp. 14-22.

ativista, indicando a complexidade do homem por trás das imagens construídas. Com uma trajetória bastante heterogênea e intensa, Malcolm X foi um militante e um intelectual que despertou interesse e ódio de muitos nos Estados Unidos. Esses esforços também indicam que o Bureau estava disposto a ir longe na repressão a seus investigados, utilizando de toda sorte de informações e estratégias para definir Malcolm e combatê-lo. Reformulando, juntando e separando essas representações, o FBI foi capaz de articular e rearticular a visão de que Malcolm – vivo ou morto – simbolizava um perigo sério à integridade dos Estados Unidos.

## **CAPÍTULO 3 – Martin Luther King Jr. segundo o FBI: “demagogo e imoral”**

A investigação de King se iniciou nos primeiros meses de 1962, quando o FBI descobriu que um dos conselheiros mais próximos do pastor era Stanley Levison, advogado novaiorquino que teve conexões com o Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) na década anterior<sup>268</sup>. Nos anos 1960, Martin Luther King Jr. era liderança importante nos Civil Rights, e o movimento negro já se consolidara no cenário político nacional, mobilizando protestos em massa e pressionando o governo federal na luta contra a segregação racial.

A possível influência comunista em figura pública tão importante tinha potencial subversivo significativo, de acordo com o Bureau. Assim, a investigação de King foi intensa desde o início, produzindo quantidade enorme de registros. Em termos comparativos, o inquérito do pastor tem quase oito vezes mais documentos (5.579) do que o de Malcolm X (712), mesmo com seis anos a menos de duração. Ao buscar obsessivamente elos entre esses ativistas e o comunismo da época da Guerra Fria, o FBI não pôde elaborar perfis precisos sobre os investigados. Nenhum dos dois era comunista, apesar das ideias desse campo da esquerda encontrarem inserção em parte da comunidade negra estadunidense. Embora a questão do comunismo tenha sido comum às duas investigações aqui tratadas, ela foi articulada de maneira diferente no inquérito do pastor, como veremos. Apesar de Malcolm X e Martin Luther King Jr. terem divergido em suas abordagens, a documentação do Bureau raramente sublinhava as diferenças fundamentais entre eles e seus projetos políticos facilmente identificáveis: King buscava inclusão pacífica dos afro-americanos naquela sociedade, com um projeto político de grande potencial de mobilização por todo o país; já Malcolm defendia pautas mais combativas, como o nacionalismo negro e a autodefesa, com apelo considerável entre a população mais jovem e urbana dos guetos das grandes cidades.

Do início do processo em 1962 até meados de 1963, o FBI focou em possível influência comunista sobre King. A vigilância se intensificou a partir da realização da Marcha sobre Washington em agosto de 1963. Esse evento gerou novas representações

---

<sup>268</sup> O FBI monitorou King pontualmente em alguns episódios anteriores a 1962, como no boicote aos ônibus de Montgomery em 1955-1956. No entanto, a investigação formal só foi aberta no ano de 1962. GARROW, David J. *The FBI and Martin Luther King, Jr.* New York: Penguin Books, 1988, pp. 22-24.

de King como perigoso por si só, um líder capaz de mobilizar multidões e questionar as relações raciais no país. Do final de 1963, após a Marcha de Washington, até meados de 1966, o Bureau passou a adotar novas estratégias, com aval do Departamento de Justiça (DOJ). Escutas foram instaladas na residência de King em Atlanta, nas sedes da Southern Christian Leadership Conference (SCLC) em Nova York e Atlanta e em quartos de hotel em que o pastor se hospedava. A agência também passou a sabotá-lo, vazando informações sensíveis para a imprensa, políticos e funcionários federais de alto escalão, impedindo que King recebesse determinados prêmios e honrarias. Nessa época, o investigado passou a ser interpretado também como inimigo do Bureau, alguém a ser neutralizado para o bem da instituição e do país.



**Imagem 14 – Martin Luther King Jr. na Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade, 28 de agosto de 1963. O evento teve impacto profundo em como o FBI interpretou a figura do pastor na investigação. AFP/Getty Images. Fonte: <<https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/the-civil-rights-leader-martin-luther-king-waves-to-foto-jornal%C3%ADstica/176910681?adppopup=true>>. Acesso em: 15 maio 2021.**

Embora esse ímpeto investigativo tenha arrefecido depois de 1966, quando as escutas deixaram de ser usadas, as informações coletadas a partir delas foram mobilizadas intensamente até 1968, quando o pastor foi assassinado. Desse modo, de 1966 até 1968 as imagens de King foram modificadas de acordo com informações sobre sua vida íntima e com o ativismo dele contra a Guerra do Vietnã. Concomitantemente, portanto, se

articularam retratos do ativista como promíscuo – o que implicava seriamente a imagem de um pastor batista – e influenciado por comunistas. Tais representações não ficaram restritas ao FBI, mas foram disseminadas para instituições das Forças Armadas, governo federal e imprensa.

A partir do assassinato de King em 1968, a atuação do Bureau passou a ser muito questionada. A agência continuou investigando as mobilizações em nome do pastor após ele ter sido assassinado, tentando impedir, por exemplo, que se aprovasse um feriado nacional em nome dele. Ao mesmo tempo, muitas das medidas tomadas contra King foram reveladas pela imprensa, minando a confiança pública na instituição. Enquanto a figura do pastor passava a ser exaltada em diversos segmentos da sociedade norte-americana, a crise do FBI se intensificou, principalmente em razão dos abusos cometidos contra Martin Luther King Jr.

Embora tenha sido mais breve que o de Malcolm X, o inquérito de King transcorreu em um dos períodos mais intensos da história norte-americana no século XX. Os protestos de vários movimentos sociais tomaram as ruas do país e geravam tensões constantes. Concomitantemente, a ameaça comunista nunca foi tão intensamente sentida, com episódios marcantes, como a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962<sup>269</sup>. Dessa forma, como mostra Elaine Tyler May, grupos conservadores em geral passaram a mobilizar esses medos do comunismo e da agitação social, combinando-os e fortalecendo formas antigas de reação, como a suburbanização da classe média branca<sup>270</sup>.

Martin Luther King Jr. foi figura central desse período, não só por causa da sua presença nos grandes eventos que marcaram os Civil Rights, mas também como liderança mais conhecida e conectada ao movimento. Assim, as ações do Bureau contra ele foram mais intensas e incisivas, e as representações construídas sobre o pastor durante esses anos foram mais contínuas e estruturadas. O FBI considerava King um perigo maior que Malcolm X, já que tinha mais capilaridade na sociedade norte-americana e potencial maior para mobilizar pessoas e realizar mudanças. Embora os modos de expressão desse perigo tenham sido heterogêneos, eles eram perpassados por estereótipos comumente associados à população negra: subversivo, comunista, criminoso e imoral.

---

<sup>269</sup> A Crise dos Mísseis de Cuba foi uma tensão entre Estados Unidos e União Soviética durante outubro e novembro de 1962, quando ambos os países instalaram mísseis em locais estratégicos – os norte-americanos na Itália e na Turquia, e a URSS em Cuba. Sobre o evento, ver STERN, Sheldon. *The Week the World Stood Still: Inside the Secret Cuban Missile Crisis*. Stanford: Stanford University Press, 2005.

<sup>270</sup> MAY, Elaine Tyler. *Fortress America: How We Embraced Fear and Abandoned Democracy*. New York: Basic Books, 2017, pp. 57-96.

### 3.1 – Martin Luther King Jr. e o comunismo

A questão do comunismo é fundamental para o entendimento de toda a investigação de King. Sendo o tema mais recorrente durante o inquérito, foi o anticomunismo do FBI que permitiu justificar o monitoramento do pastor e circular de forma bem-sucedida muitos documentos com informações derogatórias sobre o investigado para a imprensa e várias instituições do governo. Embora constante, o comunismo foi expresso de maneiras diferentes ao longo dos seis anos de inquérito.

Entre 1962 e meados de 1963, a alegada influência comunista sobre King – por Levison e outros conselheiros próximos do pastor, como Hunter Pitts O’Dell e Clarence Jones – foi a tônica da análise do Bureau. Stanley Levison (1912-1979), advogado judeu, branco, ativista e conselheiro próximo de Martin Luther King Jr., assessorou o pastor e a SCLC na arrecadação de fundos e organização de eventos em prol dos Civil Rights. No início dos anos 1950, Levison simpatizava com o CPUSA, embora provavelmente nunca tenha sido filiado ao partido. Ainda em meados daquela década, desiludiu-se com o Partido e passou a integrar a luta pelos direitos civis. Conheceu Martin Luther King Jr. após organizar eventos para arrecadação de fundos em prol do Boicote de Ônibus de Montgomery, Alabama, em 1956<sup>271</sup>.

Jack O’Dell, nascido Hunter Pitts O’Dell (1923-2019), escritor negro norte-americano e ativista no Movimento dos Civil Rights, se envolveu com o CPUSA nos anos 1950. Ainda nessa década foi alvo de suspeitas de subversão, tendo deposto em comitês governamentais sobre sua filiação ao comunismo. Nos anos 1960, aproximou-se de Martin Luther King Jr. e da SCLC, e se tornou um dos diretores da instituição<sup>272</sup>.

Já Clarence Jones (1931-) é um ativista negro e intelectual norte-americano. Atuou primeiramente como advogado pessoal de Martin Luther King Jr., no começo dos anos 1960, e depois se tornou conselheiro do ativista. Foi uma das figuras mais próximas de King, responsável por muitos dos discursos proferidos pelo pastor e teve papel importante na Gandhi Society for Human Rights, instituição criada por King e responsável por arrecadar fundos para a SCLC<sup>273</sup>.

---

<sup>271</sup> Sobre Levison, ver: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/levison-stanley-david>>. Acesso em: 18 maio 2021. Ver também GARROW, David J. *The FBI and Martin Luther King, Jr.* New York: Penguin Books, 1988, pp. 26-34.

<sup>272</sup> Sobre O’Dell, ver: <<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/odell-hunter-pitts-jack>>. Acesso em: 18 maio 2021.

<sup>273</sup> Sobre Jones, ver WEISS, Nancy J. *Whitney M. Young, Jr., and the Struggle for Civil Rights*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

Esses três assessores estiveram sob a mira do FBI durante a investigação de King, no começo da década de 1960, já que eles exerciam várias atividades em nome do pastor: arrecadação de fundos; contato com a imprensa; negociação com editoras para publicar os livros de King; e escrever os discursos do pastor. Sob a ótica do FBI, o ativista era um “peão” nas mãos desses “comunistas disfarçados”, que ditavam os rumos de sua atuação. O objetivo inicial da agência foi tentar afastar os assessores do investigado, informando a Casa Branca dessas conexões e vazando informações sobre esses “comunistas” para a imprensa<sup>274</sup>.

A partir do segundo semestre de 1963, com o impacto da Marcha sobre Washington, passou-se a retratar King também como demagogo e líder negro que poderia ameaçar a integridade do país. Tal concepção apareceu de forma concomitante a de “idiota útil”, a depender das informações mobilizadas pelos agentes do Bureau nos documentos produzidos. Como King manteve a assessoria de Stanley Levison até 1968 – ano do assassinato do pastor –, isso permitiu que os agentes recuperassem essa interpretação de “influenciado por comunistas” durante toda a investigação.

Por fim, o ativismo de King contra a Guerra do Vietnã a partir de 1965 permitiu ao Bureau reformular a maneira como mobilizava o tema do comunismo na investigação. Utilizando as críticas públicas do pastor à política externa estadunidense, o FBI passou a afirmar que tal posicionamento do ativista se assemelhava ao da URSS. Pela primeira vez durante o inquérito, houve a possibilidade de comparar posicionamentos de King com os de comunistas de fato, o que foi instrumentalizado pela agência para dar continuidade ao processo e legitimar seus esforços investigativos.

De qualquer forma, ora como manipulado, ora como demagogo, tais interpretações permitiram que os agentes explorassem o anticomunismo de maneira heterogênea no correr da investigação de King.

### **3.1.1 – King: “influenciado” por comunistas**

De acordo com *airtel* de maio de 1962, Martin Luther King Jr. era considerado “um proeminente líder negro” e estava “sendo influenciado por pelo menos dois

---

<sup>274</sup> Embora O’Dell e Levison tivessem conexões com o CPUSA nos anos 1950, não há indícios de que essas relações continuaram nos anos 1960. Ver GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, pp. 21-77.

comunistas de alta hierarquia”<sup>275</sup>. Esses “dois comunistas” eram Stanley Levison e Hunter Pitts O’Dell. Como indicado, ambos eram conselheiros do pastor e atuavam de forma constante na SCLC, além de terem se envolvido com comunistas nos anos 1950.

As próprias categorias usadas para definir King atestam a importância do tema comunismo. O principal *caption* dos documentos foi “Security Matter – Communist” (SM-C), com poucas alterações ao longo dos anos seguintes<sup>276</sup>. O investigado foi colocado no Reserve Index – lista de indivíduos a serem vigiados em casos de emergência nacional –, o segundo mais importante catálogo de subversivos do Bureau, depois do Security Index. Em *summary report* de maio de 1962 (imagem 15), o campo indicado como reavaliação do caso diz que King foi mantido no Reserve Index por “contínuas associações com oficiais do Partido Comunista”. De acordo com o historiador Kenneth O’Reilly, ao “conectar King ao Partido Comunista, eles [funcionários do FBI] esperavam afirmar publicamente a natureza não americana do Movimento dos Civil Rights”<sup>277</sup>.

card.

11. X This case has been re-evaluated in the light of the Reserve Index criteria and it continues to fall within such criteria because (state reason) of continued associations with Communist Party officials.

Imagem 15 – *Summary report* de 3 de maio de 1963, Section 3, Martin Luther King Jr. FBI File, p. D.

A conexão feita pelo Bureau entre ativismo negro e comunismo não era apenas fruto de paranoia anticomunista por parte da instituição. O impacto de ideias comunistas e socialistas na comunidade negra estadunidense, embora provavelmente restrito em termos quantitativos, foi significativo<sup>278</sup>. A Terceira Internacional Comunista (Comintern), desde a filiação do CPUSA em 1919, via a questão racial como central para a luta comunista nos EUA<sup>279</sup>. Em determinadas regiões dos EUA, como no Alabama dos

<sup>275</sup> Do original: “He is prominent southern Negro leader and is being influenced by at least two high-level communists.” *Airtel* de Hoover para Nova York, Nova Orleans e Atlanta, 2 de maio de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. File.

<sup>276</sup> Outros *captions* presentes na investigação apenas confirmam a primazia do comunismo no inquérito, como o “Communist Influence in Racial Matters” (CIRM) ou “Communist Party/Negro Question” (CPUSA/NQ).

<sup>277</sup> O’REILLY, Kenneth. *Racial Matters: The FBI’s Secret File on Black America, 1960-1972*. New York: Free Press, 1991, p. 139.

<sup>278</sup> De acordo com Elaine Tyler May, a filiação ao Partido Comunista dos Estados Unidos nunca chegou a 80 mil pessoas. MAY, Elaine Tyler. *Op. Cit.*, 2017, pp. 18-19.

<sup>279</sup> SOLOMON, Mark. *The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-1936*. Jackson: University of Mississippi Press, 1998, p. XXIV. A Comintern, ou Terceira Internacional (1919-1943), foi fundada por Lenin para reunir os diferentes partidos comunistas do mundo. Sobre a Comintern, ver JAMES,

anos 1930, o Partido Comunista foi bem-sucedido como instituição agregadora da comunidade negra local, dotando a organização de caráter bastante popular<sup>280</sup>. As ideias radicais da esquerda negra também tiveram profundo impacto na radicalização do movimento negro na segunda metade da década de 1960, principalmente no Student Non-Violent Coordinating Committee (SNCC) e nos Panteras Negras<sup>281</sup>. No entanto, King não era radical, mas reformista e parte do movimento negro moderado.

As “associações com oficiais” alegadamente comunistas, além de serem raramente postas em dúvida pelo FBI na documentação, engendraram divisão clara no inquérito. Havia, segundo os próprios agentes do Bureau, diferença entre aspectos “raciais” e de “segurança”, que deviam ser categorizados e arquivados de maneiras distintas. Em memorando de Atlanta de abril de 1962, lê-se que

O escritório de Atlanta reportará todas as futuras informações de segurança relacionadas ao investigado sob a categoria Security Matter – Communist, e serão arquivadas em Atlanta com o serial 100-5586. Todas as informações futuras de natureza puramente racial serão reportadas sob a categoria Racial Matters e serão arquivadas em Atlanta como 157-400.<sup>282</sup>

Ou seja, nesse momento a questão do comunismo era matéria de segurança, apartada da questão racial, ao menos nas categorias do Bureau. Os números seriais também compunham a diferenciação: a questão de segurança (comunismo) era categorizada como 100, “Segurança Doméstica”, enquanto as questões raciais eram 157, “Inquietação Civil”. O inquérito de King, portanto, era matéria de segurança para o FBI,

---

C. L. R. *World Revolution, 1917-1936: The Rise and Fall of the Communist International*. New York: Duke University Press, 2017, pp. 105-130.

<sup>280</sup> KELLEY, Robin D. G. *Hammer and Hoe: Alabama Communists During the Great Depression*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990, p. 92. Muitas figuras públicas negras norte-americanas foram comunistas, como o sociólogo e intelectual W. E. B. DuBois; o músico e ator Paul Robeson; James W. Ford, o primeiro político negro a concorrer como vice-presidente nas eleições norte-americanas; Lorraine Hansberry, a primeira dramaturga negra a ter uma peça encenada na Broadway; e Benjamin Davis, um dos militantes mais importantes da história do país e figura próxima de Martin Luther King Jr.

<sup>281</sup> SHAWKI, Ahmed. *Black Liberation and Socialism*. New York: Haymarket Books, 2006, p. 9. O SNCC foi uma organização estudantil descentralizada bastante atuante nos Civil Rights. Foi fundada em 1960 e popularizou grandes ativistas negros do período, como Ella Baker e Stokely Carmichael. Sobre o SNCC, ver LING, Peter. SNCCs: Not One Committee, but Several. In: DAVIES, Philip e MORGAN, Iwan. *From Sit-Ins to SNCC: The Student Civil Rights Movement in the 1960s*. Miami: University Press of Florida, 2012; e HOGAN, Wesley C. *Many Minds, One Heart: SNCC's Dream for a New America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007, pp. 13-94.

<sup>282</sup> Do original: “The Atlanta Office will report all future security information regarding subject under an SM-C character, and it will be filed in Atlanta 100-5586. All future information of a purely racial nature will be reported under a racial matter character and will be filed in Atlanta 157-400.” Memorando de Atlanta para Hoover, 27 de abril de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. File.

por conta da suspeita de influência comunista sobre o pastor. O intuito do início da investigação de segurança era obter evidências do contato direto entre o ativista e pessoas alegadamente comunistas. Entendido como líder negro importante, o pastor poderia ser porta de entrada para a influência comunista no movimento negro.

Diversas atividades eram exercidas em nome de King por Levison, O'Dell e Clarence Jones: revisões de artigos e reportagens jornalísticas a serem publicados sobre o pastor, produção de discursos e cartas públicas assinadas por King, e atividades da SCLC. Tudo isso era, de acordo com a agência, prova de influência comunista sobre o investigado<sup>283</sup>.

Em *airtel* de Hoover de junho de 1962, disse o diretor do FBI que “o Bureau deseja obter informações de fontes públicas indicando que O'Dell e Levison são funcionários da SCLC”<sup>284</sup>. Nota-se que, apesar de se tratar de documento do inquérito de King, em nenhuma parte o nome dele é mencionado, a não ser em nota explicativa ao final, conforme a seguir:

King é objeto de investigação de segurança vigente. Levison é um associado próximo a King e é o diretor associado da SCLC. A investigação acima [de King] está sendo conduzida para obter informações de fontes públicas concernentes ao *background* de Levison e O'Dell em relação ao Partido Comunista e ao relacionamento deles com King.<sup>285</sup>

Tratava-se, portanto, de estabelecer como conselheiros de King manipulavam o ativismo do pastor em direção ao comunismo. Foi a partir dessa alegada influência comunista de O'Dell e Levison que se construiu sentido para a investigação no início de 1962, reforçando um dos estereótipos de pessoas negras como servís, facilmente manipuláveis, incapazes de pensar por conta própria<sup>286</sup>.

No final de 1962, quando várias igrejas negras estavam sendo queimadas por grupos supremacistas brancos em resposta às ações do movimento negro, o *special agent in charge* de Nova York afirmou que

---

<sup>283</sup> Sobre esses exemplos, ver *airtel* de Nova York para Hoover, 26 de abril de 1962, Section 1, Martin Luther King Jr. FBI File; memorando *letterhead*, 12 de outubro de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>284</sup> Do original: “The Bureau is particularly desirous of obtaining public source information indicating that O'Dell and Levison are officers of the SCLC.” *Airtel* de Hoover para Nova York, 12 de junho de 1962.

<sup>285</sup> Do original: “King subject of current security investigation. Levison closely associated with King and is Associate Director of SCLC. Above investigation being conducted to obtain public source information concerning Levison's and O'Dell's CP background and their relationship with King.” *Ibidem*.

<sup>286</sup> ROEDINGER, David R. *The Wages of Whiteness*. London & New York: Verso, 2007, p. 22.

(...) Stanley Levison conversou com Clarence Jones nessa tarde a respeito das igrejas queimadas no Sul. Jones e Levison disseram que Martin Luther King não deveria ficar em silêncio com relação a esse assunto, mas “deveria” enviar algum tipo de telegrama para “Kennedy” dizendo algo na linha de que o governo não consegue controlar uma pequena comunidade. Eles disseram que o telegrama deveria soar indignado. (...) Jones afirmou que ele falaria com King por telefone nessa noite e sugeriria a ideia de um telegrama para ele.<sup>287</sup>

De acordo com o FBI, Levison e Jones – como indicado, um assessor negro e outro judeu – eram aqueles que atuavam nos bastidores de tudo relacionado a King: a estratégia de recorrer ao presidente, o tipo de escrito que devia ser enviado e até o sentimento que devia ser transmitido. Não se enunciava nenhum tipo de autonomia por parte do pastor, e todos os seus atos seriam orquestrados por esses alegados comunistas. Tal era a importância desse tema que vários documentos do inquérito eram inteiramente relacionados a outros indivíduos, como dossiês de Levison, Jones e O’Dell. Era comum que lideranças tivessem assessorias, mas a do pastor, segundo o FBI, era formada por comunistas.

Dessa forma, King, suas ideias e projetos eram raramente analisados nesses primeiros anos. Cabe ressaltar também que, embora o escritório de Atlanta fosse o encarregado da investigação, Nova York foi mais presente no inquérito e produziu mais documentos, já que uma das sedes da SCLC ficava nessa cidade. Esse escritório, portanto, teve papel fundamental na mobilização da questão do comunismo em relação ao investigado.

Os relatórios da alta hierarquia do FBI em Washington D.C. definiam Levison de forma ainda mais contundente: como “membro secreto” do Partido Comunista e manipulador de King<sup>288</sup>. O que se omitia era que não havia nenhuma prova de que o advogado tinha qualquer conexão com o CPUSA depois da primeira metade da década

---

<sup>287</sup> Do original: “Stanley Levison conversed with Clarence Jones this afternoon with respect to the church burnings in the South. Jones and Levison said that Martin Luther King should not be silent with regard to this matter but ‘should’ send some sort of a hot wire to ‘Kennedy’ along the lines that the Government cannot control a small community They stated the wire should be indignant. (...) Jones stated that he would be talking to King by phone this evening and would suggest the idea of the telegram to him.” *Teletype* de Nova York para Hoover, 11 de setembro de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File. Observa-se, pelo nível de detalhe do relato, que tais informações provavelmente foram obtidas através de escuta, provavelmente utilizada na investigação de Stanley Levison.

<sup>288</sup> Ver, por exemplo, carta de Hoover para Kenneth O’Donnell [assistente especial do presidente Kennedy], 4 de maio de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File; nota informativa, 7 de agosto de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File; nota informativa, 11 de setembro de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File; nota informativa, 15 de outubro de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File.

de 1950<sup>289</sup>. Em 1963, o próprio Bureau reconheceu que Levison estaria “desencantado” com o partido. Em *airtel* de Nova York, datado de 21 de maio de 1963, lê-se que

De acordo com as instruções dadas no airtel do Bureau de 26 de março de 1963, cujo *caption* é “Stanley Levison; IS-C [Internal Security – Communism]”, nenhuma menção é feita sobre o “desencantamento” de Levison com o Partido Comunista na caracterização de Levison no memorando *letterhead* em anexo.<sup>290</sup>

Percebe-se que a agência deliberadamente omitiu do Departamento de Justiça que o conselheiro havia se “desencantado” do comunismo, já que tal informação não foi colocada no *letterhead*, tipo de documento direcionado à instituição. Para sustentar a interpretação de que King era usado por comunistas, quaisquer informações que colocassem em dúvida tal perspectiva não deveriam circular, sob risco de minar a legitimidade do inquérito.



**Imagem 16 – Martin Luther King Jr. e Stanley Levison, provavelmente nos anos 1960. A conexão entre os dois foi o catalisador da investigação do FBI sobre o pastor. Fonte: <<https://forward.com/culture/204082/martin-luther-kings-dangerous-friendship/>>. Acesso em: 15 maio 2021.**

<sup>289</sup> GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, pp. 41-46.

<sup>290</sup> Do original: “In accordance with instructions set forth in Buairtel 3/26/63, entitled, ‘STANLEY LEVISON; IS-C,’ no mention is being made of LEVISON’S ‘disenchantment’ with the CP in the characterization of LEVISON in the attached letterhead memorandum.” *Airtel* de Nova York para Hoover, 21 de maio de 1963, Section 3, Martin Luther King Jr. FBI File.

A associação entre King e Hunter Pitts O'Dell foi alvo de ações ainda mais incisivas por parte do FBI. Através do Programa de Contraineligência (COINTELPRO) contra o CPUSA, o Bureau buscou sabotar publicamente o pastor ao expor a conexão entre os dois. Em *airtel* de setembro de 1962, o *special agent in charge* de Nova York chamou atenção para reportagem do *The New York Times* sobre King, que mencionava brevemente a relação do pastor com O'Dell. O agente sugeriu plantar essa informação em outros jornais de forma anônima, portanto, sem mencionar o FBI como origem:

Sugerimos que cópias do artigo do *NY Times* de 26/09/1962, que menciona O'Dell, sejam anonimamente enviadas para o *Mobile Register*, *New Orleans States-Item*, *New Orleans States*, *New Orleans Times-Picayune* e para o *Baton Rouge Morning Advocate*, jornais que anteriormente publicaram artigos relacionados a Hunter Pitts O'Dell ou para outros periódicos sulistas. Sugerimos que um comentário seja escrito, “Esse Jack O'Dell não é idêntico ao O'Dell, o líder comunista no Sul sobre o qual vocês escreveram?” Sugerimos que essas cartas sejam enviadas das regiões dos jornais. Talvez dois ou três deles seriam selecionados.<sup>291</sup>

Nota-se o cuidado com as informações e a estratégia do escritório: determinou-se que as conexões entre O'Dell e o comunismo viessem de fontes públicas; que as cartas deveriam ser enviadas anonimamente das áreas dos jornais; e que os destinatários fossem periódicos sulistas que haviam publicado artigos sobre O'Dell. No mesmo documento foi dito que “acreditamos que jornais sulistas, por questão oportuna, possivelmente dariam cobertura ampla a tal material”. O objetivo da ação era “fazer com que outras organizações negras (...) limpem qualquer um que possa causar embaraço por filiação ou *background* comunista”<sup>292</sup>. O foco era, portanto, influenciar o movimento negro, forçando-o a expurgar possíveis “comunistas”.

---

<sup>291</sup> Do original: “It is suggested that copies of the 9/26/62 ‘NY Times’ article, which mentions O’DELL, be anonymously sent to the Mobile Register, New Orleans States-Item, New Orleans States, New Orleans Times–Picayune, and the Baton Rouge Morning Advocate, all of which have previously carried articles regarding HUNTER PITTS O’DELL or other Southern newspapers. It is suggested that a notation be made, ‘Isn’t Jack H. O’Dell identical with O’Dell, the Communist leader in the South you wrote about?’ It is suggested that those mailings be made from the areas of the newspapers. Perhaps only two or three newspapers would be selected.” *Airtel* de Nova York para Hoover, 28 de setembro de 1963, COINTELPRO CPUSA File, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>292</sup> Do original: “It is believed, that Southern newspapers because it is timely, would possibly give a very full coverage to such material.”; “It is believed that such an exposure would cause other Negro organizations (...) to clean out anyone who could possibly cause embarrassment because of Communist affiliation or background.” *Ibidem*.



**Imagem 17 – Hunter Pitts O’Dell em audiência do Comitê Interno do Senado, 12 de abril de 1956. O relacionamento entre O’Dell e King na década de 1960 foi explorado pelo FBI para sabotar a figura pública do pastor. AP/Getty Images. Fonte: <<https://www.thenation.com/article/archive/who-jack-odell/>>. Acesso em: 15 maio 2021.**

Registros posteriores sugerem que essas propostas foram adotadas e bem-sucedidas. Em *airtel* de Nova York para Hoover, datado de 30 de outubro de 1962, lê-se: “Em anexo estão três cópias do artigo de 26/10/1962 do *Long Island Star-Journal* (página 1) intitulado ‘Um Comunista Infiltrou a Alta Hierarquia de Martin Luther King’, que expõe Hunter Pitts O’Dell”<sup>293</sup>. Em *airtel* de 5 de novembro de 1962, outro artigo do mesmo jornal foi mencionado, relatando o pedido de demissão de O’Dell da SCLC em resposta às denúncias de que ele era comunista<sup>294</sup>. No entanto, O’Dell não se afastou de fato da SCLC, apenas ocupou cargos menores na instituição até as denúncias arrefecerem<sup>295</sup>.

King, portanto, já era julgado como suficientemente perigoso para ter seus conselheiros sabotados. As imagens do pastor construídas pelo FBI foram fundamentais

---

<sup>293</sup> Do original: “Enclosed are three Xerox copies of the 10/26/62 ‘Long Island Star-Journal’ (page 1) article ‘A Communist Has Infiltrated Martin Luther King’s Top Ranks’ which exposes HUNTER PITTS O’DELL.” *Airtel* de Nova York para Hoover, 30 de outubro de 1962, COINTELPRO CPUSA File, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>294</sup> *Airtel* de Nova York para Hoover, 5 de novembro de 1962, COINTELPRO CPUSA, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>295</sup> GARROW, David. *Op. Cit.*, 1988, pp. 53-66. Sobre a continuidade de O’Dell na SCLC, ver memorando de J. F. Bland para Hoover, 12 de dezembro de 1962, Section 3, Martin Luther King Jr. FBI File; e *airtel* de Hoover para Atlanta, 3 de março de 1965, Martin Luther King Jr. FBI File.

para entendermos como essa atividade de contrainteligência se deu. Ao interpretar o ativista como peão num jogo de influências, o Bureau e o DOJ tentaram direcionar o movimento negro a um caminho mais “apropriado”, de acordo com os parâmetros conservadores da instituição e longe de quaisquer “conexões comunistas”.

Em memorando de setembro de 1963 do *assistant attorney general* (AAG) Burke Marshall, funcionário encarregado da Civil Rights Division, explicitou a estratégia:

**Eu informei o dr. King e dois membros de sua organização (...) que já que muitos acreditavam que O’Dell tinha conexões comunistas, a associação dele [O’Dell] com a organização [SCLC] não era do interesse da própria SCLC.** Naquele momento, passos inconclusivos foram tomados para remover O’Dell, e seu trabalho na SCLC foi mudado. Em resposta a perguntas diretas se eu tinha evidências concretas sobre as conexões comunistas de O’Dell, no entanto, respondi que não estava em posição de fornecer nenhuma.<sup>296</sup> (grifo nosso)

Percebe-se que Marshall julgava saber o que era melhor para a SCLC, mais até do que os próprios integrantes da organização. Nota-se que quando confrontado sobre “evidências concretas” sobre a acusação que imputava a O’Dell, Marshall desconversou. No mesmo documento, ele afirmou: “(...) não achei sábio, considerando as fontes das informações do Bureau [provavelmente escutas], que eu sabia que O’Dell estava sob influência ou controle comunista em qualquer momento”<sup>297</sup>. Ou seja, as fontes deviam ser inconclusivas, e fundamentar a acusação de influência comunista poderia comprometer a própria investigação do FBI.

Tal conversa entre Marshall e King mostra a importância das representações construídas pela agência acerca do investigado e a dificuldade de se traçar seu perfil de forma mais fiel: se o pastor era alvo de intervenção comunista, cabia ao Bureau (e ao Departamento de Justiça) agir para que o movimento negro não fosse “manipulado”.

---

<sup>296</sup> Do original: “I did inform Dr. King and two members of his organization (...) that since O’Dell was believed by many people to have had Communist connections, his association with their organization was not in the best interests of the organization. At that time, inconclusive steps were taken to remove O’Dell, and his job with the Southern Christian Leadership Conference was changed. In response to direct questions whether I had hard evidence of O’Dell’s Communist connections, however, I replied that I was not in a position to give any.” Memorando de Burke Marshall para John Edgar Hoover, 20 de setembro de 1963, Section 87, Martin Luther King Jr. FBI File. O presidente Kennedy também se encontrou com King e pediu para que o ativista se livrasse dos “comunistas” no movimento negro. O’REILLY, Kenneth. *Op. Cit.*, 1991, p. 134.

<sup>297</sup> Do original: “(...) it was not felt to be wise in view of the sources of the Bureau’s information to state that I knew O’Dell to be under Communist influence or control at any time.” *Ibidem*.

Disso resultou nova leva de esforços para conseguir informações sensíveis sobre King. Em 1963 o monitoramento do pastor foi aumentando progressivamente, e as informações coletadas nesse esforço foram intensamente circuladas. Tal fato se deveu tanto às tensões do investigado com a instituição, que veremos mais à frente na seção 3.2, quanto ao próprio crescimento de King na esfera pública estadunidense.

Em memorando de James Field Bland de junho de 1963, foram relatadas duas requisições feitas por funcionários do Departamento de Justiça ao FBI: “informações subversivas e derogatórias relacionadas a Martin Luther King” e “um folheto que está sendo distribuído na Georgia” que continha “foto de uma grande reunião em um auditório, cuja legenda era ‘Martin Luther King em Escola de Treinamento do Partido Comunista’”<sup>298</sup>.

O Departamento se interessava em obter informações que comprometessem a agenda do governo relacionada aos Civil Rights, já que ela em parte expressava os interesses dos ativistas mais moderados – entre eles King. Antes de continuar, importa informar que John Kennedy foi intensamente pressionado – pelos acontecimentos e pela veemência do movimento em mostrar a exclusão dos negros – a ceder a algumas pautas do Civil Rights.

A segunda requisição feita foi uma foto (Imagem 18) do pastor datada de 1957, em reunião na Highlander Folk School<sup>299</sup>. Tratava-se de uma escola que ajudava na formação de ativistas do Movimento dos Civil Rights, instruindo-os sobre como se comportar em *sit-ins* e outras táticas de ação direta comuns naquele período<sup>300</sup>. Por conta

---

<sup>298</sup> Do original: “(...) his first request was that he be furnished any information of a subversive or derogatory nature regarding King which has not been previously furnished to the Department.” E “Maroney’s second request related to a leaflet which is currently being distributed in Georgia (...) this leaflet, which is only one page, contains a picture of a large gathering in an auditorium and is captioned ‘Martin Luther King at Communist Party Training School.’” Memorando de J. F. Bland para William C. Sullivan, 28 de junho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File. James Field Bland (1917-1998) foi funcionário do FBI entre 1941 e 1973, ocupando cargos de *special agent* e *inspector* em vários escritórios regionais e divisões no quartel-general. Também foi chefe da seção de controle de subversivos da Divisão de Segurança Doméstica e agente da Crime Records Division. Sobre Bland, ver <[https://archive.org/details/foia\\_Bland\\_James\\_F\\_1](https://archive.org/details/foia_Bland_James_F_1)>. Acesso em: 28 out. 2021.

<sup>299</sup> A Highlander Folk School foi fundada em Grundy County, no Tennessee, pelos ativistas Myles Horton, Don West e James A. Dombrowski. A proposta da instituição era prover treinamento e educação para líderes de movimentos sociais norte-americanos, sendo importante e atuante no Movimento dos Civil Rights entre os anos 1950 e 1960. A repressão de conservadores fez com que a escola tivesse de se mudar para a cidade de Knoxville em 1961 e New Market em 1971. Nesse meio tempo, seu nome mudou para Highlander Research and Education Center. Em 2019 um incêndio criminoso perpetrado por supremacistas brancos destruiu boa parte do acervo e arquivos da instituição. Sobre a escola, ver GLEN, John M. *Highlander: No Ordinary School*. Knoxville: University of Tennessee Press, 1996.

<sup>300</sup> Os *sit-ins* eram protestos em que os manifestantes se sentavam em estabelecimentos segregados racialmente – como lanchonetes e lojas –, recusando-se a se mover a não ser que suas demandas fossem atendidas. Foi uma das técnicas de não violência mais comuns recuperadas pelo movimento nos anos 1950

disso, conservadores da época rotularam-na de “escola comunista”, alegando que ela formava subversivos. Esse folheto foi peça de propaganda anti-Civil Rights, acusando King de se reunir com revolucionários. Embora a Highlander Folk School não tivesse nenhuma conexão com o CPUSA, ela era frequentada por alguns comunistas, como Abner W. Berry (indicado com o número 2 na imagem 18), membro do comitê central do CPUSA à época. As outras pessoas enumeradas na foto são Aubrey Williams (3), então presidente do Southern Conference Education Fund – organização importante na luta pelos direitos dos afro-americanos no Sul do país –, e Myles Horton (4), um dos fundadores da escola.

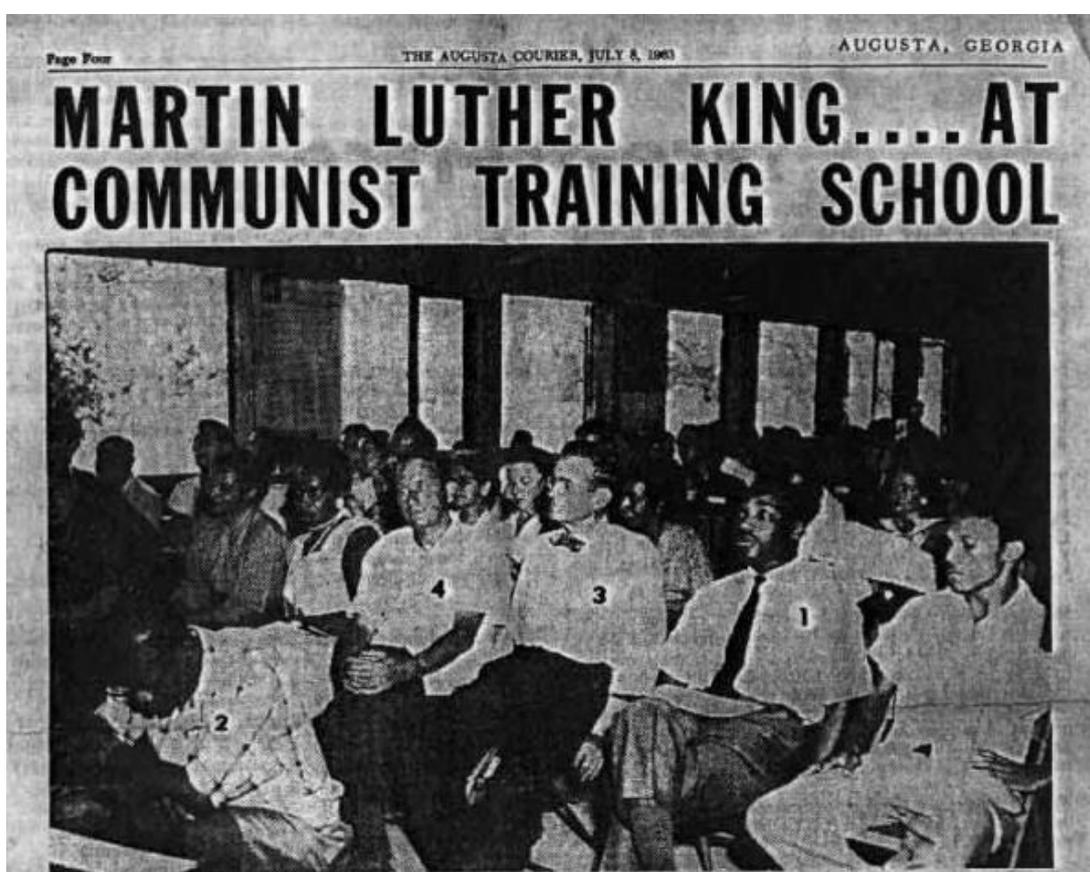


Imagem 18 – Foto de (1) King, (2) Abner W. Berry, (3) Aubrey Williams e (4) Myles Horton na Highlander Folk School em 1957. Jornal *Augusta Courier*, 8 de julho de 1963. Fonte: <<http://www.latinamericanstudies.org/african-americans/Augusta-Courier-7-8-1963.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2021.

A partir de meados de 1963, as acusações de que King era comunista passaram a ser ainda mais constantes, gerando insatisfação e curiosidade por parte de políticos e da

---

e 1960. Sobre os *sit-ins*, ver SCHMIDT, Christopher W. *The Sit-ins: Protest and Legal Change in the Civil Rights Era*. Chicago: Chicago University Press, 2018.

população em geral<sup>301</sup>. Em junho e julho desse ano, iniciou-se a produção de documentos detalhando o itinerário das viagens do pastor, indicando que o Bureau o seguia por todo o país e precisava de informações rápidas sobre os destinos e quartos de hotel em que ele ia se hospedar<sup>302</sup>.

Observa-se, portanto, que havia preocupação crescente do Departamento de Justiça e do FBI em relação a King. Em junho de 1963, Hoover enviou um memorando para vários oficiais da alta hierarquia do Bureau relatando conversa que teve com o Robert Kennedy, que cancelara a investigação. Segundo o diretor, o então *attorney general* disse que gostaria que o *assistant attorney general* Burke Marshall conversasse com King para que o pastor “se livrasse de Levison e O’Dell” em definitivo<sup>303</sup>. O diretor afirmou que isso poderia ser feito e que “se King continuar com essa associação, ele irá ferir o seu próprio movimento, porque há cada vez mais comunistas tentando tirar vantagem dos movimentos de ódio e dos fanáticos do Sul (...)”<sup>304</sup>. Nota-se que, para o diretor da agência, o perigo do comunismo era externo ao movimento negro: os comunistas poderiam “tirar vantagem” das mobilizações sociais, não necessariamente “infectá-las”. Buscava-se, desse modo, manter a população afro-americana sob controle para que essas “conexões comunistas” não prejudicassem o governo de John Kennedy, que àquela altura tentava – a contragosto e sob pressão – aprovar legislação antissegregação. Percebe-se

---

<sup>301</sup> Em julho de 1963, por exemplo, um memorando detalhou que o senador Warren G. Magnuson (Democrata, Washington) e o deputado Jeffery Cohelan (Democrata, Califórnia) requisitaram informações sobre o pastor e a escola. Outro memorando de J. F. Bland afirmou que o governador do Mississippi à época, Ross Barnett (Democrata), testemunhou em comitê do Senado afirmando que King era comunista, utilizando como prova a foto de King usada no folheto. Ver memorando de R. W. Smith para William C. Sullivan, 18 de julho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File; memorando de J. F. Bland para William C. Sullivan, 13 de julho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>302</sup> Itinerário de 5 a 7 de junho de 1963 em *radiogram* de Atlanta para Hoover, Birmingham, Chicago, Indianapolis e Nova York, 4 de junho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File; itinerário de 10 a 19 de junho de 1963 em *radiogram* de Atlanta para Hoover, Nova York, Albany e Birmingham, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File; itinerário de 15 de junho em *teletype* de Atlanta para Hoover, 13 de junho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File; itinerário de 8 e 10 de julho em *teletype* de Atlanta para Hoover, 8 de julho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File; itinerário de 23 e 24 de julho em *radiogram* de Atlanta para Hoover, 22 de julho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File; itinerário de agosto de 1963 em memorando *letterhead*, 9 de agosto de 1963, Section 5, Martin Luther King Jr. FBI File; itinerário do fim de agosto em *airtel* de Nova York para Hoover, 15 de agosto de 1963, Section 5, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>303</sup> Do original: “The Attorney General called and advised he would like to have Assistant Attorney General Burke Marshall talk to Martin Luther King and tell King he has to get rid of Levison and O’Dell, that he should not have any contact with them directly or indirectly.” Memorando de Hoover para Tolson, Belmont, DeLoach, Rosen e Sullivan, 17 de junho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File. Essa conversa mencionada no documento provavelmente se refere àquela entre Marshall e King que mencionamos anteriormente

<sup>304</sup> Do original: “I pointed out that, if King continues this association, he is going to hurt his own cause as there are more and more communists trying to take advantage of the hate movement and bigots down South (...)” *Ibidem*.

que os “movimentos de ódio” e “fanáticos do Sul” não eram aqueles que os comunistas tinham condições de atingir. Os grupos de ódio eram, na verdade, as milícias da extrema direita que lutavam pela continuidade da segregação.

Cogitou-se, nessa época, usar escutas para monitorar King. Tal ideia não foi vista com tanto entusiasmo pelo Departamento de Justiça, já que o ativista viajava constantemente, o que as tornariam inúteis em termos de informações coletadas<sup>305</sup>. Mesmo com dúvidas em relação à utilidade do monitoramento eletrônico, em julho de 1963 o FBI enviou memorando pedindo autorização do *attorney general* para instalar as escutas. O documento afirmava que o escritório de Atlanta havia examinado a casa de King e a sede da SCLC para a possibilidade de introduzir grampos telefônicos, e que a “cobertura técnica [escutas] sobre King é possível e pode ser conduzida com total segurança”<sup>306</sup>. Na justificativa da requisição, lê-se: “(...) o *attorney general* [Robert Kennedy] aconselhou o *assistant director* Evans que, considerando a possibilidade de influência comunista na situação racial, ele desejava que fosse considerada a instalação de vigilância técnica sobre Martin Luther King Jr. (...)”<sup>307</sup>.

Percebe-se que a investigação de King era usada para medir a situação geral do movimento negro: se o pastor era instigado por comunistas, então o movimento negro também poderia ser. No entanto, alguns dias depois Hoover avisou Atlanta que o próprio *attorney general* havia, agora, negado a autorização para as escutas, sem oferecer justificativas<sup>308</sup>.

Essa representação de King como manipulado por comunistas foi bastante recorrente até a morte do pastor em 1968. Ela foi articulada, como veremos mais adiante, com outras interpretações construídas ao longo dos anos.

---

<sup>305</sup> Documento não identificado, remetente e destinatário ilegíveis, 16 de julho de 1963, Section 87, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>306</sup> Do original: “(...) technical coverage on King is feasible and can be conducted with full security.” Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 22 de julho de 1963, Section 105, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>307</sup> Do original: “(...) the Attorney General advised Assistant Director Evans that in view of the possible communist influence in the racial situation, he desired that consideration to be given to placing a technical surveillance on Martin Luther King Jr. (...) The Attorney General indicated he was not concerned with the repercussions if it should ever become known that such surveillances had been put into effect and that he thought it advisable to have as complete coverage as possible.” *Ibidem*.

<sup>308</sup> *Airtel* de Hoover para Atlanta, 26 de julho de 1963, Section 105, Martin Luther King Jr. JUNE FBI File. Os arquivos “JUNE” são aqueles que guardam as informações mais sensíveis, geralmente advindas de técnicas clandestinas de investigação, como escutas e interceptação de correspondências. Esses arquivos ocupam as últimas seções das investigações de King e de Malcolm X.

### 3.1.2 – King “demagogo”: “o mais perigoso negro para o futuro dessa nação”

Embora fosse conhecido nacionalmente desde que liderou o boicote aos ônibus de Montgomery em 1955-1956, Martin Luther King Jr. adquiriu outro *status* após a Marcha sobre Washington em 1963. Seu discurso proferido naquele 28 de agosto, “I Have a Dream”, repercutiu de forma intensa, tanto na época como até hoje. Enquanto centenas de milhares de pessoas protestavam por empregos, moradia e direito ao voto, o pastor consolidava o papel de principal liderança negra perante o país, mobilizando a força do Movimento dos Civil Rights ao lado de outras figuras de relevo no cenário norte-americano.



Imagem 19 – Martin Luther King Jr. e Clarence Jones – em pé fazendo anotações – em uma coletiva de imprensa em Birmingham, Alabama, em fevereiro de 1963. Jones era advogado de King e um dos conselheiros mais próximos do pastor. Ernst Haas/Getty Images. Fonte: <<https://www.npr.org/2013/08/28/216141088/for-kings-adviser-fulfilling-the-dream-cannot-wait>>. Acesso em: 15 maio 2021.

Os ativistas Bayard Rustin e A. Philip Randolph iniciaram os preparativos da Marcha sobre Washington em meados de 1963<sup>309</sup>. No entanto, ela só se tornou viável com a inclusão de outras grandes figuras dos Civil Rights, conhecidas como *big six*, que além de Randolph incluía King, James Farmer, John Lewis, Roy Wilkins e Whitney Young<sup>310</sup>. Juntas, essas lideranças de organizações distintas, como NAACP, CORE e SNCC, tinham força política suficiente para mobilizar massas de ativistas em protestos.

Em memorando *letterhead* de 4 de junho de 1963, relatou-se conversa entre Clarence Jones, King e Levison sobre essa potencial marcha a ser organizada alguns meses depois. De acordo com o documento,

King comentou que ele nunca tinha visto a comunidade negra tão estimulada, determinada e entusiasmada como nesse momento. Ele disse que “mais do que nunca há essa determinação nacional e sentimento de que o tempo está acabando”. Ele disse que pensava que “estamos no limite de uma ruptura significativa e a maior arma é o protesto em massa”.<sup>311</sup>

Alguns dias depois, outro *letterhead* indica que tais informações foram novamente passadas para o *attorney general* e para o *special assistant to the president*, Kenneth O'Donnell. Com conhecimentos mais precisos, afirmou-se que “King, Levison e presumivelmente A. Philip Randolph (...) aparentemente se juntarão em uma marcha em Washington” que “atrairá atenção nacional para a questão dos negros”<sup>312</sup>.

---

<sup>309</sup> Bayard Rustin (1912-1987) foi uma liderança negra dos Civil Rights e ativista pelos direitos dos homossexuais nos Estados Unidos, tendo se envolvido na organização de vários protestos no país na década de 1960. Sobre ele, ver LONG, Michael G (Ed.). *I Must Resist: Bayard Rustin's Life in Letters*. New York: City Light Publishers, 2012.

<sup>310</sup> James Farmer (1920-1999) foi ativista e um dos principais líderes negros norte-americanos, sendo um dos fundadores do Congress of Racial Equality (CORE), importante instituição na luta contra a segregação racial nos Estados Unidos. Sobre ele, ver FARMER, James. *Lay Bare the Heart: An Autobiography of the Civil Rights Movement*. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1998.

John Lewis (1940-2020) foi um ativista negro e pastor batista norte-americano, sendo uma das principais figuras do Student Non-Violent Coordinating Committee (SNCC) nos anos 1960. De 1987 até sua morte, em 2020, atuou como deputado no Congresso, pelo 5º distrito da Geórgia. Sobre ele, ver LEWIS, John. *Walking with the Wind: A Memoir of the Movement*. New York: Simone & Schuster, 2015.

Roy Wilkins (1901-1981) foi um ativista negro e jornalista. Entre os anos 1950 e 1970, foi uma das principais figuras da NAACP. Sobre ele, ver MATHEWS, Tom e WILKINS, Roy. *Standing Fast: The Autobiography of Roy Wilkins*. New York: Viking Press, 1982.

<sup>311</sup> Do original: “King commented that he has never seen the Negro community as aroused, as determined, as enthusiastic as at this time. He said that ‘more than ever before is this national determination and feeling that time is running out’. He stated that he thought ‘we are on the threshold of a significant breakthrough and the greatest ween is mass demonstration.” Memorando *letterhead*, 4 de junho de 1963, p. 3, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>312</sup> Do original: “King Levison and presumably A. Philip Randolph, president of the Brotherhood of Sleeping Car Porters, apparently are going to join a march on Washington which they feel will bring nation-

Memorandum

TO : Mr. A. H. Belmont

DATE: August 30, 1963

FROM : Mr. W. C. Sullivan

SUBJECT: COMMUNIST PARTY, USA  
NEGRO QUESTION  
IS - C

Tolson \_\_\_\_\_  
Belmont \_\_\_\_\_  
Mohr \_\_\_\_\_  
Casper \_\_\_\_\_  
Callahan \_\_\_\_\_  
Conrad \_\_\_\_\_  
DeLoach \_\_\_\_\_  
Evans \_\_\_\_\_  
Gale \_\_\_\_\_  
Rosen \_\_\_\_\_  
Sullivan \_\_\_\_\_  
Tavel \_\_\_\_\_  
Trotter \_\_\_\_\_  
Tele. Room \_\_\_\_\_  
Holmes \_\_\_\_\_  
Gandy \_\_\_\_\_

Reference is made to the enclosed material on which the Director has written: "This memo reminds me vividly of those I received when Castro took over Cuba. You contended then that Castro and his cohorts were not Communists and not influenced by Communists. Time alone proved you wrong. I for one can't ignore the memos re King, et al as having only an infinitesimal effect on the efforts to exploit the American Negro by the Communists."

The Director is correct. We were completely wrong about believing the evidence was not sufficient to determine some years ago that Fidel Castro was not a communist or under communist influence. On investigating and writing about communism and the American Negro, we had better remember this and profit by the lesson it should teach us.

I do think that much of the difficulty relating to the memorandum rightly questioned by the Director is to be found centered in the word "influence." We do not have, and no Government agency or private organization has, any yardstick which can accurately measure "influence" in this particular context, even when we know it does exist such as in the case of the obvious influence of over Martin Luther King and King's influence over other Negro leaders. Personally, I believe in the light of King's powerful demagogic speech yesterday he stands head and shoulders over all other Negro leaders put together when it comes to influencing great masses of Negroes. We must mark him now, if we have not done so before, as the most dangerous Negro of the future in this Nation from the standpoint of communism, the Negro and national security.

On determining membership of Negroes in the Communist Party, we are not confronted with the same problem. We do have here accurate yardsticks for establishing membership. Of course, our standards are very exacting. This means there are many Negroes who are fellow-travellers, sympathizers or who aid the Party, knowingly or unknowingly, but do not qualify as members. These we must not ignore. The old communist principle still holds: "Communism must be built with non-communist hands." Therefore, it may be unrealistic to limit ourselves as we have been doing to legalistic proof or definitely conclusive evidence

Enclosure

Imagem 20 – Memorando de William Sullivan para Alan Belmont, 30 de agosto de 1963, CPUSA Negro Question IS-C.

Em seguida, vários relatórios foram produzidos e enviados para escritórios regionais, *attorney general* e alta hierarquia do Bureau, detalhando os planos dos ativistas e a inclusão de outras lideranças importantes à marcha, como Wyatt Tee Walker<sup>313</sup>.

wide attention to the question of the Negro." Memorando *letterhead*, 11 de junho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>313</sup> Na Section 4 da documentação: carta de Hoover para o *attorney general*, 11 de junho de 1963; carta de Hoover para o *attorney general*, 12 de junho de 1963; memorando de Alex Rosen para Alan Belmont, 12 de junho de 1963. Na Section 5 da documentação: memorando *letterhead*, 11 de agosto de 1963; *teletype* de Nova York para Hoover, 11 de agosto de 1963; nota informativa da Divisão 5, 12 de agosto de 1963; carta de Hoover para o *attorney general*, 12 de agosto de 1963; memorando de J. F. Bland para William C. Sullivan, 12 de agosto de 1963; e memorando *letterhead* de 14 de agosto de 1963. Wyatt Tee Walker (1928-2018) foi um pastor, ativista e líder negro no Movimento dos Civil Rights, atuando junto com Martin Luther

Embora a instituição estivesse ciente dos desenvolvimentos relacionados ao evento, o destaque da figura de King no protesto foi impactante nas considerações da agência sobre o investigado. Em memorando de oficial graduado do FBI e possível sucessor de Hoover, William C. Sullivan, datado de 30 de agosto de 1963 – dois dias após a Marcha sobre Washington –, observamos uma voz dissidente dentro do FBI.

Esse memorando fez parte de uma série de três documentos. O primeiro, produzido por Sullivan em 23 de agosto de 1963, minimizava a influência comunista em King e na organização da Marcha<sup>314</sup>. Em resposta, Hoover teria dito: “Esse memorando me faz lembrar vividamente daqueles que recebi quando Castro tomou Cuba”. Como se sabe, em 1959, Castro ainda não havia se voltado para URSS, como o fez em fins de 1961. Hoover se remetia ao fato para considerar a influência de comunistas no movimento negro. O diretor do FBI, portanto, duvidou da conclusão inicial de Sullivan. Para Hoover, Fidel Castro sempre fora comunista e apenas omitiu isso inicialmente, na tentativa de ganhar adeptos e até a mesmo a confiança dos Estados Unidos.

Finalmente, esse memorando (imagem 20) foi escrito dois dias após a Marcha. Em resposta aos comentários de Hoover, Sullivan cedeu à visão do diretor do FBI. No terceiro parágrafo, lê-se que

Não temos, nem nenhuma agência governamental ou organização privada tem, um ponto de referência que pode medir com exatidão a “influência” [comunista] nesse contexto particular, **mesmo quando sabemos que ela existe no caso da óbvia influência sobre Martin Luther King e dele sobre outros líderes negros. (...) Portanto, pode ser irrealista de nossa parte nos limitarmos, como andamos fazendo, a provas legais ou evidências definitivas e conclusivas que poderiam ser usadas em testemunhos no tribunal** ou em comitês do Congresso para afirmar que o Partido Comunista de fato tem influência substancial sobre negros, que pode um dia ser decisiva.<sup>315</sup> (grifo nosso)

---

King Jr. na SCLC. Alex Rosen (1906-2006) foi um advogado norte-americano e agente do FBI entre 1933 e 1972. Serviu como *special agent in charge* do escritório de Cleveland em 1938, depois de passar por vários outros por todo o país. Tornou-se posteriormente inspetor do Bureau e, entre 1942 e 1972, foi *assistant director* da instituição.

<sup>314</sup> O'REILLY, Kenneth. *Op. Cit.*, 1991, p. 128.

<sup>315</sup> Do original: “(...) Therefore, it may be unrealistic to limit ourselves as we have been doing to legalistic proof or definitely conclusive evidence that would stand up in testimony in court or before Congressional committees that the Communist Party, USA, does wield a substantial influence over Negroes which one day could become decisive.” Memorando de William C. Sullivan para Alan Belmont, 30 de agosto de 1963, CPUSA Negro Question IS-C, pp. 1-2. Alan Belmont (1907-?) foi funcionário do FBI entre 1946 e 1965, ocupando postos nos escritórios regionais de Birmingham, Chicago, Cincinnati e Nova York. Em 1950 foi

William Sullivan era absolutamente contrário ao Movimento dos Civil Rights e a Martin Luther King Jr., e temia a grande movimentação negra, reconhecendo que o pastor se destacava em relação às outras lideranças<sup>316</sup>. O poder da Marcha sobre Washington e as considerações de Hoover o fizeram mudar de posição: agora concordava que o diretor do FBI tinha razão ao afirmar que, assim como Castro havia omitido que era comunista em 1959, também o fazia Martin Luther King Jr. em 1963.

No final do terceiro parágrafo do memorando reproduzido, falando sobre o pastor na Marcha, Sullivan disse:

Pessoalmente, acredito que à luz do discurso poderoso e demagógico de King ontem, ele se coloca acima de outros líderes quando o assunto é influenciar grandes massas de negros. **Devemos marcá-lo agora, se já não o fizemos antes, como o mais perigoso negro para o futuro dessa nação a partir do ponto de vista do comunismo, dos negros e da segurança nacional.** (grifo nosso)

Percebe-se que o *assistant director* foi pressionado a reler a figura do pastor. Se anteriormente questões de segurança e raciais eram assuntos diferentes para o Bureau, nesse momento elas passaram a se misturar<sup>317</sup>. Se alguns dias antes Sullivan afirmara que não havia influência comunista sobre o ativista, a demonstração de força do movimento negro e os comentários de Hoover o fizeram rever sua posição. O pastor, com seu “discurso poderoso e demagógico”, era capaz de “influenciar grandes massas de negros”. Como, de acordo com os agentes, o investigado era “manipulado” por comunistas, o perigo era evidente.

Tal acusação não era baseada em provas ou convicção. Observemos como Sullivan adotou perspectivas diametralmente opostas em questão de dias, mesmo reconhecendo a ausência de “evidências definitivas e conclusivas”. Se o movimento negro colocou centenas de milhares de manifestantes na capital, se demonstraram força para questionar as injustiças sofridas pela população afro-americana, se King se mostrou

---

transferido para o quartel-general e nomeado *assistant director* da Divisão 5. Em 1961 foi promovido para *assistant to the director*, cargo em que ficou até sua aposentadoria.

<sup>316</sup> Sullivan entrava em atrito com Hoover constantemente, embora na maioria das vezes tenha cedido às visões do diretor. Mesmo assim, conseguiu ascender na hierarquia do FBI, chegando a ocupar o terceiro posto mais importante do Bureau no começo da década de 1970. No entanto, os desentendimentos com Hoover fizeram-no sair do FBI pouco depois, seguindo carreira no setor privado. Sobre ele, ver BROWN, Bill e SULLIVAN, William C. *The Bureau: My Thirty Years in Hoover's FBI*. New York: W. W. Norton & Company, 1979.

<sup>317</sup> MAY, Elaine Tyler. *Op. Cit.*, 2017, pp. 57-8.

impactante e influente em sua fala pública, então o que poderia explicar tudo isso? A resposta era o comunismo. Não necessariamente por semelhança política ou programática: nota-se que não há nenhuma análise textual do discurso “I Have a Dream” ou dos posicionamentos políticos do investigado, apenas a afirmação de que ele era perigoso “do ponto de vista do comunismo” porque conseguia mobilizar multidões. Ora, as revoluções, inclusive a Russa, eram feitas com forte mobilização popular.

A partir dessa associação, havia a possibilidade de mobilizar jargão já construído: “segurança nacional”, “influência sobre grandes massas de negros”, “discurso poderoso e demagógico” – todos esses enunciados, embora inócuos, poderiam ser costurados de forma coerente sob a acusação de comunismo. Nunca havia, nesses documentos, uma explicação do sentido de “segurança nacional”. Esse conceito, desenvolvido entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1940, emergiu de contexto de aparente fragilidade dos Estados Unidos perante ameaças externas vindas de regimes fascistas e comunistas. Para assegurar a “integridade” do país, desenvolveram-se medidas para ampliar as atividades de inteligência e coordenação entre instituições governamentais envolvidas na defesa dos Estados Unidos. Durante a Segunda Guerra Mundial esses esforços foram exacerbados, graças ao ataque à base naval de Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941 pela marinha japonesa.

Com o fim do conflito global, a defesa da “segurança nacional” se consolidou através da aprovação do National Security Act de 1947, que criou, entre outras instituições, a Central Intelligence Agency (CIA) e o já mencionado National Security Council (NCS). No contexto de Guerra Fria, a nova institucionalidade da comunidade de inteligência norte-americana foi instrumentalizada para conter o “avanço comunista” e impedir novos ataques às bases militares estadunidenses<sup>318</sup>. No entanto, a “segurança nacional” era definida em termos inócuos mesmo na constituição dessas instituições. De acordo com Douglas Stuart, o texto fundador da CIA afirmava que o objetivo da agência era “correlacionar e avaliar a inteligência relacionada à segurança nacional”, sem explicar o sentido do conceito<sup>319</sup>. Tal imprecisão advinha tanto da novidade do termo, quanto das possibilidades que essa indefinição ensejava. Ao não definir “segurança nacional” de forma clara, essas novas instituições – e o próprio FBI – poderiam fazer uso dela para

---

<sup>318</sup> Sobre o conceito de “segurança nacional” e a criação de novos mecanismos de defesa no pós-guerra, ver STUART, Douglas T. Ministry of Fear: The 1947 National Security Act in Historical and Institutional Context. In: *International Studies Perspectives* (2033) 4, pp. 293-313.

<sup>319</sup> *Idem*, p. 299.

justificar suas ações investigativas. Nos termos dos casos aqui estudados, os agentes do Bureau utilizavam o recurso da “ameaça à segurança nacional” sempre que os investigados faziam articulações políticas organizar protestos e/ou fazer acusações ou denúncias na mídia estadunidense.

Percebemos, portanto, que a Marcha sobre Washington assustou e se tornou um marco não só para o movimento negro, mas também no interior do FBI. O Bureau e brancos conservadores não queriam que um negro, mesmo com liderança consolidada como era o caso de King, demonstrasse esse poder. Embora a Marcha tenha sido esforço coletivo, era principalmente sobre King que o FBI se debruçava, em iniciativas muitas vezes ilícitas. Procuravam a todo custo encontrar algo que pudesse desmoralizar o pastor.

Por fim, o documento de Sullivan recuperava breve passagem do memorando anterior de Hoover, e Sullivan tirava novas conclusões:

Como o memorando [de Hoover] pontuou, “essa Nação está envolvida em uma forma de revolução racial e nunca foi tão oportuna a exploração de negros por propagandistas comunistas”. 19 milhões de negros constituem o maior alvo singular do Partido Comunista dos Estados Unidos. Isso é uma realidade sombria da qual nunca podemos nos esquecer. (grifo original)<sup>320</sup>

Nota-se que não há qualquer menção às injustiças sofridas pela população negra. A mobilização desse grupo em busca de direitos era imediatamente relacionada à possibilidade de instrumentalização das tensões sociais por parte dos comunistas. Esse excerto resumiu os termos que nortearam a investigação de 1963 até 1968: havia uma “revolução racial” em curso, cujo principal líder era King, e a população negra era o “maior alvo” da influência comunista e constituía ameaça para a integridade do país. Embora também mobilizasse a interpretação do comunismo como perigo externo, Sullivan já concebia o potencial “revolucionário” da população negra. A partir de então, inseriram-se definitivamente as representações de King e dos afro-americanos no quadro do anticomunismo.

Se King constituía perigo para a segurança nacional, novas ferramentas investigativas deveriam ser usadas para detê-lo: dessa vez, as escutas passaram a ser

---

<sup>320</sup> Do original: “As the memorandum pointed out, ‘this Nation is involved in a form of racial revolution and the time has never been so right for exploitation of the Negroes by communist propagandists.’ Nineteen million Negroes constitute the greatest single racial target of the Communist Party, USA. This is a somber reality we must never lose sight of.” *Ibidem*.

efetivamente utilizadas. Em memorando do início de setembro de 1963, J. F. Bland afirmou:

King [censurado] [sendo] pastor evangélico, isso o deixa altamente suscetível à coerção e possíveis chantagens e, mais importante, considerando sua contínua associação próxima e **complacência em aceitar conselhos e se submeter à influência de comunistas** como Levison e O'Dell (...) [o escritório de] Atlanta deve conduzir exame para determinar a possibilidade de instalar vigilância técnica na residência de King, assim como nos escritórios da SCLC.<sup>321</sup> (grifo nosso)

Observamos aqui que a maneira como se enunciava a “influência comunista” mudou. Depois da “contínua associação” de King com Levison e O'Dell e do impacto da Marcha sobre Washington, o pastor deixou de ser alguém que poderia ser influenciado e se tornou “complacente” e “submisso” aos comunistas. Agora o FBI se referia a uma liderança demagógica, o que mudava completamente a maneira de se definir o investigado. King passou a ser dotado de autonomia, alguém que optara por se “submeter” aos interesses comunistas. Com isso, o FBI passou a descrever o pastor a partir de características que imaginavam ser dos “revolucionários comunistas” e obediente à agenda do Partido Comunista.

Nota-se também que a legitimidade da instalação das escutas foi construída sobre termos anteriormente mobilizados. O investigado era manipulado por comunistas e pessoa com posição privilegiada no movimento negro, o que constituía ameaça. Observamos, portanto, que as representações não eram apenas elementos presentes num conjunto de ideias compartilhadas pelos agentes de alto escalão do Bureau. Elas serviam (e eram instrumentalizadas) para justificar ações investigativas específicas.

No início de outubro de 1963, Bland enviou outro memorando para Sullivan, afirmando que os exames preliminares foram concluídos e que era possível instalar as escutas com o máximo de segurança, tanto na casa do pastor quanto nas sedes da SCLC em Atlanta e Nova York. Alguns dias depois, no dia 10 de outubro de 1963, o escritório de Atlanta enviou um memorando para Hoover contendo a ficha relacionada com a

---

<sup>321</sup> Do original: “King [censurado] a minister of the gospel leave him highly susceptible to coercion and possible blackmail and most important, in view of his continued close associations and willingness to accept advice and submit to the influence of such communists as Levison and O'Dell (...) Atlanta to conduct a survey as to the feasibility of installing a technical surveillance on King's residence, as well as the offices of the SCLC.” Memorando de J. F. Bland para William C. Sullivan, 6 de setembro de 1963, Section 105, Martin Luther King Jr. JUNE FBI File.

justificativa para a instalação dos grampos (imagem 21). No tópico 6 do documento, lê-se que se tratava de “Investigação de matéria de segurança para determinar o nível de influência que o PC [Partido Comunista] tem em organizações negras de massa através do dr. King”. No 8, afirmou-se que as informações procuradas diziam respeito ao “grau de influência exercido pelo Partido Comunista sobre King e a SCLC”. No 10, dizia-se que “King, como presidente da SCLC, foi elevado à posição de ‘Líder Nacional’ dos Direitos Civis dos Negros e do Movimento de Integração, como mostrado por eventos recentes”. Investigar King, portanto, era investigar todo o movimento negro.

**6. Type of case involved:**

**Security matter investigation to determine degree of influence CP has on mass Negro organizations through Dr. KING.**

**7. Connection or status of subject in the case:**

**Dr. KING has in the past been in contact with concealed CP members, and former CP members. As President of Southern Christian Leadership Conference, a leading Negro mass organization, organization and subject are prime logical targets for influencing and infiltration.**

**8. Specific information being sought:**

**Degree of influence being exerted by CP on Dr. KING and Southern Christian Leadership Conference and extent of contacts.**

**9. Reasons for believing the specific information will be obtained by the technical surveillance:**

**Dr. KING's CP contacts are basically located in New York Office while he normally maintains office and residence Atlanta. It is however noted Dr. KING is in almost constant travel status.**

**10. Importance of case and subject:**

**Dr. KING as president of Southern Christian Leadership Conference has been elevated to the position of "National Leader" of the Negro Civil Rights and Integration Movement as shown by recent events.2 -**

Imagem 21 – Memorando de Atlanta para Hoover, 10 de outubro de 1963, Section 105, Martin Luther King Jr. JUNE FBI File.

Mesmo depois das instalações, as dificuldades relatadas anteriormente persistiam: King tinha agenda cheia e viajava constantemente pelo país, tornando limitada a efetividade das escutas. A solução encontrada foi utilizá-las nos quartos de hotel em que o pastor se hospedava. Em memorando de janeiro de 1964, Sullivan relatou que autorizou um desses procedimentos quando King esteve na capital do país:

Nesse último fim de semana foi determinado que Martin Luther King Jr. estaria hospedado no Willard Hotel in Washington D.C., de domingo à terça. Por causa da importância de nossa investigação sobre influência comunista em questões raciais e das **possibilidades de inteligência e contrainteligência que**

**podiam ser desenvolvidas a partir da cobertura das atividades de King, e porque o tempo era crucial, eu autorizei o escritório de Washington D.C. a fazer esforço para assegurar a cobertura das escutas, desde que possa se assegurar a segurança da instalação.**<sup>322</sup> (grifos nossos)

Dois aspectos se destacam nesse excerto. O primeiro é que Sullivan considerou as “possibilidades de inteligência e contrainteligência” obtidas através das escutas, ou seja, a tomada de ação no sentido de sabotar King diretamente. O segundo é o fato de um *assistant director* autorizar a instalação de escutas, sem que essa decisão passasse pelo diretor do FBI ou pelo *attorney general*. Embora Sullivan tenha argumentado que sua autorização foi necessária “porque o tempo era crucial”, várias das outras escutas instaladas em quartos de hotel também foram aprovadas por ele. O monitoramento nesses espaços se tornou recorrente pelos dois anos seguintes. Ao todo, houve pelo menos 18 ocorrências desse tipo, de acordo com a imagem 22. As informações obtidas através dessas escutas eram largamente disseminadas para a Casa Branca, o *attorney general* e “outras agências governamentais”, e o conteúdo delas dizia respeito também a movimentos e revoltas raciais ocorridos no país e a informações das convenções partidárias de republicanos e democratas.

Em outubro de 1964, J. F. Bland enviou um memorando para William C. Sullivan apontando que “O diretor instruiu que não deve haver vigilância técnica em casos que possam ser prejudicados num possível processo jurídico”<sup>323</sup>. O resto do escrito justificava a escuta na casa de King em Atlanta, argumentando que “King é uma figura nacional proeminente no ‘movimento racial’. Ele está envolvido com e aceitando conselhos de figuras comunistas bem conhecidas”<sup>324</sup>.

---

<sup>322</sup> Do original: “On this past weekend it was determined that Martin Luther King, Jr., would be staying at the Willard Hotel in Washington D.C. from Sunday to Tuesday. Because of the importance of our investigation of the communist influence in racial matters and the intelligence and counterintelligence possibilities which through coverage of King’s activities might develop and because time was of the essence, I authorized Washington Field Office to make effort to secure microphone coverage of King provided full security would be assured.” Memorando de William C. Sullivan para Alan Belmont, 6 de janeiro de 1964, Section 105, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>323</sup> Do original: “The Director has instructed there are to be no technical surveillances in cases which would thereby be tainted for prosecution.” Memorando de J. F. Bland para William C. Sullivan, 6 de outubro de 1964, Section 105, Martin Luther King Jr. JUNE FBI File.

<sup>324</sup> Do original: “King is a national figura prominent in the racial movement. He has been involved with and is taking advice from well-known communist figures.” *Ibidem*.

**(2) Microphone Coverage of King**

The FDI conducted microphone coverage on Martin Luther King, Jr., at the following locations and for the indicated periods of time set forth below:

<u>DATES OF SURVEILLANCE</u>	<u>LOCATION</u>
January 5-7, 1964	Willard Hotel, Washington, D. C.
January 27, 1964	Shroeder Hotel, Milwaukee, Wisconsin
February 18-20, 1964	Hilton Hawaiian Village, Honolulu, Hawaii
February 20-21, 1964	Ambassador Hotel, Los Angeles, California
February 22-24, 1964	Hyatt House Motel, Los Angeles, California
March 19-20, 1964	Statler Hotel, Detroit, Michigan
April 23-24, 1964	Senator Hotel, Sacramento, California
July 7-9, 1964	Hyatt House Motel, Los Angeles, California
September 28, 1964 October 2, 1964	Manger Hotel, Savannah, Georgia
January 8-11, 1965	Park Sheraton Hotel, New York City
January 28-31, 1965	Americana Hotel, New York City
March 29-31, 1965	Park Sheraton Hotel, New York City
May 12-13, 1965	Sheraton Atlantic Hotel, New York City
October 14-15, 1965	Astor Hotel, New York City
October 28-30, 1965	New York Hilton Hotel, New York City
November 29-30, 1965	Americana Hotel, New York City
January 22, 1966	Americana Hotel, New York City

Imagem 22 – Bernard S. Lee v. Clarence M. Kelley et al. (U.S.D.C., D.C.) Civil Action NO. 76-1185, 23 de outubro de 1976, pp. 7 e 8, Section 101, Martin Luther King Jr. FBI File.

Para terminar, disse Bland,

Não há nenhuma ação jurídica movida contra King e, baseado nas informações que temos, é improvável que no futuro próximo haja ação jurídica. Parece

lógico que devemos continuar com essa instalação por causa da larga contribuição que ela deu para nossa inteligência no movimento racial.<sup>325</sup>

Primeiramente, observa-se a conexão que há, aos olhos de Bland, entre comunismo e o “movimento racial”. Afinal, a legitimidade da escuta na casa de King se dava pelo envolvimento do pastor com “figuras comunistas bem conhecidas”. Justificou-se a continuidade das escutas por conta das informações obtidas sobre o “movimento racial”, detalhando que tipo de conhecimento foi obtido e para quem foi disseminado. Reconhecia-se, por fim, que essa vigilância não resultaria em processo jurídico, optando-se pelo uso das informações em esquemas de contrainteligência e sabotagem.

A clandestinidade dessas operações era reconhecida pelo próprio Bureau. Em *airtel* do escritório de Nova York para Hoover, relatando o processo de instalação de escuta no início de 1965, o *special agent in charge* indicou que a “transgressão ocorreu”, ou seja, um crime<sup>326</sup>. As escutas só foram descontinuadas em 1966, quando o então *attorney general* Nicholas Katzenbach endureceu a política do DOJ em relação à autorização desses procedimentos<sup>327</sup>.

Percebe-se que, a partir do segundo semestre de 1963, o Bureau passou a radicalizar as percepções sobre King e as ações investigativas. Parte fundamental desse processo foi a constituição da representação do investigado como demagogo, alguém capaz de mobilizar multidões e gerar tensões na sociedade norte-americana. Se King constituía perigo para a ordem no país, então as ações do FBI – não importava quão polêmicas ou ilegais fossem – eram legítimas aos olhos dos agentes. Nessa interpretação do pastor como liderança negra perigosa, as considerações dos funcionários da alta hierarquia da agência foram de grande importância. Além do escritório de Nova York, esses agentes do quartel-general apareceram recorrentemente na documentação, contribuindo para inflamar a maneira como King era visto pela instituição. Homens como William Sullivan, James Bland, Frederick Baumgardner e Cartha DeLoach foram

---

<sup>325</sup> Do original: “There is no prosecutive action pending concerning King and on the basis of the information we have, prosecutive action appears to be unlikely in the foreseeable future. It would appear logical to continue this installation because of the large contribution that it has made to our intelligence in the racial movement.” *Ibidem*.

<sup>326</sup> Do original: “Tresspass was involved.” *Airtel* de Nova York para Hoover, 11 de janeiro de 1965, Section 105, Martin Luther King Jr. JUNE FBI File.

<sup>327</sup> Nicholas Katzenbach (1922-2012) foi um advogado norte-americano e *attorney general* dos Estados Unidos entre 1965 e 1966, durante o governo de Lyndon Johnson (1963-1969).

fundamentais para a consolidação da visão de que King era perigoso para os Estados Unidos<sup>328</sup>.

No entanto, a conexão entre o pastor e o comunismo ainda se dava em termos frágeis, já que não havia provas de que Levison, O'Dell e Clarence Jones eram de fato comunistas. A situação só mudou quando o pastor passou a falar abertamente contra a Guerra do Vietnã.

### **3.1.3 – King contra a Guerra do Vietnã: a “influência comunista manifesta”**

Entre o segundo semestre de 1963 e o final de 1964, os agentes do FBI focaram nas possibilidades de sabotar Martin Luther King Jr., como veremos mais à frente na seção 3.2. Não foi um período fácil aos olhos do FBI: além do poder demonstrado pelo movimento na Marcha de Washington, o presidente do país, John Kennedy, fora assassinado em 22 de novembro de 1963, investigação que também recaiu sobre o Bureau. Até o fim de 1964, a questão do comunismo reproduziu as mesmas representações anteriormente exploradas nesse capítulo: ora King era influenciado por comunistas, ora demagogo.

Esses enunciados só mudaram a partir de 1965, quando o ativismo de King contra a Guerra do Vietnã permitiu ao FBI rearranjar a associação do pastor ao comunismo. Nesse sentido, a perspectiva anticomunista ganhou novo fôlego dentro e fora da agência. Sintoma disso foi a retomada da circulação das fotos de King na Highlander Folk School, não só em cartões postais, mas até em painéis à beira de estradas, como mostra a imagem 23. Àquela altura, a perseguição a King já tomava grandes proporções.

Em julho de 1965, o então *attorney general* Nicholas Katzenbach requisitou de Hoover um memorando contendo os posicionamentos de King sobre a questão da Guerra do Vietnã. Lyndon B. Johnson (1963-1969) ajudou a aprofundar esse conflito com a chamada “guerra indireta”, em que os Estados Unidos e seus “conselheiros” enviados ao local treinavam homens do Vietnã do Sul em práticas antiguerrilha contra o Vietnã do Norte. Em contato com algumas lideranças dos Civil Rights, como Roy Wilkins e James Farmer, o *attorney general* estava preocupado com os rumos da retórica de King,

---

<sup>328</sup> Fred Jackson Baumgardner (1911-?) foi funcionário do FBI entre 1939 e 1966, sendo chefe da Internal Security Section da Divisão de Inteligência Doméstica nos seus sete últimos anos na instituição.

particularmente em relação ao conflito na Ásia. O diretor respondeu, alegadamente, que havia de fato conexão entre as pautas racial e antiguerra, feita pelo CPUSA<sup>329</sup>.



Imagem 23 – A imagem de King na Highlander Folk School circulou por diversos meios nos anos 1960. Painel na rota entre Selma e Montgomery, Alabama, 1965. Bettman Archive. Fonte: <<https://www.theguardian.com/us-news/gallery/2018/apr/04/martin-luther-king-his-life-and-legacy-in-pictures>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Ainda bastante focados na instalação de escutas e também na mobilização de informações sobre a vida privada do ativista – temática explorada mais à frente em nossa análise –, os agentes passaram a se interessar pelas falas do pastor sobre a guerra. No final de julho de 1965, Hoover alertou o escritório de Atlanta: “Como você sabe, King recentemente tem falado sobre a situação no Vietnã. O Bureau está particularmente interessado em suas posições relacionadas à política internacional (...)”<sup>330</sup>.

Embora King tenha deixado o assunto do conflito de lado ainda em 1965, por conta de críticas recebidas de líderes negros e de congressistas, a questão era quase

<sup>329</sup> Memorando de Hoover para Tolson, Belmont, Sullivan e DeLoach, 6 de julho de 1965, Section 36, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>330</sup> Do original: “As you are aware, King has recently been speaking about the Vietnam situation. The Bureau is particularly interested in his expressions relative to foreign policy (...)” *Airtel* de Hoover para Atlanta, 20 de julho de 1965, Section 37, Martin Luther King Jr. FBI File.

sempre retomada pelo FBI para legitimar o uso das escutas<sup>331</sup>. Em memorando de outubro de 1965, Hoover relatou ao *attorney general* Nicholas Katzenbach algumas das informações obtidas em encontros do investigado com conselheiros: “a cobertura dessas reuniões por esse Bureau resulta na obtenção de evidência de influências sobre King” e “informações sobre o envolvimento de King na questão do Vietnã”<sup>332</sup>.

Documentos do diretor para Katzenbach se tornaram mais recorrentes no fim de 1965. Embora já muito pontual naquela época, as falas de King contra o conflito eram, aos olhos de Hoover, “influência comunista evidente”<sup>333</sup>. Se essa “manipulação” no início do inquérito era definida em termos vagos, ressaltando-se o papel de comunistas por trás do ativismo de King, a partir de 1965 ela foi apresentada também através da luta do ativista contra o envolvimento dos Estados Unidos no país asiático. Dessa maneira, a representação do pastor como demagogo foi reordenada, ressaltando-se seu ativismo contra a Guerra do Vietnã como sólida evidência de que atuava contra os interesses dos Estados Unidos. No entanto, essa “prova” nunca era detalhada. Não se cogitava que, para um pacifista como King, o posicionamento antiguerra seria o esperado. Conversas do ativista com seus conselheiros sobre a questão da guerra já eram suficientes para que os agentes concluíssem que a influência comunista ocorria.

Em 1967, o posicionamento antiguerra de King foi recuperado, renovando “o interesse em suas crenças políticas”<sup>334</sup>. Essa retomada da pauta contra a Guerra do Vietnã fez parte da radicalização de King ao fim da vida, quando o pastor passou a incorporar novas pautas em seu ativismo, principalmente a luta contra a desigualdade econômica entre brancos e não brancos. Entre 1965 e 1968, ano de sua morte, o ativista pacifista reforçou constantemente a importância da luta contra o militarismo estadunidense.

---

<sup>331</sup> Sobre King ter deixado de lado a questão do Vietnã em 1965, um memorando do Bureau indica que o pastor se reuniu com seus conselheiros mais próximos em setembro daquele ano e afirmou que não era “forte o suficiente” para “carregar duas lutas ao mesmo tempo, a batalha pelos direitos civis e a luta pela paz no Vietnã”. Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 14 de setembro de 1965, Section 43, Martin Luther King Jr. FBI File. Ver também DELOACH, Cartha D. *Op. Cit.*, 1995, pp. 216-7.

<sup>332</sup> Do original: “(...) coverage of these meetings by this Bureau results in the obtaining of evidence of the influences upon King (...) The coverage of these meetings also has developed information concerning King’s involvement in the Vietnam situation.” Memorando de Hoover para Nicholas Katzenbach, 19 de outubro de 1965, Section 106, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>333</sup> Do original: “(...) the communist influence evident in the outspoken position which King has taken in opposition to the United States foreign policy concerning Vietnam.” Memorando de Hoover para Nicholas Katzenbach, 27 de outubro de 1965, Section 106, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>334</sup> Do original: “King’s recent prominent role in anti-Vietnam demonstrations has renewed interest in his political beliefs.” Memorando de M. A. Jones para Mr. Wick, 20 de abril de 1967, Section 71, Martin Luther King Jr. FBI File. Robert Edward Wick (1910-?) foi funcionário do FBI entre 1942 e 1967, ocupando as posições de *special agent* no escritório de Minneapolis e posteriormente cargos diversos no quartel-general, chegando à posição de *assistant director* do Information Office do Bureau nos anos 1960.

Segundo King, os gastos da Guerra do Vietnã afetavam diretamente o orçamento de programas de combate à pobreza nos Estados Unidos, atingindo os negros. Além disso, o governo enviava soldados afro-americanos para a Ásia para lutar pela “democracia” que eles próprios nunca haviam experimentado, já que conviviam diariamente com a segregação racial<sup>335</sup>. O ativismo do pastor, portanto, foi além da luta contra o racismo e pelo direito ao voto, embora ele não fosse tão radical como Malcolm X ou os Panteras Negras<sup>336</sup>.

Essa mudança no ativismo de King teve como pano de fundo o acirramento das tensões raciais na segunda metade da década de 1960. A partir de 1964 e até 1969, tornaram-se comuns revoltas raciais urbanas nos Estados Unidos, geralmente como reação a episódios de violência policial. As mais conhecidas dessas foram os distúrbios no bairro de Watts, em Los Angeles, entre 11 e 15 de agosto de 1965, em que a Guarda Nacional foi chamada para tentar conter os protestos e a violência<sup>337</sup>. Essas explosões sociais tiveram tal impacto nos Estados Unidos que o então presidente Lyndon Johnson (1963-1969) estabeleceu em 1967 um comitê presidencial para investigar as causas desses tumultos, que ficou conhecido como Kerner Commission. Em seu relatório final, a comissão responsabilizava a falta de oportunidades para a população negra, programas sociais malsucedidos, violência policial e racismo pelas revoltas urbanas<sup>338</sup>.

Nesse contexto, portanto, da Guerra do Vietnã, de tensões sociais e persistência do racismo internos, a população afro-americana se viu ainda longe da plena inserção social projetada pelo movimento negro moderado e simbolizada pelo *Civil Rights Act* e *Voting Rights Act*. King e outros expoentes dos Civil Rights, então, adotaram outras estratégias e passaram a ampliar seu ativismo, tanto em resposta a essas novas demandas da população negra, quanto para disputar a hegemonia nas próprias comunidades afro-americanas, que viam em grupos mais radicais – como os Panteras Negras – alternativas para lutar contra as mazelas que (ainda) sofriam.

De acordo com memorando do Bureau de 8 de março de 1967, “a inclinação [de King] é direcionar todos os seus esforços para a oposição à guerra no Vietnã”. Segundo

---

<sup>335</sup> CARSON, Clayborne (Org.). *A Autobiografia de Martin Luther King Jr.* São Paulo: Zahar, 2014, pp. 392-407.

<sup>336</sup> *Idem*, pp. 343-391; JOSEPH, Peniel E. *The Sword and the Shield: The Revolutionary Lives of Malcolm X and Martin Luther King Jr.* New York: Basic Books, 2020, pp. 55-77.

<sup>337</sup> Sobre as revoltas de Watts, ver DAVIS, Mike e WIENER, Jon. *Set the Night on Fire: L.A. in the Sixties.* New York: Verso, 2020, pp. 213-233.

<sup>338</sup> Sobre o relatório final da Comissão Kerner, ver <<https://www.nytimes.com/2020/06/23/us/kerner-commission-report.html>>. Acesso em: 3 nov. 2021.

membro da alta hierarquia do FBI, o melhor jeito de prejudicar o pastor seria fornecer uma lista de questões polêmicas sobre a guerra para contatos da agência na imprensa. Dessa forma, possíveis entrevistadores poderiam questionar o investigado e “trazer à tona a reorientação política dos esforços de King em relação à política externa dos Estados Unidos, contrastando-a com as posições tomadas por outros líderes dos Civil Rights (...)”. Assim, se poderia mostrar que “a política de King tinha paralelos claros com esforços comunistas”, causando “extremo embaraço a King”<sup>339</sup>. Agora tratava-se de separar o pastor das outras lideranças negras ao aproximá-lo do comunismo.

Em informe para a alta hierarquia do FBI, datado de 27 de abril de 1967, Hoover relatou conversa que teve com um assistente do presidente acerca das movimentações antiguerra de King. De acordo com o diretor do Bureau, o pastor estava “sob controle ativo e forte dos comunistas”, ressaltando que Levison escrevia a maioria dos discursos e declarações públicas do ativista. Aos olhos de Hoover, o advogado era um “manipulador calmo e tranquilo por trás das atividades de King”, e sua influência resultava na disseminação de “linha comunista” que atacava a administração Johnson e ameaçava enfraquecer a posição do país internacionalmente<sup>340</sup>.

Percebe-se como temas antigos – como a influência comunista por parte dos assessores de King – eram retomados e reinterpretados de acordo com novas “evidências”, gerando representações múltiplas e sobrepostas, que ora ressaltavam King como perigoso por si só, ora como peão nas mãos de “comunistas” como Levison. O ativismo do pastor contra a Guerra do Vietnã, portanto, permitiu ao Bureau atualizar a maneira como mobilizava o comunismo.

De acordo com o diretor do FBI, King havia se tornado assunto de Estado, representando a “voz de 20 milhões de negros vivendo dentro de nossas fronteiras”. Nota-se a separação entre “eles” (os negros) e “nós” (nossas fronteiras) que Hoover estabeleceu: havia 20 milhões de negros dentro das “nossas fronteiras”, as fronteiras dos homens brancos. Infere-se que os negros não pertenciam ao interno daquelas fronteiras,

---

<sup>339</sup> Do original: “His inclination is to direct his entire efforts in opposition to the war in Vietnam.”; “(...) to bring out the political reorientation of King’s major efforts in relation to United States foreign policy as contrasted to the position taken by other civil rights leaders who have continued to direct their efforts at civil rights. This then could be linked to show that King’s current policies remarkably parallel communist efforts. This would cause extreme embarrassment to King.” Memorando de C. D. Brennan para William C. Sullivan, 8 de março de 1967, Section 68, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>340</sup> Do original: “I Told Mr. Califano that King has been under active and tight control of the communists; that this man Stanley David Levison (...) has written most of King’s speeches and the statements King makes to the public.”; “I stated Levison is a smooth, clever manipulator behind King in his activities.” Memorando de Hoover para Clyde Tolson, Cartha DeLoach, William C. Sullivan e Mr. Wick, 27 de abril de 1967, Section 71, Martin Luther King Jr. FBI File.

colocando-os à margem. De acordo com esse pensamento, o pastor ameaçava a integridade do país. Ainda segundo o diretor do Bureau, esse representante da comunidade negra havia, em 1967,

(...) mudado suas atividades do Movimento dos Civil Rights para o Movimento pela Paz no Vietnã. Em 4 de abril de 1967, num discurso na Riverside Church, Nova York, ele atacou o envolvimento do governo dos Estados Unidos no Vietnã e chamou os Estados Unidos de “o maior propagador de violência no mundo hoje”.<sup>341</sup>

Utilizou-se, por conseguinte, a própria fala do pastor para interpretá-lo como inimigo da nação. Se King representava tamanha ameaça ao país aos olhos do Bureau, então a agência não deveria poupar esforços para derrotá-lo.

### **3.2 – Martin Luther King Jr. inimigo do FBI: “devemos neutralizá-lo”**

Além do impacto da atuação de King na marcha sobre Washington e o posterior posicionamento antiguerra, as tensões entre o pastor e o FBI também fizeram com que o investigado fosse representado como inimigo da própria instituição. De acordo com memorando de dezembro de 1962, ao comentar um estudo do historiador Howard Zinn relacionado à questão racial nos Estados Unidos, King afirmou que “um dos grandes problemas que enfrentamos com o Bureau no Sul é que os agentes [do FBI] são brancos sulistas que foram influenciados pelos costumes de suas comunidades”<sup>342</sup>. Percebe-se que o pastor declarou que esses funcionários eram coniventes com o racismo das forças policiais regionais.

Posteriormente, os altos oficiais do FBI, William Sullivan e Cartha DeLoach, procuraram contatá-lo para corrigir a informação, já que, segundo eles, os funcionários da agência no Sul do país não eram sulistas em maioria. Não conseguindo entrar em

---

<sup>341</sup> Do original: “Today when King speaks, he is the voice of 20 million Negroes living inside our boundaries.”; “In the Spring of 1967 King changed his activities from the civil rights movement to the Peace in Vietnam movement. On April 4, 1967, in a speech at the Riverside Church, New York, he attacked the United States Government’s involvement in Vietnam and called the United States the ‘greatest purveyor of violence in the world today.’” Memorando de Hoover para a alta hierarquia do FBI, 20 de dezembro de 1967, Section 77, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>342</sup> Do original: “one of the great problems we face with the FBI in the South is that the Agents are white southerners who have been influenced by the mores of their community.” Memorando de Alex Rosen para Alan Belmont, 3 de dezembro de 1962, Section 2, Martin Luther King Jr. FBI File.

contato com o investigado, sob alegações de que ele não tinha tempo, DeLoach afirmou em janeiro de 1963 que

**Parece óbvio que o reverendo King não deseja que lhe contem verdades. Ele obviamente usou de enganação, mentiras e traição como propaganda para avançar suas próprias causas.** (...) Não vejo necessidade de contatar o reverendo King já que ele não deseja que lhe contem a verdade. O fato de ele ser um **mentiroso perverso** é amplamente demonstrado pelo fato de que ele constantemente se associa e toma instruções de Stanley Levison, que é um membro secreto do Partido Comunista em Nova York.<sup>343</sup> (grifos nossos)

Chama atenção o linguajar ofensivo utilizado por DeLoach para descrever os comentários do pastor. Observa-se que a afirmação parcialmente equivocada do ativista sobre as origens dos agentes foi interpretada como “enganação, mentiras e traição” pelo FBI. Criticar a atuação da instituição tornava-o um “mentiroso perverso”, conectando todas essas características com a alegada influência comunista. Embora aparentemente a afirmação de King não fosse exata, a ideia geral da agência como aliada das forças policiais locais em vez de protetora dos direitos civis da população era, no mínimo, razoável<sup>344</sup>.

As mensagens inconformadas dos oficiais, no entanto, eram restritas à alta hierarquia da corporação. Se comunicadas ao público ou a outras instituições, o Bureau correria o risco de confirmar o caráter político e preconceituoso da agência. Em memorando para o diretor da Comissão de Direitos Civis – comentando o mesmo episódio –, Hoover disse que

É agora óbvio para esse Bureau, dadas as **táticas evasivas** do reverendo King, que ele não deseja que lhe contem os fatos verdadeiros relacionados a essa situação. Como exemplo de **sua insinceridade**, foi feita tentativa de contatá-

---

<sup>343</sup> Do original: “It would appear obvious that Rev. King does not desire to be told the true facts. He obviously used deceit, lies and treachery as propaganda to further his own causes. (...) I see no further need to contacting Rev. King inasmuch as he obviously does not desire to be given the truth. The fact that he is a vicious liar is amply demonstrated in the fact he constantly associates with and takes instructions from Stanley Levison who is a hidden member of the Communist Party in New York.” Memorando de Cartha DeLoach para John P. Mohr, 15 de janeiro de 1963, Section 3, Martin Luther King Jr. FBI File. John P. Mohr (1910-1997) foi funcionário do FBI entre 1939 e 1972, sendo inicialmente *special agent* nos escritórios de Los Angeles e San Francisco. No início dos anos 1940, foi promovido para o quartel-general, ocupando os postos de inspetor e assistente de Clyde Tolson. Nos anos 1950, se tornou *assistant director* e depois *assistant to the director* até se aposentar.

<sup>344</sup> GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, p. 56; O'REILLY, Kenneth. *Op. Cit.*, 1991, pp. 49-78.

lo por um oficial desse Bureau (...) considerando a **conduta evasiva** do reverendo sr. King nesse assunto, nenhuma nova tentativa será feita por esse Bureau de contatá-lo.<sup>345</sup> (grifos nossos)

Observa-se, nesse outro documento, uma linguagem completamente diferente. As “mentiras” se tornaram “insinceridade”; a “enganação”, as “mentiras” e a “traição” se transformaram em “táticas evasivas”. Comunicando-se com alguém de fora da instituição, os agentes adotavam outro vocabulário, mais brando. A polidez e a disposição do Bureau para corrigir os erros das afirmações do pastor compunham imagens acerca do FBI e do investigado: a agência correta, que se dispôs a corrigir um mal-entendido, e o pastor evasivo, que sequer atendeu os telefonemas dos agentes. Esse episódio foi recuperado alguns anos depois por Hoover, mostrando que o impacto das declarações de King não causou apenas desconforto pontual na alta hierarquia da agência.

A partir da utilização das escutas no segundo semestre de 1963, medidas mais efetivas passaram a ser tomadas pela instituição para “neutralizar” King. Em memorando de janeiro de 1964 (imagem 24), Baumgardner relatou que, em reunião de funcionários da agência, supervisores e agentes de campo examinaram o caso. Segundo ele, analisaram-se “de forma completa as abordagens focadas em neutralizar Martin Luther King Jr. como um líder negro efetivo”. Percebe-se que a linguagem já era bastante explícita àquela altura do inquérito. Embora ainda se reproduzissem algumas visões sobre King ser manipulado por comunistas, os objetivos das ações de contrainteligência do Bureau eram “neutralizar” o pastor, não Levison ou Clarence Jones, o que indica que o investigado era considerado perigoso por si só. De acordo com o agente, o FBI havia sido “discreto” em seu inquérito sobre o ativista, devido “à posição que King tem não só como pastor, mas também como ‘respeitado’ líder negro”<sup>346</sup>.

A preocupação do Bureau era conter a ascensão do ativista na esfera pública. Ao mesmo tempo, percebe-se que o comunismo já não era mais enunciado claramente. Tratava-se apenas de uma arma a ser utilizada para sabotar a figura pública do pastor, ao disseminar, para pessoas influentes na política estadunidense, informações sobre a

---

<sup>345</sup> Do original: “It is now obvious to this Bureau, due to evasive tactics of Reverend Mr. King, that he has no desire to be told the true facts concerning this situation. As an instance of his insincerity, an attempt was made by an official of this Bureau to contact Reverend Mr. King (...)” “In view of Reverend Mr. King’s evasive conduct in this matter, no further attempts are being undertaken by this Bureau to contact him.” Memorando de Hoover para Berl I. Bernhardt, 18 de janeiro de 1963, Section 3, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>346</sup> Do original: “(...) because of the position King has not only as a clergyman, but also as a ‘respected’ Negro leader.” *Ibidem*.

suposta “manipulação” de King por parte de comunistas. Nesse sentido, a “neutralização” de King não precisava ser justificada, dando a entender que a legitimidade desse esforço era evidente para os agentes do FBI.

Mr. W. C. Sullivan  
Mr. F. J. Baumgardner

January 8, 1964

APPROPRIATE AGENCIES AND FIELD OFFICES ADVISED BY ROUTING SLIP(S) BY DATE

1 - Mr. Belmont  
1 - Mr. Sullivan  
1 - Mr. Bland  
1 - Mr. Baumgardner  
1 - Mr. Forsyth  
1 - Liaison  
1 - Mr. Kleinkauf

COMMUNIST PARTY, USA  
NEGRO QUESTION  
COMMUNIST INFLUENCE IN RACIAL MATTERS  
INTERNAL SECURITY - COMMUNIST

6074 33 71K

INFORMATION CONTAINED HEREIN IS UNCLASSIFIED

Memorandum from W. C. Sullivan to A. H. Belmont 12/24/63  
summarized the results of a conference held at the Seat of Government 12/23/63 between Bureau officials and Supervisors and field representatives designed to explore how best to carry on our investigation of captioned matter to produce the desired results without embarrassment to the Bureau. We completely analyzed avenues of approach aimed at neutralizing Martin Luther King, Jr., as an effective Negro leader. One of the avenues explored was that concerning any facets of the financial operations of King and the organizations through which he operates which investigation might reveal either violations of the law or other potentials for discrediting King or otherwise neutralizing his effectiveness.

Imagem 24 – Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 8 de janeiro de 1964, Section 7, Martin Luther King Jr. FBI File.

Tornou-se comum, já no início de 1964, a disseminação de informações derogatórias sobre o pastor para indivíduos que convidavam King a discursar em eventos ou que lhe concediam prêmios. Devido à popularidade do pastor, principalmente após a Marcha sobre Washington, ele recebia várias homenagens em universidades, por exemplo. Em março de 1964, o Bureau descobriu que a Marquette University iria conceder honraria a King. Comentando o assunto, Baumgardner afirmou que

É de fato chocante que exista a possibilidade de King receber um Grau Honorário da mesma instituição que honrou o diretor [do FBI] com tal grau em 1950. Devemos tomar atitudes para impedir isso dentro do quadro da segurança de nossas informações e fontes. Ao tornar disponíveis informações pertinentes sobre King [censurado] nesse tempo, de forma estritamente confidencial, daremos tempo suficiente para a Universidade agir de forma a impedir embaraço público da instituição<sup>347</sup>.

<sup>347</sup> Do original: “It is shocking indeed that the possibility exists that King may receive an Honorary Degree from the same institution which honored the Director with such a Degree in 1950. We ought to take positive steps to head this off if at all possible within the framework of the security of our information and sources. By making pertinent information concerning King available [censurado] at this time, on a strictly

Para o FBI era inconcebível que Hoover e King fossem homenageados na mesma instituição. Para eles, definitivamente um não estava à altura do outro. Buscava-se, portanto, mostrar a insatisfação do FBI em relação às iniciativas que favorecessem o pastor e fornecer informações derogatórias para figuras importantes nas universidades, de forma a sabotar os prêmios que o pastor receberia, sob a justificativa de “impedir embaraço público da instituição”.

No tópico “Recommendation” desse mesmo documento, requisitou-se que o quartel-general enviasse memorando para o *special agent in charge* de Milwaukee (cidade em que fica a Marquette University, em Wisconsin) contendo “os fatos não só sobre as conexões comunistas de King, mas também [censurado]”<sup>348</sup>. A categoria da censura é b7c, indicando informações pessoais, provavelmente relacionadas à vida íntima do pastor<sup>349</sup>. Dias depois, o *special agent in charge* de Milwaukee relatou que a conversa com o representante da universidade foi bem-sucedida, impedindo King de receber a honraria<sup>350</sup>. A universidade decidira se preservar, voltando atrás na homenagem que faria.

Percebe-se como o tema do comunismo aparece, ao lado da (provável) questão sexual, como ferramenta para se atingir o objetivo de neutralizar o investigado, não como legitimidade da ação investigativa. Se entre 1962 e 1963 o foco do inquérito era compilar provas de alegada influência comunista sobre King, a partir de 1964 tratava-se de instrumentalizar as poucas “evidências” de “comunismo” e a vida privada do pastor para atingir o objetivo de sabotá-lo.

Ações semelhantes foram tomadas para sabotar prêmios que seriam concedidos a King pelo Springfield College e pela Yale University em abril de 1964<sup>351</sup>. Mais tarde, em

---

confidential basis, we will be giving the University sufficient time to enable it to take positive action in a manner which might avoid embarrassment to the University.” Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 4 de março de 1964, Section 9, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>348</sup> Do original: “(...) the facts concerning not only King’s communist connections [censurado]” *Ibidem*.

<sup>349</sup> Documentos de inteligência, ainda mais os censurados, raramente têm uma linguagem explícita. Como informações relacionadas a “conexões comunistas” nunca foram censuradas nos escritos, é uma hipótese plausível que essas informações tarjadas sejam de natureza sexual. Sobre a linguagem desse tipo de escrito, Bauer e Guertz afirmam que é preciso “estar atento às sutilezas que essas fontes possuem, e às evidências que trazem subentendidas”. BAUER, Caroline Silveira e GERTZ, René E. Fontes sensíveis da história recente. In: DE LUCA, Tânia R. e PINSKY, Carla B. *O historiador e suas fontes*. São Paulo, Contexto, 2017, p. 190.

<sup>350</sup> Do original: “[censurado] stated that he did not know how he could adequately express his gratitude and that of the University for helping them to avoid a situation which obviously would have proven tremendously embarrassing and that the timeliness of this advice could not have been better since the committee which considers academic awards was meeting later the same day.” Memorando de Milwaukee para Hoover, 9 de março de 1964, Section 10, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>351</sup> Ver memorando de J. F. Baumgardner para William C. Sullivan, 2 de abril de 1964, Section 11, Martin Luther King Jr. FBI File; e memorando de C. D. DeLoach para John P. Mohr, 8 de abril de 1964, Section 11, Martin Luther King Jr. FBI File.

1965, o Bureau tentou impedir que o pastor recebesse prêmio honorário da St. Peter Jesuit School e que um jornal de Atlanta promovesse banquete em sua homenagem<sup>352</sup>. O FBI agiu como pôde para evitar que King fosse homenageado, sabotando honrarias ao pastor. Essa contrariedade e esforço do Bureau em boicotar o investigado só mostram como o pastor havia crescido positivamente na opinião pública norte-americana.

Embora provavelmente não soubesse da amplitude da campanha que o Bureau organizava contra ele, o pastor recorrentemente criticava a agência de inteligência e Hoover. De acordo com memorando de abril de 1964, King condenou publicamente o diretor do FBI em comunicado à imprensa. Segundo Sullivan, o investigado mencionou “o diretor pelo nome” e o colocou “na categoria de políticos sulistas e racistas que são contra a Bill of Rights”<sup>353</sup>. As críticas de King à instituição permaneceram mais ou menos constantes nesse ano, contribuindo para que as tensões entre o pastor e Hoover crescessem ao longo dos meses<sup>354</sup>.

Em entrevista a várias repórteres em novembro de 1964, Hoover defendeu a atuação da agência no campo dos direitos civis, citando a luta contra a Ku Klux Klan como prova da eficiência do Bureau<sup>355</sup>. Recuperando os comentários feitos por King em 1962, o diretor disse que 70% dos agentes atuando no sul do país eram nortistas. Ao comentar sobre o pastor ao fim da entrevista, Hoover disse que King era “um dos personagens mais baixos do país” e o “mais notório mentiroso do país”<sup>356</sup>. Essa definição

---

<sup>352</sup> Ver memorando de J. F. Baumgardner para William C. Sullivan, 12 de janeiro de 1965, Section 22, Martin Luther King Jr. FBI File; e memorando de William C. Sullivan para Alan Belmont, 21 de janeiro de 1965, Section 93, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>353</sup> Do original: “King mentioned the Director by name and, in substance, put him in the category of southern politicians and racists who are opposing the Bill of Rights. He indicated that the Director, if nothing more, would be used by these people for maintaining segregation, all because the Director made what King regards as being a false statement charging communist infiltration and influence in the civil rights and negro movement. King challenged the Director that if he had any real evidence, to come forth with it. He went on to say that the leaders of the negro movement have tried consistently to keep communists out of policy-forming areas and positions of leadership.” Memorando de William C. Sullivan para Alan Belmont, 23 de abril de 1964, Section 11, Martin Luther King Jr. FBI File. A Bill of Rights é composta pelas 10 primeiras emendas à Constituição dos Estados Unidos, garantindo determinados direitos individuais, como a liberdade de expressão e o direito de possuir armas. Foi ratificada em 1791 em resposta às demandas dos antifederalistas, que eram contra a centralização política expressada pela Constituição do país.

<sup>354</sup> Ver, por exemplo, memorando de C. L. McGowan para Alex Rosen, 22 de julho de 1964, Section 13, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>355</sup> A Ku Klux Klan foi uma organização criada em 1865 no estado do Tennessee. Defendia a supremacia branca e foi responsável por vários casos de linchamento e assassinato de negros nos Estados Unidos; foi desmantelada pelo governo federal nos anos 1870. Ao longo do século XX outros grupos supremacistas brancos foram formados com o mesmo nome, remetendo à organização do século XIX. Nos anos 1950 e 1960 foram responsáveis por muitas das oposições violentas ao movimento negro. Sobre a Ku Klux Klan no século XX, ver MCVEIGH, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2009.

<sup>356</sup> Do original: “He’s one of the lowest characters in the country.” Documento sem identificação, 18 de novembro de 1964, Section 21, Martin Luther King Jr. FBI File. A frase “most notorious liar in the country”

do pastor repercutiu amplamente na imprensa, e várias cartas enviadas por civis para o diretor do FBI ao longo dos anos mencionavam tal caracterização, a maioria sendo a favor dela<sup>357</sup>.

Quaisquer críticas à agência eram lidas como ataque à integridade do governo e à pátria<sup>358</sup>. Em memorando de Sullivan de dezembro de 1964, disse ele que

(...) esse Bureau ainda não saiu vitorioso desse conflito com Martin Luther King Jr. (...) é imprescindível que tomemos todas as ações prudentes para que saíamos completamente vitoriosos nesse conflito. Não devemos tomar meias medidas ou medidas inefetivas, nem nos cegar diante da realidade da situação<sup>359</sup>.

O Bureau, portanto, identificava King como inimigo a ser derrotado. Nota-se que a caracterização do investigado poderia ser facilmente atribuída a um espião soviético em solo norte-americano. Na perspectiva da alta hierarquia da instituição, tratava-se de conflito em que haveria vencedor e perdedor, e era indispensável que a agência vencesse<sup>360</sup>.

Para atenuar as tensões, ao menos publicamente, King e Hoover marcaram reunião no final de 1964, na capital do país. O FBI produziu relatório para o diretor se preparar para o encontro, com mais de 20 páginas sobre o *background* de King, suas alegadas “afiliações comunistas” e dados do Bureau no campo dos direitos civis. De acordo com o documento, a ascensão de King nacionalmente “foi intimamente ligada aos comunistas”,

---

não está nesse escrito, mas o diretor confirmou que disse isso nessa entrevista em vários outros documentos. Ver, por exemplo, a resposta à carta de civil de Wayne, New Jersey, 18 de maio de 1967, Section 71, Martin Luther King Jr. FBI File; DeLoach, que estava presente na entrevista junto com Hoover, também disse em sua autobiografia que o diretor proferiu essa frase. DELOACH, Cartha D. *Op. Cit.*, 1995, pp. 203-4.

<sup>357</sup> Ver, por exemplo, carta de civil de Hutchinson, Kansas, para Hoover, 26 de abril de 1965, Section 31, Martin Luther King Jr. FBI File; e carta de civil de Minneapolis, Minnesota, para Hoover, 18 de outubro de 1966, Section 65, Martin Luther King Jr. FBI File.

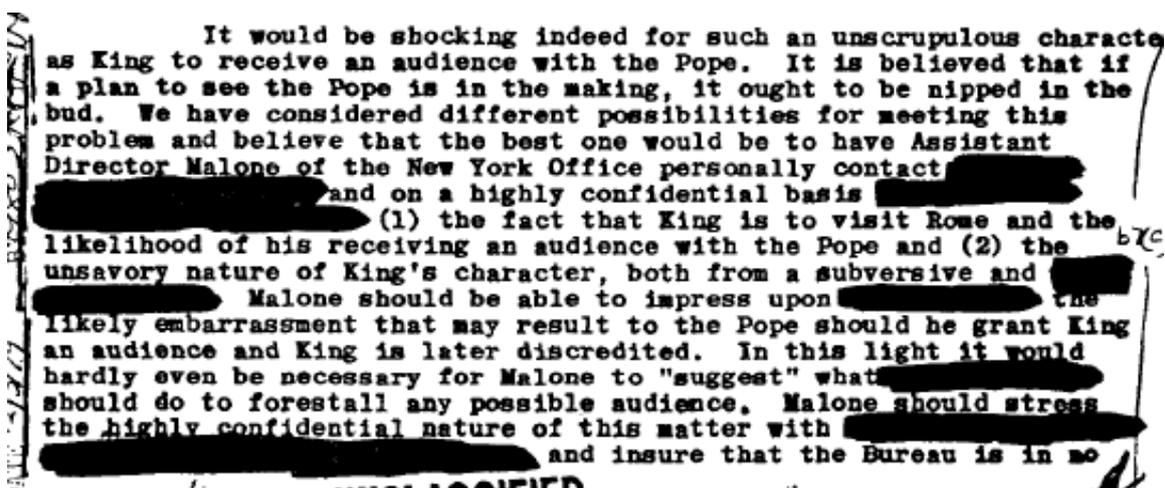
<sup>358</sup> Essa sensibilidade em relação às críticas parece ser também característica comum em instituições da comunidade de segurança. Ver FICO, Carlos. *Op. Cit.*, 2001, p. 138.

<sup>359</sup> Do original: “(...) this Bureau has not yet emerged victorious in its conflict with Martin Luther King. (...) mandatory that we take every prudent step that we can take to emerge completely victorious in this conflict. We should not take any ineffective or half-way measures, nor blind ourselves to the realities of the situation.” Memorando de William C. Sullivan para Alan Belmont, 14 de dezembro de 1964, Section 21, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>360</sup> Ao descrever as práticas investigativas do FBI – particularmente as utilizadas contra Martin Luther King Jr. – em audiência do Church Committee em 1975, William C. Sullivan disse que “não houve restrições. Utilizamos essas técnicas contra espíões estrangeiros e eles utilizaram contra nós”. Questionado se esses métodos foram utilizados domesticamente, ele disse que “sim, utilizamos domesticamente contra quaisquer organizações que estávamos investigando. Nós não fazíamos distinção. É um negócio difícil, violento”. *Hearings Before the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities of the United States Senate*, vol. 6, p. 24.

e ele teria mostrado não só “complacência, mas vontade de aceitar a ajuda de comunistas”<sup>361</sup>. A reunião aconteceu em dezembro de 1964, e ao que tudo indica não ocorreram animosidades entre os dois, apenas declarações pragmáticas para evitar mais polêmicas na imprensa<sup>362</sup>.

Enquanto se lidava com as tensões públicas relacionadas ao pastor, os agentes continuavam tentando neutralizá-lo. Importante ação nesse sentido foi a tentativa de sabotagem de audiência do pastor com o papa Paulo VI nos últimos meses de 1964. Cotado para receber o prêmio Nobel da Paz naquele ano, King viajou para a Europa em setembro, ficando alguns dias em Roma. De acordo com memorando de agosto de 1964 (imagem 25), a publicidade desse possível encontro com o pontífice aumentaria a chance de King ganhar o prêmio. Além de proeminência nacional, agora King era alçado a figura de renome internacional a receber uma das mais prestigiadas honrarias do Ocidente.



It would be shocking indeed for such an unscrupulous character as King to receive an audience with the Pope. It is believed that if a plan to see the Pope is in the making, it ought to be nipped in the bud. We have considered different possibilities for meeting this problem and believe that the best one would be to have Assistant Director Malone of the New York Office personally contact [redacted] and on a highly confidential basis [redacted] (1) the fact that King is to visit Rome and the likelihood of his receiving an audience with the Pope and (2) the unsavory nature of King's character, both from a subversive and [redacted] b7c  
[redacted] Malone should be able to impress upon [redacted] the likely embarrassment that may result to the Pope should he grant King an audience and King is later discredited. In this light it would hardly even be necessary for Malone to "suggest" what [redacted] should do to forestall any possible audience. Malone should stress the highly confidential nature of this matter with [redacted] and insure that the Bureau is in no [redacted]

Imagem 25 – Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 31 de agosto de 1964, Section 16, Martin Luther King Jr. FBI File.

De acordo com Baumgardner, que era figura importante da Divisão de Segurança Doméstica do Bureau, “seria um choque se um indivíduo de caráter tão inescrupuloso conseguisse audiência com o papa. Se ele planeja ver o papa, isso deve ser cortado pela raiz”. O plano para “cortar pela raiz” era fazer com que o *assistant director in charge* (ADIC) do escritório de Nova York, John F. Malone, vazasse informações para Francis Spellman, arcebispo de Nova York à época. Caberia a Malone, “em termos altamente

<sup>361</sup> Do original: “In King’s rise to national prominence, he has been closely allied with the communists. He has shown not only a willingness but even an eagerness to accept communist aid, to support communist causes (...).” Memorando de M. A. Jones para Cartha DeLoach, 1º de dezembro de 1964, Section 21, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>362</sup> DELOACH, Cartha D. *Op. Cit.*, 1995, pp. 208-209.

confidenciais”, relatar a viagem de King a Roma e reafirmar a “repugnante natureza do caráter de King, tanto do ponto de vista subversivo quanto [censurado]”<sup>363</sup>. A categoria das censuras, b7c, indica que provavelmente o agente se referia à vida sexual de King.

Outro memorando de setembro de 1964 indica que Malone fez como recomendado, e que o arcebispo “tomou ações imediatas para aconselhar o Vaticano a recusar audiência com King” e “assegurar que o papa não fosse colocado em posição embaraçosa devido a qualquer contato com King”<sup>364</sup>. No entanto, a audiência aconteceu. Segundo outro documento do Bureau, o papa recebeu as informações, mas as ignorou porque a audiência já tinha sido marcada e não havia possibilidade de desmarcar sem causar embaraço ao Vaticano<sup>365</sup>. Tais tentativas de sabotagem foram comuns até o final da investigação, em 1968. No entanto, o uso de informações sobre a vida sexual de King não foi apenas pontual, mas intenso, fazendo-se presente em numerosos escritos.

### **3.3 – Martin Luther King Jr. ‘imoral’: a vida íntima do pastor na investigação do FBI**

A utilização de escutas contra Martin Luther King Jr. não rendeu apenas informações sobre seus “contatos” com “comunistas”. A partir do fim de 1964, a agência passou a circular conteúdo sobre a vida privada do ativista para alvos bastante diversos. Tratar analiticamente esse tipo de informação exige cuidado redobrado do historiador, já que esse tipo de fonte “traz à tona a discussão sobre a privacidade e a preservação da intimidade das pessoas”<sup>366</sup>. A utilização das fontes do Bureau que falam sobre a vida privada do pastor (ou de quaisquer investigados) deve ser feita, portanto, com muita

---

<sup>363</sup> Embora o nome esteja censurado na versão do documento a que temos acesso, tanto Garrow quanto o relatório final do Church Committee afirmam que foi Spellman quem o FBI contactou para realizar tal ação. Ver GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, p. 121; *Supplementary Detailed Staff Reports on Intelligence Activities and the Rights of Americans, Book III*, pp. 82 e 142-3. John F. Malone (1911-1987) foi funcionário do FBI entre 1942 e 1975, sendo *special agent in charge* de vários escritórios regionais nos anos 1950, como San Diego, Louisville, Chicago e Los Angeles. Foi também *assistant director* responsável pela academia do FBI, da Inspection Division e ADIC do escritório de Nova York.

<sup>364</sup> Do original: “(...) took instant steps to advise the Vatican against granting any audience to King. (...) ensure that Pope is not placed in an embarrassing position through any contact with King.” Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 8 de setembro de 1964, Section 16, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>365</sup> Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 17 de setembro de 1964, Section 17, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>366</sup> BAUER, Caroline Silveira e GERTZ, René E. *Op. Cit.*, 2017, p. 178. Embora os autores tenham trabalhado especificamente o contexto das ditaduras militares na América Latina, suas análises também servem, em certa medida, para o estudo dos Estados Unidos.

cautela. Tal discussão acerca dos limites e dos usos das fontes de inteligência adquiriu contornos bastante contemporâneos recentemente.

Em maio de 2019, David J. Garrow publicou artigo na *Standpoint Magazine* comentando documentos recém-descobertos da investigação do pastor. Entre eles, há um memorando em que uma anotação feita à mão por agente do FBI sugere que King foi conivente com estupro cometido por um colega. Segundo Garrow, se comprovado esse episódio, o legado de Martin Luther King Jr. como importante liderança negra no país seria colocado em dúvida. Além disso, o historiador fez várias afirmações sobre a vida pessoal do pastor, mencionou uma possível filha de King fora do casamento e até problemas financeiros do investigado, tudo a partir de fontes questionáveis do Bureau<sup>367</sup>.

No entanto, a análise do autor é bastante problemática. Garrow em nenhum momento questionou a veracidade das informações ou quão problemático é tirar qualquer conclusão utilizando apenas fontes produzidas pelo FBI. Em resposta, as críticas da historiadora Barbara Ransby ao artigo de Garrow, publicadas no *The New York Times*, foram bastante contundentes<sup>368</sup>. De acordo com ela, as afirmações do historiador foram “irresponsáveis” e “retiradas de documentos questionáveis”.

Consideramos, assim como Ransby, que as afirmações de Garrow constituem reprodução acrítica da documentação consultada. Relatar a vida sexual do pastor, bem como apresentá-la indiscriminadamente a determinados leitores – como fez o historiador estadunidense –, era justamente a lógica de parte importante do inquérito da instituição. O objetivo de alguns oficiais que compunham o alto escalão do Bureau era expor King publicamente e, de forma clandestina, minar seu apoio em meio à população norte-americana.

A representação de pessoas negras por meio de intensa sexualização foi parte fundamental da construção histórica de uma *blackness* negativa<sup>369</sup>. No contexto da Guerra Fria, segundo Elaine Tyler May, medos exacerbados acerca das populações negras foram reformulados tanto a partir da questão da segurança (comunismo), quanto de “estereótipos fictícios” de “perigo racial”, “promovendo afirmações infundadas de que homens negros

---

<sup>367</sup> O artigo está disponível em: <<https://www.davidgarrow.com/wp-content/uploads/2019/05/DJGStandpoint2019.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2021.

<sup>368</sup> O artigo está disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/06/03/opinion/martin-luther-king-fbi.html>>. Acesso em: 6 abr. 2021.

<sup>369</sup> ROEDINGER, David R. *Op. Cit.*, 2007, pp. 150-151. A questão sexual também foi bastante mobilizada na luta contra subversivos nas atividades de inteligência durante a Guerra Fria. Recorrentemente preconceito racial e julgamentos morais como “devassidão” eram mobilizados para representar investigados como subversivos. Ver MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. *Op. Cit.*, 1997, p. 8; e FICO, Carlos. *Op. Cit.*, 2001, pp. 101-102.

eram perigosos e mulheres brancas vulneráveis”<sup>370</sup>. De forma a evitar reprodução acrítica desses postulados, muito comuns na documentação do FBI, nossa análise segue sentido diverso: entender sob quais critérios e como eram utilizadas essas informações, deixando de lado os julgamentos de valor e os relatos sobre a vida sexual de King<sup>371</sup>. Em momento de forte conservadorismo do país e defesa da família tradicional – apesar das manifestações da esquerda que passavam a engrossar, atacando exatamente a hipocrisia dessa moralidade –, condenar um pastor baseado na sua moral era altamente problemático.

O episódio mais famoso da utilização de informações de cunho sexual contra King foi o envio de carta anônima ao pastor e sua esposa, Coretta Scott King, em novembro de 1964<sup>372</sup>. A correspondência, enviada com uma fita que continha – alegadamente – áudios da vida sexual extramarital do investigado, mobilizou vários estereótipos racistas para definir o ativista. A carta, cujo narrador se passava por afro-americano crítico de King, afirmava que o ativista havia cometido “incontáveis atos de adultério” e tinha “conduta imoral mais baixa que a de uma besta”. O remetente afirmava que o pastor era uma “fraude e um perigo para todos nós negros”<sup>373</sup>. Escrita com propósito de fazer King cometer suicídio antes de receber o prêmio Nobel da Paz, a carta definia o pastor a partir de alegada bestialidade e comportamento sexual voraz<sup>374</sup>.

A mobilização de possíveis informações sobre a vida íntima de King para justificar a investigação e construir imagens negativas sobre ele foi constante entre 1964 e 1968. Em março de 1965, ao comunicar um subordinado de que o FBI tinha disseminado documento sensível da investigação para a “comunidade de inteligência”, Sullivan afirmou que o conteúdo do escrito enfatizava a “influência comunista sobre King, assim como fatos relacionados a sua [de King] natureza imoral”<sup>375</sup>. Mesmo depois do assassinato do pastor, esse tipo de julgamento moralista continuou comum. Em carta de

---

<sup>370</sup> MAY, Elaine Tyler. *Op. Cit.*, 2017, p. 7.

<sup>371</sup> Esse direcionamento vai de acordo com as considerações de Carlos Fico acerca da mobilização dessas informações sensíveis para o trabalho do historiador. Segundo ele, “parece-me equívoco o entendimento da ‘história como intriga’, modalidade em relativo desuso (...)” FICO, Carlos. *Op. Cit.*, 2001, p. 27.

<sup>372</sup> A carta pode ser lida na íntegra em: <<https://www.nytimes.com/2014/11/16/magazine/what-an-uncensored-letter-to-mlk-reveals.html>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

<sup>373</sup> A autoria dessa carta é geralmente atribuída a William C. Sullivan. Ver GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, pp. 125-126; O’REILLY, Kenneth. *Op. Cit.*, 1991, p. 144; DELOACH, Cartha D. *Op. Cit.*, 1995, pp. 211-212. No entanto, em relato autobiográfico, Sullivan afirmou que estava apenas seguindo ordens de Alan Belmont. Ver BROWN, Bill e SULLIVAN, William C. *Op. Cit.*, 1979, p. 142.

<sup>374</sup> Sobre a intenção da carta, ver GARROW, David J. *Op. Cit.*, 1988, pp. 124-127.

<sup>375</sup> Do original: “(...) emphasis was given to the communist influence on King as well as facts relating to his immoral nature.” Memorando de William C. Sullivan para F. J. Baumgardner, 31 de março de 1965, Section 28, Martin Luther King Jr. FBI File.

Hoover para o então vice-presidente Spiro T. Agnew, datada de junho de 1969, o diretor do Bureau dizia que em anexo se encontravam “informações relacionadas ao comportamento pessoal altamente imoral de King”<sup>376</sup>.

Essa recorrente caracterização do investigado, a partir de dita sexualidade exacerbada, tanto expressava o estereótipo comum de negros como “bestiais”, quanto colocava os agentes do FBI como moralmente superiores. Afinal, nota-se que esses “comportamentos imorais” eram raramente descritos nos documentos, apenas enunciados através dessas expressões, como se os funcionários da agência fossem puros demais para relatar esses alegados episódios. Maiores detalhes sobre a suposta vida sexual de King só foram colocados em documentos muito específicos que veremos mais à frente. De forma geral, questões íntimas eram trazidas à baila para contrapor qualquer fala religiosa do pastor, definindo-o como imoral, hipócrita e de caráter questionável<sup>377</sup>.

É interessante notar quão tardiamente as ideias de King apareceram na documentação. Diferentemente do caso Malcolm X, em que as falas do ativista ocupavam dezenas de páginas dos *summary reports*, os agentes raramente analisavam os discursos do pastor<sup>378</sup>. Como vimos, o famoso “I Have a Dream” – proferido pelo investigado na Marcha sobre Washington em 1963 – foi apenas caracterizado como “demagógico” por William Sullivan, sem análise aprofundada. No entanto, graças ao uso das escutas e o consequente contato com a alegada vida íntima de King, as falas do pastor passaram a ser alvo de análise dos agentes. De acordo com DeLoach, em relato autobiográfico publicado nos anos 1990, “tal comportamento parecia incongruente em líder que reivindicava sua autoridade como homem de Deus”<sup>379</sup>.

Em memorando de janeiro de 1965, um agente da Domestic Intelligence Division afirmou que foi responsável por revisar os “livros e escritos” do investigado, para determinar a “possível influência comunista” sobre ele. Disse o agente que

---

<sup>376</sup> Do original: “This document includes information regarding King’s highly immoral personal behavior.” Carta de Hoover para Spiro T. Agnew, 19 de junho de 1969, Section 86, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>377</sup> Caracterizações como “King é um hipócrita, uma fraude e um trapaceiro” e “homem de caráter questionável” eram comuns na documentação. Ver memorando de Sullivan para Alan Belmont, 16 de janeiro de 1964, Section 8, Martin Luther King Jr. FBI File; e memorando de M. A. Jones para Cartha DeLoach, 1º de dezembro de 1964, Section 21, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>378</sup> A própria incidência de *summary reports*, documentos longos o bastante para conter reproduções minuciosas de discursos dos investigados, difere bastante de uma investigação para outra. Enquanto a investigação de Malcolm X produziu 27 deles, a de King teve apenas sete.

<sup>379</sup> DELOACH, Cartha D. *Op. Cit.*, 1995, p. 203.

Os escritos do investigado são sobre os negros e o Movimento dos Civil Rights. Mesmo que em alguns momentos alguns paralelos possam ser feitos entre as visões do investigado e o pensamento comunista, uma conexão causal entre esses paralelos pode não ser estabelecida apenas pelos escritos. (...) em seus escritos, King apela para princípios cristãos e se refere à retidão moral como a base de seu movimento. (...) em seus sermões, ele falou de “excelência moral” e do fato de a sociedade “dever ter seus padrões, normas e costumes”. Em determinada ocasião, ele hipocritamente afirmou que: (...) <sup>380</sup>.

Em seguida, o agente apresentou e analisou excerto de sermão do pastor, que versava sobre pecados e como um bom cristão deveria se livrar deles. O agente concluiu que “as afirmações de King desmentem seus atos. Embora ele argumente que ‘o espírito é forte mas a carne é fraca’ – o que fala mais do autor do registro do que de King –, acontece também que ‘o Diabo pode citar as escrituras’”, em alusão à vida sexual do pastor, provavelmente <sup>381</sup>. Nota-se que a questão do comunismo é descartada quase imediatamente, sem exemplos sobre os “paralelos” que poderiam ser feitos, já que o conteúdo das falas do ativista não remetia a isso. Assim, partiu-se diretamente para o julgamento moral, contrapondo as falas religiosas do pastor à vida sexual dele e definindo-o como hipócrita.

Algumas afirmações do ativista só adquiriram o sentido que eles quiseram dar e foram alvo de interesse dos agentes a partir das alegadas informações sobre a conduta sexual do investigado. Quando esse tema ainda não estava na pauta do FBI, portanto antes da Marcha de Washington de 1963, não interessava ao Bureau se deter sobre determinadas expressões dos discursos de King. Eles procuravam não as ideias ou o projeto político do pastor, mas algo que pudesse comprometê-lo.

Nas representações iniciais do pastor construídas pelo FBI, de influenciado por comunistas e líder demagogo, suas falas não serviam para compor o perfil do investigado, já que “uma conexão causal” entre “as visões” de King e o “pensamento comunista” não poderia ser feita. As interpretações do pastor construídas pelo FBI, por conseguinte, eram

---

<sup>380</sup> Do original: “Subject’s writings deal with the Negro and the Civil Rights Movement. While in some instances certain parallels were indicated between subject’s views and communist thinking, a causal link between these parallels could not be established from the writings themselves. As a matter of interest, King in his writings appeals to Christian principles and refers to moral righteousness as the basis for his movement. (...) In his sermons, he has spoken of ‘moral excellence’ and the fact that Society ‘must have its standards, norms and mores.’ On one occasion he hypocritically stated: (...)” Memorando de R. W. Smith para William C. Sullivan, 5 de janeiro de 1965, Section 23, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>381</sup> Do original: “[censurado] King’s statements belie his actions. While he might argue that ‘The spirit is willing but the flesh is weak,’ the thought also occurs that ‘The Devil can quote scripture’.” *Ibidem*.

flexíveis o suficiente para incorporar novos elementos e reinterpretar antigos, na medida em que novas informações surgiam e os interesses dos agentes mudavam.

A redação e releitura de um documento muito importante no inquérito também nos fornecem evidências sobre como a vida íntima do investigado foi instrumentalizada. Em outubro de 1963, o Bureau produziu monografia denominada *Communism and the Negro Movement – A Current Analysis*, uma análise geral sobre a questão do comunismo no movimento negro. Embora não tivesse King como tema exclusivo, o documento ganhou notoriedade por conta das informações relacionadas ao pastor. Ao descobrir que a agência a havia disseminado para o exército, o *attorney general* Robert Kennedy exigiu de Hoover que ela fosse tirada de circulação<sup>382</sup>. Mesmo assim, a monografia ficou popular em círculos governamentais norte-americanos, e alguns chefes de departamento requisitaram-na no ano seguinte<sup>383</sup>.

Ao fim de 1964, o documento já estava em circulação novamente, e em novembro a monografia foi atualizada (imagem 26). De acordo com a introdução do escrito, os comunistas estavam explorando a “inquietação racial” do país com o objetivo de “estabelecer aliança entre negros e operários”, “provocar luta de classes e promover legislação que pode servir como avanço para um sistema comunista de governo”<sup>384</sup>. Dos 28 tópicos que compõem essa versão da monografia, pelo menos 19 mencionam King ou assuntos relacionados a ele, como as “influências” de O’Dell, Levison e Bayard Rustin.

Essa monografia foi classificada como *top secret*, o mais alto grau de confidencialidade que documentos poderiam ter na época. No entanto, foi circulada de maneira significativa, sendo utilizada, por exemplo, para sabotar palestra que o pastor daria no Internal Revenue Service (IRS)<sup>385</sup>. Ela foi atualizada mais duas vezes: em 1967,

---

<sup>382</sup> Memorando de C. A. Evans para Alan Belmont, 25 de outubro de 1963, Section 6, Martin Luther King Jr. FBI File; memorando de Hoover para a alta hierarquia do FBI, 7 de novembro de 1963, Section 11, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>383</sup> Memorando de Brennan para William C. Sullivan, 3 de abril de 1964, Section 11, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>384</sup> Do original: “The racial unrest in the United States is currently the target for a determined concentration of communist effort. Communists are using every means possible to divert the course and force of the unrest into support of communist objectives. Long-range communist strategy looks to the establishment of a Negro-labor coalition which the communists hope to be able to manipulate as a powerful political-action weapon. Using this weapon, they aim to provoke class struggle and promote legislation which can serve as a step toward a communist system of government.” *Communism and the Negro Movement – A Current Analysis*, November 25, 1964, p. 1.

<sup>385</sup> Memorando de F. J. Baumgardner para William C. Sullivan, 31 de março de 1965, Section 28, Martin Luther King Jr. FBI File; carta de Hoover para Fred Robinette, 2 de abril de 1965, Section 28, Martin Luther King Jr. FBI File. O IRS é um escritório do U. S. Department of Treasury, responsável por coletar impostos (o equivalente à Receita Federal no Brasil). Foi criado em 1862 e é chefiado pelo Commissioner of Internal Revenue.

como *Communist Influence in Racial Matters – A Current Analysis* (imagem 27), também classificada como *top secret*, e em 1968, como *Martin Luther King, Jr., A Current Analysis* (imagem 28), classificada como *secret*.

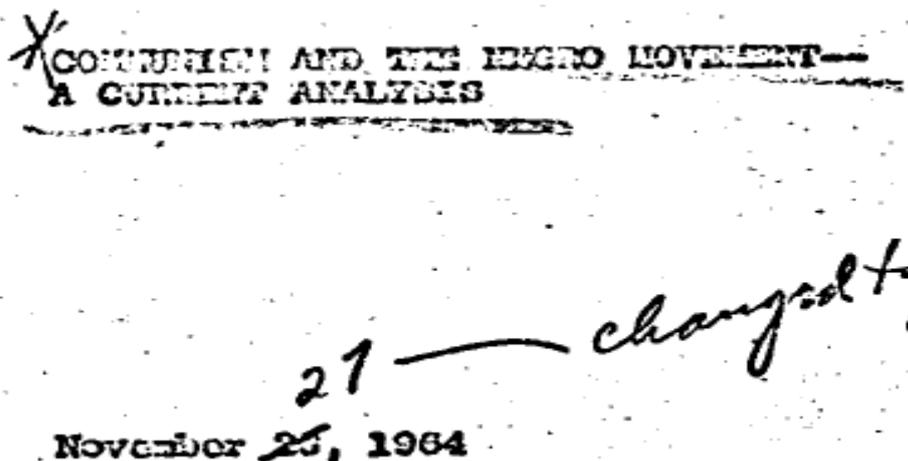


Imagem 26 – Capa da segunda versão da monografia. Memorando de Cartha DeLoach para John P. Mohr, 7 de dezembro de 1964, Section 21, Martin Luther King FBI File.

As atualizações da monografia nos mostram como a investigação mudou ao longo dos anos. *Communism and the Negro Movement* expressa a relação de dois elementos distintos: o comunismo e o movimento negro. *Communism Influence in Racial Matters*, por outro lado, reconhece de antemão que há, de fato, influência de um sobre o outro. Já a transformação da monografia para *Martin Luther King, Jr., A Current Analysis* mostra que, em 1968, os agentes consideravam King central para o entendimento dos males da comunidade negra.

A última versão apresentava informações sobre a vida sexual do pastor, ausentes nos documentos anteriores. O escrito alegou vários episódios íntimos de King, atentando para a “variedade de atos sexuais desviantes do normal” observada<sup>386</sup>. Retratou-se o investigado, portanto, como depravado sexual, ou seja, alguém anormal e hipócrita, indigno da liderança moral que exercia como religioso e ativista. Buscava-se opor a retórica e a imagem pública do investigado aos seus “atos desviantes”. Dizia-se na monografia que “através dos anos e até hoje King continuou a realizar essas aberrações

<sup>386</sup> Do original: “A variety of sex acts deviating from the normal were observed.” *Martin Luther King Jr. – A Current Analysis*, 12 de março de 1968, p. 19.

sexuais secretamente, enquanto projetava-se para o público como líder moral de convicção religiosa”<sup>387</sup>.

**SUBJECT: COMMUNIST INFLUENCE IN RACIAL MATTERS--  
A CURRENT ANALYSIS**

**DATE: April 10, 1967**

**Imagem 27 – Capa da terceira versão da monografia. Memorando de Hoover para o *attorney general*, 10 de abril de 1967, Section 88, Martin Luther King Jr. FBI File.**

A última versão apresentava informações sobre a vida sexual do pastor, ausentes nos documentos anteriores. O escrito alegou vários episódios íntimos de King, atentando para a “variedade de atos sexuais desviantes do normal” observada<sup>388</sup>. Retratou-se o investigado, portanto, como depravado sexual, ou seja, alguém anormal e hipócrita, indigno da liderança moral que exercia como religioso e ativista. Buscava-se opor a retórica e a imagem pública do investigado aos seus “atos desviantes”. Dizia-se na monografia que “através dos anos e até hoje King continuou a realizar essas aberrações sexuais secretamente, enquanto projetava-se para o público como líder moral de convicção religiosa”<sup>389</sup>.

Embora alguns relatos da vida íntima de King estivessem disponíveis desde o final de 1963, eles foram apresentados apenas nessa última versão da monografia, produzida pouco menos de 30 dias antes do assassinato do pastor, em 1968. Isso mostra como as informações eram administradas estrategicamente pela alta hierarquia do FBI,

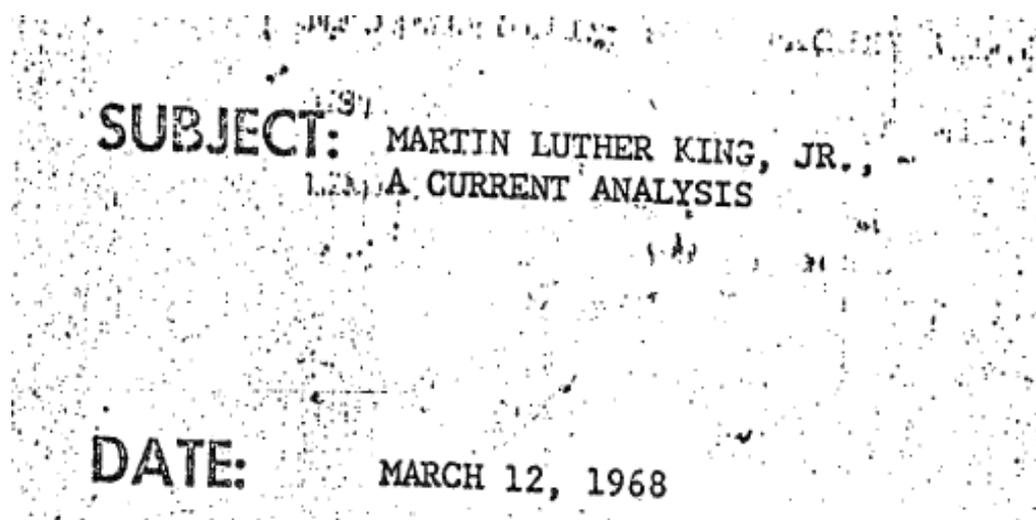
---

<sup>387</sup> Do original: “Throughout the ensuing years and until this date King has continued to carry on his sexual aberrations secretly while holding himself out to public view as a moral leader of religious conviction.” *Ibidem*.

<sup>388</sup> Do original: “A variety of sex acts deviating from the normal were observed.” *Martin Luther King Jr. – A Current Analysis*, 12 de março de 1968, p. 19.

<sup>389</sup> Do original: “Throughout the ensuing years and until this date King has continued to carry on his sexual aberrations secretly while holding himself out to public view as a moral leader of religious conviction.” *Ibidem*.

disseminando-as ou não de acordo com as necessidades e oportunidades que apareciam no decorrer da investigação. Segundo documento de um membro da elite da instituição, a última atualização da monografia e sua disseminação serviriam “para fazer funcionários da alta hierarquia do governo relembrarem do caráter vergonhoso de King”<sup>390</sup>. Desse modo, no início de 1968, via-se King como suficientemente perigoso para justificar nova mobilização intensa de informações derogatórias sobre o pastor, enquanto anteriormente esse conteúdo fora disseminado de maneira mais lenta e esparsa.



**Imagem 28 – Capa da quarta versão da monografia. Memorando de G. C. Moore para William C. Sullivan, 11 de março de 1968, Section 85, Martin Luther King Jr. FBI File.**

Além de influenciado por comunistas, King seria promíscuo e depravado, portanto. A radicalização do pastor ao fim da vida – incorporando em seu ativismo a luta contra a Guerra do Vietnã e a luta por justiça econômica – causou desconforto no Bureau e colocou-o ainda mais no radar da agência. Assim, era preciso pará-lo a qualquer custo. Como vimos, as estratégias para atingir esse objetivo foram variadas: tentar induzi-lo ao suicídio, sabotar homenagens e prêmios concedidos a ele, destruir sua reputação e disseminar informações falsas.

### **3.4 – O assassinato de Martin Luther King Jr.: a crise do FBI**

---

<sup>390</sup> Do original: “(...) should serve again to remind top-level officials in Government of the wholly disreputable character of King.” Memorando de G. C. Moore para William C. Sullivan, 29 de fevereiro de 1968, Section 79, Martin Luther King Jr. FBI File.

Nos meses que antecederam o assassinato de King, velhos receios da época da Marcha sobre Washington voltaram a preocupar agentes do FBI. Tratava-se do Washington Spring Project (WSP), que segundo o Bureau eram planos de “campanha massiva de desobediência civil” que aconteceria em abril de 1968, organizada por King e pela SCLC<sup>391</sup>. O pastor, com o ato, propunha opor-se à pobreza e injustiça econômica internas e à Guerra do Vietnã. Um memorando contendo todas as informações do WSP foi disseminado para o assistente administrativo do vice-presidente, os secretários da agricultura, trabalho e defesa, o Serviço Secreto, altos funcionários do DOJ, Exército, Marinha e Aeronáutica<sup>392</sup>. Retratou-se novamente King como perigo nacional e líder negro capaz de mobilizar multidões para questionar o sistema político norte-americano.

No entanto, não houve muito tempo para explorar tal interpretação, já que o pastor foi morto pouco depois. Em 4 de abril de 1968 – após participar de protestos a favor de greve de trabalhadores sanitários na cidade de Memphis, Tennessee –, King foi alvejado por James Earl Ray, um supremacista branco, na sacada do Lorraine Motel, onde se hospedara na cidade<sup>393</sup>. Sombras perduram sobre esse assassinato, uma vez que – como no de John Kennedy em 1963 – se especula se o atirador agiu sozinho ou a mando de outros interessados. Não faltou quem supusesse que o FBI estivesse por trás da morte do pastor, embora o United States House of Representatives Select Committee on Assassinations – comitê do Congresso que, em 1976, ficou encarregado de revisar as investigações dos assassinatos de King e Kennedy – tenha descartado essa possibilidade<sup>394</sup>.

---

<sup>391</sup> Do original: “massive civil disobedience campaign.” Memorando de G. C. Moore para William C. Sullivan, Section 77, Martin Luther King Jr. FBI File. O WSP foi um projeto de mobilização em massa inspirado na Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade, de 1963. Foi organizado por Martin Luther King Jr. e pela SCLC, mas o pastor foi assassinado em 4 de abril de 1968, antes de os protestos ocorrerem. O esforço foi reorganizado após a morte de King, sob o nome de Poor People’s Campaign, e resultou em vários protestos na capital do país entre maio e junho de 1968. Entre as pautas do movimento estavam a luta por melhores condições econômicas para minorias e a diminuição da desigualdade. Sobre a Poor People’s Campaign, ver LAURENT, Sylvie. *King and the Other America: The Poor People’s Campaign and the Quest for Economic Equality*. Oakland: University of California Press, 2018.

<sup>392</sup> Memorando de G. C. Moore para William C. Sullivan, 2 de fevereiro de 1968, Section 77, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>393</sup> Desde 1963 o FBI recebia informações acerca de ameaças de morte a King. Ver memorando de Alex Rosen para Alan Belmont, 25 de junho de 1963, Section 4, Martin Luther King Jr. FBI File. Ao todo, pelo menos 159 documentos do inquérito tinham tal temática, número bastante significativo. Embora não tenha sido omissos com a questão, como no caso de Malcolm X, ainda assim o FBI não tomou medidas relevantes – exceto informar autoridades locais – para impedir qualquer tipo de atentado contra a vida do pastor.

<sup>394</sup> Parte do relatório do comitê pode ser lido em: <<https://www.archives.gov/research/jfk/select-committee-report>>. Acesso em: 13 maio 2021.

Os acontecimentos em Memphis que levaram ao assassinato do ativista foram acompanhados de perto pelo Bureau<sup>395</sup>. Para os agentes, as tensões na cidade e os atos de violência que ocorreram no primeiro protesto do qual King participou, no dia 28 de março de 1968, “claramente demonstram que os atos de não violência advogados por King não podem ser controlados. A mesma coisa pode acontecer no ato de desobediência civil em Washington [WSP] em abril”<sup>396</sup>. De acordo com a recomendação do documento, essa afirmação deveria ser vazada pela Crime Records Division para “meios de comunicação cooperativos” através de um memorando cego<sup>397</sup>.

Em documento posterior, de 29 de março de 1968, Moore afirmou que, quando os atos de violência se iniciaram, “King desapareceu” e “escolheu se esconder” no Holiday Inn Motel, primeiro lugar em que o pastor se hospedou na cidade<sup>398</sup>. Esse relato foi disseminado anonimamente para “meios de comunicação cooperativos”, com o objetivo de “publicar a hipocrisia por parte de Martin Luther King”<sup>399</sup>. Os documentos expressaram imagem de uma população pobre tomada pela violência, e do pastor como o responsável pela agressividade dos protestos.

O assassinato de King renovou o interesse do Bureau nos mencionados comunistas. Em memorando de 17 de abril de 1968, quase duas semanas após a morte do pastor, C. D. Brennan afirmou que, “desde o assassinato de Martin Luther King, estivemos monitorando as atividades de Stanley Levison e dos líderes do CPUSA para determinar qual o efeito desse evento nos esforços de ambos para continuar a explorar os problemas raciais do país”<sup>400</sup>. A representação construída pelo FBI de um líder negro

---

<sup>395</sup> No fim de março de 1968, King foi para Memphis, Tennessee, para dar apoio à greve. Durante a primeira estada do pastor lá, um protesto terminou em depredação de lojas e violência policial no dia 28, gerando críticas a King por supostamente não conseguir controlar a multidão. O ativista retornou para a cidade alguns dias depois e participou de outro protesto no dia 3 de abril, dessa vez sem problemas. No dia seguinte, ele foi assassinado.

<sup>396</sup> Do original: “This clearly demonstrates that acts of so-called nonviolence advocated by King cannot be controlled. The same thing could happen in his planned massive civil disobedience for Washington in April.” Memorando de G. C. Moore para William C. Sullivan, 28 de março de 1968, Section 80, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>397</sup> Do original: “cooperative news media sources.” *Ibidem*. Memorandos “cegos” eram documentos sem nenhum tipo de identificação, geralmente utilizados para vazarem informações para a imprensa.

<sup>398</sup> Do original: “When violence broke out (...) King disappeared. (...) King chose to hide out at the white owned and operated Holiday Inn Motel.” Memorando de G. C. Moore para William C. Sullivan, 29 de março de 1968, Section 94, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>399</sup> Do original: “To publicize hypocrisy on the part of Martin Luther King.” *Ibidem*.

<sup>400</sup> Do original: “Since the assassination of Martin Luther King, we have been closely following the activities of Stanley Levison and leaders of the Communist Party, USA (CPUSA), to determine what effect this event has had on the efforts of both Levison and the Party to continue to exploit racial problems in this country.” Memorando de C. D. Brennan para William C. Sullivan, Section 82, Martin Luther King Jr. FBI File.

demagógico presumia que, mesmo morto, ele teria influência sobre o movimento negro estadunidense.

No entanto, os esforços por exaltar a memória do pastor se fortaleceram, enquanto o poder da agência declinava. Várias cartas de civis foram enviadas para a instituição, expressando interesse renovado na figura de King. Perguntava-se se ele era comunista e se o Bureau tinha provas da infidelidade marital dele<sup>401</sup>. Tornaram-se comuns as críticas ao FBI e a Hoover, muitas vezes pedindo que ele se demitisse e/ou se retratasse publicamente por ter chamado King de “o mais notório mentiroso do país”<sup>402</sup>.

Poucos meses após o assassinato de King, jornais publicaram artigos acusando o FBI de usar escutas contra o pastor, a mando de Robert Kennedy<sup>403</sup>. As tensões advindas dessa exposição atingiram de forma significativa a agência. O FBI reagiu: em memorando de maio de 1969, mencionaram-se “perigos para a segurança nacional que poderiam resultar da divulgação da vigilância [escutas]” aos órgãos de imprensa<sup>404</sup>. Mas o estrago já era grande: incertezas pairavam sobre o trabalho da agência de inteligência.

Nos meses seguintes, as críticas ao Bureau foram contundentes. Dentre elas, destacamos a charge do famoso cartunista Herbert Lawrence Block (imagem 29) – conhecido como Herblock –, publicada no *The Washington Post* em junho de 1969. Nela, o autor expôs as contradições de Hoover: publicamente uma figura que repetia à exaustão o lema “Lei e Ordem”; nos bastidores, um indivíduo obcecado com a vida privada alheia, vigiando os importantes expoentes negros Elijah Muhammad, Martin Luther King Jr. e Muhammad Ali (então Cassius Clay). A partir de 1969, várias outras informações sobre os excessos do Bureau chegaram às manchetes dos jornais, despertando críticas categóricas que eventualmente levaram ao estabelecimento do Church Committee em 1975 e às reformas do FBI no final dos anos 1970.

---

<sup>401</sup> Ver, por exemplo, carta de civil de Harrisburg, Pensilvânia, 17 de abril de 1968, Section 92, Martin Luther King Jr. FBI File; carta de civil de Danville, Kentucky, 23 de abril de 1968, Section 83, Martin Luther King Jr. FBI File; e carta de civil, sem logradouro, 12 de maio de 1968.

<sup>402</sup> Memorando de D. C. Morrell para Thomas Bishop, 11 de abril de 1968, Section 82, Martin Luther King Jr. FBI File. Thomas Bishop (1918-2013) foi funcionário do FBI entre 1941 e 1973, sendo *special agent* em vários escritórios regionais até 1966, quando foi promovido para o quartel-general. No ano seguinte foi nomeado *assistant director*, permanecendo no cargo até sua aposentadoria.

<sup>403</sup> Memorando de Cartha DeLoach para Clyde Tolson, 21 de maio de 1968, Section 84, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>404</sup> Do original: “National Security dangers which could result from disclosure of surveillance to the defense.” Memorando sem remetente ou destinatário, 13 de maio de 1969, Section 106, Martin Luther King Jr. FBI File.

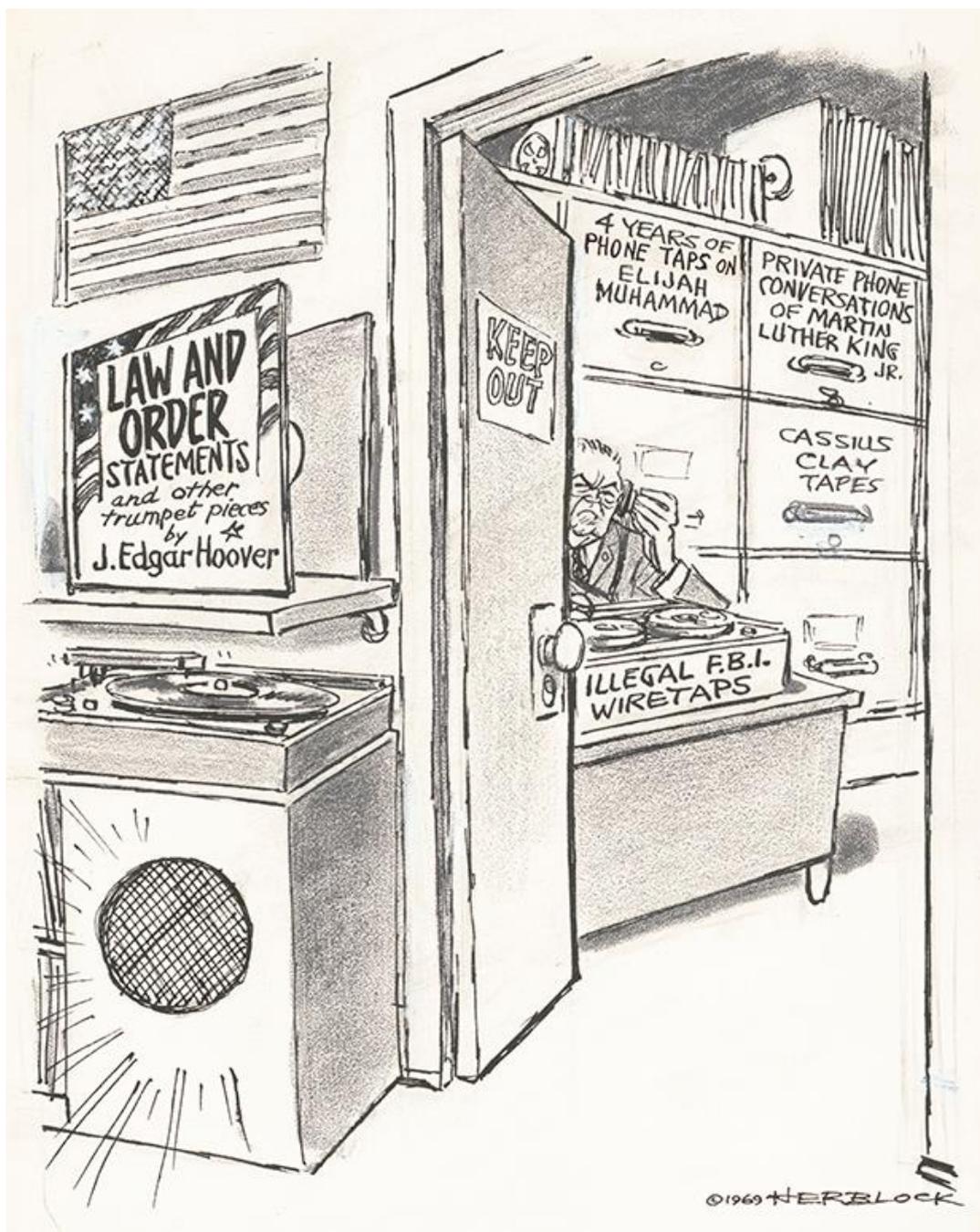


Imagem 29 – Charge de Herbert Lawrence Block. *The Washington Post*, 8 de junho de 1969. Fonte: <<https://www.loc.gov/exhibits/herblock-gallery/herblock-looks-at-1969.html>>. Acesso em: 19 maio 2021.

Mesmo nesse contexto, não cessaram as tentativas de circular informações derogatórias sobre King. No início de 1969, enquanto a SCLC protestava em favor de feriado nacional em homenagem ao pastor, Hoover enviou carta para o presidente Nixon contendo “documento relacionado à influência comunista em King durante sua carreira e seu comportamento pessoal altamente imoral”. De acordo com o diretor, se tais informações fossem divulgadas, isso “poderia comprometer informantes e prejudicar a

segurança nacional”<sup>405</sup>. Operava-se, portanto, como se King ainda estivesse vivo e atuante, buscando neutralizar a sua influência a partir da disseminação de informações derogatórias sobre o pastor. Na verdade, o FBI procurou influir na memória que se buscava construir sobre o investigado.

Por fim, todas as movimentações, homenagens e protestos relacionados a King foram também vigiados de perto pelo FBI. Os eventos relacionados à tentativa de transformar o aniversário do ativista, 17 de janeiro, em feriado nacional captaram atenção especial dos agentes e do diretor do Bureau<sup>406</sup>. Em documento de fevereiro de 1970, comentando o projeto de lei colocado na pauta do Congresso pelo deputado Peter Wallace Rodino Jr. (que estabelecia o aniversário do ativista como feriado nacional), G. C. Moore afirmou que a “aprovação de tal lei seria uma calamidade nacional e devemos tomar as devidas ações para preveni-la”<sup>407</sup>.

Sob o pano de fundo do comunismo, por conseguinte, King foi lido de forma bastante variada ao longo dos anos em que foi investigado. Idiota útil, simpatizante, influenciado por comunistas, demagogo, promíscuo, imoral; todos esses predicados foram imputados ao pastor. Sob essas representações, o FBI enxergava um líder negro que manipulava a população afro-americana passiva, enquanto era ele mesmo um líder perigoso e/ou influenciado por comunistas. Mobilizando todas essas características de forma estratégica – a partir de lembranças e esquecimentos –, os agentes foram capazes de traduzir a figura do pastor de acordo com seus próprios valores. O ativista foi retratado como perigo à segurança nacional, alguém que poderia inflamar as massas e pôr em xeque os Estados Unidos no contexto da Guerra Fria.

Por outro lado, ao se colocar como a organização que investigava e lutava contra esse perigo, o Bureau expressava e (re)compunha a imagem de agência defensora dos “valores americanos”. Mobilizando conceitos fortes, mas infundados para o caso, como

---

<sup>405</sup> Do original: “(...) there is enclosed a document regarding the communist influence on King during his career and his highly immoral personal behavior.”; “Classified ‘Top Secret’ as information in this letter and in the enclosure, if disclosed, could compromise informants and jeopardize the national security.” Carta de Hoover para Nixon, 23 de janeiro de 1969, Section 86, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>406</sup> Memorando de M. A. Jones para Thomas Bishop, 18 de março de 1969, Section 86, Martin Luther King Jr. FBI File; *airtel* de Hoover para todos os *special agents in charge*, 27 de março de 1969, Section 86, Martin Luther King Jr. FBI File.

<sup>407</sup> Do original: “The passage of such a bill would be a national calamity and we should take all feasible steps to prevent such.” Memorando de G. C. Moore para [ilegível], 24 de fevereiro de 1970, Section 89, Martin Luther King Jr. FBI File.

“subversão” e “segurança nacional”, o FBI definia as ações de inteligência não só como um trabalho “técnico de diligência”, mas “uma missão em favor da pátria”<sup>408</sup>.

Tais interpretações inicialmente ganharam *status* de verdade tanto pela estima pública da instituição como pela profundidade das informações e da vigilância exercida. Afinal, como poderia investigação tão intensa, tão produtiva em termos documentais e tão longeva estar equivocada<sup>409</sup>? Ao inserir a figura de King no contexto maior de combate ao comunismo, o FBI mobilizou e mesclou dois medos latentes na sociedade estadunidense – o terror do comunismo e da agitação social da população negra –, despertando animosidade automática em relação ao investigado. Essas categorizações e as conclusões advindas delas, por sua vez, dotavam as informações coletadas de sentido, sendo uma das bases da confiabilidade das fontes para aqueles homens.

No entanto, ao final da década de 1960, os pilares que fundamentavam a força do FBI anteriormente – inteligência e propaganda – já estavam em franca decadência. O declínio da estima do Bureau e de seu velho diretor deixou claras as fragilidades desse tipo de discurso. Isso produziu determinadas inquietações nas esferas governamentais e, principalmente, na população estadunidense.

Em carta de civil enviada para Hoover, datada de 1970, o remetente ilustra de forma bastante clara essas mudanças relacionadas à imagem da instituição. Ao ler sobre as atitudes tomadas pela agência contra King, disse o autor que

Talvez eu seja inocente aos 48 anos, mas o FBI sempre foi pra mim quase sinônimo de Honra, Integridade e Coragem. Um policial de cidade grande pode ser bom ou mau, mas você pode contar que um homem do FBI não vai te decepcionar. A maioria das pessoas que zombam do FBI o fazem porque elas na verdade acreditam do fundo de suas almas que eles são os últimos cavaleiros dos dias da cavalaria (...) o policial ou o detetive ideais. Se você fez como Williams [autor de livro sobre King] diz (...) então você fez algo que nenhum policial faria. (...) Minha escolha é não acreditar nisso (...)<sup>410</sup>.

---

<sup>408</sup> BAUER, Caroline Silveira e GERTZ, René E. *Op. Cit.*, 2017, p. 189. Ver também ROEDINGER, David R. *Op. Cit.*, 2007, p. 49.

<sup>409</sup> Frank J. Donner argumenta, em seu estudo sobre atividades de inteligência, que “informações derivadas de fontes clandestinas são interpretadas como intrinsecamente valiosas” e que “informações obtidas secretamente são convidativas à inferência de que são exatas”. DONNER, Frank J. *The Age of Surveillance: The aims and methods of America’s political intelligence system*. New York: Knopf, 1980, pp. 23-24.

<sup>410</sup> Do original: “Maybe I’m still naive at 48 but FBI has always been for me almost synonymous with Honor, Integrity, Courage. A big city ‘cop’ might be good or bad but and FBI man you could count on to not let you down. Most people who ‘make cracks’ about the FBI are joking because they really believe that in their souls they’re the last Knights from the days of chivalry, the one dedicated profession, the ideal policeman or detective. If you did as Williams reports and if you permitted this material to be used for

A imagem do Bureau como bastião da “Honra, Integridade e Coragem” havia sido questionada de forma significativa àquela altura, em 1970. Ainda assim, ela tinha força o suficiente para que o remetente “escolhesse” não acreditar no que lia. Alguns anos depois, com os abusos da agência expostos, fazer essa escolha seria ainda mais difícil.

---

publication, then you have done something which no honest cop on a city beat would have done. (...) My choice is not to believe it (...).” Carta de civil de Kalamazoo, Michigan, 11 de agosto de 1970, Section 90, Martin Luther King Jr. FBI File.

## Considerações Finais

No relatório final do Church Committee – comitê senatorial de 1975 para investigar as agências de inteligência norte-americanas – os senadores recomendaram algumas reformas no FBI. O texto final indica que o Bureau deveria ser proibido de realizar três tipos de atividades:

- (a) Disseminar quaisquer informações para a Casa Branca, qualquer outro funcionário federal, imprensa ou qualquer outra pessoa por propósito político ou impróprio (...)
- (b) Interferir nas liberdades de expressão, de publicação, de reunião, ou de associação dos Americanos.
- (c) Assediar indivíduos através de técnicas investigativas clandestinas, como entrevistas ou vigilância física óbvia com propósito de intimidação.<sup>411</sup>

Além disso, “o Bureau deveria ser proibido de manter informações acerca das crenças políticas, associações políticas ou vidas privadas de americanos (...)”<sup>412</sup>. O nível de detalhe das proibições indica não só os abusos do FBI verificados pelo comitê, mas também a necessidade de impor limites claros às atividades de inteligência federais. Práticas como a manutenção de arquivos com informações derogatórias sobre figuras públicas, políticos e celebridades, técnicas clandestinas de investigação, intimidação e disseminação de documentos para a imprensa e governo deveriam ser proibidas. Tudo o que sustentara o Bureau até aquele momento deveria ser reformado. Em suma, o FBI de John Edgar Hoover chegara ao fim.

Foram justamente as práticas aqui estudadas que fundamentaram os inquéritos do Comitê. Através delas, as investigações do FBI geraram múltiplas interpretações sobre Martin Luther King Jr. e Malcolm X. Longe de ficarem restritas aos agentes do Bureau, tais retratos circularam amplamente pela esfera governamental e civil nos Estados

---

<sup>411</sup> Do original: “(a) Disseminating any information to the White House, any other federal official, the news media, or any other person for a political or other improper purpose, such as discrediting an opponent of the administration or a critic of an intelligence or investigative agency. (b) Interfering with lawful speech, publication, assembly, organizational activity, or association of Americans. (c) Harassing individuals through unnecessary overt investigative techniques such as interviews or obvious physical surveillance for the purpose of intimidation.” *Intelligence Activities and the Rights of Americans, Book III, Final Report of the Select Committee to Study Governmental Operations with Respect to Intelligence Activities, United States Senate*, p. 317.

<sup>412</sup> Do original: “The Bureau should be prohibited from maintaining information on the political beliefs, political associations, or private lives of Americans (...)” *Ibidem*.

Unidos, influenciando eventos e atitudes em relação aos investigados. Analisar como tais representações foram construídas e disseminadas, bem como o solo fértil no qual elas renderam frutos, é fundamental para o entendimento mais amplo da repressão sofrida pelo movimento dos Civil Rights nos anos 1950 e 1960.

Embora tratemos de dois personagens investigados, em razão de suas lideranças incontestáveis, as maneiras pelas quais ambos foram entendidos e retratados não foram exceção. Figuras públicas e centrais que eram, Malcolm X e Martin Luther King Jr. simbolizaram várias das angústias sofridas pelos afro-americanos em geral. O assédio institucional, a negligência das forças governamentais, o racismo profundo e a violência foram componentes fundamentais dos inquéritos que investigaram os dois. Vistos como líderes influentes e capazes de mobilizar principalmente os negros norte-americanos, ambos foram vítimas da máquina de vigilância e de relações públicas do FBI.

As investigações dos dois apresentaram pontos comuns. Malcolm X e Martin Luther King Jr. foram monitorados intensamente e por muito tempo. Acusações de serem comunistas ou influenciados por comunistas permearam ou tangenciaram seus inquéritos por anos. A capacidade de liderança e de oratória dos dois foi sempre sublinhada, ajudando a compor o retrato de porta-vozes do movimento negro, que ameaçavam as relações raciais nos Estados Unidos. Suas conexões com figuras importantes – Malcolm X com diplomatas e políticos estrangeiros e King com outros ativistas dentro do país – despertaram reações desproporcionais por parte da alta hierarquia do FBI, temerosa de um levante que congregasse a população negra e/ou ampliasse o número de adeptos do comunismo dentro das fronteiras do país. Por fim, ambos os inquéritos ajudaram a conformar e consolidar a visão conservadora de que a insatisfação com as relações raciais e a perspectiva de revolução comunista poderiam ser duas faces da mesma moeda. Tudo isso, claro, à revelia dos projetos políticos de ambos, que não tinham quase nada em comum com as ideias de Moscou.

O desenvolvimento de ambas as investigações, no entanto, foi bastante diverso. O inquérito de Malcolm X foi inicialmente esparso, descontínuo, enquanto que o de King foi desde sempre prolífico. Definitivamente, o FBI considerava Martin Luther King Jr. mais perigoso do que Malcolm X. A investigação do pastor se debruçou amplamente sobre questões morais e da vida privada, enquanto que a do ativista muçulmano raramente tocou nesses temas. Malcolm X denotava perigo por aquilo que falava, por suas ideias expressas em comícios, palestras e cultos, daí a obsessiva reprodução de seus discursos nos documentos do Bureau. King, por outro lado, era perigoso pela integração que

propunha, pelas alianças que costurava, pelos protestos que organizava e pelas multidões que arrastava com inestimável ajuda local, enquanto que suas ideias e projetos políticos eram raramente referenciados nos escritos da investigação. Sob a perspectiva do FBI, Malcolm X seria um lobo solitário radical, fanático e ávido por publicidade. Já o pastor seria imoral, cercado por assessores comunistas que o manipulavam constantemente. Embora os dois tenham sido alvos constantes da vigilância do Bureau, o ponto mais sensível da investigação de Malcolm foi a utilização de escutas, enquanto King teve sua equipe próxima sabotada, a vida privada exposta e a reputação questionada.

Ademais, a importância dos dois inquéritos foi além do monitoramento a King e Malcolm: trataram-se de laboratórios de experiência para atividades repressivas mais amplas. Ao expandir o COINTELPRO *Black Extremist* – voltado para a investigação de grupos nacionalistas negros no país, como os Panteras Negras – em março de 1968, Hoover listou alguns dos objetivos da empreitada, dentre os quais destacamos o segundo deles:

2. Prevenir a ascensão de um “messias” que poderia unificar e energizar o movimento nacionalista negro. Malcolm X poderia ter sido tal “messias”; ele é o mártir do movimento hoje em dia. Martin Luther King, Stokely Carmichael e Elijah Muhammad aspiram a essa posição. Elijah Muhammad é uma ameaça menor por conta de sua idade. King poderia ser um grande candidato a essa posição se abandonasse sua suposta “obediência” a “doutrinas brancas liberais” (não-violência) e abraçasse o nacionalismo. Carmichael tem o carisma necessário para ser uma ameaça real.<sup>413</sup> (grifo original)

O FBI não estava apenas investigando nomes considerado “perigosos”, mas evitando que se tornassem lideranças de peso a serem seguidas. O excerto ressalta a importância de determinados personagens negros no país e a potencialidade da ameaça que demonstravam numa possível “unificação” do movimento nacionalista negro. Destacam-se Elijah Muhammad, Stokely Carmichael, Martin Luther King Jr. e Malcolm

---

<sup>413</sup> Do original: “2. Prevent the rise of a ‘messiah’ who could unify, and electrify, the militant black nationalist movement. Malcolm X might have been such a ‘messiah’. He is the martyr of the movement today. Martin Luther King, Stokely Carmichael and Elijah Muhammad all aspire to this position. Elijah Muhammad is less of a threat because of his age. King could be a real contender for this position should he abandon his supposed “obedience” to “white, liberal doctrines” (nonviolence) and embrace black nationalism. Carmichael has the necessary charisma to be a real threat in this way.” *Airtel* de Hoover para Albany, 4 de março de 1968, p. 2, COINTELPRO *Black Extremist* File.

X, embora esse último já estivesse morto há três anos quando o documento foi redigido<sup>414</sup>. Esses homens poderiam, sob determinadas circunstâncias, se tornar o “messias” de grupos julgados violentos pelo Bureau, o que acarretaria perigo para a nação. Percebe-se que investigar essas lideranças, segundo o FBI, era investigar todo o movimento negro e prevenir que ele se radicalizasse. Os inquéritos relacionados a essas lideranças ocupavam, portanto, lugar privilegiado na conformação desse novo programa de repressão aos grupos considerados radicais que surgiram nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1960.

Na questão da produção de representações sobre os dois investigados, os esforços do FBI renderam algumas continuidades e rupturas. Embora não tenham sido os únicos responsáveis por retratar Malcolm X como radical e fanático, o Bureau ajudou a consolidar e circular essa visão<sup>415</sup>. Ainda assim, o ativista é bastante celebrado na cultura negra norte-americana, e seu nome está numa das principais ruas do bairro do Harlem, a *Lenox Avenue/Malcolm X Boulevard*<sup>416</sup>. Malcolm X se tornou, ao lado de King, uma das figuras negras mais importantes do país, símbolo da resistência enérgica e radical dos negros às condições terríveis dos guetos do norte dos Estados Unidos. As reedições de sua autobiografia, a produção da cinebiografia de Malcolm X por Spike Lee na década de 1990, a profusão de biografias escritas por outros autores e as tensões relacionadas a elas indicam o lugar de destaque do ativista no imaginário norte-americano<sup>417</sup>.

---

<sup>414</sup> Stokely Carmichael (1941-1998) foi um ativista negro nascido em Trinidad e Tobago e radicado nos Estados Unidos. Participou dos *Civil Rights* como líder do *Student Non-Violent Coordinating Committee* (SNCC), organização estudantil. A partir de 1967 radicalizou suas posições políticas e aderiu a perspectivas pan-africanistas e posteriormente socialistas. Sobre ele, ver GOULART, Henrique Rodrigues de Paula. *Entre os Estados Unidos e o Atlântico Negro: o Black Power de Stokely Carmichael (1966-1971)*. Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 2019.

<sup>415</sup> A interpretação de Malcolm X como radical e fanático teve ampla repercussão. Jornais brasileiros, nos anos 1960, reproduziam algumas dessas visões, afirmando que Malcolm X propagava “ódio contra brancos” e que era um “líder negro racista. Ver <<https://almapreta.com/sessao/quilombo/os-95-anos-de-malcolm-x-como-a-imprensa-brasileira-repercutiu-o-assassinato-do-lider-antirracista>>. Acesso em: 16 jun. 2021. Até hoje essas representações são bem comuns. O político brasileiro Ciro Gomes, em entrevista de março de 2021, reproduziu a dicotomia Malcolm X/Martin Luther King Jr., definindo o primeiro como “identitário”. Ver <<https://www.youtube.com/watch?v=lqevir7x2E>>. Acesso em: 16 jun. 2021. Em contraposição ao retrato de Malcolm como fanático violento, busca-se lembrá-lo como intelectual negro e um dos mais importantes pensadores do radicalismo negro. Sobre isso, ver RABAKA, Reiland. Malcolm X and/as Critical Theory: Philosophy, Radical Politics, and the African American Search for Social Justice. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 33, No. 2, 13<sup>th</sup> Cheikh Anta Diop Conference Selected Proceedings (Nov., 2002), pp. 145-165.

<sup>416</sup> Sobre Malcolm X como referência para o movimento negro, ver HARPER, FREDERICK D. The Influence of Malcolm X on Black Militancy. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 1, No. 4, (Jun. 1971), pp. 387-402.

<sup>417</sup> MALCOLM X. Direção de Spike Lee. Estados Unidos: Warner Bros., 1992, 202 min. Sobre as biografias de Malcolm X, ver principalmente MARABLE, Manning. *Malcolm X: Uma Vida de Reinvenções*. Companhia das Letras, 2013, Edição Kindle e BALL, Jared A. e BURROUGHS, Todd Steven (Orgs.). *A Lie of Reinvention: Correcting Manning Marable's Malcolm X*. Baltimore: Black Classic

Assim como o ativista se tornou referência para o movimento negro mais radical a partir da segunda metade da década de 1960, também as interpretações mobilizadas pelo FBI em relação a Malcolm X foram recicladas para definir os nacionalistas negros. De acordo com o Bureau, esses militantes tinham “histórico criminal” e eram dados a “atividades subversivas”<sup>418</sup>. Se a conexão entre ativismo negro e comunismo não se consolidou, a definição de *blackness* como violência e vida criminal – principalmente em relação a jovens negros pobres – foi muito bem-sucedida, tendo o FBI papel fundamental nessa questão<sup>419</sup>.

Já as tentativas de sabotagem de Martin Luther King Jr. foram malsucedidas, e o pastor tornou-se figura nacional de grande relevo mesmo após ter sido assassinado. A visão do pastor como influenciado por comunistas e imoral foi desaparecendo do debate público<sup>420</sup>. King se consolidou como o homem negro mais celebrado da história do país, ainda que a releitura do pastor tenha sido obra de neoconservadores que pouco tinham em comum com os projetos do pastor<sup>421</sup>. Até hoje, King é o único indivíduo norte-americano para quem se estabeleceu feriado em sua homenagem, e o único homem negro a ter um memorial na capital dos Estados Unidos, ao lado de presidentes como Abraham Lincoln (1860-1865), Thomas Jefferson (1801-1809) e Franklin Delano Roosevelt (1933-

---

Press, 2012, Edição Kindle.

<sup>418</sup> Do original: “Many individuals currently active in black nationalist organizations have backgrounds of immorality, subversive activity, and criminal records. Through your investigation of key agitators, you should endeavor to establish their unsavory backgrounds. Be alert to determine evidence of misappropriation of funds or other types of personal misconduct on the part of militant nationalist leaders so any practical or warranted counterintelligence may be instituted.” Memorando de Hoover para Albany, 25 de Agosto de 1967, pp. 1 e 2, COINTELPRO *Black Extremist* File.

<sup>419</sup> MAY, Elaine Tyler. *Fortress America: How We Embraced Fear and Abandoned Democracy*. Nova York: Basic Books, 2017, Edição Kindle, pp. 57-96.

<sup>420</sup> MCDONALD, Jermaine M. *The Canonization of Martin Luther King Jr.: Collective Memory, Civil Religion, and the Reconstruction of an American Hero*. Tese de Doutorado, Emory University, pp. 86-139.

<sup>421</sup> Nos anos 1980 houve releitura conservadora de King, no contexto de ascensão dos neoconservadores nos Estados Unidos. Como já não havia espaço para a defesa da segregação racial no âmbito público e as vitórias jurídicas do movimento dos Civil Rights pareciam consolidadas, os conservadores passaram a defender a ideia de que já não havia barreiras para pessoas não-brancas na sociedade norte-americana. Dessa forma, quaisquer políticas que beneficiassem minorias (cotas, distribuição de renda, programas de distribuição de alimentos etc.) deveriam ser abolidas porque os Estados Unidos haviam superado o racismo e a segregação racial. Com isso, os conservadores – antes fundamentalmente contra King e seu movimento – se apropriaram da figura do pastor, lendo-o exclusivamente como figura religiosa e apolítica, deixando de lado aspectos fundamentais do ativismo, como a luta contra o militarismo estadunidense e contra a desigualdade econômica. Sobre essa releitura conservadora de Martin Luther King Jr., ver HALL, Jacquelyn Dowd. “The Long Civil Rights Movement and the Political Uses of the Past”. In: *The Journal of American History*, Vol. 91, No. 4 (Mar. 2005), pp. 1233-1263; POLLETTA, Francesca. Legacies and Liabilities of an Insurgent Past: Remembering Martin Luther King, Jr., on the House and Senate Floor. In: *Social Science History*, Vol. 22, No. 4, Special Issue: Memory and the Nation (Winter, 1998), pp. 479- 512; e BOSTDORFF, Denise e GOLDZWIG, Steven R. History, Collective Memory, and the Appropriation of Martin Luther King, Jr.: Reagan’s Rhetorical Legacy. In: *Presidential Studies Quarterly*, Vol. 35, No. 4 (Dec., 2005), pp. 661-690.

1945)<sup>422</sup>. Além disso, são muito comuns as ruas nomeadas em homenagem ao pastor por todo o país, que não vieram a existir sem tensões e debates locais<sup>423</sup>.

Nas investigações, o FBI encontrou e interpretou aquilo que quis sobre os investigados. Articulando anticomunismo, racismo, lembranças e esquecimentos em suas atividades de inteligência, as conclusões do Bureau estavam, quase sempre, prontas de antemão. Como afirma a historiadora norte-americana Ellen Shrecker: “Hoover e seus agentes compartilhavam uma visão de mundo que tornava possível processar o material que coletavam de tal maneira a confirmar suas percepções exageradas sobre a ameaça comunista”<sup>424</sup>. Isso ficava claro na edição de algumas monografias do Bureau sobre os Civil Rights e o comunismo, em que sugestivamente o tópico “Conclusão” vinha nas primeiras páginas do escrito, logo depois do prefácio<sup>425</sup>. Ao invés de analisar as informações coletadas para se chegar à conclusão, afirmava-se de antemão, para o leitor, o comunismo como elemento condicionante do diagnóstico. Procurava-se conformar a realidade à visão de mundo dos agentes, não o contrário.

Quando as evidências coletadas diziam o oposto daquilo que gostariam de concluir, os agentes relativizavam os fatos e reforçavam a necessidade de interpretação dos documentos a partir de suas próprias visões. Pouco tempo após a Marcha sobre Washington, Sullivan deixou a prática bem clara:

Interpretação:

Como sabemos, fatos por si só não são muito significativos, pois são como pedras jogadas num lago em contraste com essas mesmas pedras colocadas na forma de um edifício sólido. É óbvio para nós agora que não colocamos a interpretação devida sobre os fatos que demos ao diretor [do FBI].<sup>426</sup> (grifo original)

---

<sup>422</sup> Sobre os debates e as tensões relacionados ao memorial de Martin Luther King Jr., ver Bruyneel, Kevin. *The King's Body: The Martin Luther King Jr. Memorial and the Politics of Collective Memory*. In: *History and Memory*, Vol. 26, No. 1 (Spring/Summer 2014), pp. 75-108.

<sup>423</sup> Sobre memória, Martin Luther King Jr. e a nomeação de ruas, ver SHIELDS, Thomas J. The “Tip of the Iceberg” in a Southern Suburban County: The Fight for a Martin Luther King, Jr., Holiday. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 33, No. 4 (Mar., 2003), pp. 499-519); e ALDERMAN, Derek H. Martin Luther King Jr. Streets in the South: A New Landscape of Memory. In: *Southern Cultures*, Vol. 14, No. 3, Civil Rights (FALL 2008), pp. 88-105.

<sup>424</sup> SCHRECKER, Ellen. *Many Are the Crimes: McCarthyism in America*. New York: Little, Brown & Company, 1998, p. 231.

<sup>425</sup> Ver, por exemplo, a monografia *The FBI and Civil Rights*, de setembro de 1955, e a já citada anteriormente *The Communist Party and the Negro 1953-1956*, de outubro de 1956.

<sup>426</sup> Do original: “Interpretation: As we know, facts by themselves are not too meaningful, for they are somewhat like stones tossed in a heap as contrasted to the same stones put in the form of a sound edifice.

Ou seja, as informações obtidas nas investigações não faziam sentido por si mesmas, mas sim deveriam ser analisadas de acordo com a visão dos agentes da alta hierarquia da instituição. Tal visão era condicionada não só pelo que era observado no monitoramento dos investigados, mas também pela imagem institucional do FBI como agência apolítica e isenta, e pelo racismo expresso pelos funcionários. A “interpretação devida sobre os fatos” era baseada na lógica de que o Bureau era o defensor dos valores da sociedade norte-americana e os ativistas negros eram subversivos que tinham por objetivo destruir os pilares da nação. Sob esse prisma, não havia escapatória: o Bureau estava sempre certo, e os investigados estavam sempre errados.

O FBI, entretanto, também pagou um preço ao fim da década de 1960, encontrando-se em declínio vertiginoso. Com a exposição dos abusos da agência e a morte de Hoover em 1972, a instituição foi intensamente investigada pelo Congresso e pelo Senado dos Estados Unidos, principalmente no Church Committee e no Pike Committee, ambos de 1975, e no United States House of Representatives Select Committee on Assassinations, de 1976. Nesse último, voltado para a revisão das investigações do FBI acerca dos assassinatos de Martin Luther King Jr. e John Kennedy, algumas das contradições do Bureau foram expostas pelos membros do comitê do Congresso. O advogado e professor de direito George Robert Blakey, ao questionar Charles D. Brennan – *ex-assistant director* da Divisão de Inteligência Doméstica do Bureau – sobre o uso do COINTELPRO contra King, atentou para a lógica deturpada da agência:

Sr. Blakey: (...) Se eu entendi bem a racionalidade do programa de contrainteligência [COINTELPRO], e eu pedi para que vários agentes do FBI explicassem-no para mim de tempos em tempos, foi que o Dr. King estava sob a influência do Partido Comunista, a partir de um ou dois conselheiros, e portanto, de alguma maneira, ele se tornou um alvo legítimo para que o Bureau o neutralizasse. Se, de fato, ele estava sob influência do Partido Comunista, você não o consideraria uma vítima da atividade nefasta deles [comunistas]?

Sr. Brennan: Eu o consideraria, sim.

Sr. Blakey: **Porque então suas atividades do COINTELPRO foram direcionadas à vítima e não aos perpetradores?**

---

It is obvious to us now that we did not put the proper interpretation upon the facts which we gave to the Director.” Memorando de William Sullivan para Alan Belmont, 25 de setembro de 1963, *Communist Party, USA, Negro Question*.

Sr. Brennan: Por causa do intenso desgosto do Sr. Hoover [por Martin Luther King Jr.].<sup>427</sup> (grifo nosso)

Ou seja, mesmo adotando a perspectiva anticomunista vigente, a atuação do FBI não poderia ser justificada. Se King, e mesmo Malcolm X, eram alvo de interesse e influência dos “terríveis” comunistas, por que o Bureau não reprimiu apenas os comunistas? Não caberia ao Bureau proteger King e Malcolm X? A recusa da instituição em salvaguardar a integridade física dos dois foi latente. Ao investigá-los, os agentes do FBI entraram em contato com numerosas ameaças de morte a ambos, e o máximo que foi feito foi alertar autoridades locais, que tinham muito menos recursos e vontade política de protegê-los.

A justificativa de Brennan para a perseguição ao pastor – o “desgosto” pessoal – nos dá indícios para reconstruir a “racionalidade” do Bureau no que tangia à investigação de ativistas negros. No entanto, o “desgosto” de Hoover por King conta apenas parte da história. O racismo expresso pelo diretor era em grande medida compartilhado pela alta hierarquia da instituição, principalmente Cartha DeLoach e William Sullivan, como vimos anteriormente. Culpar apenas o diretor e deixar de lado as práticas institucionais racistas e virulentamente anticomunistas do FBI era um pretexto conveniente àquela altura: Hoover acabara de morrer e se tornara alvo fácil de responsabilização. Essa visão advém também de leitura equivocada dos documentos da instituição. Por ser autoritário e centralizador, Hoover sempre alimentou tal personalização excessiva no Bureau. Tratava-se, afinal, do FBI de John Edgar Hoover. Muitas das investigações de fato passavam por sua mão, mas apenas um indivíduo não era capaz de saber de tudo que acontecia em todos os inquéritos. A ideia expressa por Brennan não apenas isentava outros funcionários da instituição, como também inocentava o governo norte-americano,

---

<sup>427</sup> Do original: “Mr. Blakey: (...) As I have understood the rationale for the COINTELPRO program, and I have had it explained to me by a number of FBI agents from time to time, it was that Dr. King was under the influence of the Communist Party, with one or more advisers, and therefore somehow he was a legitimate target for the Bureau to neutralize him. If indeed he was under the influence of the Communist Party, would you not consider him a victim of their nefarious activity?”

Mr. Brennan: I would, yes.

Mr. Blakey: Would you tell me why your COINTELPRO activity was directed at the victim and not the perpetrator?

Mr. Brennan: Because of Mr. Hoover’s intense dislike. (...)” *Hearings before the Select Committee on Assassinations of the U.S. House of Representatives*, ninety-fifth Congress, Second Session, November 17, 20 and 21, 1978, Volume VI, p. 351. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pur1.32754062123975&view=1up&seq=3>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

que pouco fez para supervisionar a atividade do Bureau até os anos 1970<sup>428</sup>. Parte fundamental dessa pesquisa foi mostrar, na medida do possível, o papel exercido por outros personagens na condução das atividades questionáveis do FBI.

A atuação do Bureau, no entanto, não foi a expressão de um reacionarismo pontual e exclusivo, incondizente com os “valores americanos” de democracia e liberdade. A repressão dos agentes da instituição à comunidade negra norte-americana se insere no que Jacquelyn Dowd Hall define como “*Long Backlash*”, um processo sistemático de contraposição à luta do movimento dos Civil Rights, levado a cabo não só por instituições públicas, mas também por diversos grupos civis brancos conservadores<sup>429</sup>. As ações do FBI foram uma expressão das próprias contradições intrínsecas à sociedade norte-americana, condicionada pelos séculos de tensões e conflitos raciais e pela recusa sistemática de parte significativa da população branca do país em reconhecer grupos minoritários como iguais, e como legítimas suas aspirações de melhores condições sociais, econômicas e políticas<sup>430</sup>.

Do Church Committee, em 1975, até 2001, o Bureau tornou-se uma força policial federal sob pesada supervisão governamental, particularmente em relação aos direitos civis dos investigados<sup>431</sup>. No entanto, a agência não necessariamente reconheceu os erros do passado. Todo o processo de investigação dos comitês governamentais encontrou forte resistência dos funcionários da agência. Muitos, como Helen Gandy – secretária pessoal de Hoover –, levaram a cabo práticas de destruição de documentos que incriminavam a instituição e sua alta hierarquia<sup>432</sup>. Não faltaram obstáculos ao acesso dos documentos do Bureau por parte dos investigadores do Senado.

Além disso, o legado de Hoover impactou profundamente a instituição. A sede do FBI ainda possui o seu nome, mesmo com todos os excessos do velho diretor expostos há décadas. A biografia dele no site do Bureau é bastante opaca em relação aos abusos cometidos. Diz-se que “A ameaça de violência política exigiu [nos anos 1960 e início dos 1970] tantos recursos do FBI quanto a ameaça de espionagem estrangeira”, e que “a lua-

---

<sup>428</sup> SCHRECKER, Ellen. *Op. Cit.*, 1998, p. 206.

<sup>429</sup> HALL, Jacquelyn Dowd. “The Long Civil Rights Movement and the Political Uses of the Past”. In: *The Journal of American History*, Vol. 91, No. 4 (Mar. 2005), pp. 1239-1241.

<sup>430</sup> WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra Capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 2003, pp. 181-184.

<sup>431</sup> POWERS, Richard Gid. *Broken: The Troubled Past and Uncertain Future of the FBI*. New York: Free Press, 2004, pp. 341-380; JEFFREYS-JONES, Rhodri. *The FBI: A History*. London and New Haven: Yale University Press, 2007, pp. 191-205.

<sup>432</sup> THEOHARIS, Athan. *The FBI and American Democracy: A Brief Critical History*. Kansas City: Kansas University Press, 2004, p. 109.

de-mel do país com Hoover chegou ao fim, em certo sentido nos anos anteriores à sua morte e ainda mais depois, no começo das investigações ao FBI e da crescente descrença nos líderes governamentais que se seguiu a Watergate”<sup>433</sup>. A longevidade dele como principal figura da instituição ensejou reformas no cargo de diretor do FBI: desde 1968 (e primeiramente aplicada a partir da morte de Hoover em 1972), a nomeação presidencial para o posto deve ser acompanhada de confirmação pelo Senado e o mandato é de, no máximo, 10 anos<sup>434</sup>. Essas mudanças indicam que o governo federal norte-americano não queria um novo Hoover.

O FBI aceitou as reformas a contragosto, sem reconhecer de fato seus excessos. Tratava-se de um Bureau derrotado e forçosamente mudado, não necessariamente arrependido. Com o atentado de 11 de setembro de 2001, esse quadro foi, em parte, revertido. O FBI das reformas passou a ser entendido como agência que havia se omitido de suas responsabilidades na área de segurança nacional<sup>435</sup>. A passagem do dracônico *Patriot Act* em outubro de 2001 – que facilitou a vigilância institucional, a cooperação entre agências de inteligência e aumentou as penas para casos de terrorismo –, fez o Bureau retomar algumas das atividades de inteligência típicas dos tempos de Hoover. Sob o pretexto de combater o terrorismo, as liberdades civis – principalmente de minorias racializadas – sofreram novos e ferozes ataques<sup>436</sup>.

Embora a Guerra Fria tenha acabado, o *modus operandi* das forças de segurança – as agências de inteligência inclusas aqui – foi profundamente afetado pelo medo do comunismo. Sob a sombra de novos inimigos, seja o terrorismo ou revoltas pontuais motivadas pelas desigualdades econômicas crescentes, as instituições encarregadas de zelar pela segurança pública rearticularam os dispositivos de representação de seus “inimigos”. A conexão consolidada entre homens negros e violência é lugar-comum para justificar e legitimar atrocidades cometidas por policiais. Presos nessas caracterizações,

---

<sup>433</sup> Do original: “In the 1960s and early 1970s, the Bureau took on investigations in the field of civil rights and organized crime. The threat of political violence occupied many of the Bureau’s resources as did the threat of foreign espionage.” e “The country’s honeymoon with Hoover would ultimately come to an end, to some degree in the years before his passing and even more so after his death in the wake of greater scrutiny of the FBI and the growing distrust of government leaders that followed Watergate.” <<https://www.fbi.gov/history/directors/j-edgar-hoover>> e <<https://www.fbi.gov/news/stories/the-hoover-legacy-40-years-after>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

<sup>434</sup> Sobre as leis que regem a nomeação do diretor do FBI, ver <<https://www.lawfareblog.com/backgrounder-power-appoint-remove-fbi-director>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

<sup>435</sup> POWERS, Richard Gid. *Op. Cit.*, 2004, pp. 1-27.

<sup>436</sup> Sobre o impacto do *Patriot Act* nas comunidades negra e árabe, ver PITT, Cassidy. U.S. Patriot Act and Racial Profiling: Are There Consequences of Discrimination? In: *Michigan Sociological Review*, Fall 2011, Vol. 25, pp. 53-69.

os funcionários dessas agências estão condicionados a ver perigo em minorias racializadas, “confundindo” guarda-chuvas e furadeiras com armas de fogo e julgando suspeitos de pequenos crimes – como alegado uso de notas de dinheiro falsas – como ameaças à ordem pública<sup>437</sup>. A luta contra a violência policial voltada para esses grupos passa não só por reforma institucional profunda e supervisão governamental, como também pelo enfrentamento (e fim) dessas representações.

---

<sup>437</sup> Em 19 de maio de 2010, o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da Polícia Militar, em operação no morro do Andaraí, Rio de Janeiro, atirou em Hélio Ribeiro, morador local. Hélio estava no terraço de sua casa pregando lona com uma furadeira quando foi morto. De acordo com a esposa da vítima, Hélio disse “vão pensar que estou armado” instantes antes de ser atingido. Ver <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/05/policial-do-bope-confunde-furadeira-com-arma-e-mata-morador-do-andarai.html>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

Em 17 de setembro de 2018, a polícia da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da favela Chapéu Mangueira, no Rio de Janeiro, alvejou Rodrigo Alexandre da Silva Serrano – garçom negro morador da comunidade – com três tiros. De acordo com testemunhas, as autoridades confundiram o guarda-chuva que a vítima carregava com um fuzil. Ver <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html)>. Acesso em: 17 jun. 2021. Em 25 de maio de 2020, George Floyd foi assassinado pelo policial Derek Chauvin em Minneapolis, Minnesota. Floyd era suspeito de usar uma nota falsa de 20 dólares em um supermercado, e foi brutalmente rendido por Chauvin, que pressionou o joelho contra o pescoço da vítima por quase nove minutos. Mesmo sendo filmado e sob as constantes reclamações de Floyd dizendo que não conseguia respirar, o policial continuou a abordagem, eventualmente asfixiando a vítima. Sobre o caso, ver <<https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/george-floyd-investigation.html>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **Fontes**

Malcolm X FBI File

Martin Luther King Jr. FBI File

Monografia *Communist Party and the Negro*

Monografia *Communist Party and the Negro 1953-1956*

Relatório Final do *Church Committee*

Audiências do *Church Committee*

COINTELPRO *Black Extremist*

- **Livros, artigos, dissertações e teses**

ADI, Hakim. *Pan-Africanism: A History*. New York: Bloomsbury, 2018.

ALDERMAN, Derek H. Martin Luther King Jr. Streets in the South: A New Landscape of Memory. In: *Southern Cultures*, Vol. 14, No. 3, Civil Rights (FALL 2008), pp. 88-105.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANDERSON, Perry. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BALL, Jared A. e BURROUGHS, Todd Steven (Orgs.). *A Lie of Reinvention: Correcting Manning Marable's Malcolm X*. Baltimore: Black Classic Press, 2012, Edição Kindle.

BAUER, Caroline Silveira e GERTZ, René E. “Fontes Sensíveis da história recente”. In: LUCA, Tania Regina de e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2017, pp. 173-193.

BERG, Herbert. *Elijah Muhammad and Islam*. New York: New York University Press, 2009.

BERG, Manfred. *“The Ticket to Freedom”: The NAACP, and the Struggle for Black Political Integration*. Miami: University Press of Florida, 2005.

BOSTDORFF, Denise e GOLDZWIG, Steven R. History, Collective Memory, and the Appropriation of Martin Luther King, Jr.: Reagan's Rhetorical Legacy. In: *Presidential Studies Quarterly*, Vol. 35, No. 4 (Dec., 2005), pp. 661-690.

BROWN, Bill e SULLIVAN, William C. *The Bureau: My Thirty Years in Hoover's FBI*. New York: W. W. Norton & Company, 1979.

BROWN, David e WEBB, Clive. *Race in the American South: From Slavery to Civil Rights*. Edinburgh University Press: Edinburgh, 2007.

BRUYNEEL, Kevin. The King's Body: The Martin Luther King Jr. Memorial and the Politics of Collective Memory. In: *History and Memory*, Vol. 26, No. 1 (Spring/Summer 2014), pp. 75-108.

BUITRAGO, Ann Mari; IMMERMANN, Leon Andrew. *Are You Now or Have You Ever Been in the FBI Files? How to Secure and Interpret Your FBI Files*. New York: Grove Press, Inc., 1981.

BURNS, Stewart. *Daybreak of Freedom: The Montgomery Bus Boycott*. Chapel Hill: University of Carolina Press, 1997.

BURROUGH, Bryan. *Public Enemies: America's Greatest Crime Wave and the Birth of the FBI, 1933-34*. New York: Penguin Press, 2004.

BUZZANCO, Robert. The Politics of Escalation in Vietnam During the Johnson Years. In: *Idem & YOUNG, Marilyn B. (Ed.). A Companion to the Vietnam War*. Malden: Blackwell Publishing Company, 2002.

BYNUM, Cornelius L. A. *Philip Randolph and the Struggle for Civil Rights*. Chicago: Illinois University Press, 2010.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os Arquivos da Polícia Política como Fonte*. São Paulo: 1996. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1987404/mod\\_resource/content/1/ACamargo\\_Os\\_arquivos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1987404/mod_resource/content/1/ACamargo_Os_arquivos.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2020.

CARNEIRO, Maria L. T. e KOSSOY, Boris (Orgs.). *A Imprensa Confiscada pelo DEOPS*. São Paulo: Editorial Ateliê, 2003.

CARSON, Clayborne (Org.). *A Autobiografia de Martin Luther King Jr.* Rio de Janeiro,

Zahar, 2014.

\_\_\_\_\_. *Malcolm X: The FBI File*. New York: Skyhorse, 1991.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

CHURCHILL, Ward e WALL, Jim Vander. *The Cointelpro Papers: Documents from the FBI's Secret Wars Against Domestic Dissent*. Boston: South End Press, 1990.

CUNNINGHAM, David. "The Patterning of Repression: FBI Counterintelligence and the New Left". In: *Social Forces*, Vol. 82, No. 1 (September) 2003.

DELOACH, Cartha D. *Hoover's FBI – The Inside Story by Hoover's Trusted Lieutenant*. Washington D. C.: Regnery Publishing Inc., 1995.

DOHERTY, Thomas. *Show Trial: Hollywood, HUAC, and the birth of the Blacklist*. New York: Columbia University Press, 2018.

DONNER, Frank J. *The Age of Surveillance: The aims and methods of America's political intelligence system*. New York: Knopf, 1980.

FARIA, J. P. M. O FBI de John Edgar Hoover: História e Historiografia. *Anais do VI Encontro de Estudos dos Estados Unidos*, 2019, pp. 39-56. Disponível em: <<http://historiados EUA.uff.br/wp-content/uploads/sites/113/2020/03/Anais-VI-Eneua.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2020.

FARMER, James. *Lay Bare the Heart: An Autobiography of the Civil Rights Movement*. Fort Worth: Texas Christian University Press, 1998.

FICO, Carlos. *Como Eles Agiam*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIELDS, Barbara J. "Whiteness, Racism, and Identity". In: *International Labor and Working-Class History*, nº 60 (Fall 2001), pp. 48-56.

FINAN, Christopher M. *From the Palmer Raids to the Patriot Act: A History of the Fight for Free Speech in America*. Boston: Beacon Press, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GANS, John. *White House Warriors: How the National Security Council Transformed the American Way of War*. New York: Liveright, 2019.

GARROW, David J. *The FBI and Martin Luther King, Jr.* New York: Penguin Books, 1988.

\_\_\_\_\_. *Bearing the Cross: Martin Luther King, Jr., and the Southern Christian Leadership Conference.* New York: William Morrow Paperbacks, 2004.

\_\_\_\_\_. “FBI Political Harrassment and FBI Historiography”. In: *The Public Historian*, Vol. 10, No. 4. (Autumn, 1988), pp. 5-18.

\_\_\_\_\_. The Troubling Legacy of Martin Luther King Jr. *Standpoint Magazine*, 30 de maio de 2019. Disponível em: <<https://standpointmag.co.uk/issues/june-2019/the-troubling-legacy-of-martin-luther-king/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

GERSTLE, Gary. *American Crucible: race and Nation in the Twentieth Century.* New Jersey and Oxford: Princeton University Press, 2001.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLEN, John M. *Highlander: No Ordinary School.* Knoxville: University of Tennessee Press, 1996.

GOULART, Henrique Rodrigues de Paula. *Entre os Estados Unidos e o Atlântico Negro: o Black Power de Stokely Carmichael (1966-1971).* Dissertação de Mestrado: Universidade de São Paulo, 2019.

GRIFFITH, Robert. *The Politics of Fear: Joseph R. McCarthy and the Senate.* Amherst: University of Massachusetts Press, 1987.

HAGEDORN, Ann. *Savage Peace: Hope and Fear in America, 1919.* New York: Simon & Schuster, 2007.

HAINES, Gerald K. e LANGBART, David A. *Unlocking the Files of the FBI: A Guide to Its Records and Classification System.* Wilmington: Rowman & Littlefield Publishers, 1993.

HALL, Jacquelyn Dowd. “The Long Civil Rights Movement and the Political Uses of the Past”. In: *The Journal of American History*, Vol. 91, No. 4 (Mar. 2005), pp. 1233-1263.

HALLEY, Alex e Malcolm X. *The autobiography of Malcolm X.* New York: Ballantine

Books, 1987.

HAMILTON, Charles V. *Adam Clayton Powell, Jr.: The Political Biography of an American Dilemma*. New York: Cooper Square Press, 2002.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HARPER, FREDERICK D. The Influence of Malcolm X on Black Militancy. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 1, No. 4, (Jun. 1971), pp. 387-402.

HASKINS, James e PARKS, Rosa. *Rosa Parks: My Story*. Londres: Puffin Books, 1999.

HOGAN, Wesley C. *Many Minds, One Heart: SNCC's Dream for a New America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

HUGGINS, Martha K. *Polícia e Política: Relações Estados Unidos/América Latina*. São Paulo: Cortez, 1998.

JAMES, C. L. R. *World Revolution, 1917-1936: The Rise and Fall of the Communist International*. New York: Duke University Press, 2017.

JEFFREYS-JONES, Rhodri. *The FBI: A History*. London and New Haven: Yale University Press, 2007.

JOHNSON, Loch K. "Congressional Supervision of America's Secret Agencies: The Experience and Legacy of the Church Committee". In: *Public Administration Review*, vol. 64, Nº 1 (Jan-Feb.), 2004.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Handbook of Intelligence Studies*. London and New York: Routledge, 2007.

JONAS, Gilbert. *Freedom's Sword: The NAACP and the Struggle Against Racism in America, 1909-1969*. New York: Routledge, 2005.

JUNQUEIRA, Mary Anne *Estados Unidos. Estado Nacional e narrativa da nação (1776- 1900)*. São Paulo: Edusp, 2018.

KELLEY, Robin D. G. *Hammer and Hoe: Alabama Communists During the Great Depression*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1990.

KLARMAN, Michael J. *From Jim Crow to Civil Rights: The Supreme Court and the Struggle for Racial Equality*. New York: Oxford University Press, 2004.

KOTZ, Nick. *Judgment Days: Lyndon Baines Johnson, Martin Luther King, Jr., and the Laws that Changed America*. Boston and New York: Mariner Books, 2005.

KRUGLER, David F. *1919, the Year of Racial Violence: How African Americans Fought Back*. New York: Cambridge University Press, 2015.

KUTLER, Stanley I. *Watergate: A Brief History with Documents*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.

LAURENT, Sylvie. *King and the Other America: The Poor People's Campaign and the Quest for Economic Equality*. Oakland: University of California Press, 2018.

LAWSON, Steven F. e PAYNE, Charles. *Debating the Civil Rights Movement: 1945-1968*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora UNICAMP: Campinas, 2013.

LEWIS, John. *Walking with the Wind: A Memoir of the Movement*. New York: Simone & Schuster, 2015.

LIGHTFOOT, Claude. *Chicago Slums to World Politics: Autobiography of Claude Lightfoot*. New York: New Outlook, 1985.

LING, Peter. SNCCs: Not One Committee, but Several. In: DAVIES, Philip e MORGAN, Iwan. *From Sit-Ins to SNCC: The Student Civil Rights Movement in the 1960s*. Miami: University Press of Florida, 2012.

LONG, Michael G (Ed.). *I Must resist: Bayard Rustin's Life in Letters*. New York: City Light Publishers, 2012.

LORI, Clune. *Executing the Rosenbergs: death and diplomacy in a Cold War World*. New York: Oxford University Press, 2016.

MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos À época da ditadura militar no Brasil. *Revista Brasileira de História*, vol. 17, n. 34, São Paulo, 1997. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881997000200011](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200011)>. Acesso em: 26 set. 2020.

MARABLE, Manning. *Malcolm X: Uma Vida de Reinvenções*. Companhia das Letras, 2013, Edição Kindle.

MARGOLICK, David. *Strange Fruit: Billie Holiday e a biografia de uma canção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MATHEWS, Tom e WILKINS, Roy. *Standing Fast: The Autobiography of Roy Wilkins*. New York: Viking Press, 1982.

MAY, Elaine Tyler. *Fortress America: How We Embraced Fear and Abandoned Democracy*. Nova York: Basic Books, 2017, Edição Kindle.

MCDONALD, Jermaine M. *The Canonization of Martin Luther King Jr.: Collective Memory, Civil Religion, and the Reconstruction of an American Hero*. Tese de Doutorado, Emory University, pp. 86-139.

MCVEIGH, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Minneapolis and London: University of Minnesota Press, 2009.

MERGEL, Sarah Katherine. *Conservative Intellectuals and Richard Nixon*. New York: Palgrave MacMillan, 2010.

MCAULIFFE, Mary S. Liberals and the Communist Control Act of 1954. In: *The Journal of American History*, vol. 63, No. 2 (Sep., 1976).

MCGERR, Michael. *A Fierce Discontent: The Rise and Fall of the Progressive Movement in America*. New York: Oxford University Press, 2003.

MCGIRR, Lisa. *The War on Alcohol: Prohibition and the Rise of the American State*. New York: W. W. Norton & Company, 2016.

MELANSON, Philip H. e STEVENS, Peter F. *The Secret Service: The Hidden History of an Enigmatic Agency*. New York: Basic Books, 2002.

MOLL, Roberto. *Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo)conservador nos Estados Unidos (1981-1988)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 2010.

MUNHOZ, Sidnei J. George Frost Kennan e a arquitetura da política externa dos EUA na gênese da Guerra Fria. In: *Diálogos*, v. 22, n. 1 (2018).

O'REILLY, Kenneth. *The Bureau and the Committee: A Study of J. Edgar Hoover's FBI, the House Committee on Un-American Activities, and the Communist Issue*. Tese de Doutorado, University of Wisconsin, 1981.

\_\_\_\_\_. A New Deal for the FBI: The Roosevelt Administration, Crime

Control, and National Security. In: *The Journal of American History*, vol. 69, No. 3 (Dec., 1982), pp. 638-658.

\_\_\_\_\_. *Hoover and the Un-Americans: The FBI, HUAC, and the Red Menace*. New York: Temple University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. "The FBI and the Civil Rights Movement during the Kennedy Years: from the Freedom Rides to Albany". In: *The Journal of Southern History*, vol. 54, n° 2 (May, 1988), pp. 201-232.

\_\_\_\_\_. *Racial Matters: The FBI's Secret File on Black America, 1960-1972*. New York: Free Press, 1991.

OKRENT, Daniel. *Last Call: The Rise and Fall of Prohibition*. New York: Simon & Schuster, 2010.

O'REILLY, Kenneth. "The FBI and the Origins of Mccarthyism". In: *The Historian*, vol. 45, No. 3 (May 1983), pp. 372-393.

PACCI, Mehmet. *Political Misuse of Domestic Intelligence: A Case Study on the FBI*. University of North Texas: Dissertação de Mestrado, 2002.

PITT, Cassady. U.S. Patriot Act and Racial Profiling: Are There Consequences of Discrimination? In: *Michigan Sociological Review*, Fall 2011, Vol. 25, pp. 53-69.

PERLSTEIN, Rick (Ed.). *Richard Nixon: Speeches, Writings and Documents*. Princeton: Princeton University Press, 2008.

POLLETTA, Francesa. Legacies and Liabilities of an Insurgent past: Remembering Martin Luther King, Jr., on the House and Senate Floor. In: *Social Science History*, Vol. 22, No. 4, Special Issue: Memory and the Nation (Winter, 1998), pp. 479- 512.

POWERS, Richard Gid. *Secrecy and Power: The Life of J. Edgar Hoover*. New York: Free Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Not Without Honor: The History of American Anticommunism*. New Haven and London: Yale University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. *Broken: The Troubled Past and Uncertain Future of the FBI*. New York: Free Press, 2004.

- PURNELL, Brian. *Fighting Jim Crow in the County of Kings: The Congress of Racial Equality in Brooklyn*. Lexington: Kentucky University Press, 2013.
- RABAKA, Reiland. Malcolm X and/as Critical Theory: Philosophy, Radical Politics, and the African American Search for Social Justice. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 33, No. 2, 13<sup>th</sup> Cheikh Anta Diop Conference Selected Proceedings (Nov., 2002), pp. 145-165.
- RANSBY, Barbara. A Black Feminist's Response to Attacks on Martin Luther King Jr.'s Legacy. *The New York Times*, 3 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/06/03/opinion/martin-luther-king-fbi.html>>. Acesso em: 26 set. 2020.
- RISER, R. Volney. *Defying Disfranchisement: Black Voting Rights Activism in the Jim Crow South, 1890-1908*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2010.
- ROBERTSON, Craig. Mechanisms of Exclusion. In: RILES, Annelise (Org.). *Documents: Artifacts of Modern Knowledge*. University of Michigan Press, 2006.
- ROEDINGER, David R. *The Wages of Whiteness*. London & New York: Verso, 2007.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma História do Político*. São Paulo: Alameda, 2010.
- RUNSTEDTLER, Theresa. *Jack Johnson, Rebel Sojourner: Boxing in the Shadow of the Global Color Line*. Berkeley: University of California Press, 2012.
- SCHMIDT, Christopher W. *The Sit-ins: Protest and Legal Change in the Civil Rights Era*. Chicago: Chicago University Press, 2018.
- SCHRECKER, Ellen. *Many Are the Crimes: McCarthyism in America*. New York: Little, Brown & Company, 1998.
- SCHWARZ JR, Frederick A. O. The Church Committee and a new era of intelligence oversight. In: *Intelligence and National Security*, Vol. 22, 2007.
- SEALE, Bobby. *Seize the Time: The Story of The Black Panther Party and Huey P. Newton*. New York: Black Classic Press, 1991.
- SHAWKI, Ahmed. *Black Liberation and Socialism*. New York: Haymarket Books, 2006.

SHIELDS, Thomas J. The “Tip of the Iceberg” in a Southern Suburban County: The Fight for a Martin Luther King, Jr., Holiday. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 33, No. 4 (Mar., 2003), pp. 499-519);

SOLOMON, Mark. *The Cry Was Unity: Communists and African Americans, 1917-1936*. Jackson: University of Mississippi Press, 1998.

STEIN, Judith. *The World of Marcus Garvey: Race and Class in Modern Society*. Baton Rouge: University of Louisiana Press, 1986.

STERN, Sheldon. *The Week the World Stood Still: Inside the Secret Cuban Missile Crisis*. Stanford: Stanford University Press, 2005.

STORRS, Landon R. Y. *The Second Red Scare and the Unmaking of the New Deal Left*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2013.

SULLIVAN, Patricia. *Lift Every Voice: The NAACP and the Making of the Civil Rights Movement*. New York: The New Press, 2009.

TRAVANCAS, Isabel *et al.* (Orgs.). *Arquivos Pessoais: Reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

THEOHARIS, Athan. *Spying on Americans: Political Surveillance from Hoover to the Huston Plan*. Philadelphia: Temple University Press, 1978.

\_\_\_\_\_. “FBI Surveillance during the Cold War Years: A Constitutional Crisis”. In: *The Public Historian*, Vol. 3, No. 1 (Winter), 1981.

\_\_\_\_\_. “The FBI and the FOIA: Problems of Access and Destruction”. In: *The Midwestern Archivist*, vol. 5, n° 2, 1981.

\_\_\_\_\_. “Researching the Intelligence Agencies: The Problem of Covert Activities”. In: *The Public Historian*, vol. 6, n° 2 (Spring), 1984.

\_\_\_\_\_. *From the Secret Files of J. Edgar Hoover*. Chicago: Ivan R. Dee, 1993.

\_\_\_\_\_. “Secrecy and Power: Unanticipated Problems in Researching FBI Files”. In: *Political Science Quarterly*, vol. 119, n° 2 (Summer), 2004.

\_\_\_\_\_. *The FBI and American Democracy: A Brief Critical History*.

Kansas City: Kansas University Press, 2004.

TODD, Lisa Anderson. *For a Voice and the Vote: My Journey with the Mississippi Freedom Democratic Party*. University Press of Kentucky: Lexington, 2014.

TYSON, Pearline M. *FBI Paranoia: The FBI's War Against CORE & SNCC, 1956-1971*. Dissertação de Mestrado, Morgan State University, 2010.

VEYNE, Paul. *Foucault: Seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WEINER, Tim. *Enemies: A History of the FBI*. New York: Random House Trade Paperbacks, 2013.

WEISS, Nancy J. *Whitney M. Young, Jr., and the Struggle for Civil Rights*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

WILLIAMS, Michael Vinson. *Medgar Evers: Mississippi Martyr*. University of Arkansas Press, 2011.

WHITEHEAD, Don. *The FBI Story*. London: Frederick Muller, 1956.